Camille Flammarion

A Morte e o seu Mistério

Traduzido do Francês
Camille Flammarion - La Mort et son mystère
(1917)

(obra em 3 volumes)

VOLUME 1
Antes da Morte



John Constable - Vale Dedham

Conteúdo resumido

Editada em três volumes, *A Morte e o seu Mistério* é um extenso e precioso repositório de narrações sobre fenômenos extrafísicos, expostos e comentados por Camille Flammarion com o rigor da metodologia científica.

Conforme as próprias palavras do autor, a obra visa demonstrar por fatos de observação, fora de toda crença religiosa e em completa e imparcial liberdade de julgamento, a existência da alma, a sua independência do organismo corpóreo e a sua sobrevivência à desagregação deste último.

Em síntese, são abordados neste trabalho os seguintes temas:

- o **1º volume, "Antes da Morte"**, prova que a alma existe e independe do corpo carnal;
- o **2º volume, "Durante a Morte"**, demonstra a veracidade do aparecimento de fantasmas dos vivos, as aparições e manifestações de moribundos e os fenômenos de premonição;
- o **3º volume, "Depois da Morte"**, oferece-nos a certeza da sobrevivência da alma após a morte, sua existência num outro plano e a possibilidade de se comunicar com os Espíritos encarnados.

Estas duas obras: "A Morte e o seu Mistério", juntamente com "O Desconhecido e os Problemas Psíquicos", escrita anteriormente pelo mesmo autor, formam a maior coleção de casos de fenômenos psíquicos já reunidos em obra literária, nos últimos séculos. Daí a sua grande importância como documentos históricos para as ciências psíquicas e, em decorrência, para as pesquisas sobre os fenômenos mediúnicos.

– – 0 – –

"A imortalidade da alma é uma coisa de tal importância, interessa-nos tão profundamente, que é preciso ter perdido toda a sensibilidade para manter-se indiferente ao seu conhecimento.

O nosso primeiro interesse e o nosso primeiro dever são os de nos esclarecermos sobre este assunto, de que depende toda a nossa conduta: e é por isso que eu faço uma distinção extrema entre os que trabalham com todas as suas forças para nele se instruírem e os que vivem sem dele cuidarem e sem nele pensarem.

Esta negligência numa questão em que se trata deles mesmos, de sua eternidade, do seu todo, irrita-me mais do que me comove, surpreende-me e espanta-me, é monstruosa para mim. Não falo assim pelo zelo piedoso duma devoção espiritual. Pelo contrário, entendo que se deve ter esse sentimento por um princípio de interesse humano."

Pascal

– – 0 – –

CAPÍTULO I

Pode ser resolvido o maior dos problemas?

> *"To be or not to be."*
> (Ser ou não ser.)
>
> *Shakespeare*

Resolvo-me a oferecer hoje à atenção dos homens que passam uma obra começada há mais de meio século, apesar de ela me não satisfazer completamente. O método científico experimental, o único que vale para a pesquisa da verdade, tem exigências a que não podemos nem devemos eximir-nos. O grave problema exposto neste ensaio é o mais complexo de todos os problemas e participa tanto da constituição geral do Universo como da do ser humano, microcosmo no grande todo.

É nas horas da mocidade que se empreendem estes estudos sem fim, porque de nada se duvida e temos diante de nós uma longa vida em perspectiva; mas a vida mais longa passa como um sonho, com suas luzes e suas sombras. Se podemos desejar alguma coisa de melhor e útil no curso desta existência, é o de servir de algum modo ao progresso lento, mas todavia real da humanidade, essa raça bizarra, crédula e céptica, indiferente e curiosa, boa e má, virtuosa e criminosa, aliás incoerente e ignorante no seu conjunto, saída apenas dos casulos da crisálida animal.

Quando foram publicadas as primeiras edições do meu livro *A Pluralidade dos Mundos Habitados* (1862-1864), um certo número de leitores pareceu aguardar a sua natural continuação aparente: *A Pluralidade da Existência da Alma*. Se o primeiro problema foi julgado resolvido pelos meus trabalhos seguintes (*Astronomia Popular*, *O Planeta Marte*, *Urânia*, *Lúmen*,[1] *Estela*, *Sonhos Estrelados*, etc.), o segundo ainda o não está [2] e a sobrevivência da alma, seja no espaço, seja nos outros mundos,

seja pelas reencarnações terrestres, põe sempre diante de nós o mais formidável dos pontos de interrogação.

Átomo pensante, levado sobre um átomo material através das imensidades da Via-Láctea, o homem pode perguntar a si mesmo se existe pelo espírito tão insignificante como pelo corpo, se a lei do Progresso não o deve elevar numa ascensão indefinida e se há um sistema do mundo moral harmoniosamente associado ao sistema do mundo físico.

O espírito não será superior à matéria? Qual é a nossa verdadeira natureza? Qual é o nosso futuro destino? Somos apenas chamas efêmeras brilhando um instante antes de nos extinguirmos para sempre? Não tornaremos mais a ver os que amamos e que nos precederam no túmulo? As separações são eternas? Tudo se extingue em nós? Se alguma coisa fica, em que se torna esse elemento imponderável, invisível, mas consciente, que constituiria a nossa duradoura personalidade? Sobreviverá muito tempo? Sobreviverá para sempre?

"Ser ou não ser?" Eis a grande, a eterna questão, formulada pelos filósofos, os pensadores, os pesquisadores de todos os tempos e de todas as crenças. A morte será um fim ou uma transformação? Existem provas, testemunhos da sobrevivência do ser humano após a destruição do organismo vivo? Até hoje o assunto tem permanecido fora do quadro das observações científicas. Será permitido tratá-lo pelos princípios do "método experimental", ao qual a humanidade deve todos os progressos realizados pela Ciência? Será lógica essa tentativa? Estaremos diante dos arcanos de um mundo invisível diferente daquele que cai sob os nossos sentidos e é impenetrável aos nossos meios de investigação positiva? Não será possível ensaiar, procurar, se certos fatos, correta e escrupulosamente observados, são suscetíveis de serem analisados cientificamente e aceitos como reais pela crítica mais severa? Dispensemos mais frases, mais metafísica. Aos fatos! Aos fatos!

Trata-se da nossa sorte, do nosso destino, do nosso futuro pessoal, da nossa existência.

Não é somente a razão fria que indaga; não é somente o espírito; é também o sentimento; é também o coração.

É pueril e pode parecer vaidoso que eu entre em cena; mas é algumas vezes difícil abster-me e, como é sobretudo para responder às dores de corações ulcerados que tenho prosseguido nestas pesquisas laboriosas, parece-me que o prefácio mais lógico deste livro seria oferecido por algumas das inumeráveis confidências que tenho recebido durante meio século, para reclamar angustiosamente a solução do mistério.

Aqueles que nunca viram morrer um ente adorado não conhecem a dor, não caíram no abismo do desespero, não tropeçaram com a porta fechada do túmulo. Quer-se saber, e um muro impenetrável ergue-se inexoravelmente diante do pavor. Tenho recebido centenas de adjurações às quais quisera poder dar resposta. Devo tornar conhecidas estas confidências?... Hesitei muito tempo. Mas são tão numerosas, representam com tanta sinceridade o intenso desejo de chegar a uma conclusão, que o meu caminho está traçado, visto tratar-se do interesse geral. Tais manifestações são a introdução natural desta obra, pois foram elas que me determinaram a escrevê-la. Peço desculpa, entretanto, de reproduzir estas páginas sem as modificar, pois se revelam o estado d'alma dos seres sensíveis que as conceberam, exprimem a meu respeito conceitos elogiosos cuja publicação neste lugar poderia dar ensejo a crer-se numa falta de modéstia da minha parte. Isso não passa de particularidade pessoal e, portanto, insignificante, tanto mais que um astrônomo, "que se considera átomo" diante do Universo infinito e eterno, é inacessível e hermeticamente fechado às sensações da vaidade mundana. Os que me conhecem já me julgaram, a esse respeito, faz longos anos.

A minha absoluta indiferença por todas as honrarias prova-o suficientemente.

Que me chamem grande ou pequeno, que me louvem ou que me censurem, sou espectador longínquo desses atos.

A seguinte carta foi escrita por desolada mãe, e transcrita textualmente. Ela mostra quanto seria desejável tentar ao menos aliviar a miséria da humanidade sofredora. Mais do que a medicina do corpo, é a medicina da alma que se deveria criar.

(CARTA 1.730) [3]

"*Ao nosso grande Flammarion*

Reinosa (Espanha), 30 de março de 1907.

Senhor:

Quisera ajoelhar-me diante do senhor e beijar-lhe os pés, pedindo que me ouça e que não repila a minha súplica. Não sei nem posso exprimir-me; desejava inspirar-lhe lástima, interessá-lo na minha dor, mas era preciso vê-lo, contar-lhe a minha desgraça, pintar-lhe o horror do que se passa em minha alma, e então não lhe seria possível deixar de sentir imensa compaixão. É necessário que eu padeça muito para chegar a cometer um ato de audácia e de indiscrição que parece uma loucura! Como me lembrei de dirigir-me ao nosso ilustre Flammarion para pedir-lhe que console uma desconhecida que não tem outro título à sua benevolência senão o de compatriota? É porque sofro! Venho de perder um filho, o meu único filho. Sou viúva e toda a minha felicidade consistia nesse filho e numa filha. Para que me pudesse compreender, Sr. Flammarion, seria preciso que tivesse conhecido o filho adorado que acabo de perder e que eu lhe descrevesse os trinta e três anos de sua existência.

Condenado por todos os médicos célebres de Madrid e de Paris, na idade de cinco anos, em virtude de uma coxalgia, sacrificamos, eu e meu pobre marido, uma bela situação em Madrid, retirando-nos para triste campina espanhola, a fim de salvarmos a idolatrada criança. Esteve doente durante oito anos e ficou coxo! Quanto me custou de cuidados, de aflições, de noites de insônia, de angústias, de sacrifícios, é impossível dizê-lo! Mas como era gentil! Criado num carrinho, coberto de carícias e de beijos, era a criança mais adorável que se podia sonhar! Ah! essa infância! Se ela perdurasse ainda! Aos doze anos já não sofria da perna, mas não podia andar sem muletas. Que pesar para mim, que o havia dado à vida, forte e bem constituído! Mais tarde, aos dezessete anos, caminhava com uma única muleta e uma bengala. Aos vinte era o mais belo moço que se possa

imaginar. Se não temesse ser ousada, enviar-lhe-ia o retrato, para lhe mostrar que o amor materno nada exagera. O seu encanto subjugava toda a gente. Possuía esse dom de agradar que não se explica nem se define! Homens, mulheres, crianças, velhos e novos, deixavam-se seduzir por qualquer coisa inexplicável, que irradiava da sua pessoa. Em toda parte onde fosse com ele, recebia felicitações pela beleza e pela bondade de meu filho! Invejavam-me! Porque era tão belo como bom. Em sua alma tudo era nobreza, grandeza, generosidade.

Inteligente, espirituoso, de caráter igual e terno, a vida com ele era um sonho celeste, um perpétuo encantamento! E poderá avaliar-lhe o mérito, Sr. Flammarion, quando eu lhe disser que aos vinte anos teve uma cistite – provavelmente um retrocesso à sua primeira doença – que foi o ponto de partida de longa série de sofrimentos, dos quais só o inferno dará idéia! Não posso compreender que Deus, nosso Criador, permita que a carne humana seja assim martirizada, sobretudo quando esse martírio é imposto a um ser inocente e bom como era meu filho.

Todos os grandes especialistas foram novamente consultados; mas, infelizmente, nenhum o pôde curar. Passou treze anos em alternativas de melhorar e piorar, conservando, no meio de dores atrozes, a mesma igualdade de caráter, a mesma doçura, a mesma bondade e a alegria de sempre, para não entristecer os outros.

Fazia quatro anos que pouco sofria; e o ano passado encontrava-se tão bem que se julgara curado! Desde a morte de meu pobre marido, falecido em 1902, que meu filho era o chefe de nossa pequena família; mãe, irmã e ele. Como éramos felizes! Ainda que obrigados a trabalhar para angariarmos o nosso pão, a vida parecia-nos tão bela! Minha filha não quis casar-se para se consagrar inteiramente ao irmão, a quem adorava. Via os meus dois filhos amarem-se tanto que não receava a morte, certa de que seriam inseparáveis, vivendo um para o outro. Que dizer-lhe, senhor, da ternura de meu filho para sua mãe e da desta por

seu filho? Procure no Céu, entre os anjos, lá bem alto, nesses mundos onde a sua vista penetra, tudo o que a ternura pode produzir de mais suave, de melhor, e terá perfeita idéia do amor filial e do amor materno desses dois entes! Nem quero pensar nisso! Não ouso lembrar-me dos olhos, da voz de meu filho quando, fitando-me, dizia: "*Querida mãe!*"

O ano passado, em agosto, propuseram-lhe visitar uma mina (ele se interessava por esses negócios e deles se ocupava havia algum tempo) e quis levar-me com ele. Chegados a certo sítio, disseram-nos que era preciso montar a cavalo para chegarmos até à mina. A princípio recusei, sabendo que a equitação lhe era proibida devido ao sofrimento da bexiga; mas meu filho me garantiu que poderia fazer esse trajeto sem perigo; hesitei, parlamentou-se: cedi.

Ah! não ser possível remediar o mal praticado!... Essa excursão fatigou tanto meu filho que ele adoeceu com febre gástrica. Entregue aos cuidados de médicos ignorantes e estúpidos que não conheceram o seu estado e levaram meses a dizer "que não era nada", um tumor invadiu-lhe a bexiga e, não podendo as membranas suportar essa prova, ela rebentou!

Os suplícios do inferno nada são comparáveis às torturas experimentadas por meu infortunado filho! Foi chamado um cirurgião célebre; chegou vinte e duas horas depois do acidente, quando o enfermo já estava prestes a partir para o outro mundo!

Foi operado, mas era tarde. O infeliz sobreviveu treze dias à operação; o cirurgião só lhe dava vinte e quatro horas de vida. Compreendendo, porém, a dor de sua mãe e de sua irmã, resistiu, lutou corajosamente, apesar de tudo. Ah! que treze dias, senhor! Durante esse tempo deu-nos a medida da grandeza de sua alma.

Não pensando senão em nós, nas conseqüências da sua morte para as duas mulheres que ficavam sós, sem apoio, em terra estranha, a chorar eternamente o filho adorado, um

irmão, procurou por todos os meios suavizar a crueldade desta situação. O que nos disse nesses momentos supremos não é de um moço de trinta e três anos, mas de um santo, de um anjo, de um ente sobre-humano! Oh! aquele rosto torturado pelos sofrimentos! Aqueles olhos que pareciam ver alguma coisa do Além!

E a sua boca, contraída pela dor, procurando ainda sorrir; a sua mão apertando a minha, enquanto me dizia: "Adeus, mãe querida, adeus! Amava-te tanto! Não te esqueças de mim!"

"Senhor todo poderoso – dizia ele –, não deste maior cruz a teu filho que era Deus, do que a mim que sou um pobre homem! A morte! a morte por piedade! Se me quereis, mãe, pedi a Deus que me envie a morte!"

E foi assim durante treze dias.

Ó Flammarion! tenha compaixão de mim! Em nome de sua mãe, seja misericordioso! Estou louca de dor. Há trinta e dois dias que ele morreu e, depois disso, não consegui dormir dez horas. À noite fico de pé até às quatro da manhã, e quando, vencida pelo cansaço, me deito, vestida, no meu leito e fecho os olhos, a *idéia fixa* continua durante o penoso sono; não perco a lucidez um só minuto e, quando abro os olhos experimento a obsessão que perdura durante o dia. É tão assustador o que sinto, e tão atroz, que a mim mesmo pergunto se o inferno não será preferível ao que sofro!

É possível que seja Deus o criador de seres destinados a suportar semelhantes misérias?

O senhor, astrônomo e pensador, que pesa os sóis e os mundos e cuja vista penetra nessas regiões misteriosas onde o nosso espírito se perde, oh! diga-me, suplico-lhe de joelhos, se as almas sobrevivem, se posso conservar a esperança de tornar a ver meu filho e se ele me vê! Existirá algum meio de comunicar com ele?

Ao senhor, que sabe tantas coisas sobre o céu, sobre os Espíritos, sobre as maravilhas do Universo, peço, por piedade, que me diga uma palavra que deixe um raio de

esperança, por fraco que seja, no meu coração despedaçado, magoado, martirizado! Não pode compreender o excesso da minha dor! Quisera morrer dela, e assim o espero, mas... minha filha implora-me que viva, que a não deixe só no mundo, e vejo-me obrigada a viver e a sofrer! Que horror! Quando penso que num só instante podia pôr fim a este suplício!... Se fosse possível pesar a dor, medi-la como o senhor media os mundos, seria tal o peso da minha, tamanha a extensão, que o assustaria pensar que uma alma possa atingir tal grau de tormento. É preciso que haja para isso alguma coisa de infernal no meu destino! Nem ferros em brasas, nem tenazes de tortura são capazes de produzir semelhantes sofrimentos! Meu filho, meu filho adorado! Desejo vê-lo! Não quero o Céu sem ele! Oh! meu Emmanuel, idolatrado filho das minhas entranhas! alegria da minha vida! felicidade de mãe para sempre perdida! Há um Deus? Será ele quem permite esses horrores sobre a Terra? Por piedade, Sr. Flammarion, em nome dos que ama e que o amam, não seja insensível à maior dor humana que jamais supliciou um coração; diga-me alguma coisa, o senhor que possui o segredo dos céus! que muito sabe, pois nós, simples mortais, não o sabemos nem o compreendemos. Diga-me se as almas sobrevivem em alguma parte, se elas se recordam, se elas amam ainda os que ficam na Terra, se nos vêem, se podemos chamá-las para junto de nós!

Ah! se pudesse visitá-lo e ajoelhar a seus pés! Perdoe esse proceder insensato; estou louca de dor, não sei se sonho ou se estou acordada! Sei que sinto uma dor aguda que parece ferro em brasa posto sobre uma chaga!

Perdoe, Sr. Flammarion! Os seus sóis, as suas estrelas, tão belas e maravilhosas, não sofrem, não sentem, e eu sinto uma dor maior do que todos os mundos que se agitam no espaço! Ser tão pequena coisa, tão miúda, e entretanto sentir uma dor tão intolerável! Que é isso? Que mistério é esse? Um ser tão fraco, tão limitado e... sofrer tanto!

Perdoe mais uma vez, mestre, em nome de sua mãe! Perdoe-me e tenha compaixão de sua infeliz compatriota.

Viúva N. Boffard
Reinosa (Espanha), Província de Santander.”

Aí está a carta angustiada que reproduzo textualmente para mostrar todo o horror de semelhante situação. Que me desculpem, mais uma vez, as expressões ditirâmbicas que me dizem respeito. A única significação que têm é a de fazerem sentir com exatidão essas dores imensas, duplicadas pela esperança ardente de se verem dissipar as trevas.

Seria preciso ter um coração de pedra para não nos comovermos até às lágrimas diante dessas súplicas lancinantes do amor materno, para ficarmos surdos ante a angústia de tais desesperos e para não experimentarmos o desejo ardente de consagrar a vida a dar-lhes remédio.

Os padres recebem diariamente súplicas dessa ordem, porque são considerados ministros de Deus, dotados do poder de penetrar o enigma do sobrenatural e de resolvê-lo. Respondem a essas dores levando-lhes os confortos da religião. O sacerdote afirma em nome da fé, da revelação; mas a fé não se impõe nem é tão geralmente aceita quanto se imagina. Conheço padres, bispos, cardeais que a não têm, apesar de a indicarem como benefício social. Há na Terra umas cinqüenta religiões diferentes, úteis talvez, mas inaceitáveis sob o ponto de vista filosófico. Em face dos espetáculos que acabamos de relembrar, poderão seus ministros convencer-nos de que um Deus bom e justo rege a humanidade? O homem de ciência não se senta nem no confessionário nem na cátedra evangélica e só pode dizer o que sabe. É, antes de tudo, leal, franco, independente, racional. O seu dever é estudar, pesquisar. Procuramos ainda e não afirmamos ter encontrado e muito menos ter recebido do Céu a revelação da verdade. Foi tudo quanto pude responder à desconhecida, dando-lhe a esperança de tornar a ver um dia seu filho e de ficar doravante em relação espiritual com ele. Quanto eu estimaria levar à sua alma uma convicção libertadora! Mas não tenho, como Augusto Comte, Saint-Simon ou Enfantin, a ilusão de ser o grande sacerdote de uma nova religião. Entretanto, não há dúvida de que a religião universal do futuro

será fundada na Ciência e em particular na Astronomia associada aos conhecimentos psíquicos.

Procuremos humildemente e todos juntos. Perdoem-me ainda por reproduzir as linhas elogiosas desta epístola; mas suprimi-las seria suprimir ao mesmo tempo a expressão dessa angústia, dessa confiança e dessa fé.

A morte de um filho inspirou a carta precedente. A de uma filha ditou a seguinte:

(CARTA 809)

"Theil-sur-Vanne, novembro, 1899.

Mestre:

Tenho a honra de o conhecer suficientemente pelas suas obras, para saber que é bom e para esperar, embora me não conheça, o seu assentimento em ler-me com indulgência e que se compadecerá moralmente com a minha desgraça, concedendo-me o socorro espiritual de que tanto preciso.

Em 19 de setembro findo passei pela dor terrível de perder uma encantadora criança de dezesseis anos e meio, de grande inteligência, de esquisita delicadeza de sentimento. E como era bela!

Pensávamos que tínhamos diante de nós uma criatura imaterial, tanto o seu corpo casto era de ninfa como o seu rosto angélico eram idealmente lindos.

A minha queridinha, com seus magníficos olhos azuis, tão expressivos, franjados de pestanas negras, assim como as sobrancelhas tão delicadamente arqueadas, o nariz um pouco longo, fino, direito, a boca talvez grande, mas de expressão tão meiga, o rosto de oval tão harmonioso, uma tez de lírio branco!... Gentil covinha no mento imprimia destaque ao seu sorriso, iluminando-lhe o rosto ordinariamente bastante sério.

Esplêndidos cabelos louros castanhos, anelados naturalmente e finamente encrespados qual musgo de ouro, ornavam-lhe a fronte virginal; as orelhas, mimosas conchas

escondidas nos cabelos, eram ninhos de beijos em que jamais pousarei os lábios ávidos de ternura...

Minha filha bem-amada já não vive, meus olhos nunca mais descansarão amorosamente no seu rosto adorado, só posso por ela chorar.

Tantas perfeições morais e físicas aniquiladas brutalmente, estupidamente, cruelmente, barbaramente! A morte desapiedada tudo me roubou. A minha Renata estremecida partiu e eu vivo. A vida... Que terrível galé!...

Com ela acabaram as nossas interessantes conversas, os nossos colóquios sobre as questões mais abstratas do Além, pois minha filha, apesar de moça, era pensadora, uma preciosa amiga, a minha confidente e minha companheira amada! Era tudo para mim, essa bela flor ceifada antes de desabrochar. Por que? Que problema!

Depois de sua morte, pensei muitas vezes no suicídio para reunir-me a ela..., mas (seria intuição de seu próximo fim?) na véspera de expirar, disse, beijando-me com carinho: "A mamã não se há de suicidar; devemos esperar, não é assim?" Fiquei surpreendida e só compreendi tudo no dia seguinte, quando, branca como um lírio admirável, ela fechou seus belos olhos para sempre, dando-me um último beijo. Ah! esse beijo derradeiro! Pôs nele o resto de sua vida. Sinto-o sempre. Que momentos!... Que torturas!

Hora suprema e inolvidável, que revivo sempre! Amo o meu sofrimento. Vejo a minha querida morta que havia adivinhado o meu desespero; ela quis que eu ficasse, para chorar por ela. O meu pesar é feito de saudades estéreis, de decepção amarga, de revolta contra todos e tudo; barafusto contra o próprio Deus, que me levou mais do que mil vezes a vida. Agora, só posso viver da recordação de minha filha, meu pensamento constante, meu culto, minha adoração.

Quisera encontrar, se isso fosse possível, uma suavização à minha dor no Espiritismo; refugiar-me nele com fé, esperança e amor...

Mas sou bem pouco iniciada nesse estudo.

Meu marido e eu temos tentado a experiência da mesa, sem resultado, apesar de empregarmos todos os esforços para o conseguir, colocando nela o retrato de nossa querida filha, um anel de seus cabelos, uma página de sua escrita, e de a termos evocado com toda a força de nossa vontade. Mas as nossas lágrimas, os nossos apelos, os nossos desejos, tudo foi inútil! Quero continuar, perseverar, e é com esse fim, caro e ilustre mestre, que lhe suplico o seu auxílio.

Ainda existe aquela cuja vida em flor foi tão brutalmente ceifada, que era tão pura, que teve apenas o tempo de amar sua mãe?

Sua mamã, palavra tão doce na sua querida boca! Eu era demasiadamente feliz! Há quanto tempo já que não ouço o suave som da sua voz! Para ouvi-lo ainda, daria de bom grado os anos que me restam de vida.

Desejo avidamente ter provas da sobrevivência da alma querida e bela de minha adorada filha, saber sobretudo se ela pode comunicar comigo. Se alcançasse esta felicidade, dirigida pelo meu caro mestre, tal fonte perene de consolação seria para mim indizível. Confundiria-o no mesmo pensamento com minha filha e Deus. A leitura das suas obras admiráveis sugeriu-me o pensamento de pôr em si as minhas esperanças, com a certeza de que "pode satisfazer" o que lhe peço, e a confiança em que acolherá favoravelmente a súplica duma pobre mãe que exulta à esperança de tornar a encontrar sua filha desaparecida e não morta. Seja benévolo para esta mãe triste e ignorante. Já que possui a luz, alumie-a, socorra-a na sua miséria moral: é a mais bela esmola que lhe pode fazer.

O meu grande desejo de aprofundar esses mistérios não é vã curiosidade: é necessidade poderosa, real, única, da qual só a morte me poderá libertar. Aguardo, com confiança, mas também com impaciência, a sua resposta, e, se assim o julga conveniente, irei de boa vontade a Paris, ou a outro qualquer sítio que me designar. Digne-se, senhor e ilustre sábio, receber os meus agradecimentos antecipados e os melhores sentimentos da sua humilde criada.

H. Primault”

Reproduzi exatamente esta carta, como a precedente, sem eliminar os termos elogiosos a meu respeito, porque, como já disse em outro lugar, as sensações de vaidades pueris são-me desconhecidas e, além disso, estou acostumado, há mais de meio século, a louvores que me deixam indiferente. A convicção absoluta de um astrônomo é a de que somos apenas átomos da última insignificância. Todavia, essas expressões de admiração de leitores a um autor, seja ele quem for, justificam a confiança e a fé exprimidas e devem ser respeitadas.

A lealdade científica obriga-nos a dizer só o que sabemos. Não devemos enganar ninguém, nem mesmo na melhor das intenções e com o fim de oferecermos uma satisfação transitória. Não pude dar à pobre mãe uma certeza absoluta. Foi há vinte anos. Desde essa época não interrompi as minhas pesquisas. Este livro é escrito para expor os resultados do meu trabalho.

Tomei a liberdade de reproduzir, textualmente também, a carta tão terna da minha correspondente desconhecida, porque é a expressão da dor de todas as mães que perderam o seu filho, de todos os que perderam um ente querido e para os quais até o nome de “bom Deus” parece um insulto à realidade. Explica-se perfeitamente a revolta dessas almas. Possuo muitas outras cartas mais severas ainda para as falsas consolações religiosas, as quais me foram dirigidas por católicos, protestantes, judeus, espiritualistas de todas as crenças, livres-pensadores, materialistas, ateus, aproveitando as injustiças observadas para negarem a existência dum Princípio inteligente na organização do mundo.

Os homens consolam-se muitas vezes pelo cepticismo, pela submissão ao irrevogável, pela verificação da indiferença da natureza para com as impressões humanas. As mulheres não. Essas não se resignam. Não aceitam o *nada*. Sentem que há qualquer coisa de desconhecido, mas de real. Querem saber.

É raro passar-se uma semana sem que eu receba cartas desse gênero. Mas, qual é a inteligência universal? Somos inclinados a imaginar que Deus pensa como nós, que o nosso sentimento da

justiça está de acordo com o dele, que o seu pensamento é da mesma natureza que o nosso, apesar de infinitamente superior. É, talvez, outra coisa. O inseto pensa pesadamente quando se transforma em crisálida e quando rompe esse invólucro para abrir as asas que acaba de adquirir; o nosso pensamento está presumivelmente tão longe do de Deus como o da lagarta o está do nosso.

Encontramo-nos em pleno mistério! Mas o nosso dever é perscrutá-lo.

Durante a infame guerra alemã que suprimiu na flor da idade uns quinze milhões de homens, com direito à vida, criados pelos pais, pelas mães, muitas vezes à custa de sacrifícios enormes, recebi centenas de cartas acusando a injustiça e a barbaria das instituições humanas, lastimando que o ódio pela guerra, que um grupo de amigos da humanidade prega há tanto tempo, não tenha sido compreendido pelos governantes, revoltando-se contra Deus, que permite essas pavorosas destruições, e declarando as suas existências despedaçadas para sempre, pelos lutos irreparáveis.

Mais do que nunca, o problema atroz dos destinos ergue-se diante de nós.

Será verdadeiramente insolúvel? O véu não poderá afastar-se, levantar-se mesmo ligeiramente?

Ah! as religiões, apesar de terem todas por origem essa necessidade das nossas almas, esse desejo de conhecer, a dor de ver diante de si o cadáver mudo de um ente querido, não nos deram as provas que prometiam. As mais belas dissertações teológicas nada comprovam. Não são frases que queremos, são fatos demonstrativos. A morte é o maior problema que tem ocupado o pensamento dos homens, o problema supremo de todos os tempos e de todos os povos. Ela é o fim inevitável para o qual nos dirigimos todos; faz parte da lei das nossas existências sob o mesmo título que o do nascimento. Tanto uma como outro são duas transições fatais na evolução geral, e entretanto a morte, tão natural como o nascimento, parece-nos contra a natureza.

A esperança na continuação da vida é inata na alma humana; é de todos os tempos e de todos os países. A cultura das ciências

nada tem com essa crença universal, que repousa em aspirações pessoais e não se apóia em bases positivas.

Eis aí um fato cuja averiguação tem seu valor.

O *sentimento* não é uma quantidade omissível, igual a zero, seu coeficiente científico.

As duas comunicações já reproduzidas pertencem a uma série começada há muito tempo e que os meus leitores conhecem. O número das cartas recebidas, aceitas e inscritas nesta coleção de documentos, de observações, de pesquisas, de perguntas motivadas, eleva-se, no meu registro, desde o inquérito começado em 1899 (v. minha obra *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, página 95) até julho de 1919, à cifra de 4.106, à qual devo acrescentar aproximadamente 500 recebidas antes do inquérito. Poderia citar aqui algumas centenas, análogas às duas precedentes. Eis aqui outra que há de, sob outro aspecto, surpreender mais de um leitor. É uma súplica veemente que me foi endereçada de La Rochelle, em 15 de agosto de 1904. É um pouco grosseira, mas publico-a integralmente, como as anteriores.

(CARTA 1.465)

"Grande irmão,

Meus olhos sofrem de cataratas, mas é preciso que lhe escreva. Sou um céptico, um zombeteador empedernido, mas necessito crer em alguma coisa. Uma terrível catástrofe, irreparável, acaba de destruir quatro existências. Minha filha, cujo encanto, índole e graciosidade haviam seduzido toda a cidade de Rochefort, em 1902, desde as mães das rivais às próprias rivais para o casamento, acaba de seguir para o manicômio em Niort, onde vai aguardar a morte... Foi uma agonia de dezoito meses para a mártir e para sua pobre mãe, que a levou a Paris, Bordéus, Saujon, onde especialistas ambiciosos mostraram a incapacidade radical de sua pretensa ciência. E aqui estou sozinho com meu filho, vítima da mesma catástrofe. A idéia do suicídio persegue-me. O meu cérebro repete o estribilho: "sua filha está doida". E penso nas misérias gerais, no imenso logro que é a

vida para a maioria das criaturas. Trazemos ao nascer a tara dos nossos ascendentes (com que direito se metem nisto?). Qual será a nossa personalidade paralisada, afundada na espessa massa carnal? Pelo seu jogo molecular, pelo exemplo da educação dos parentes, pela linha de vida obrigatória, pelas condições da situação física e moral dos pais, essa ganga seria então a poderosa diretriz da personagem que acaba de encarnar-se ou antes de fundir-se num agregado de que será escrava por toda a vida. Que quer dizer tudo isso?

As asneiras e as imbecilidades declamadas nos púlpitos da igreja acabaram por me revoltar. Apenas quero crer em qualquer coisa de aceitável. Os espíritas, com sua credulidade ingênua, são também tolos. Serviram-me páginas de Pitágoras, Buda, Abeilardo, Fénélon, Robespierre, que não têm senso comum. É grotesco.

Há trinta e três anos que não lia. O drama que me feriu levou-me a ler alguns livros nos quais esperava encontrar o que procuro.

Enfim, eis "O Desconhecido"!

Confesso-lhe que o li religiosamente. Admito em princípio as manifestações e aparições que o senhor assinala, principalmente as que foram entendidas por animais, como por exemplo a história do gato da Dra. Maria de Tilo (página 166). O medo do gato, que viu o fantasma, parece ser uma excitação de natureza elétrica. Mas o senhor, meu grande irmão, por que não vê aí senão moribundos?

Nada prova que o último suspiro, o último pensamento humano daquele que se vai sejam a causa de manifestações, produzidas sem ciência dele. Não se tratará, pelo contrário, dum primeiro passo no além, no momento da ruptura carnal?

Pertenço seguramente à grande multidão dos seus amigos desconhecidos, daqueles que simpatizam com o senhor. Eles esperam agora um livro definitivo que concluirá as suas investigações psíquicas. Os Espíritos? Os médiuns? Que tem verificado cientificamente com o seu método de astrônomo,

de matemático, para o qual 2 e 2 são 4 e não 5? Numa palavra, com a sua autoridade unanimemente reconhecida, a que ponto chegou?

Queremos sabê-lo! É a um homem como o senhor (isto sem lisonjas) que cabe esclarecer tantas inteligências ávidas, sedentas. Não se decidirá? Tem a obrigação de nada poupar para isso. Que serviço prestará, escrevendo este livro leal e concludente! Basta de prédicas evangélicas, de dissertações de médiuns, de nevroses e de subterfúgios. Suplicam-lhe que diga o que sabe!"

Compreender-se-á que eu não revele a assinatura desta carta, cujo autor é um alto funcionário do Estado.

Compreender-se-á também que não tenha publicado esta obra há mais tempo, aguardando que ela estivesse à altura do grave assunto de que trata.

Já havia sido principiada quando recebi esta súplica, em 1904; fora-o mesmo em 1861, como se pode verificar pelas minhas "Memórias". Estas obras não se redigem em um ano.

De resto, não é um livro só que tive de compor em resposta a esses pedidos; é uma dezena! Sairão um dia à luz? Trabalhando neles há um quarto de século, estão em via de conclusão.

Mas comecemos por este.

Os leitores das minhas obras muito me auxiliaram nesta pesquisa, enviando-me, desde há muito, observações de natureza a preparar uma solução reclamada talvez com demasiada confiança.

Possam os nossos esforços dar em resultado que seja projetada alguma luz nas trevas seculares do problema da morte!

* * *

Na minha infância, durante as lições de Filosofia e de Instrução Religiosa dadas na sala de estudo, ouvia freqüentemente um discurso periódico, tendo por tema estas quatro palavras: *Porro unum est necessarium*; em português: "uma só coisa é necessária". Esta coisa única era a salvação da nossa alma. O orador, o professor, falava-nos das guerras de Alexandre, de César, de

Napoleão, e concluía: "De que serve ao homem conquistar o Universo, se acaba perdendo a alma?"

Descreviam-nos também as labaredas do inferno e aterravam-nos com quadros medonhos onde os danados eram torturados pelos demônios num fogo inextinguível que os queimava sem consumi-los – e isto eternamente. Sejam quais forem as crenças, esse argumento, tomado como texto, tem o seu valor. É incontestável que o único ponto realmente capital para nós é o de saber o que nos está reservado depois de soltarmos o último suspiro. *To be or not to be!* – Ser ou não ser! – A cena de Hamlet no cemitério repete-se todos os dias. A vida do pensador é a meditação da morte.

Se as existências humanas não conduzem a nada, que comédia é esta? Quer a encaremos de frente ou quer afastemos a sua imagem, a morte é o desenlace supremo da vida. Não querer estudá-la é uma puerilidade infantil, porque o precipício está diante de nós e nele cairemos, um dia, inexoravelmente. Imaginarmos que o problema é insondável, que nada podemos saber, que perdemos o nosso tempo – e com curiosidade um pouco temerária – procurando ver claro, é uma desculpa ditada por preguiça absurda e por temor injustificado.

O aspecto fúnebre da morte provém principalmente do que a cerca, do luto que a acompanha, das cerimônias religiosas que a envolvem, do "*Dies irae*", do "*De profundis*". Quem sabe se o desespero dos sobreviventes não daria lugar à esperança, se tivéssemos a coragem de examinar esta última fase da vida terrestre, esta transformação, com o mesmo cuidado que consagramos a uma observação astronômica ou psicológica? Quem sabe se às preces dos agonizantes não sucederia a serenidade do arco-íris depois da tormenta?

É difícil não desejar resposta ao formidável ponto de interrogação que se ergue diante de nós, quando pensamos em nosso próprio destino e quando a morte cruel nos arrebata um ente querido.

Como não perguntar se tornaremos a encontrar-nos ou se é eterna a separação? Existe um Deus bom? A injustiça, a maldade dominam a marcha da Humanidade, sem nenhum respeito pelos

sentimentos de coração com que nos dotou a Natureza? Que será essa Natureza? Tem ela uma vontade, um fim? Haverá mais espírito, justiça, bondade, idéias, em nossos ínfimos cérebros do que no Universo imenso? Quantos problemas associados ao mesmo enigma!

Morremos; nada mais certo. Quando a Terra onde estamos tiver dado umas cem voltas ao redor do Sol, nenhum de nós, caros leitores, será já deste mundo.

Devemos temer a morte por nós ou pelos que amamos?

O terror da morte é uma palavra sem sentido.

De duas coisas uma: ou morremos definitivamente, ou continuamos a existir para além do túmulo. Se morrermos inteiramente, nada saberemos, jamais, acerca disso e, por conseqüência, não o sentiremos. Se continuamos a existir, o assunto merece examinado.

Que o nosso corpo acaba, um dia, de viver, não há dúvida alguma; ele se dissociará em milhões de moléculas que se incorporarão, em seguida, em outros organismos, plantas, animais e homens; a ressurreição dos corpos é um dogma obsoleto que ninguém pode aceitar. Se o nosso pensamento, a nossa entidade psíquica, sobrevivem à decomposição do organismo material, teremos a alegria de continuar a viver, pois que a vida consciente continuará também sob outra forma de existência, superior a esta, sendo o progresso a lei da Natureza e manifestando-se em toda a história da Terra, único planeta que podemos estudar diretamente.

Sobre este grande problema podemos dizer com Marco Aurélio: “Que é a morte? Considerando-a em si mesma, e separando-a das imagens de que a cercamos, vê-se que não passa de simples obra da Natureza. Ora, quem tem receio de uma obra da Natureza é uma criança.”

Bacon repetiu o mesmo pensamento quando disse: “A pompa da morte assusta mais do que a própria morte.”

Escrevia ainda o sábio imperador romano: “O que temos a fazer é esperar a morte de coração plácido e não ver nela mais do que uma dissolução dos elementos que compõem cada ser. Isto é

conforme à Natureza: ora, nunca é meu o que é conforme à Natureza."

Mas o estoicismo de Epicteto, de Marco Aurélio, dos árabes, dos muçulmanos, dos budistas, não nos satisfaz. Queremos saber. Além disso, afirmar que a Natureza nunca procede mal é uma proposição discutível. Todo homem que pensa não pode deixar de ser perturbado, nas suas horas de meditações pessoais, por esta perspectiva: "Que será feito de mim? Morrerei inteiramente?"

Disse-se, não sem razão aparente, que havia nisso, da nossa parte, obra de ingênua vaidade. Atribuímo-nos uma certa importância; imaginamos que seria um desastre se cessássemos de existir; supomos que Deus deve ocupar-se de nós e que não somos, na Criação, uma quantidade que se possa desprezar. Decerto, sob o ponto de vista astronômico, não somos grande coisa e mesmo a Humanidade inteira não tem também grande importância. Não devemos portanto raciocinar hoje como no tempo de Pascal; os sistemas geocêntrico e antropocêntrico caíram.

Átomos perdidos sobre um átomo igualmente perdido no infinito! Mas afinal existimos, pensamos, e desde que os homens pensam, sempre se preocuparam com as mesmas questões, às quais as religiões mais diversas pretenderam responder, sem nenhuma delas o ter conseguido.

O mistério diante do qual tantos altares e tantas estátuas de deuses foram levantados conserva-se ainda tão formidável como nos tempos dos assírios, dos caldeus, dos egípcios, dos gregos, dos romanos, dos cristãos da Idade Média. Os deuses antropomorfos e antropófagos foram derruídos. As religiões desapareceram, mas a religião fica: pesquisa as condições da imortalidade. Somos aniquilados pela morte ou continuamos a existir?

Francis Bacon (mais popular e mais célebre do que Roger Bacon, mas que não possuía o seu gênio) havia previsto, ao expor os fundamentos do método científico experimental, o triunfo progressivo da observação e da experiência, a vitória do fato judiciosamente comprovado sobre as idéias teóricas, para todos os domínios dos estudos humanos, menos o das "coisas

divinas", do "sobrenatural" que abandonou à autoridade religiosa e à fé.

Isto era um erro (partilhado ainda atualmente por um certo número de sábios). Não há razão valiosa para não estudar tudo, para não sujeitar tudo ao critério da análise positiva, e nunca se há de saber senão o que se aprendeu. Se a Teologia se enganou quando pretendeu que esses estudos lhe eram reservados, a Ciência enganou-se identicamente, desdenhando-os como indignos dela ou alheios à sua missão.

O problema da imortalidade da alma não recebeu ainda solução positiva da ciência moderna, mas também não recebeu, como por vezes se pretende, uma solução negativa.

Em geral se pensa que o enigma da esfinge de além-túmulo está fora da nossa alçada e que o espírito humano não tem o poder de penetrar este segredo... Entretanto, não há outro assunto que lhe toque de mais perto do que este. Como não havemos de interessar-nos pela nossa própria sorte?

O estudo perseverante deste grande problema leva-nos a pensar hoje que o mistério da morte é menos obscuro e sombrio do que se acreditava até agora e que ele pode iluminar-se, aos olhos do nosso espírito, de certas claridades reais e experimentais que não existiam há meio século. Não deve causar admiração o fato de se ver as pesquisas psíquicas ligadas às pesquisas astronômicas. É o mesmo problema. O universo físico e o universo moral são um apenas. A Astronomia foi sempre associada à Religião. As ignorâncias da ciência antiga, baseada nas aparências enganadoras, tiveram suas conseqüências inevitáveis nas crenças errôneas de outrora; o céu teológico deve harmonizar-se com o céu astronômico, sob pena de decadência. O dever de todo homem honesto é o de procurar lealmente a verdade.

Na época atual, de livre discussão, a ciência pode estudar tranqüilamente, em plena independência, o mais grave dos problemas.

Havemos de lembrar-nos, não sem azedume, de que durante os séculos intolerantes da Inquisição essas pesquisas do livre pensamento levaram os seus apóstolos ao cadafalso. Milhares de homens foram queimados vivos pelas suas opiniões: a estátua de

Giordano Bruno faz-nos relembrar deles na própria Roma... Passaremos nós diante dela ou diante da de Savonarola, em Florença, ou da de Étienne Dolet, em Paris, sem sentirmos um calafrio de horror contra a intolerância religiosa? E Vaníni, queimado em Tolosa? E Miguel Servet, queimado por Calvino em Genebra? etc., etc.

Afirmou-se o que se ignorava; foi imposto silêncio aos pesquisadores. Eis o que atrasou o progresso das ciências psíquicas. Sem dúvida esse estudo não é indispensável à vida prática. Em geral os homens são estúpidos. Não há um que pense, entre cem. Vivem na Terra sem saber onde estão e sem a curiosidade de o perguntarem a si mesmos. São brutos que comem, bebem, gozam, se reproduzem, dormem e se ocupam principalmente de ganhar dinheiro. Tive a grande satisfação, durante uma carreira já longa, de difundir entre as diversas classes da Humanidade inteira, em todos os países e em todas as línguas, as noções essenciais dos conhecimentos astronômicos e estou em situação de apreciar a estatística dos seres que se interessam por conhecer o mundo que habitam e por formar uma idéia rudimentar das maravilhas da Criação. Nas dezesseis centenas de milhões de seres humanos que povoam o nosso planeta existe aproximadamente um milhão nestas condições, isto é, um milhão de homens que lêem as obras de Astronomia por curiosidade ou por outro qualquer motivo. Quanto aos que estudam e se iniciam pessoalmente na ciência, pondo-se a par das descobertas pela leitura das revistas especializadas e anuários, o seu número calcula-se em cinqüenta mil, em todo o mundo, sendo seis mil franceses.

Pode concluir-se que há um ser humano entre mil e seiscentos que sabe, de modo vago, em que mundo habita, e um em cento e sessenta mil que o conhece bem.

Quanto ao ensino primário e secundário, escolas, colégios, liceus (laicos ou culturais), em matéria astronômica, o resultado é este: nada ou quase nada. Em psicologia positiva, nada igualmente. A "ignorância universal" é a lei da nossa Humanidade terrestre desde o seu nascimento simiesco.

As deploráveis condições da vida em nosso planeta, a obrigação de comer, as necessidades da existência material, explicam a

indiferença filosófica dos habitantes da Terra, sem desculpá-los inteiramente; pois milhões de homens e mulheres dispõem de tempo suficiente para distrações fúteis, para ler folhetins e romances, jogar as cartas, sentar-se à mesa dos cafés, preocupar-se com os negócios alheios, continuar a história antiga da palha e da viga, espiar e criticar em torno de si, fazer politicagem, encher as igrejas e os teatros, sustentar as lojas de luxo, fatigar as costureiras e as modistas, etc.

A ignorância universal deriva do pobre individualismo humano que se basta a si mesmo. Viver pelo espírito não é necessário a ninguém ou pouco menos. Os pensadores constituem a exceção. Se essas investigações nos levam a ocupar melhor o nosso espírito, a saber o que viemos fazer na Terra, poderemos estar satisfeitos com tal trabalho, porque, realmente, a vida da Humanidade terrestre parece bem obtusa.

O habitante da Terra é ainda tão estúpido e tão animal que até agora, e em toda parte, foi a força brutal quem fundou o direito e que o manteve; que o principal ministério de cada nação é o ministério da guerra; e que os nove décimos dos recursos financeiros dos povos são consagrados às matanças periódicas internacionais.

E a morte continua a reger soberanamente os destinos da Humanidade.

Na realidade, a soberana é ela... O seu cetro nunca exerceu um poder dominador com violência tão feroz e tão selvagem como nestes últimos anos. Derrubando milhões de homens nos campos de batalha, fez surgir milhões de pontos de interrogação, dirigidos ao destino.

Estudemos este fim supremo. É assunto digno da nossa atenção.

* * *

O plano desta obra é traçado pelo próprio fim a que visa: *Certificar-se das provas positivas da sobrevivência*. Nela não se encontrarão nem dissertações literárias, nem belas frases poéticas, nem teorias mais ou menos cativantes, nem hipóteses, mas unicamente fatos observados, com suas deduções lógicas.

Morremos inteiramente? Eis a questão. Que fica de nós? Dizer, pensar que a nossa imortalidade consiste em nossos descendentes, em nossas obras, no progresso que podemos trazer à Humanidade, é puro gracejo. Se morremos de todo, nada saberemos dos serviços que prestamos e, por outro lado, o nosso planeta acabará e a Humanidade perecerá. Tudo será, pois, aniquilado.

Para saber se a alma sobrevive ao corpo é necessário saber primeiro *se ela existe*, independentemente do organismo físico. Devemos, pois, estabelecer esta existência sobre as bases científicas da observação positiva, e não sobre belas frases ou em argumentos ontológicos com os quais as teologias de todos os tempos se contentaram até agora. E em primeiro lugar teremos de dar-nos conta da insuficiência das teorias fisiológicas geralmente aceitas e classicamente ensinadas.

CAPÍTULO II

O Materialismo – Doutrina errônea, incompleta e insuficiente

> *"Desconfiemos das aparências."*
>
> *Copérnico*

Todos conhecemos a "Filosofia Positiva" de Augusto Comte e a sua judiciosa classificação das ciências, descendo gradualmente do Universo ao Homem, da Astronomia à Biologia.

Ninguém desconhece também Littré, continuador de Augusto Comte. O seu "Dicionário" encontra-se em todas as bibliotecas e as suas obras foram difundidas por toda parte. Conheci-o pessoalmente.[4] Era um homem eminente, sábio, enciclopedista, pensador profundo, aliás materialista e ateu convicto e absolutamente sincero. A estética do seu rosto não correspondia à beleza de sua alma. Era difícil vê-lo sem pensarmos em nossa origem simiesca, e entretanto o seu espírito era da mais alta nobreza e o seu coração de uma generosidade rara.

Morava perto do Observatório; sua esposa era muito devota: ele mesmo a acompanhava, aos domingos, à missa de S. Sulpício, por meiga e pura bondade e sem entrar na igreja. Le Dantec, ateu e materialista, que lhe sucedeu, teve exéquias religiosas para não magoar sua mulher, muito religiosa também, de quem se pode deplorar este último gesto. Preferir-se-ia que as companheiras da vida dos grandes homens pensassem como seus maridos. Este professor de ateísmo era igualmente muito bom. Tudo isto é bastante paradoxal. O mesmo se deu com Jules Soury, esse devorador de padres "sepultado por eles, entre preces litúrgicas". A lógica não é deste mundo. Mas as doutrinas nem sempre orientam as obras. Pode-se ser católico praticante e, ao mesmo tempo, mentiroso, explorador do próximo, assim como se pode ser materialista e perfeito homem de bem.

Conheci ainda o excelente Ernesto Renan que, por nobre sinceridade e para se libertar lealmente de toda hipocrisia, recusara o sacerdócio para o qual o levavam os seus estudos teológicos.

Esses eminentes espíritos são respeitáveis nas suas honestas convicções, que devemos respeitar como eles respeitaram as dos outros; mas podem-se discutir as suas idéias, e de resto nunca eles tiveram pretensões de infalibilidade.

Littré ocupou-se das questões psíquicas que temos em mira estudar neste livro. Tomaremos os seus argumentos, assim como os de Taine, seu êmulo, por base das afirmações materialistas modernas. Não temamos combatê-las face a face.

Na sua obra *A Ciência sob o Ponto de Vista Filosófico* encontram-se num capítulo sobre a "fisiologia psíquica" as seguintes declarações:

> "Talvez pareça insólita a expressão *fisiologia psíquica*. Poderia escolher a de *psicologia* para designar o estudo das faculdades intelectuais e morais. Eu próprio já a empreguei muitas vezes e, devido ao uso comum que dela se faz, quando o texto não deixar nenhuma obscuridade no meu pensamento, empregá-la-ei ainda. A raiz grega que a compõe é, de fato, apropriada à Teologia e à Metapsíquica, mas também pode ser adaptada à Fisiologia, dando-lhe o sentido de conjunto das faculdades intelectuais e morais, locução muito longa e complexa para ser substituída com vantagem por uma expressão mais simples.
>
> Entretanto, sendo certo que a Psicologia foi na sua origem e ainda é o estudo do espírito, considerado independentemente da substância nervosa, não devo nem quero servir-me de expressão que pertence a uma filosofia muito diferente daquela que empresta o seu nome às ciências positivas. Nestas ciências não se conhece nenhuma propriedade sem a matéria, não porque *a priori* se tenha a idéia preconcebida de que não existe qualquer substância espiritual independente, mas porque *a posteriori* jamais se encontrou a gravitação sem corpo pesado; o calor sem corpo quente; a eletricidade sem corpo elétrico; a afinidade sem substâncias de combina-

ção, vida, sensibilidade; pensamento sem ser vivo, sensível e pensante.

Julguei necessário fazer figurar a palavra *fisiologia* no título deste trabalho. Bem podia servir-me da de fisiologia cerebral, mas esta envolve assunto mais vasto. O cérebro possui diversas formas de ação de que não pretendo ocupar-me, limitando-me à parte que ele tem na impressão de que resulta a noção do mundo exterior e do *eu*.

Eis o motivo pelo qual escolhi a locução *fisiologia psíquica*, ou mais concisamente *psicofisiologia*. *Psíquico*, isto é, relativo aos sentimentos e às idéias; *fisiologia*, isto é, formação e combinação destes sentimentos e destas idéias em relação à constituição e à função do cérebro. Não tenho a pretensão de introduzir uma nova expressão na ciência: tudo quanto aqui pretendo é, de uma parte, limitar nitidamente o meu assunto e de outra inculcar que a descrição dos fenômenos psíquicos, com sua subordinação e seu encadeamento, é pura fisiologia e o estudo de uma função e de seus efeitos. Os progressos realizados pela Psicologia, pelo menos a que deriva da escola de Locke, que rompeu com as idéias inatas, aproximaram-na da Fisiologia. Quanto mais esta se deu conta da extensão do seu domínio, menos se assustou com os anátemas da Psicologia que interditava as altas especulações. Hoje não resta dúvida de que *os fenômenos intelectuais e morais são fenômenos pertencentes ao tecido nervoso*; que o caso humano não é senão um anel, embora o mais considerável, de uma cadeia que se prolonga, sem limite bem nítido, até aos últimos animais; e que, sob qualquer título que se proceda, contanto que se empregue o método descritivo, de observação e de experiência, ser-se-á um fisiologista.

Não concebo uma fisiologia onde a teoria dos sentimentos e das idéias, no que ela tem de mais elevado, não ocupe grande lugar.” [5]

Esta é a base do sistema materialista da alma. Convido o leitor a pesar escrupulosamente esse gênero de raciocínio.

Não devemos admitir a existência da alma "porque não se conhece nenhuma propriedade sem matéria, porque jamais se encontrou a gravitação sem corpo elétrico, afinidade sem substâncias de combinação, a vida, a sensibilidade, o pensamento, sem ser vivo, sentindo e pensando.

Ora, só há neste raciocínio uma petição de princípio, fundada sobre a palavra "propriedade".

Assimilar o pensamento à gravitação, ao calor, aos efeitos mecânicos, físicos, químicos, dos corpos materiais é igualar duas coisas muito diferentes, que estão precisamente dentro da questão: o espírito e a matéria.

A vontade de um ser humano, mesmo a da criança, é pessoal, consciente, ao passo que a gravitação, o calor, a eletricidade, são impessoais, inconscientes, conseqüências de certos estados da matéria, fatais, cegas, essencialmente materiais por si mesmo. É grande a diferença entre os dois objetos comparados: o dia e a noite.

O próprio raciocínio científico erra pela base. O calor, por exemplo, nem sempre provém de um corpo quente: o movimento, que não tem temperatura alguma, produz calor. O calor é um modo de movimento. A luz é também um modo de movimento. A natureza da eletricidade continua desconhecida.

Confesso que não sei explicar como um homem do valor de Littré, chefe da Escola Positivista, tenha aceitado esse raciocínio, sem perceber que não havia nele mais do que uma petição de princípio, quase um trocadilho, pois esta argumentação baseia-se na palavra "propriedade". O que seria preciso *provar* positivamente é que o pensamento é propriedade da substância nervosa, que o inconsciente pode produzir o consciente, o que é, em princípio, contraditório.

Não se ousaria comparar um pedaço de pau com um pedaço de mármore ou de metal, e compara-se tranqüilamente o espírito, a razão pensante, o sentimento da liberdade, da justiça, da bondade, a vontade, com uma função da substância orgânica! Taine assegura que o cérebro segrega o pensamento como o fígado segrega a bílis. Parece que nestas inteligências a sede do raciocínio é feita, de antemão, com a mesma cegueira que a dos teólo-

gos. Não haverá nisto idéia preconcebida, convicção sistemática? Deixemos as palavras vãs, no começo desta discussão. Que é a matéria? É, na opinião geral, o que nossos sentidos distinguem, o que se vê, o que se toca, o que se pesa. Pois bem! as páginas seguintes vão demonstrar que existe no homem outra coisa além daquilo que se vê, se toca ou se pesa; que há no ser humano um elemento independente dos sentidos materiais, um princípio mental pessoal, que pensa, que quer, que atua, que se manifesta a distância, que vê sem olhos, escuta sem ouvidos, descobre o futuro ainda inexistente, revela fatos ignorados. Supor que esse elemento psíquico, invisível, intangível, imponderável, é uma propriedade do cérebro é proclamar uma afirmação sem provas, um raciocínio contraditório em si mesmo, como se se dissesse que o sal pode produzir açúcar e que os peixes podem ser cidadãos da terra firme. O que queremos mostrar aqui é que a própria observação positiva (não temos outro método além do de Littré, Taine, Le Dantec e outros professores do Materialismo, e repudiamos as teorias bizantinas de raciocínios sobre palavras, puras divagações) é, dizemos, que a observação dos fatos e a experiência provam que o ser humano não é somente um corpo material dotado de várias propriedades, mas também um ser psíquico, dotado de propriedades diferentes das do organismo animal.

Como puderam imaginar intelectuais eminentes, tais como Comte, Littré, Berthelot, que a realidade é circunscrita ao círculo de impressão de nossos sentidos, tão limitados e imperfeitos? Um peixe poderia acreditar que nada existe fora da água; um cão que fizesse uma classificação dos conhecimentos caninos classificá-los-ia não pela vista, como os homens, mas pelo olfato; um pombo correio observaria especialmente o sentido de orientação; uma formiga o sentido antenal, etc.

O espírito sobrepuja o corpo; os átomos não regem; são regidos. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao Universo inteiro, aos mundos que gravitam no espaço, aos vegetais, aos animais. A folha da árvore é organizada, um ovo fecundo é organizado. Essa organização é de ordem intelectual.

O espírito universal está em tudo; ele enche o mundo, e isto sem cérebro.

É impossível analisar o mecanismo do olho e da visão, do ouvido e da audição, sem concluir que os órgãos visuais e auditivos são construídos com inteligência. Esta conclusão deriva com maior evidência ainda da análise da fecundação de uma planta, de um animal, de um ser humano. A evolução progressiva do ovo feminino fecundado, o papel da placenta, a vida do embrião e do feto, a criação deste pequeno ser no seio da mãe, a transformação orgânica da mulher, a formação do leite, o nascimento, a amamentação, o desenvolvimento físico e psíquico da criança, são outras tantas manifestações irrecusáveis de uma força diretriz inteligente, organizando tudo e dirigindo as mínimas moléculas com a mesma ordem que as esferas planetárias ou siderais na imensidade dos céus.

Esse espírito não procede de um cérebro. Disse-se, com razão, que se Deus fez o homem à sua imagem, o homem por seu lado lhe pagou na mesma moeda.

Se os besouros imaginassem um criador, esse criador seria para eles um grande besouro.

O Deus antropomorfo dos hebreus, dos cristãos, dos muçulmanos, dos budistas, nunca existiu. Deus, Jeová, Júpiter, não são mais do que palavras simbólicas.

Se a geração é admiravelmente organizada sob o ponto de vista fisiológico, está longe da perfeição no que respeita às sensações da maternidade. Para que sofrimentos? Para que as dores atrozes do fim? A Igreja vê nisso o castigo da culpa de Eva. Que gracejo! Adão e Eva existiram? As fêmeas dos animais não sofrem? A Natureza pouco se preocupa com as épocas dolorosas da mulher e com a brutalidade da expulsão; peca certamente por falta de sensibilidade; "o bom Deus" não é meigo para as suas criaturas; nem sequer é humano, e as irmãs de caridade são melhores do que ele. Problema grave, apesar da certeza da existência do espírito na Natureza. Não compreendemos Deus, é evidente. Que prova isto? A nossa inferioridade espiritual.

Que o espírito, a inteligência, a ordem mental existem em tudo é inegável. A ciência experimental detém-se no seu caminho quando ensina que todos os fenômenos do Universo se reduzem,

em última análise, ao dualismo – matéria e movimento, ou mesmo ao monismo – matéria e propriedades. A História Natural, a Botânica, a Fisiologia Animal, a Antropologia, apresentam à observação um elemento distinto da matéria e do movimento: *a vida*.

O fisiologista Claude Bernard não nos mostrou já que a vida não é um produto das moléculas materiais? Além disso, o Universo manifesta-se-nos como dinamismo, pois o movimento é inerente aos próprios átomos, e esse dinamismo não é de ordem material, porque há nele a organização de tudo: seres e coisas.[6]

A doutrina que faz do pensamento uma função cerebral, ou que vê entre o trabalho do cérebro e o do pensamento um paralelismo, uma equivalência, é totalmente insuficiente, podemos dizê-lo com o psicólogo Bergson.

Ensina-se que as recordações são acumuladas no cérebro sob a forma de modificação impressa em tal ou tal grupo de elementos anatômicos. Se desaparecem da memória é porque os elementos anatômicos, sobre que repousam, são alterados ou destruídos. As impressões deixadas pelos objetos exteriores subsistiriam no cérebro, como na placa sensibilizada ou no disco fonográfico. Essas comparações são verdadeiramente superficiais. Se a recordação visual de um objeto, por exemplo, fosse uma impressão causada por esse objeto sobre o cérebro, não haveria a recordação de um só objeto, mas de milhares de milhões deles, pois o objeto mais simples e mais estável muda de forma, de dimensão, de matizes, segundo o ponto de que se avista, a não ser que eu me condene a uma fixidez absoluta, contemplando-o. A menos que os vossos olhos se imobilizem nas suas órbitas, imagens inúmeras, de modo algum sobrepostas, desenhar-se-ão alternadamente em vossa retina e se transmitirão ao vosso cérebro. O que será, tratando-se da imagem visual de uma pessoa, cuja fisionomia muda, cujo corpo é móvel e de quem o vestuário e tudo quanto a rodeia varia cada vez que a vemos? É incontestável, portanto, que a nossa consciência guarda em reserva uma imagem única, ou quase única, uma recordação praticamente invariável do objeto ou da pessoa, prova evidente de que houve outra coisa e bem diferente de uma ação mecânica de registro.

Outro tanto se pode observar quanto à recordação auditiva. A mesma palavra articulada por pessoas diferentes, ou pelo mesmo indivíduo, em momentos diferentes, em frases diferentes, dá-nos fonogramas que não coincidem entre si: como seria, pois, a recordação comparável a um fonograma? Esta única consideração bastaria para tornar suspeita a teoria que atribui as moléstias da memória das palavras à alteração ou à destruição das próprias recordações, registradas automaticamente pela película cerebral.

Mas vejamos, com o mesmo autor, o que se dá nessas moléstias:

> "Ali, onde a lesão cerebral é grave e onde a memória das palavras é atacada profundamente, acontece que uma excitação mais ou menos violenta, uma emoção, por exemplo, faz reaparecer repentinamente a recordação que parecia para sempre perdida. Seria isto possível se a recordação fosse depositada na matéria cerebral alterada ou destruída? As coisas produzem-se de preferência como se o cérebro servisse para lembrar a recordação e não conservá-la. O afásico torna-se incapaz de reencontrar a palavra quando tem necessidade dela: parece andar à volta, não possuir força suficiente para pôr o dedo no ponto preciso; no domínio psicológico, com efeito, o sinal externo da força é sempre a precisão. Mas a recordação parece estar aí; e às vezes, depois de substituir por perífrases a palavra que procurava em vão, o afásico emprega-a numa delas.
>
> Reflitamos agora no que se dá na afasia progressiva, isto é, quando o esquecimento de vocábulos se vai agravando sempre. Em geral, as palavras desaparecem então numa ordem determinada, como se a doença conhecesse a gramática; eclipsam-se primeiro os nomes próprios, depois os nomes comuns, em seguida os adjetivos e finalmente os verbos constituiriam outras tantas camadas sobrepostas, por assim dizer, e a lesão atingi-las-ia sucessivamente. Sim, mas a enfermidade pode derivar das causas mais diversas, tomar as formas mais variadas, começar num ponto da região cerebral interessada e progredir em qualquer direção: a ordem do de-

saparecimento das recordações fica sendo a mesma. Seria isto possível se a moléstia atacasse as próprias recordações?

Se a recordação não foi armazenada no cérebro, onde se conserva? A pergunta "onde" terá de resto um sentido quando se refere a outra coisa que não seja um corpo?

Os clichês conservam-se numa caixa, os cilindros fonográficos nas estantes; mas por que razão as recordações, que não são coisas visíveis e tangíveis, necessitariam de um continente e como poderiam tê-lo? Essas recordações existem noutra parte que não seja no espírito? Ora, o espírito humano é a própria consciência, e consciência significa, primeiramente, memória." [7]

Podemos dizer, com o eminente pensador, que tudo ocorre como se o corpo fora simplesmente utilizado pelo espírito. Por conseguinte, não há motivo para supor que o corpo e o espírito sejam inseparavelmente ligados um ao outro.

Eis aqui um cérebro que trabalha. Eis ali uma consciência que sente, que pensa e que quer. Se o trabalho do cérebro correspondesse à totalidade da consciência, se houvesse equivalência entre o cerebral e o mental, a consciência poderia seguir os destinos do cérebro e a morte ser o fim de tudo; pelo menos, a experiência não diria o contrário e o filósofo que afirma a sobrevivência teria de apoiar a sua tese em qualquer construção metafísica, base geralmente frágil. Mas, se a vida mental ultrapassa a vida central, se o cérebro se limita a traduzir por movimentos uma pequena parte do que se passa na consciência, a sobrevivência então se torna tão provável que a obrigação da prova caberá mais ao que nega do que ao que afirma, pois a única razão que possamos ter para admitir uma extinção da consciência depois da morte é a de que vemos o corpo desorganizar-se, e esta razão desvaloriza-se se a independência, pelo menos parcial, da consciência para com o corpo é, também, um fato de experiência.

Bergson, apesar de "metafísico", parece mais "positivo" do que o físico Littré. O espírito não é a matéria. Não está demonstrado que a alma seja função do cérebro, propriedade da substância cerebral, destinada a morrer com ela.

Pergunta-se mesmo como é que um raciocinador da envergadura de Taine, por exemplo, que aprecia no seu justo valor a concepção e a composição de um trabalho, o seu plano, a sua execução, e que escreveu precisamente um livro especial sobre a *Inteligência*, pode atribuir a criação de uma obra filosófica à secreção de uma combinação molecular das partes materiais constitutivas de um cérebro. A ação do espírito pessoal é aí tão evidente e irrecusável que é preciso uma verdadeira auto-sugestão sistemática para obscurecê-la.

O cérebro é o órgão do pensamento, sem dúvida alguma, e ninguém o contesta. Mas contrariamente ao que outrora ainda se admitia, a totalidade do cérebro não é necessária ao pensamento nem à vida.

Aos exemplos extraídos das doenças da memória, que acabamos de relembrar, poderíamos acrescentar muitos outros que levam à mesma conclusão. O meu sábio amigo Edmond Perrier apresentou à Academia das Ciências, na sessão de 23 de dezembro de 1913, uma observação do Dr. Robinson, respeitante a um homem que viveu um ano, quase sem sofrimento, sem nenhuma perturbação mental aparente, com o cérebro reduzido ao estado de "papas", formando vasto abcesso purulento. Em julho de 1914, o Dr. Hallopeau fez, na Sociedade de Cirurgia, a exposição de uma operação praticada no Hospital Necker numa rapariga caída do Metropolitano. Na trepanação, verificou-se que notável porção de matéria cerebral estava reduzida a papa. Fez-se a limpeza, drenou-se, fechou-se; a doente restabeleceu-se. Em 24 de março de 1917, na Academia das Ciências, o Dr. Guépin mostrou, operando um soldado ferido, que a ablação parcial do cérebro não impedia as manifestações da inteligência. Outros casos idênticos poderiam ser citados. Às vezes restam bem modestas parcelas: o espírito serve-se engenhosamente do que pode.

Se os anatomistas não encontram a alma na ponta de seus escalpelos, quando dissecam os corpos, é porque lá não está. Quando os médicos, os fisiologistas não vêem em nossas faculdades psíquicas senão propriedades da matéria cerebral, enga-

nam-se grosseiramente. Há também no ser humano outra coisa mais do que a substância branca ou cinzenta do cérebro.

Pode-se objetar que, em geral, a faculdade de pensar parece acompanhar o estado do cérebro e que ela enfraquece com a idade, como com o próprio cérebro acontece. Mas não seria o instrumento, o corpo, que enfraqueceria, e não o espírito? Muitas vezes, nos grandes labutadores do pensamento, o espírito mantém-se íntegro até ao último dia da vida. Todos os meus contemporâneos conheceram em Paris escritores como Victor Hugo, Lamartine, Legouvé; historiadores como Thiers, Mignet, H. Martin; eruditos como Barthélemy-Saint-Hilaire (1805-1895); sábios como Chevreuil (1786-1889), que mostraram até a uma idade muito avançada a virilidade e a juventude de suas almas.

Homo sapiens, o homem pensante: eis o título pelo qual certos fisiologistas definem há muito tempo a espécie humana. Podiam, porventura, criar esta designação para agregados de átomos materiais formando um cérebro?

Uma associação química de moléculas de hidrogênio, de carbono, de azoto, de oxigênio, etc., poderia pensar?

A Biologia é uma ciência recente. A biologia determinista é uma filosofia. É próprio desta filosofia considerar os fenômenos mentais e psíquicos como efeitos de reações fisiológicas. Ora, as explicações fisiológicas não são, sob a forma de expressões figuradas, senão confissão de incompetência. Considera-se a invenção de uma palavra como descoberta e a narração hipotética de um fato como explicação!

A sensação e o princípio vital conservam-se tão misteriosos como nos séculos passados, apesar das descobertas modernas sobre a origem puramente físico-química dos movimentos musculares. Não se pode deixar de reconhecer em cada um de nós, ao lado, ou melhor, acima dos fenômenos fisiológicos, um *princípio intelectual* ativo, autônomo, sem o qual nada se explica e com o qual tudo se compreende.

Digamos desde já, além disso, que as manifestações normais e bem conhecidas da alma, de que acabamos de falar, desaparecem diante das que vamos pôr em evidência nos capítulos seguintes.

A Medicina teria grande interesse em tomar em linha de conta estas considerações, agindo não somente sobre o organismo físico, mas também sobre o dinamismo intelectual. Um certo número de doenças rebeldes aos processos farmacêuticos pode ser curado pela ação mental. Temos, de resto, como testemunhos, as curas pelo magnetismo, pela sugestão, e os pretensos milagres da fé religiosa, desde o templo de Epidauro e o culto de Esculápio até Lourdes e seus concorrentes. Os glóbulos homeopáticos da vigésima solução não atuam um pouco por persuasão? A fé move montanhas.

O espírito não é o corpo nem emanação dele, afirmando-se como muito diferente. A *vontade* do homem é apreciada por toda gente. A perseverança nesta vontade, boa ou má, o espírito de sacrifício, o heroísmo, o desprezo da dor, a insensibilidade orgânica dos mártires que desafiaram os suplícios mais atrozes, a abnegação, a dedicação, as virtudes e os vícios, a caridade e a inveja, a amizade e o ódio, não são outras tantas provas da independência da alma relativamente ao cérebro?

Há seres que em nada pensam. Encontram-se alguns deles pela Terra.

Mas, em geral, o homem, mesmo o mais inculto, sente que existe qualquer coisa mais elevada que comer, beber e acasalar-se, que este mundo efêmero dos sentidos não é o seu próprio fim, sendo somente a manifestação de um princípio superior de que não vemos senão a sombra confusa. É este sentimento que as religiões quiseram atender.

Se estudarmos o corpo humano e as suas funções naturais, somos forçados a reconhecer que, apesar dos encantos que oferece às nossas sensações, é, em última análise, um objeto assaz vulgar, quando nele se considera somente a matéria. A verdadeira nobreza está no espírito, no sentimento da inteligência, no culto da Arte e da Ciência; e o valor do homem não reside no seu corpo tão pouco duradouro, tão mutável, tão frágil, mas na sua alma que se mostra, nesta vida, dotada da faculdade de existir.

Esse corpo não é, aliás, uma massa inerte, um autômato; é um organismo vivo. Ora, a organização de um ser, de um homem,

um animal, uma planta, atesta a existência de uma força organizadora, um espírito na Natureza, um princípio intelectual que rege os átomos e que não é propriedade deles. Se houvesse somente moléculas materiais desprovidas de direção o mundo não caminharia, um caos qualquer subsistiria indefinidamente, sem leis matemáticas, e a ordem não regularia o Cosmos.

Na teoria mecânica do Universo, o conjunto das coisas é um efeito fatal das combinações inconscientes; a criação é um nada intelectual que vem a ser alguma coisa e acaba por pensar! Pode-se imaginar hipótese mais absurda em si, e mais contrária à observação?

A misteriosa Natureza pôs espírito em tudo e mostra-se mesmo dotada de uma malignidade geralmente insuspeita. Que é a garridice da moça que a leva a tornar-se mulher, a sofrer no seu belo corpo, a perpetuar a espécie humana, a ser feliz com a dolorosa maternidade? Que é o amor, esse laço adorável? Que é o sofrimento dos corações? Que é o sentimento? A muda linguagem da Natureza não se faz ouvir bastante? Que é a construção de um ninho por dois pássaros... a ave choca alimentada pelo companheiro... o biscato levado pelos pais aos pequenos famintos? Que são a galinha e os seus pintainhos? Haveis refletido já sobre a primeira palpitação do coração num ovo, numa criança? Haveis analisado algum dia a fecundação das flores? Não ver nisso uma ordem raciocinada, uma intenção, um plano, um intuito geral, uma finalidade, uma organização que nos domina a todos; não ver na vida o fim supremo da organização dos mundos, é não ver a luz em pleno dia.

Aonde nos conduz essa força misteriosa? Ignoramo-lo. Ao passo que a vida nos impõe suas leis, o planeta em que habitamos leva-nos pelo espaço com a velocidade de 107.000 quilômetros por hora, joguete ele mesmo das forças diretrizes do sistema do mundo e de 14 movimentos diferentes. Somos átomos pensantes sobre um átomo móvel, um milhão de vezes menor que o Sol que é um milhão de vezes menor do que Canopo, o qual, por sua vez, é um átomo da nossa gigantesca nebulosa estelar, que não é senão um universo, cercado de outros até ao infinito.

Imensidade sem limites! Movimentos prodigiosos! Velocidades assombrosas!

A força parece mesmo inerente ao átomo, pois não se nota em parte nenhuma átomo imóvel. Um ser vivo que não possuísse em si mesmo a sua força diretriz não poderia viver, cairia em ruínas, como edifício abandonado.

Renan e Berthelot, esses dois amigos inseparáveis, dissertavam às vezes sobre o problema que aqui nos interessa. Um e outro pareceram sem esperança de uma vida futura, mas com sentimentos um pouco antagônicos. Em 25 de agosto de 1892, Berthelot escrevia a Renan, que definhava dia a dia e morreu um mês depois: "Consolemo-nos, vendo crescer nossos netos; é a única sobrevivência que nos é dado conhecer de ciência certa". Esse modo de dizer não encerra, no seu espírito, uma negação absoluta e respondia, sem dúvida, a algumas preocupações do autor da *Vida de Jesus*.

Em 20 de julho precedente, Renan havia escrito a Berthelot:[8]

> "O ato mais importante de nossa vida é o da nossa morte. Esse ato cumprimo-lo, geralmente, em circunstâncias detestáveis. A nossa escola, cuja essência é a de não carecer de iludir-se, tem, creio eu, nessa hora solene, vantagens particulares.
>
> Trabalho atualmente na correção das provas do meu quarto e quinto volume de *Israel*. Quisera rever tudo. Se um outro interviesse nisto, sentiria algumas impaciências no fundo do purgatório: a maior parte dos melhoramentos que tencio-no fazer ninguém entretanto, salvo o Eterno e eu, os conhecerá. Seja feita a vontade de Deus! *In utrumque paratus*."

O filósofo, o antigo teólogo, está *preparado*. Subsiste a sua crença em Deus. Pode-se ser anticlerical e deísta (como Voltaire). Renan não estava longe de admitir uma sobrevivência indeterminável.

Segundo seu genro, o Sr. Psichári, que lhe assistiu à morte, Renan teria declarado que nada subsistiria dele, *nada, nada, nada*. Foi esta a impressão da sua hora derradeira. Acerca da sobrevivência da alma, cem outros grandes espíritos tiveram o

mesmo cepticismo. Preocupavam-se com ela, todavia. Esta opinião é oriunda unicamente da nossa ignorância. Ptolomeu nada conhecia de mais estúpido do que a hipótese do movimento da Terra, "soberanamente ridícula".

Que é o pensamento? Que é a alma? O sobrenatural não existe; e a alma, se existe individualmente, é tão natural como o corpo.

Chega-se enfim a admitir a *unidade de força* e a *unidade de substância*.[9]

Tudo é dinamismo. O dinamismo cósmico rege os mundos. Newton deu-lhe o nome de atração. Mas essa interpretação é insuficiente: se só houvesse atração no Universo os astros formariam um único bloco, pois ela há muito tempo os teria reunido; há, além disso, o movimento. O dinamismo vital rege os seres; no homem que evolucionou, o dinamismo psíquico é constantemente associado ao dinamismo vital. No fundo, todos esses dinamismos formam um só: é o espírito na Natureza, surdo e cego para nós no mundo imaterial e mesmo no instinto dos animais, inconsciente na maior parte das obras humanas, consciente em um pequeno número delas.

Já escrevi em *Urânia* (1888): "Aquilo a que chamamos matéria esvai-se quando a análise científica crê agarrá-la. Encontramos como sustentáculo do Universo, e princípio de todas as formas, a força, elemento dinâmico. O ser humano tem por princípio essencial a alma. *O Universo é um dinamismo inteligente incognoscível*."

Escrevi também em *As Forças Naturais Desconhecidas* (1906): "As manifestações psíquicas confirmam o que sabemos de outra parte, que a explicação puramente mecânica da Natureza é insuficiente e que há outra coisa mais no Universo do que a pretensa matéria. Não é a matéria que rege o mundo: *é um elemento dinâmico e psíquico*".

O progresso realizado nas observações psíquicas depois da data em que estas linhas foram compostas confirmou-as de sobejo.

Uma força mental regula silenciosamente, soberanamente, os instintos dos insetos, assegurando-lhes a existência e a perpetui-

dade, como regula também o nascimento de um pássaro e a evolução dos animais superiores, inclusive o próprio homem.

É esse dinamismo que leva o inseto lagarta a tornar-se massa informe na crisálida e depois em borboleta. É ele que do organismo de médiuns especiais emite uma substância, transformando-se em órgãos vivos de duração efêmera, mas reais, dinamismo que cria instantaneamente materializações transitórias.

Afirmamo-lo: o Universo é um dinamismo. Uma força invisível e pensante rege mundos e átomos. A matéria obedece.

A análise das coisas mostra em tudo a ação de um espírito oculto. Esse espírito universal está em tudo, regula cada átomo, cada molécula, mesmo impalpáveis, imponderáveis, infinitamente pequenos, invisíveis, constituindo pela sua agregação dinâmica as coisas visíveis e os seres; e esse espírito é indestrutível, eterno.

O Materialismo é doutrina errônea, incompleta e insuficiente, que nada explica a nosso contento.[10] Admitir só a matéria dotada de propriedades é hipótese que não resiste à análise. Os "positivistas" laboram em erro; existem provas "positivas" de que a hipótese da matéria, dominando e regendo tudo, pelas suas propriedades, está à margem da verdade.

Não adivinharam o dinamismo inteligente que anima os seres e mesmo as coisas.

Podemos dizer, com o Dr. Geley, que os fatores clássicos são impotentes para resolver a dificuldade geral de ordem filosófica relativa à evolução que do *menos* faz sair o *mais*.[11]

O materialismo, tão difundido, consciente ou inconscientemente, em todas as classes da sociedade, não é senão teoria de aparência, a superfície das coisas não analisadas. "*Quod terra immobilis, in medio coeli, si ego contra assererem terram moveri...*", escrevia Copérnico na primeira página de sua obra imortal, na dedicatória ao papa. E ele prova que o que se julgava demonstrado é absolutamente falso. Devemos hoje proceder da mesma forma para com a fisiologia psíquica.

É pelo próprio método experimental que lhe demonstraremos a fraqueza. Vamos pôr em evidência o erro absoluto do materialismo clássico. Toda a fisiologia psíquica oficial é errônea,

contrária à realidade. Há no ser humano outra coisa mais do que moléculas químicas dotadas de propriedades: há um elemento não material, um princípio espiritual. O exame imparcial dos fatos vai comprová-lo e vê-lo-emos mesmo atuar independentemente dos sentidos físicos.

CAPÍTULO III

Que é o homem? Existe a alma?

> *"Devemos procurar a verdade com plena independência de espírito, livres de toda idéia preconcebida."*
>
> *Descartes*

Verificamos que as teorias materialistas não estão inteiramente demonstradas. Não assentam em base tão sólida quanto se imagina; têm lacunas; deixam de lado muitas coisas inexplicadas; estão longe de poderem ser comparadas, como se pretende, a teoremas geométricos, a certezas matemáticas. Está pois a questão inteiramente aberta ao nosso livre exame.

Antes de procurar saber se a alma sobrevive à dissolução do corpo, é indispensável indagar, primeiro, se realmente nossas almas existem. Discutir a duração de uma coisa que não existisse seria perder tempo ingenuamente. Se o pensamento fosse produto do cérebro extinguir-se-ia com ele.

Esta noção só se pode adquirir pela observação científica positiva, pelo método experimental. Entretanto, até hoje a Psicologia tem sido mais uma convenção de palavras, de meditações teóricas, de hipóteses, do que outra coisa.

É tradição que não seguiremos aqui. Vamos procurar determinar a natureza da alma, por observações práticas, e conhecer as suas faculdades.

É lamentável que essas faculdades sejam quase ignoradas ainda. A nova psicologia deve ser firmada sobre a Ciência. Lembremo-nos da origem da palavra *metafísica*, "depois da física" na classificação de seu fundador, Aristóteles.

Foi demasiadamente esquecida essa circunstância.

Para continuar a viver depois da destruição do corpo é necessário existir espiritualmente. O nosso espírito subsiste individualmente? Temos uma alma? Para falar com mais exatidão, o

homem é uma alma? Eis a primeira questão a resolver, o primeiro ponto a estabelecer.

Já apuramos que os materialistas, os positivistas, os ateus, os negadores do espírito na Natureza, laboram em completo erro, pensando e ensinando que não há no Universo senão a matéria e suas propriedades, e que todos os fatos da Humanidade se explicam por esta teoria, ao mesmo tempo erudita e vulgar. Eis aqui uma hipótese inexata. Mas é preciso provar a tese contrária.

Que é a alma? Donde provém mesmo esta palavra? Que significa?

A crença na alma foi estabelecida até agora sobre dissertações metafísicas e sobre pretensas revelações divinas não comprovadas. A religião, a fé, o sentimento, o desejo, o temor, não são provas.

Como se apresentou ao espírito dos homens a noção da alma?

A palavra *alma* e seus equivalentes em nossas línguas modernas (*espírito*, por exemplo), ou nas línguas antigas, como *anima*, *animus* (transcrição latina do grego), *spiritus*, *atma*, alma (vocábulo sânscrito ligado ao grego, vapor), etc. Implicam todas a idéia de sopro; e não há dúvida de que a idéia de alma e de espírito exprimiu primitivamente a idéia de sopro nos psicólogos da primeira época. *Psyche*, mesmo, provém do grego, soprar.

Esses observadores, identificando a essência da vida e do pensamento com o fenômeno da respiração, e, por outra parte, da decomposição do corpo morto, do corpo privado de sopro, privado da alma, com a crença nas aparições dos mortos, isto é, a vida persistente daqueles cujo cadáver aí jazia, inanimado, ou, o que é mais, dissolvido e reduzido a cinzas, imaginaram que o sopro, a alma, era alguma coisa que abandonava o corpo na hora do decesso, para ir viver em outra parte da sua própria vida.

Ainda hoje o *último suspiro* designa a morte.

Se uns admitiam esta persistência da vida sob forma invisível, outros só viam nisso uma impressão de sentimento, de saudade, de afeição dos sobreviventes, e desde a origem dos diversos grupos humanos vemos duas teorias distintas e mesmo opostas compartilharem as opiniões: o Espiritualismo e o Materialismo. Mas tanto uns como outros raciocinam superficialmente.

O sentido das palavras *alma* e *espírito* deve ser mudado, discutido, examinado. Há distinções fundamentais a determinar. As propriedades do organismo vivo e os elementos psíquicos são essencialmente diferentes.

Em geral, os homens pensam, com uma convicção perfeita, que só há no mundo uma única realidade incontestável, a realidade dos *objetos*, da matéria, isto é, do que se vê, do que se toca, do que cai sob a apreciação dos sentidos. O resto para eles não passa de abstração, quimera, coisa nenhuma.

Este modo de ver tem por si a imensa maioria dos sábios e de toda a gente. Mas as maiorias e os sábios podem errar, e é o que se dá.

A Física, a própria Física, ensina-nos que a afirmação de aparência, mesmo quando tem toda a força da evidência mais irresistível, deve ter-se por suspeita e, direi como o meu saudoso amigo Durand de Gros, verificada severamente. Há nada mais patente do que a marcha do Sol e do céu inteiro por cima de nossas cabeças? Esta evidência tem sido proclamada em todos os tempos e lugares pelos olhos humanos. Haverá outra mais imponente? Entretanto não passa de uma ilusão, como a Astronomia demonstrou.

Quantas vezes os doutrinários, raciocinando sobre a única observação aparente, se mostram superficiais na sua crítica do conhecimento, julgando ver o fato experimental no ponto em que o mostram: "O Sol é um disco luminoso que gira sobre nossas cabeças, de leste a oeste, desde que nasce até que desaparece": eis aí uma verdade observada, e que o testemunho unânime dos homens proclamou durante milhares de anos. Como é possível, entretanto, que a Ciência ouse afirmar que esta "verdade, firmada pela observação", é um erro irrecusável? E como é possível que todo o mundo saiba hoje que isto é um erro?

O que se pode afirmar rigorosamente, o que é um fato de verdadeira observação e que se compreende bem não é aquele que se enuncia dizendo: "O Sol é um disco..., etc."; é o fato que se deveria enunciar, assim: "Tenho a sensação de um disco brilhante que designo pelo nome de Sol, fazendo-me tal sensação aparecer o mesmo disco como movendo-se de leste para oeste..., etc.."

É nesses termos que o experimentador deve limitar a afirmação da sua experiência, se quiser manter-se nos domínios estritos da afirmação experimental, isto é, da certeza absoluta.

E esse disco mesmo não é mais do que uma falsa aparência, pois o Sol é um globo.

Consideremos as sensações e as percepções, todavia não as confundamos com a realidade. Esta precisa de ser demonstrada. Vejo um relâmpago; um tiro de canhão ressoa ao meu ouvido. Rigorosamente, devemos pensar: "Tenho a sensação de haver ouvido um tiro de canhão". Entretanto, os fisiologistas desconhecem muitas vezes esta distinção essencial. O que eles nos apresentam como fatos observados não são muitas vezes, a rigor, senão fatos conjeturados; não são observações, são induções extraídas da observação, sem que eles se dêem conta dessa operação do seu espírito. Tenho a sensação de um disco luminoso de certo diâmetro aparente, caminhando no céu do nascente para o poente; eis o que é absolutamente verdadeiro, o que posso afirmar com segurança, segundo o princípio estabelecido pela doutrina experimental da certeza. Mas se digo: "Um disco caminha no céu..., etc.", afirmo mais do que sei, estou sujeito a enganar-me; e a prova é que estou em erro, neste caso.

Seria supérfluo multiplicar os exemplos em apoio desta tese. Sentimos tal e tal sensação; temos tal e tal idéia; tal e tal emoção; eis o único conhecimento imediato e certo, a única verdade propriamente experimental e digna de crença absoluta.

A noção de objeto supõe, pois, uma sensação, uma percepção, uma concepção. Mas que é tudo isso? Outros tantos atributos do próprio objeto? Não. Essa sensação, essa concepção provam que, em face da coisa sentida, percebida, concebida, há uma coisa que sente, percebe, concebe.

Falando rigorosamente, o fato de sentir, perceber, conceber, constitui só por si um fato absolutamente fundamental, o único que nos impõe a observação imediata.

Raciocina-se assim desde as discussões de Berkeley (1710) e mesmo desde as de Malebranche (1674). Tal raciocínio não é de ontem.[12]

Só julgamos o Universo, as coisas, os seres, as forças, o espaço, o tempo, pelas nossas sensações, e tudo o que podemos pensar sobre a realidade está na nossa idéia, em nosso espírito, em nosso cérebro. Mas é um raciocínio singular concluir daí que as nossas idéias constituem a realidade. Essas impressões têm uma causa e essa causa é exterior aos nossos olhos, aos nossos sentidos. Somos espelhos que se dão conta das imagens recebidas.

O idealismo puro de Berkeley, de Malebranche, de Kant, de Poincaré, vai demasiadamente longe no cepticismo; mas não percamos nunca de vista o seu princípio.

É urgente, na verdade, protestar contra a aparência vulgar e proclamar que o mundo exterior não é o que nos parece ser. Se não fôssemos dotados de olhos e de ouvidos, ele parecer-nos-ia diferente. A retina poderia ser de conformação diversa, o nervo óptico poderia vibrar, perceber as vibrações, não entre 380 e 760 trilhões de vibrações por segundo, do vermelho extremo ao violeta extremo, mas para além do infravermelho ou do ultravioleta, ou ser substituído por nervos que recebessem as radiações elétricas ou as ondas magnéticas ou as forças invisíveis que nos são desconhecidas. Para esses seres (que talvez existam em outros mundos) o Universo seria diferente do dos nossos sistemas científicos.

Incorreríamos portanto em erro, tomando as nossas sensações como realidades. A Natureza real é outra, não a conhecemos; mas o espírito deve estudá-la.

Sinto, penso: tal é a nossa única certeza, imediata, realmente experimental, aquela que merece esse qualificativo. Desse fato primitivo, o único de observação real, de certeza indubitável, um grande fato secundário deriva por via de indução: o fato de uma causa da qual procedem esta sensação e este pensamento.

Essa causa desdobra-se em dois fatores: o sujeito e o objeto, isto é, o que sente e pensa, o que é sentido e pensado.

Certos filósofos da escola idealista, como Berkeley, no século XVII, e H. Poincaré, no século XX, chegaram a pretender que apenas existe o sujeito pensante, que somente as nossas sensações são experimentadas por nós e que o objeto, o mundo exteri-

or, poderia muito bem não existir. É um exagero contrário ao dos materialistas radicais e também errôneo.

O que é certo, irrecusável, é que sabemos que pensamos e que ignoramos a verdadeira realidade, a essência das coisas e do mundo exterior, do qual as nossas percepções só nos comunicam a aparência.

Supor que conhecemos a realidade é anticientífico. Sabemos que os nossos sentidos nos revelam apenas uma parte dela e isso mesmo à maneira de prismas modificando a realidade. Se o nosso planeta estivesse constantemente coberto de nuvens, não conheceríamos nem o Sol, nem a Lua, nem os planetas, nem as estrelas, e o sistema do mundo ficaria ignorado, de sorte que o saber humano seria condenado a irremediável falsidade. Ora, o que conhecemos nada é comparado com o que ignoramos; o nosso próprio nervo óptico não é senão intérprete parcial.

A ilusão é a base pouco sólida das nossas idéias, das nossas sensações, das nossas crenças. A primeira e a mais sentimental dessas ilusões é a imobilidade da Terra. O homem sente-se fixado no centro do Universo e tudo imaginou conseqüentemente. Apesar das demonstrações da Astronomia, por mais que procuremos perceber, tocar a verdade, não o conseguimos. Suponhamos que nos encontramos no declínio de um belo dia de verão; o ar é calmo, o céu puro e tudo está absolutamente tranqüilo em redor de nós. E entretanto estamos, de fato, num automóvel que corre no seio dos céus com velocidade vertiginosa.

A Humanidade vive em profunda ignorância e não sabe que a nossa organização natural nada nos revela da realidade. Os nossos sentidos enganam-se em tudo. Só a análise científica esclarece o nosso espírito.

Assim, por exemplo, nada sentimos dos movimentos formidáveis do planeta, sobre o qual pousamos os pés. Parece-nos estável, imóvel, com direções fixas; alto, baixo, esquerda, direita, etc. Entretanto, corre no espaço, leva-nos à velocidade de 107.000 quilômetros por hora, no seu curso anual ao redor do Sol, o qual se desloca também através da imensidade, de tal sorte que a trajetória da Terra não é uma curva fechada, mas uma

espiral sempre aberta, e que o nosso globo errante não passou duas vezes pelo mesmo caminho desde que existe.

Ao mesmo tempo, este globo gira sobre si mesmo em vinte e quatro horas, de sorte que o que chamamos o *alto*, a certa hora, é o *baixo* doze horas mais tarde. Esse movimento diurno faz-nos percorrer 305 metros por segundo na latitude de Paris, 465 metros no Equador.

O nosso planeta é o joguete de 14 movimentos diferentes, dos quais nenhum nos é sensível, mesmo os que nos tocam de perto, por exemplo o das marés da crosta terrestre, que eleva o solo duas vezes por dia sob os nossos pés, à altura de 30 centímetros! Nenhum ponto de mira fixo nos permite observá-lo diretamente. Se não houvesse costas, as marés do oceano também não seriam visíveis.

Apercebemo-nos, mesmo, do ar que respiramos, do seu peso? A superfície do corpo humano suporta um peso de ar de 16.000 kg, contrabalançado exatamente pela pressão interior. Não se suspeitava do peso do ar antes de Galileu, Pascal e Torricélli. A Ciência comprova-o; a Natureza não no-lo faz sentir.

Esse ar é atravessado por eflúvios variados que ignoramos. A eletricidade tem aí um papel perpétuo, do qual só percebemos a manifestação durante as trovoadas ou nas violentas rupturas de equilíbrio. O Sol envia-nos constantemente radiações magnéticas que, a 150 milhões de quilômetros de distância, atuam sobre a agulha magnética sem que os nossos sentidos revelem esta ação. Só algumas organizações delicadas sentem esses eflúvios elétricos e magnéticos.

A nossa vista só distingue o que chamamos *luz*, pelas vibrações do éter compreendidas entre 380 trilhões por segundo (vermelho extremo) e 760 (violeta extremo); mas as vibrações lentas do infravermelho, abaixo de 380, existem e atuam na Natureza, assim como as vibrações rápidas, acima de 760, do ultravioleta, invisíveis à nossa retina.

O nosso ouvido não percebe o que chamamos *sons* senão a partir de 32 vibrações por segundo, para os mais graves, até 36.000 (os silvos mais agudos).

O nosso olfato não sente o que chamamos *odores* senão a uma grande proximidade e somente para determinado número de emanações. O olfato dos animais difere do olfato humano.

De resto, na Natureza, fora de nossos sentidos, não há de fato nem luz, nem som, nem cheiro; fomos nós que criamos essas palavras correspondentes às nossas impressões. A luz é um modo de movimento, como o calor, e há tanta "luz" no espaço à meia-noite como ao meio-dia, isto é, nas mesmas vibrações etéreas atravessando a imensidade dos céus. O som é outro modo de movimento, e só é um ruído para o nosso nervo auditivo. Os odores provêm de partículas em suspensão no ar, que afetam especialmente os nossos nervos olfativos.

São esses os três únicos sentidos que, em nossa organização terrestre, nos põem em relação com o mundo exterior ao nosso corpo. Os outros dois, o tato e o paladar, só atuam por contato.

É pouco, e não nos dão, em todos os casos, o conhecimento da realidade.

Há ao redor de nós vibrações, movimentos, etéreos ou aéreos, forças, coisas invisíveis que não percebemos. É esta uma afirmação de ordem absolutamente científica e incontestavelmente racional.

Podem existir à nossa volta, não somente coisas, mas também seres invisíveis, intangíveis, com os quais os nossos sentidos não nos põem em comunicação. Não digo que existam, mas digo que *podem existir*, e que esta afirmação é o corolário rigorosamente científico e racional das demonstrações precedentes.

Estando verificado que os nossos órgãos de percepção não nos revelam o que existe e nos dão indicações falsas ou erradas (movimento da Terra, peso do ar, radiações, eletricidade, magnetismo, etc.), não podemos pensar que a única realidade seja representada pelo que vemos e somos mesmo convidados a admitir o contrário.

Podem existir em torno de nós seres invisíveis. Quem teria adivinhado os micróbios antes de sua descoberta? Entretanto, é por milhares de milhões que pululam e representam papel considerável na vida de todos os organismos.

As aparências não nos revelam a realidade. Há uma única realidade apreciada diretamente por nós: é o nosso pensamento. E o que há de mais insofismavelmente real no homem é o *espírito*.

As minhas obras precedentes conduzem já a esta conclusão. Esta de agora é destinada a prová-la com maior evidência ainda. Que os leitores me perdoem o eu haver repetido aqui o que publiquei no *Lúmen*,[13] em 1867, e em *As Forças Naturais Desconhecidas*, em 1907, mas era indispensável relembrar essas noções.

Henri Poincaré, idealista e não "espiritualista", apesar do cepticismo da sua conversação, escreveu a seguinte página a respeito dos últimos anos do sábio francês Poitier, professor da Escola Politécnica:

> "O mal a que sucumbiu foi demorado e cruel. Ficou doze anos estendido num leito ou numa poltrona, privado do uso de seus membros e muitas vezes torturado pela dor. A invasão do mal era lenta e contínua, as crises, de ano em ano, eram mais freqüentes. Por fim, seu corpo não era coisa alguma, e na cama de onde não podia sair só se lobrigavam dois olhos. Sua alma era mais forte do que o poder cego de uma enfermidade brutal; ela não vergou. Fazia-se conduzir à Escola Politécnica ou à Escola de Minas. Tudo o que outrora havia amado continuou a interessá-lo cada vez mais nos momentos de repouso que o sofrimento lhe deixava. E nesse corpo de dia para dia mais imobilizado, a inteligência mantinha-se sempre luminosa, tal qual fortaleza cujas muralhas caem aos pedaços sob os obuses inimigos e que a energia do chefe mantêm ainda temível! Algumas semanas antes de morrer pedia-me livros de Matemática para empreender um estudo novo para ele. Até ao seu último dia mostrou-nos que o pensamento é mais forte do que a morte." [14]

Não, quem escreveu estas linhas não foi espiritualista, mas professor de cepticismo. Isto prova que a verdade se impõe por si mesma e resplandece inapagável, como Sírio no meio da noite estrelada.

De resto, Henri Poincaré afirmou-me muitas vezes e pessoalmente, em nossas numerosas e longas conversas, que, duvidando da própria realidade do nosso mundo exterior, só acreditava no espírito. Era excessivo. Existe alguma coisa mais do que o espírito. Não devemos exagerar.

Afinal, sabemos bem que o sentimos em nós mesmos. Enquanto componho este livro, concebo um plano, distribuo os capítulos, sinto rigorosamente, exatamente, sem parcialidade de sistema, sem qualquer dogma, simplesmente, diretamente, que só eu faço este trabalho, o meu espírito e não o meu corpo. Tenho um corpo. Não sou eu que pertenço ao corpo. Esta consciência de nós é a nossa impressão imediata, e é sobre as nossas impressões que podemos e devemos meditar; elas são a base de todos os nossos raciocínios.

Como se ousa afirmar que a definição do ser humano cabe nestas palavras: "um tecido de carne em redor de um esqueleto"..., ou nestas: "uma combinação de moléculas de oxigênio, de azoto, de carbono"..., ou ainda nestas: "um homem é constituído por 6 quilos de ossos, 15 de albumina e fibrina e 50 de água"..., ou, por último: "é um feixe de nervos"!...

Preferimos a definição de Bonald: "O homem é uma inteligência servida por órgãos".

Declaremo-lo: o homem é essencialmente *espírito*, quer o saiba ou quer o ignore. Não possui cada um de nós o sentimento da justiça? Uma criança, justamente castigada por uma falta, não sabe que mereceu o castigo e, injustamente castigada, não se revolta? Donde vem a consciência moral? O homem teve por antepassados os animais das épocas geológicas terciária, secundária e primária, evoluídos gradualmente dos répteis aos símios. Não foram os seus cérebros que criaram a consciência moral e principalmente o sentimento da justiça inata na criança. Pode-se pretender que proveio dos antepassados e depois da educação. Mas donde veio esta educação? É o mundo do espírito.

Não há um padrão entre este mundo intelectual, espiritual, moral, e as operações físico-químicas da substância cerebral.

A vontade é, certamente, uma energia de ordem intelectual. Tomemos um exemplo entre mil. Napoleão quer conquistar o

mundo e tudo sacrifica a esta ambição. Examinai todos os seus atos, mesmo os menores, desde a campanha do Egito até Waterloo. Nem a Fisiologia, nem a Química, nem a Física, nem a Mecânica explicarão essa personalidade, essa continuidade de idéias, essa perseverança, essa teimosia. Vibrações cerebrais? Não é suficiente. No fundo do cérebro há um ser pensante do qual esse cérebro não é senão o instrumento. Não é o olhar que vê. Não é o cérebro que pensa.

O estudo de um astro, no telescópio, não se pode atribuir legitimamente nem ao instrumento, nem ao olhar, nem ao cérebro, mas ao espírito do astrônomo que procura e encontra.

A vontade humana bastaria por si só para provar a existência do mundo psíquico, do mundo pensante, diferente do mundo material visível, tangível.

A ação de uma vontade manifesta-se em tudo. Podem-se fazer sobre isto observações muito simples:

Estou sentado numa poltrona, as mãos nos joelhos; com a direita entretenho-me em levantar um por um os dedos da esquerda; eles caem naturalmente; mas se *quiser* que eles não caiam, não cairão. Quem mandou neste caso sobre os músculos? Simplesmente a minha vontade. Há pois aqui uma força mental que atua sobre a matéria. Esta força é associada ao meu cérebro, bem entendido. Mas, afinal, é uma idéia, e essa idéia age sobre a matéria. A causa inicial não é o cérebro, cujas vibrações não são mais do que efeitos.

O homem que exercita a sua vontade é o obreiro do seu destino.

Consideremos agora especialmente o *pensamento* no homem.

É a demonstração perpétua da existência da alma. Quando meditamos, quando dizemos simplesmente *eu penso* ou *eu quero*, quando calculamos um problema, quando exercitamos o nosso poder de abstração e de generalização, afirmamos a existência da alma.

O pensamento é o que o homem possui de mais precioso, de mais pessoal, de mais independente. Sua liberdade é inatacável. Podeis torturar o corpo, encarcerá-lo, dirigi-lo pela força material: nada podereis contra o pensamento. Tudo o que fizerdes, tudo

quanto disserdes, não o forçará. Ele ri-se de tudo, desdenha tudo, domina tudo. Quando quer iludir, quando a hipocrisia mundana ou religiosa o obriga a mentir, quando a ambição política ou comercial o faz revestir de máscara enganadora, conserva-se o mesmo e sabe o que quer. Não é isso a prova flagrante da existência do ser psíquico independente do cérebro?

Não é a matéria, não é um conjunto de moléculas que pode *pensar*. É tão infantil, tão ridículo admitir que o cérebro sente e pensa, como atribuir às pilhas geradoras de eletricidade do telégrafo a geração das idéias expressas no telegrama.

O espírito, o pensamento, a direção mental, não são nem a matéria, nem a força. A Terra que gravita em torno do sol, a pedra que cai, a água que corre, o calor que dilata ou comprime os laços entre os átomos, representam-nos, de uma parte, a matéria, e de outra parte a energia. O pensamento, o raciocínio, a direção, segundo uma intenção determinada, são outra coisa. Há ali um princípio muito diverso.

Todos conhecem os versos clássicos de Vergílio, no magnífico canto sexto da *Eneida*:

> *Spiritus intus alit, totamque infusa per artus,*
> *Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.*

"Tudo quanto existe no Universo é penetrado pelo mesmo princípio, alma animando a matéria, que se mescla com este grande corpo."

O poeta exprimiu a verdade. O Universo é dirigido pelo espírito, e quando estudamos esse espírito no homem, verificamos que ele não é nem a energia psíquica nem a matéria. Utiliza-se dos dois e rege-os freqüentemente à sua vontade.

As provas da existência da personalidade humana são inúmeras; seria necessário um volume especial para expô-las. Cada um de nós, além disso, as terá já apreciado muitas vezes.

Temos todos os dias essas provas sob os olhos: o estoicismo na adversidade, a energia desenvolvida para fugir da miséria, a dedicação às causas nobres, o sacrifício da vida à salvação da *pátria*, a vontade de vencer, o apostolado científico ou religioso, o martírio pela vitória do que se crê ser a verdade. Não haverá

em tudo isto outras tantas manifestações da existência da alma? Como seria possível que as secreções materiais do cérebro, análogas, como se pretende, às dos rins ou do fígado, possam produzir personalidades intelectuais?

Uma demonstração muito original da "realidade da alma pelo estudo dos efeitos do clorofórmio e do *curare* sobre a economia animal" foi apresentada há já muito tempo (em 1868) sob esse título, por um sábio distinto que eu conheci naquela época, o Sr. Ramon de la Sagra, membro correspondente do Instituto (Academia das Ciências Morais e Políticas), falecido em 1871, na ilha de Cuba.

A inspiração dos vapores de éter ou de clorofórmio elimina a sensibilidade geral, de modo que as pessoas mergulhadas nesse estado fisiológico extraordinário podem ser submetidas, sem sofrimento, às mais graves operações. E não só os pacientes eterizados ou cloroformizados não sentem dor alguma enquanto os instrumentos cortantes separam, cortam, torturam os tecidos, os nervos; não somente se conservam por inteiro insensíveis às lacerações, às feridas, às chagas que, no estado normal, lhes arrancariam gritos de padecimento e de pavor, mas muitas vezes acontece que a alma, nesse sono surpreendente, experimenta sensações agradáveis, esquisitas, deliciosas.

Ramon de la Sagra mostra esse fenômeno como demonstração científica da existência da alma. A alma e o corpo não são certamente a mesma coisa, pois neste caso estão patentemente separados; graças à influência do éter ou do clorofórmio, a alma continua a pensar individualmente, enquanto o corpo é torturado pelo ferro. Esses dois elementos do agregado humano estão aqui como que desunidos pelo agente anestésico. O sábio espanhol havia observado que sua mulher, nos momentos de insensibilidade, sob a ação do clorofórmio, guardava o pensamento intacto e que a inteligência não era nela afetada. Conversava tranqüilamente com o cirurgião Verneuil, enquanto ele lhe cortava as carnes e os nervos com o bisturi. E contava depois ao marido que as suas idéias tinham sido agradáveis em vez de dolorosas. Recordemos também que a dor foi suprimida pelo hipnotismo na escola de Nancy.

A distinção da alma e do corpo, a sua própria separação, são observadas em diversas circunstâncias e em certos estados de hipnose, de sonambulismo, de magnetismo, de desdobramento da personalidade, etc. As hipóteses fisiológicas apresentadas para explicar essas manifestações da individualidade psíquica, independe do organismo, são de todo insuficientes. A nossa concepção atual da vida e do pensamento está em vésperas de ruir.

Tudo nos prova que a alma humana é uma substância distinta do corpo. Ao contrário da sua etimologia, a alma não é um "sopro"; é uma entidade intelectual.

Quantas palavras, de resto, já mudaram de sentido, como a eletricidade, por exemplo, que deriva da palavra *ambar*.

Vamos fixar esta personalidade pela averiguação de faculdades supranormais, que nada têm de comum com as propriedades da matéria.

CAPÍTULO IV

Faculdades supranormais da alma, desconhecidas ou pouco estudadas, provando a sua existência independente do organismo material

– Pressentimentos. – Adivinhações. – Premonições. – Sensações em sonhos. – Chamadas misteriosas.

> *"Quando eu era criança falava como criança, raciocinava como criança; mas, quando me tornei homem, libertei-me de tudo o que conservava da criança."*
>
> *S. Paulo* (I Coríntios, XIII, 11)

Supor-se que num estudo qualquer pode ser alcançada a certeza, fora das matemáticas puras, é ser-se um pouco ingênuo; de nada temos a certeza; nossos sentidos, nossos métodos de observação, nosso entendimento não são suficientes para descobrir a realidade absoluta. A mais positiva ciência, a Astronomia, atinge a certeza nas suas medidas; é uma ciência exata, como a Aritmética, a Álgebra, a Geometria. *Sabemos* que o nosso planeta gira em torno do Sol, em 365 dias, 6 horas, 9 minutos, 9 segundos, a 149.500.000 quilômetros de distância; que o Sol é 1.301.000 vezes maior do que ele e 322.000 vezes mais pesado; que Marte gravita a 228 milhões de quilômetros do Sol, num ano de 686 dias, 23 horas, 30 minutos, 40 segundos e que se move sobre si mesmo em 24 horas, 37 minutos, 22 segundos, etc. A Física, a Química, a Zoologia, a Botânica, a Geologia estão longe dessa precisão; na mesma situação se encontram a Fisiologia humana e a Medicina, e a Psicologia ainda mais.

Todo o ensino psicológico das escolas e dos tratados clássicos deve ser completado e mesmo reformado.

Não tendo as faculdades normais da alma – o entendimento, o raciocínio, a vontade, objeto do ensino clássico, cujas manifestações são habituais e permanentes – estabelecido a prova indiscu-

tível da independência da alma para com o cérebro e a certeza da sobrevivência, acabamos de colocar o problema sob novo aspecto e devemos ir mais longe. O homem é, em primeiro lugar, um ser pensante. O pensamento é um fato. Ao lado desse fato primordial, não poderemos apurar se certas faculdades da alma, desconhecidas ou pouco estudadas, não nos oferecerão assuntos de investigação cuja análise cuidadosa nos ajude a dissipar uma ignorância muito duradoura, a esclarecer o problema da nossa constituição psíquica, a aumentar o nosso saber ainda tão limitado e a fixar enfim uma ciência psicológica aceitável, correspondendo aos nossos desejos, depois de tantos discursos estéreis num mesmo quadro e tantas dissertações inúteis ao redor de um mesmo círculo? Talvez que a Humanidade pensante seja apta para se libertar da sua prisão.

Que a alma existe em si mesma, independentemente do corpo, é o que o capítulo precedente nos incita a estudar experimentalmente. Se existe, como um átomo de ferro, de oxigênio, de hidrogênio ou de rádio, por exemplo (átomo que seria dotado da faculdade de pensar, átomo psíquico), ela sobrevive à desagregação orgânica, atravessa mesmo, no curso da vida corporal, as modificações materiais do cérebro assim como das idéias. O princípio anímico fica; só a forma é perecível.

Acabamos de reconhecer, pelas considerações precedentes, a probabilidade da existência pessoal da alma, fisiologicamente estabelecida. Podemos ir mais além e pôr em evidência essa existência pessoal pelas manifestações de faculdades da alma que não podem ser atribuídas às propriedades materiais do cérebro, às combinações orgânicas, químicas, mecânicas, faculdades intrínsecas.

A vontade, prova especial da individualidade do espírito, será examinada no capítulo seguinte, assim como outras faculdades demonstrativas. Mas quero primeiro assinalar certas faculdades inexploradas ou pouco estudadas, faculdades metapsíquicas, na feliz expressão de Charles Richet; por exemplo, o poder mental de sentir as coisas desconhecidas, ou, antes, de pressentir.

Que é o pressentimento? Qual é a natureza desta faculdade da alma, muitas vezes tão certa?

Neste estudo, há muito tempo começado, reuni, comparei, discuti centenas de observações.

Alguns dos meus leitores hão de lembrar-se de que, no curso do ano de 1899, empreendi um inquérito analítico sobre as faculdades da alma e suas manifestações, de que publiquei os primeiros resultados na minha obra *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*. Vinte anos decorreram e continuei a receber de um grande número de observadores notas que tenho procurado verificar o melhor possível, visto que, apesar da memória mais fiel e da mais incontestável lealdade, as recordações se modificam inevitavelmente e tornam os testemunhos mais ou menos suspeitos. Devemos pois empregar a maior severidade na aceitação desses fatos, muitas vezes extraordinários. Outro excesso seria rejeitá-los de antemão. A verdade fica no meio dos extremos, é preciso não esquecermos que

Pode às vezes não ser a verdade aceitável.

Conseguiram-se observar, na obra que mencionei, pressentimentos que tiveram determinada causa; por exemplo: à pág. 124, um colegial lamentando-se dolorosamente, na hora em que seu pai morria longe dele; à pág. 324, um estudante de Medicina encontrando um doutor que não via há muito e no qual acabava de pensar; à pág. 326, uma senhora oprimida por grande mal-estar, na hora em que seu pai morria separado dela; à pág. 332, um operário abandonando o seu trabalho e correndo para junto de sua mulher que vinha de ser derribada por um carro; à pág. 333, um homem deixando os seus amigos numa festa, a fim de voltar para casa, onde encontrou seu filho atacado de crupe e cercado de quatro médicos, etc. Esses pressentimentos provinham de transmissões, quando não de pensamentos e de chamadas, pelo menos de ondas psíquicas. Vamos estudá-las especialmente neste lugar.

* * *

O pressentimento, de que se vai ler a narrativa, é particularmente digno de meditação. Convido os meus leitores mais recalcitrantes a examiná-lo em todos os sentidos.

O Sr. Constans, Ministro do Interior e Presidente do Conselho, jantando um dia comigo no meu observatório de Juvisy, assim como a Sra. Constans, contou-me o seguinte fato com ele ocorrido:

> Era em 1889, na época de sua grande luta contra o General Boulanger [15] e contra o partido boulangista da revisão da Constituição francesa. Certo dia, de manhã, foi-lhe entregue, no gabinete ministerial, um livro entre a sua correspondência. Com pressa de dirigir-se ao Conselho de Ministros, atirou o volume para cima de uma mesa, pedindo à Sra. Constans para o examinar, e saiu. A Sra. Constans, que a sua criada de quarto penteava, colocou o livro nos joelhos e procurou abri-lo, pensando tratar-se de um missal enviado por sua prima. Mas, três dias antes, havia recebido "algumas infâmias" que a tornaram cautelosa. Quando, com muito cuidado, chegou a entreabrir o tomo, pareceu-lhe ver uma "porcaria". Entregou-o logo à criada, dizendo-lhe: "Leve isto para a sala de espera; é ainda uma infâmia..."
>
> Apenas a serva acabava de sair, a Sr. Constas, despenteada, seminua, correu para a sala, gritando: "Não o abra, não lhe toque!" (Por que?).
>
> Mandou chamar o Sr. Cassel, Diretor da Segurança Geral, e recomendou-lhe que examinasse o objeto, pressentindo algum mistério. O Sr. Cassel, mexendo no livro, viu cair pequenas partículas esbranquiçadas sobre a mesa. Chegou-lhes lume e elas arderam. Compreendeu o perigo, tomou o volume de baixo do braço e partiu para a Prefeitura, dirigindo-se ao laboratório do Sr. Girard. Uma hora depois o Sr. Cassel voltava, dizendo à Sra. Constans que o livro continha *dinamite* em quantidade suficiente para fazer voar a parte do Ministério em que o ministro residia. A Sra. Constans desmaiou e esteve doente oito dias.

Foi esta a narrativa que me fizeram, à mesa, o Sr. e a Sra. Constans, diante de uma dúzia de pessoas.

A esposa do ministro havia adivinhado o perigo; mais ainda, havia-o sentido com intensidade, a tal ponto que correu, meio

vestida, até à sala de espera do Ministério, para evitar que os empregados abrissem o pacote.

Não há aqui uma espécie de visão interna do espírito que não se relaciona, de resto, com a vista normal? Poderíamos comparar esta impressão ao faro canino. Mas que abismo entre as duas sensações! Haver suspeitado de uma ameaça explica-se, dadas as circunstâncias; mas haver *sentido violentamente* o perigo iminente?

Volvidos dias, o meu amigo Girard, Diretor do Laboratório da Prefeitura de Polícia, confirmou-me a sua análise especial da carga de dinamite.

Nesse mesmo jantar, a Sra. Constans comunicou-me um outro pressentimento, não menos digno de atenção, experimentado também por ela.

Dentro do meu princípio de tudo verificar por inquéritos documentados, consegui obter a confirmação do fato que se vai ler, pelo clínico que a ele foi associado, o Dr. Rességuet, de Tolosa, médico da família Constans, nesta carta que foi transcrita textualmente como as precedentes:

Carta do Dr. Rességuet

(CARTA 980)

"Tolosa, 16 de março de 1901.

Caro grande mestre:

Cumpro o dever de responder às suas perguntas, a respeito do pressentimento da Sra. Constans sobre a sua recusa de tomar um remédio enviado pelo farmacêutico. Eis o caso, que eu conto impessoalmente, como um historiador:

A Sra. Constans tinha vinte e três anos; vivia em Tolosa; um dia teve uma angina. O Dr. Rességuet, morador ainda em Tolosa, foi chamado para a tratar. Mandou-lhe pincelar a garganta com ácido clorídrico diluído. A mãe da Sra. Constans deu-lhe o frasco que continha o suposto ácido; mas a doente, muito fraca, recusou-se a aplicá-lo, dizendo que iam *matá-la*! ... e que aquele líquido não era ácido clorídrico... Após algumas tentativas infrutíferas, o médico quis provar à

sua doente que o medicamento era bom. Pôs no frasco um fósforo, que imediatamente se carbonizou. Era ácido sulfúrico!...

Eis do que me lembro. Não guardei outros pormenores na memória, mas não esqueci que houve um erro grave do farmacêutico, numa das minhas receitas, e que a Sra. Constans, num pressentimento seguro, entendeu que devia repelir o emprego do remédio.

Procurei obter outros pormenores e não o consegui; sei porém que se tratava de uma angina, segundo os meus livros de apontamentos daquela época. A minha receita devia ser aviada em dois frascos, sendo um para cauterização e outro para uso interno, e o erro do farmacêutico consistiu numa troca de rótulos; mas afirmo ter conservado a lembrança do feliz pressentimento que salvou a Sra. Constans dos efeitos terríveis da ingestão de um cáustico.

Permita-me agora que lhe diga, senhor e grande mestre, que pertenço ao número daqueles que muito admiram os seus doutos e interessantes escritos sobre a *pluralidade dos mundos* e que sou, de há muito, um seu discípulo na teologia científica que vem salvar as aspirações religiosas da Humanidade contra o materialismo.

Digne-se aceitar a homenagem de meu profundo e sincero reconhecimento, homenagem bem merecida.

B. Rességuet”.[16]

Aqui temos duas observações de pressentimentos experimentais incontestáveis e de que a fisiologia materialista não dará certamente nenhuma explicação. Poderia ajuntar uma centena de observações análogas, demonstrando a existência de faculdades internas ainda desconhecidas e a estudar para a nossa instrução pessoal.

Não há aqui nem ato de raciocínio, nem transmissão de pensamento, nem telepatia. É uma espécie de adivinhação. A transmissão de pensamento, a telepatia serão objeto de capítulos especiais. Entramos na análise de todo um mundo desconhecido

e devemos distinguir com cuidado a natureza intrínseca dos fenômenos.

Teremos de estudar fatos idênticos nos capítulos da vista sem a intervenção dos olhos, da telepatia e da previsão do futuro. Limitemo-nos por agora a esses restritos pressentimentos no estado de vigília, sem nos ocuparmos por enquanto do que acontece nos sonhos.

Já contei algures que Delaunay, Diretor do Observatório de Paris, tinha o pressentimento de que a água lhe seria fatal e se recusou sempre a viajar por mar. Um dos seus parentes, o Sr. Millaud, porém, em 1872, pediu-lhe que descansasse dos seus trabalhos, durante uma semana. Dirigiram-se ambos a Cherburgo e afogaram-se quando voltavam de visitar a baía, em virtude de o navio se voltar, impelido pela ventania. Nas suas *Confissões* (tomo IV, pág. 425), Arsène Houssaye narra a seguinte história análoga.

Sua irmã Cecília havia fugido da invasão prussiana de 1870, retirando-se para uma cidade da beira-mar.

> "Um dia propuseram-lhe um passeio pelo oceano, mas logo minha irmã gritou: "Não, não quero andar sobre as ondas". Perguntaram-lhe a razão disso e ela contou que uma vez, em Toulon, ao subir para um barco, uma italiana que lia as sinas a aconselhara a ficar em terra: "Caríssima senhora, o mar far-vos-ia mal". Minha irmã não fez caso da profecia e deu-lhe cinco francos; mas apenas chegou ao mar, uma rajada de vento atirou-a à água, sendo salva da morte. No dia seguinte, a cigana apresentou-se no hotel da sub-prefeitura. Não quiseram recebê-la, mas minha irmã dirigiu-se-lhe. A velha sibila fitou-a e vaticinou-lhe que o mar lhe seria fatal.
>
> Eis por que não quis refugiar-se na Inglaterra, onde era esperada por uma das suas amigas.
>
> Em vez de um passeio pelo mar, decidiram um passeio por terra firme.
>
> Era 10 de outubro; o prefeito, sua mulher, sua filha, duas sobrinhas e minha irmã dirigiram-se alegremente à ponta de Penmarc'h, promontório eriçado de rochedos ciclópicos.

Penmarc'h quer dizer cabeça de cavalo, porque todos os bretões têm a linguagem figurada de Chateaubriand. O mar vem arrebentar aí com fragor de tempestade; tudo são abismos e turbilhões; de sorte que de baixo da cabeça de cavalo está a furna do inferno. O prefeito levou, portanto, as mulheres, moças e belas à ponta de Teul-an-Ifern, para que elas vissem o medonho espetáculo do mar em fúria. Todas iam risonhas ao chegarem ao rochedo, como se entrassem num camarote da ópera. Enquanto se sentavam aqui e ali, o prefeito fumava um charuto, próximo da porta do atelier de um pintor de marinhas. As mulheres chamaram-no para que ele contemplasse a esplêndida vista do mar sitiando o rochedo. Nada temiam, porque o assalto das vagas detinha-se muito longe delas.

Eram horas de voltar, mas minha irmã, empolgada pela áspera beleza do espetáculo, pediu cinco minutos mais de espera. De repente, um vagalhão, uma dessas ondas terríveis que surgem como um raio, salta, escala o rochedo e arrasta para o mar as cinco damas espavoridas.

O prefeito empalidece, vendo o turbilhão e uma sombrinha atirada para junto dele.

Um único grito: Minha mãe! Corre como para combater as vagas, mas a onda já descera, levando a sua colheita. E depois, mais nada! Só o mar que abrandou, cantando o *De Profundis*, com o seu ramalhete de mulheres no seio.

O oceano ciumento guardou minha irmã na voragem, sem a lançar à praia. Nada reapareceu dela, nem o seu corpo esbelto, nem os seus cabelos destrançados pelas ondas, nem o seu guarda-sol, nem o seu leque. Só ficou dela o grito: "Minha mãe!"

Foi um pombo branco que me trouxe esta notícia lúgubre. Ai de mim! Os pombos do cerco de Paris não traziam nunca boas notícias."

Os pressentimentos, as advertências desta ordem são demasiadamente numerosos para serem fortuitos, e não deve surpreender-nos o interesse que há em procurar explicá-los. Fazem parte dos nossos fenômenos psíquicos a estudar. Uma coincidência do

acaso, sim; mas dez, vinte, cem, mil? Não! Não há nenhuma superstição na análise desses mistérios.

Esta outra narrativa mostra-nos um homem perfeitamente ponderado que, achando-se de visita em casa de amigos onde devia passar e noite e que ficava situada a 20 quilômetros da sua, experimenta a sensação de uma desgraça indeterminada e, mudando de projeto, volta logo para a sua vivenda, onde encontra a mãe jogando as cartas, deitando-se em seguida como de costume e aparecendo-lhe, depois, no fim dessa noite, para o avisar de que morre, na mesma hora em que, de fato, morria da ruptura de um aneurisma, num quarto do outro extremo da moradia. Há aqui dois fatos distintos: 1º- sensação a distância de uma desgraça imprevista e iminente; 2º- aparição na hora da morte.

Eis a carta:

(CARTA 814)

"Caro mestre:

Importa aos conhecimentos que revela ao mundo que eu lhe comunique o que me aconteceu, há cinco anos, sem que disso possa duvidar, apesar do seu severo método de observação. Em primeiro lugar vou dizer-lhe quem sou.

Atualmente (1899) tenho 35 anos, gozo de boa saúde, nunca tive alucinações e fui sempre céptico no que diz respeito a visões e pressentimentos.

Sou proprietário e moro na minha herdade. Ocupo-me da gestão de minhas terras e sou também funcionário ao serviço do Estado. Sou *semsky matchalmik* – o que se pode traduzir por administrador e juiz territorial – no distrito de Kolm, província de Pskoff.

Às 7 horas e meia da manhã, em 20 de abril de 1894, minha mãe, Olga Nikoloiewna Arboussoff, falecia. Nada deixava prever essa morte, pois minha mãe contava 58 anos e gozava saúde. Eu morava com ela na propriedade que habito ainda: aldeia Tnoukovo, distrito de Kolngdepskof.

No ano de 1894, o dia 20 de abril (dia do falecimento de minha mãe) caía na semana de Páscoa (estilo antigo), e a 19

estava eu de visita em casa de amigos para cumprimentá-los na ocasião dessa festa.

Viviam a 20 quilômetros da minha herdade e freqüentemente eu passava a noite com eles, voltando a casa no dia seguinte. Dispunha-me a fazer o mesmo desta vez. Entretanto, um pressentimento indefinível impediu-me de me demorar e, apesar de instantes rogos, pus-me a caminho já de noite. Durante a marcha não me sentia bem, atormentava-me o pressentimento de uma desgraça próxima. Só experimentei alguma tranqüilidade quando, ao chegar a casa, encontrei alguns amigos jogando as cartas com minha mãe.

Ela sofria de violentas enxaquecas e, quando eu lhe perguntei como estava, respondeu-me que a cabeça lhe doía um pouco. Ao retirar-me para o meu quarto, dei-lhe as boas noites, como de costume, e não tardei a adormecer.

A minha casa é vasta e o meu quarto era bastante afastado do de minha mãe; separavam-nos duas paredes de pedra.

No dia seguinte (20 de abril) acordei, coberto de suor frio e todo trêmulo pelo pesadelo terrível que me havia acometido. A bem dizer, não era um pesadelo, era uma visão. No momento de acordar, às 7 horas e meia precisas (pois consultei logo o relógio), vi minha mãe distintamente aproximar-se da minha cama. Beijou-me na testa e disse-me:

– Adeus, eu morro, eu morro!

Dispunha-me a levantar-me e a ir ao seu quarto, quando ouvi de repente grande alvoroço na casa. Toda gente corria. A camareira de minha mãe precipitou-se na minha alcova, chorando e gritando:

– A senhora acaba de falecer!

Segundo a versão dos criados, parece que minha mãe se havia levantado, nesse dia, pelas 7 horas, dirigindo-se ao quarto dos netos. Beijou sua netinha, voltou à sua câmara, ajoelhou diante dos ícones para recitar, como costumava, as rezas da manhã. Quando se prosternava ante as imagens sagradas, faleceu repentinamente. A morte fora motivada pela ruptura de um aneurisma: congestão fulminante.

Foi, pois, exatamente às 7 horas e meia, a hora da minha visão, que ela morreu.

Eis, caro mestre, o fato que entendo dever comunicar-lhe.

Se desejar fazer-me algumas perguntas, apressar-me-ei a responder a elas, no interesse das suas preciosas pesquisas tão documentadas. Parece-me, de resto, que já lhe escrevi uma vez.

Alexis Arboussoff
Kolm, governo de Pskoff (Rússia).” [17]

Há aqui duas coisas notáveis a interpretar para nossa instrução.

Seja qual for a narrativa do observador – que pode variar, nas expressões, segundo sua memória – e seja qual for a ortografia das línguas estrangeiras, os fatos existem em si.

Em primeiro lugar, o relato é cientificamente admissível. Ele vem de um homem refletido, na força da vida e do raciocínio, e o nosso dever é considerá-lo com o cuidado com que consideraríamos uma observação astronômica, meteorológica, química ou outra qualquer observação positiva.

Dois fatos, dizíamos nós, merecem examinados.

O Sr. Aléxis Arboussoff, de 30 anos de idade, em 1894, vivendo com sua mãe, que contava 58 anos, vai visitar amigos a 20 quilômetros da sua herdade, na intenção de aí passar a noite e voltar no dia seguinte. Ora, nessa mesma noite, é assaltado por doloroso pressentimento que o impede de pôr em execução o seu projeto: sentiu-se forçado a regressar apressadamente a casa. Ao chegar, ficou surpreendido por não encontrar a explicação do seu pressentimento, vindo encontrar tudo tão sossegado como habitualmente. Alguns amigos jogavam as cartas com sua mãe.

Seria interessante determinar de que proveio a causa desta sensação telepática.

Não parece que seja da parte da mãe, pois ela parecia tranqüila acerca de sua saúde, apesar da enxaqueca de que sofria. Conhecemos circunstâncias em que se fizeram chamadas dolorosas, física ou mentalmente, sendo ouvidas ao longe sob uma forma

qualquer. Neste caso, adivinhamos principalmente uma intuição no espírito do filho. A comunicação psíquica entre os dois seres não é, todavia, duvidosa, e implica uma previsão singular do futuro. A Sra. Arboussoff ia falecer dentro de poucas horas, sem que nem ela nem seu filho nisso pensassem. Mas há em nós alguma coisa mais do que a consciência normal aparente. Seja qual for o seu nome: "inconsciente", "subconsciente", "subliminal", essa coisa existe. Disso é que não podemos sair.

Pois bem: tal coisa é o nosso ser íntimo, transcendente, permanente, anterior ao nosso corpo material e que não depende dele; é a nossa alma, cujas faculdades são desconhecidas da ciência clássica.

Vejamos agora o segundo ponto.

O narrador, proprietário e juiz territorial, deita-se e adormece no sono do homem honrado e satisfeito com a sua sorte. Mas, no dia seguinte, acorda coberto de suor, sobressaltado por terrível pesadelo. Que seria? Sua mãe, falecida repentinamente no seu quarto, muito distante, separado do dele por dois outros compartimentos, aproxima-se do leito, beija-o na fronte e diz-lhe: "Adeus! Eu morro!"

A ação pessoal da moribunda não é duvidosa, neste caso. É preciso que o seu espírito tenha atuado sobre o do filho, a ponto de representar-lhe a sua imagem. Não devemos concluir disto que qualquer coisa de material ou semimaterial, um corpo etéreo, vestido como a defunta, se transportasse do quarto da mãe para o do filho; uma tal interpretação não é necessária. Mas, esta mãe, contudo, mostrou-se realmente ao filho, anunciando-lhe a sua morte. É esse o fato incontestável que não podemos negar.

Não existe aqui a prova da existência de um espírito no organismo humano, espírito pensante, afeição, personalidade mental? A observação é tão positiva e irrecusável como a de um bólido, um raio, um fenômeno físico verificado com exatidão.

Essa mãe agiu em espírito sobre o filho, e a ação psíquica do seu cérebro traduziu-se pela sua imagem.

A observação seguinte oferece certa analogia com a precedente e põe também em evidência uma faculdade da alma supranormal a estudar:

“Minha mãe faleceu em 4 de outubro de 1888, em sua casa, a 5 quilômetros de Ozark (Missouri). Tinha 58 anos. Eu morava então em Fordland, a 28 quilômetros da habitação de minha mãe. Havia dois meses que não a via, escrevia-me, porém, todas as semanas.

Na noite da sua morte, assistíamos, eu, minha mulher e um filhinho de um ano, a uma cerimônia religiosa. Pelas 10 horas da noite, antes dessa cerimônia acabar, enquanto a congregação cantava, experimentei o desejo de ver minha mãe, pensamento que me foi sugerido por pessoas que pareciam sentir muito calor, recordando-me que minha mãe sofria de sufocações durante as quais carecia de ar. Nos seus rostos pareceu-me ver minha mãe sofrendo. De repente, fui assaltado por uma vontade impulsiva e tão violenta de correr para ela que confiei meu filhinho a uma vizinha e deixei a igreja sem avisar minha mulher, que estava em outro ponto do templo. Acelerei a marcha para tomar o comboio, mas perdi-o. Com a impaciência de chegar sem demora perto de minha mãe, segui a pé pela via-férrea, num percurso de 11 quilômetros, e, tomando depois outro caminho, entrei na vivenda materna pelas 3 horas da manhã. Tinha mais de quatro horas de marcha.

Minha mãe acabava de expirar! Bati, ninguém respondeu. Consegui abrir a porta e encontrei minha irmã, que o barulho acordara. Perguntei-lhe onde estava nossa mãe e ela respondeu-me:

– Está no seu leito.

– Ah! ela morreu! – exclamei.

Era verdade. Dirigimo-nos à sua cama; tinha morrido algumas horas antes, certamente! Deitara-se às 10, sentindo-se melhor que de costume e combinando com minha irmã levantar-se cedo para ir a Ozark.

Tomás Garrison.”

Um inquérito a que procedeu a Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas tornou públicos os pormenores da verificação dessa narrativa pela irmã do narrador, sua mulher e vizinhos.[18]

Eis, pois, um homem que, sem causa conhecida, sem razões normais, abandona um ofício religioso em que tomava parte, entrega o filhinho de um ano a uma vizinha, não previne sua mulher, e anda quilômetros a pé, de noite, para ir ver sua mãe que acabava de falecer!

Que o espírito da agonizante impressionou o seu, parece-me indubitável. Foi também o espírito do narrador que sentiu esta emoção tão imperiosa como incompreensível. Por parte da mãe, foi tal ação consciente ou inconsciente? Não o sabemos. Mas, que houve entre mãe e filho uma comunicação psíquica, uma correspondência mental, não se pode deixar de admitir. É o que classificamos de faculdades supranormais pertencentes à alma, fora dos sentidos físicos.

Continuemos o nosso livre exame.

Devemos incluir o fato que se segue na categoria dos pressentimentos trágicos? Ele é, em qualquer caso, dos mais extraordinários.

Em centenas e milhares de fenômenos psíquicos desta ordem, só nos sentimos embaraçados na escolha, para certificar a existência, no homem, de faculdades desconhecidas e de enigmas a resolver. Aqui temos um, por exemplo, de observação bastante recente, que me foi contado de viva voz pela pessoa com quem se deu:

> "Uma senhora que vivia em Paris (Sra. Marichal, rua Custine, 20, XVIII Distrito) acordou na noite de quinta-feira, 26 de março de 1914, sob a impressão de terrível pesadelo. Uma espécie de espectro, vago, sem forma, chegou-se perto de sua cama, apertou-lhe os braços e murmurou entre ameaças terríveis:
>
> – Teu marido ou tua filha – um dos dois – tem de morrer. Escolhe!
>
> – Escolher entre meu marido e minha filha? É impossível? Nem um nem outro – respondeu, toda trêmula.

– É preciso que escolhas – replicou a aparição –. Um dos dois há de morrer. Decide! Qual deve ser sacrificado?

Presa das mais dolorosas angústias, a paciente debateu-se longamente, sem poder decidir. Louca de dor, nega-se a responder. Que sofrimento indizível lhe apertava a alma! Adivinha-se. Seu marido, de 46 anos, gozando de perfeita saúde, estava ao lado dela. Sua filha, que a acompanhava quando me contou essa alucinação singular, é, no momento em que escrevo estas linhas (junho de 1918), uma bela rapariga de 17 anos. Compreende-se o estado de agitação da Sra. Marichal. Sentia por ambos afeição idêntica.

Finalmente, vencida por vontade mais forte que a sua, e insistindo a visão em receber uma resposta, acabou por confessar a si própria que o amor materno deve dominar tudo e que sacrificaria seu esposo de preferência à sua filha.

Volvidos 5 dias, o Sr. Marichal, a quem ela não tinha contado o seu pesadelo e que nunca estivera doente, sentia-se cansado, ao voltar do seu escritório (cabos submarinos) e deitava-se. O médico, chamado na quarta-feira, não descobriu nenhum sintoma de moléstia e diagnosticou uma *gripe* ligeira. Na quinta-feira o seu estado agravou-se. No sábado, o condenado estava morto. O coração parara de súbito, segundo declaração do médico. Nenhum indício de doença cardíaca havia sido observado nele.”

Interroguei, juntas e separadamente, a Sra. Marichal e sua filha para confrontação dessa história singular, e, na minha opinião, não há dúvida alguma quanto à autenticidade.

Podemos acrescentar este sonho premonitório aos 76 análogos publicados em *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*. Mas, que forma sinistra! E como explicá-lo?

A maneira mais simples é supor que o Sr. Marichal devia morrer naquela data, sem que desconfiasse do seu estado de saúde. Quando morremos, não é, em certas circunstâncias, senão ao cabo de uma doentia evolução, de que não nos apercebemos. Julga-se gozar saúde: um mal desconhecido enfraquece-nos gradualmente. O subconsciente da esposa, muito sensitiva, pode

ter percebido inconscientemente esse estado mórbido e o desfecho fatal... A nossa personalidade psíquica é dotada de faculdades ainda pouco analisadas.

É esta uma hipótese explicativa, mas não passa de hipótese.

Se a aceitássemos, seria preciso, para completá-la, adivinhar como essa intuição tomou o aspecto de aparição anunciadora.

Outra hipótese: o mundo invisível em que vivemos não conterá seres tão invisíveis como as forças que governam a Natureza – a atração, a eletricidade, o magnetismo solar e planetário, etc., seres, espíritos, pensamentos que poderiam possuir uma consciência rudimentar, assim como a faculdade de ver o que se passa num organismo vivo, e manifestar-se? É esta uma hipótese ousada, mas que nos ajudaria a compreender a observação que acabamos de relatar, assim como muitas outras inexplicadas. Um ser invisível tornado visível teria, por assim dizer, imposto à Sra. Marichal o jogo da carta obrigada. Todos temos visto prestidigitadores que nos apresentam um baralho de cartas, convidando-nos a escolher uma delas, "livremente". Ora, escolhemos sempre a carta que eles querem (com exceção das substituições). O espírito que imaginamos teria sabido e visto que o condenado devia morrer em breve prazo e forçaria a própria esposa à designá-lo.

Imaginando esta hipótese, confesso que me parece pouco verossímil; mas não é inaceitável. Ela lembra, sob outro aspecto, o anjo guardião que a religião cristã nos designa como sendo o companheiro invisível do crente. Que isto seja ou não aplicável ao caso, o fato a explicar aí está diante de nós e inatacável.

Não poderemos admitir também, por uma série bastante rica de observações concordantes, que a atmosfera, ou melhor, o éter, contém um elemento psíquico ainda não descoberto? A composição química do ar, em que entram o oxigênio e o azoto, só foi descoberta no século XVIII. Julgava-se conhecer inteiramente esta composição, quando há vinte anos se descobriram elementos sutis ignorados, o *néon*, o *crípton*, o *árgon*, o *xènon*. É possível que existam outros mais tênues ainda e de essência superior. Cada segundo uma alma humana abandona um corpo. Aniquilar-se-á? Nada o prova. O número dessas almas é de 86.000 a

100.000 por dia, pouco mais ou menos um milhão em dez dias, dez milhões em cem dias, 36 milhões por ano. Pensar, como Victor Hugo, que "está tudo cheio de almas", talvez não seja só uma ficção poética. Quem sabe se este elemento psíquico não estará em jogo na explicação dos fenômenos que estudamos?

Todavia, no caso que aqui nos interessa, a primeira hipótese parece-nos a mais provável, sobretudo se refletirmos que o nosso ser mental pode exteriorizar-se, sair de nós, tomar forma alheia ao nosso *eu* consciente, e mesmo conversar conosco, como acontece nos sonhos. Trata-se justamente de um sonho, primeiro inconsciente, e que ao despertar se tornou alucinatório.

Vê-se, por isto, quanto é complexo o problema que estudamos. Este exemplo, que acabo de apresentar entre mil, visa unicamente, por enquanto, justificar o título deste capítulo: "Faculdades da alma desconhecidas ou pouco estudadas". Ele tem o número 4.033 no inquérito a que já aludi.

Uma história que de alguma forma se relaciona com a da Sra. Marichal foi relatada no *Ainslee's Magazine*, de março de 1892, pelo Dr. Minot Savage. Ei-la:

> "Num arrabalde de Nova Iorque, morava um moço que acabava de terminar os seus estudos no estrangeiro, na Universidade de Heidelberg. Seu temperamento era muito imaginativo. Alto e robusto, gozava da fama de atleta. Seus estudos preferidos eram as matemáticas, as ciências físicas, a eletricidade. Chegava do estrangeiro e, tanto quanto se podia avaliar, dispondo de excelente saúde. Vivia então com sua mãe na casa de campo que ela possuía naquela região. Tinha por hábito dar um passeio todos os dias, depois do jantar, fumando o seu cachimbo. Uma noite, voltou tranqüilamente e deitou-se sem nada dizer a ninguém. No dia seguinte de manhã foi ao quarto de sua mãe antes de ela se levantar, passando-lhe brandamente a mão pelo rosto para a despertar; depois exclamou:
>
> – Mãe, tenho uma coisa triste a comunicar-te. É preciso que te armes de coragem para poderes suportar a minha má notícia.

Ela ficou, naturalmente, atônita e perguntou-lhe aonde queria chegar.

– Mãe, sei o que digo; morrerei em breve.

Perturbada e angustiada, como bem se pode imaginar, pediu ao filho que se explicasse.

– Ontem à noite – respondeu ele –, quando fazia o meu passeio, apareceu-me um Espírito e começou a andar a meu lado. Fui prevenido. Devo morrer.

Muito impressionada, a mãe mandou chamar um médico e contou-lhe o fato. Ao cabo de atento exame, o clínico nada encontrou de anormal no estado do moço e garantiu que tudo o que lhe acontecera não passava de um mau sonho, pura alucinação em que não devia pensar mais, e que, dentro de alguns dias, a mãe e o filho se ririam dos seus sustos imaginários.

No dia seguinte o rapaz não se mostrava tão bem disposto como de costume, e o médico, reclamado pela segunda vez, zombou novamente dos seus receios.

Ao terceiro dia, o estado do doente agravou-se, o doutor teve de voltar e foi então obrigado a diagnosticar um caso de apendicite. O enfermo foi operado e faleceu 48 horas depois. Cinco dias apenas haviam decorrido entre a visão e a morte.”

Tem-se por hábito substituir, inconsideradamente, esses fenômenos pela palavra alucinação, imaginando-se, assim, resolver o problema. Isto não é sério.

Nos inúmeros documentos desse inquérito, ser-me-ia fácil encontrar outros, de natureza diversa dos precedentes, mostrando a extensão do domínio desconhecido que temos de explorar. Ao acaso, encontro uma carta bem diferente da precedente comunicação e não menos curiosa. Foi-me endereçado de Constantinopla, em 22 de setembro de 1900. É a seguinte:

(CARTA 943)

“Senhor professor:

Cumpro o dever de lhe assinalar dois casos observados por mim para o inquérito científico experimental a que consagra lealmente tantas horas ocupadas no desenvolvimento da instrução geral.

Um homem do meu conhecimento estava, certo dia, em minha casa, em Constantinopla, pelas 11 horas e meia da manhã, e dizia-me:

– Não sei qual a razão disto; mas, durante toda a manhã tem-me perseguido o pensamento de que minha tia faleceu em Gênova.

Perguntei-lhe então se sabia que ela estivesse doente, e ele respondeu-me que tinha cortado as relações, havia dez anos, com sua família e nenhuma notícia recebera. Enquanto conversávamos e eu procurava provar-lhe que tal pressentimento era imaginário, o seu criado chegou e entregou-lhe um telegrama de Gênova, no qual o avisavam da morte repentina de sua tia, naquela manhã.

Esse mesmo homem, na noite de 31 de julho passado, acordou em sobressalto e disse à sua mulher:

– Mataram o rei da Itália.

A esposa, julgando que ele estivesse a sonhar, nada replicou. No dia seguinte falou-lhe no caso, mas ele respondeu que não se tratava de um sonho e que havia proferido aquelas palavras sem saber como nem por que.

Da janela, avistava-se o porto, e ele disse a sua mulher:

– A melhor prova de que o rei da Itália não morreu é que os navios ancorados içaram as suas bandeiras.

Uma hora depois voltou à janela e observou que desta vez os navios tinham as bandeias a meia-haste. Surpreendido com tal mudança, procurou informações, e em breve soube que, durante a noite, o Rei Humberto fora assassinado. Sobressaltado por esta coincidência, acaba de vir consultar-me, como médico alienista, perguntando-me se essa visão não denota algum sintoma grave para o seu cérebro! Tranqüilizei-o, mas não me esqueci de tomar nota do fato, tanto mais

que esse homem perfeitamente equilibrado é digno de fé a todos os respeitos.

Aguardando a sua resposta, peço-lhe que desculpe a ousadia de me dirigir ao senhor sem ter a honra de o conhecer pessoalmente, e que aceite as minhas respeitosas homenagens.

Dr. L. Mougeri
Médico alienista do Real Hospital Italiano
– Rua Cabristan, 20, Constantinopla.”

Aí têm, como se vê, dois casos análogos de telepatia, apesar de diferentes: 1º- uma morte percebida a distância, de Constantinopla a Gênova, em estado de vigília; 2º- assassinato do rei da Itália, conhecido durante o sono.

A percepção dos dois acontecimentos não é duvidosa. Será a explicação igual para ambos? No primeiro, há probabilidades de uma corrente particular entre a tia e o sobrinho; no segundo uma transmissão em ondas esféricas gerais. É difícil decidir. Em virtude dessa dificuldade é que o número de observações tem valor real.

Agradeci ao probo médico esta comunicação que juntarei a tantas outras. Ninguém tem o direito de duvidar de tais fatos. Não querer ver em tudo senão ilusões é insensato, é negar o Sol ao meio-dia. O ser humano é ainda para nós um mistério inexplorado, a ciência das escolas seguiu um rumo errado até hoje, e quem procurar a verdade deve, de agora em diante, convencer-se de que existem *faculdades desconhecidas da alma*, as mais importantes, para serem descobertas, determinadas e explicadas.

É opinião minha que devemos estudar tudo sem parcialidade. Francisco Sarcey teve um dia a gentileza de me transmitir uma carta, que acabava de receber, sobre quiromancia, datada de 22 de março de 1899, e que começava assim:

(CARTA 841)

“Ninguém mais do que eu, talvez, admira o seu bom senso, os princípios excelentes que professa e os conselhos prudentes que espalha nas suas crônicas. Mas não se pode saber

tudo e o alto bom senso que é o seu atributo (coisa rara) não lhe permite, concordo, sondar o que parece insondável à primeira vista. O senhor é nisso diametralmente oposto a Flammarion, que possui o verdadeiro bom senso científico: *ele nada rejeita sem prévio exame*.

22 de março de 1899.

A. de M."

Esta carta continua por uma dissertação sobre a quiromancia, que não entra aqui em discussão. Se reproduzi este trecho, é simplesmente para lembrar o cuidado que devemos ter em não desdenhar nada, com o fim de conseguirmos, sem obstáculos criados por idéias preconcebidas, determinar o que há já de verdadeiro, de real, nos fenômenos psíquicos. Sarcey foi tanto mais amável em comunicar-me a mencionada carta quanto ele não acreditava absolutamente nesses fenômenos.

E, no entanto, como são numerosos! Como são irrecusáveis tais fenômenos! Não os desprezemos mais.

Nem sempre é fácil averiguar e discutir as faculdades supranormais da alma. O seguinte caso, que me comunicaram de Cette, em 20 de janeiro de 1912, foi um dos que me provaram quanta razão tive em convidar, pela imprensa, as pessoas que haviam experimentado essas impressões a trazê-las ao meu conhecimento, no interesse do progresso da nossa instrução geral:

(CARTA 2.220)

"Certa noite, saí do Grande Café, em Cette, deixando ali um dos meus bons amigos, cheio de saúde; era meia-noite em ponto. Deitei-me de muito bom humor e adormeci no sono do justo, disposto a gozar um descanso bem ganho.

De repente, às 3 horas da manhã, acordado por terrível pesadelo, ergui-me na cama. Vi o meu companheiro com o crânio aberto, agonizante, dizendo-me adeus e beijando-me. Era horroroso! Ainda tenho esta visão clara na memória. Espavorido, vesti-me e esperei o dia, contando que as distra-

ções do vai-e-vem fariam desaparecer do meu cérebro o horrível pesadelo que o atormentava.

Às 7 horas da manhã saí de casa. Vinham avisar-me de que o meu lastimado amigo Théaubon, ao visitar uma amiga, havia saltado por uma janela, devido a circunstâncias que não interessam ao caso, e fendido o crânio, morrendo instantaneamente. Atordoado, abatido e sempre sob a impressão de meu pesadelo, quase desmaiei.

O que relato é a expressão da verdade, pois tenho tanta veneração e respeito pelo grande sábio que no senhor admiro, que não lhe diria uma coisa que não fosse rigorosamente exata.

Louis Périer
Empregado na Municipalidade de Cette."

Como interpretar esta visão?

Foi o espírito do narrador que vislumbrou o desastre, a distância? Ou, pelo contrário, foi o indivíduo que veio mostrar-se?

Conhecemos tão grande número de exemplos a distância que a primeira explicação parece a mais exata.

Entretanto, o autor não viu o desastre, viu o seu amigo com o crânio aberto, agonizando e beijando-o.

Mas, por outra parte, se a morte foi instantânea e num momento tão trágico, como supor que ele pensasse no amigo?

Não é provável, mas é possível, afinal, pois tinha-o deixado três horas antes.

Vê-se quanto a questão é complexa.

Aqui temos agora um caso muito notável de sensação telepática de acidente a distância, por uma mulher sobre o marido, extraído dos *Phantasms of the Living*. Trata-se do Dr. Ollivier, médico em Huelgoat (Finisterra). Escreve ele:

"Em 10 de outubro de 1881 fui chamado para um serviço médico na aldeia, a três léguas de minha casa. A noite, muito escura, tinha-se fechado. Tomei um caminho estreito dominado por árvores que formavam abóbada. A escuridão era

tão cerrada que nem sequer via para guiar o meu cavalo. Deixava o animal dirigir-se por seu próprio instinto. Eram aproximadamente 9 horas; o trilho que eu seguia nesse momento estava semeado de grossas pedras redondas e apresentava declive muito intenso. O cavalo ia a passo, lentamente. De repente, as patas dianteiras do animal tropeçaram e ele caiu com as ventas no solo. Fui projetado naturalmente por cima da sua cabeça, o meu ombro bateu na terra e fraturei a clavícula.

Nesse momento, minha mulher, que se despia e se preparava para deitar-se, teve a sensação íntima de que eu acabava de sofrer um desastre; um tremor nervoso apoderou-se dela; pôs-se a chorar e chamou a criada:

– Venha depressa, tenho medo, aconteceu uma desgraça a meu marido; morreu ou está ferido.

Até que regressei, reteve a criada perto de si e não cessou de chorar. Queria mandar um homem à minha procura, mas ignorava a que localidade eu tinha ido. Cheguei a casa pela 1 hora da manhã. Chamei a serva para me dar luz e desaparelhar o meu cavalo.

– Estou ferido – disse-lhe –, não posso mexer o ombro.

Estava confirmado o pressentimento de minha esposa.

A. Ollivier
Médico de Huelgoat (Finisterra).”

Tenho, na minha coleção, um certo número de fatos idênticos, sensações de desastres, de acidentes a distância. Mencionarei mais adiante um deles, quase igual a este e experimentado três quartos de hora antes.

A existência real da alma manifesta-se pelos testemunhos de faculdades psíquicas que não podem ser atribuídos à matéria e que por enquanto não estudamos suficientemente. O homem não conhece ainda a sua verdadeira natureza. É dotado de faculdades apenas suspeitadas, que serão desenvolvidas pela sua evolução gradual. As escolas de ensino clássico seguiram um trilho errado.

Vê-se, toca-se, analisa-se, disseca-se, no organismo humano, somente o que há de mais aparente, mais superficial, mais grosseiro. O que ele possui, intimamente, de sutil ainda é ignorado e seria no entanto o mais essencial a conhecer.

O estudo analítico experimental das faculdades da alma deve, doravante, substituir as idéias da metafísica antiga e as palavras que as representam. O pretenso conhecimento da alma consistia, efetivamente, em palavras.

Há pouca coisa de real nas expressões que satisfizeram os seres durante séculos e que nada ensinaram. Para o futuro, impõe-se outro método. Esse exame das faculdades da alma humana vai-nos levar a compreender, o mais exatamente possível, as observações positivas que as revelam e que porão em evidência a realidade de fatos paradoxais muito contestados ainda, como estes:

a vontade atuando sem a palavra e à distância;

as transmissões psíquicas – telepatia;

a vista sem os olhos, pelo espírito;

a previsão do futuro;

as manifestações de defuntos, tanto no momento da morte como depois.

Observações diversas e independentes concorrem para afirmar que há no homem um elemento psíquico ativo, diferente dos sentidos materiais.

Entramos aqui num mundo imenso, mais novo que o de Cristóvão Colombo quando descobriu as pretensas Índias ocidentais.

É do seu cérebro que o indivíduo magnetizado pode tirar o que diz, quando fala de coisas que não conhece, visita casas por ele ignoradas, trata de questões que lhe são alheias, responde a perguntas formuladas em línguas desconhecidas, ouve o pensamento e não as palavras, sente o que pensa uma pessoa próxima ou afastada, ou transporta o seu espírito a distância, descrevendo cenas que nunca viu?

Deixemos de fundamentar os nossos juízos nas aparências materiais, na Fisiologia clássica.

Em geral, não se ousa encarar de face o desconhecido, apresentamo-lo, na pedra, como um problema, uma equação, porque somos levados a pensar que sabemos tudo (!) e que não merece exame o que está fora do quadro da Ciência.

Há muito tempo, aí por 1865, era eu quase o único, em França, a asseverar a conexão entre a atividade solar e as oscilações diurnas da agulha magnética. Os astrônomos, entre os quais o Sr. Faye, o mais célebre com Le Verrier, diziam que eu errava. Para eles as correlações apontadas eram apenas obra do acaso.

A sentença de Képler, comparando o Sol a um ímã: *Corpus Solis esse magneticum* [19] era a minha, humilde discípulo; os físicos não a admitiam. Proclamava-se que o Sol não podia ser magnético, porque o magnetismo duma barra de ferro suprimia-se quando esta se aquecia.

Ora, o Sol, apesar de seus 6.500 graus, é um foco magnético, e hoje (1919) achou-se o meio de *medir* até o magnetismo individual das manchas.

É assim que a Ciência se transforma por si mesma. Estamos longe de conhecer, seja como for, *a realidade*.

Acerca das observações constantes que cada um pode fazer quanto à diferença entre a realidade e a aparência, acabo de encontrar a seguinte nota, que escrevi no meu Observatório de Juvisy, em 13 de novembro de 1917:

> "Por esta fria manhã, o disco solar é dum vermelho ardente. A atmosfera está impregnada de bruma semitransparente. Bela paisagem de inverno, apesar de numerosas árvores conservarem ainda a sua folhagem verde. Muitas dessas árvores são amarelas e roxas. Outras já não têm folhas. Se, devido às condições atmosféricas, o Sol se mostrasse sempre assim vermelho, pensaríamos que era essa a sua cor normal. Ninguém o teria visto branco.
>
> Acontece justamente o mesmo com outras coisas. As nossas impressões são a base natural dos nossos juízos.
>
> É provavelmente a centésima vez que vejo assim o Sol e que faço as mesmas reflexões. Com todas as nossas sensações pode acontecer o mesmo."

Transcrevendo essa nota, acrescentar-lhe-ei o que já disse muitas vezes, durante cinqüenta anos: Se a atmosfera fosse mais opaca ainda, ou constantemente coberta de nuvens, o sol e as estrelas teriam ficado invisíveis, o sistema do mundo seria desconhecido e a espécie humana conservar-se-ia na mais absoluta ignorância da realidade.

Que devemos pensar dos seres sensitivos? Eles são mais numerosos do que se imagina. Goëthe e Schumann foram tipos notáveis. Falaremos adiante de Goëthe, a respeito dos "duplos". Assinalemos, de passagem, uma observação telepática curiosa de Schumann. Numa carta de 1838 a Clara Wiek, diz ele o seguinte:

> "Devo contar-vos um pressentimento que tive e que me perseguiu de 24 a 27 de março, enquanto andei ocupado com as minhas novas composições.
>
> Havia nelas um certo trecho que me obsediava e em que alguém parecia dizer-me, do fundo do coração, *Ach Gott* (Ai, meu Deus). Enquanto compunha, via coisas fúnebres, esquifes, rostos aflitos... quando acabei, procurei um título. O único que me acudiu foi *Leichenphantasie* (Fantasia fúnebre). Não é extraordinário? Estava de tal maneira perturbado que me vieram as lágrimas aos olhos, sem saber por que; não pude encontrar a razão dessa tristeza. Chegou,então, uma carta de Teresa e tudo se explicou. A cunhada noticiava-lhe que seu irmão Eduardo acabava de falecer."

Schumann deu o título de *Nachtstücke* (Noturno) a essa série que quis primitivamente denominar *Leichenphantasie*.[20]

Os pressentimentos revestem todas as formas. Seu exame formaria enorme volume.[21] Mencionarei ainda um dos mais extraordinários, experimentado por Lady Eardley, distinta dama de Além-Mancha, que assim o transmitiu ao Sr. Myers:[22]

> "Quando rapariga, na idade de 16 anos, tive um ligeiro ataque de sarampo. Morava com meus avós. Após dois ou três dias de cama, disseram-me que poderia tomar um banho quente. Satisfeita e sentindo-me melhor, dirigi-me ao quarto de banho, fechei a porta e despi-me; mas, no momento de entrar na água, ouvi uma voz dizendo-me: "Abre a porta". A

voz era nítida, bem exterior, e entretanto parecia vir de mim mesma. Não posso afirmar se era de homem ou de mulher. Surpreendida, olhei em torno de mim: naturalmente não vi ninguém. Segunda vez ouvi: "Abre a porta"; comecei a ter medo, julgando de mim para mim: "estou doente ou louca"; mas não me sentia mal. Decidi não pensar mais nisso e já estava no banho, quando ouvi uma terceira vez – e creio que uma quarta – as mesmas palavras! Dei um pulo, abri a porta e reentrei na banheira... Nessa ocasião, desmaiei e caí na água. Mas, felizmente, pude agarrar ao mesmo tempo a campainha pendurada perto da banheira. A criada de quarto acudiu, declarando ter-me encontrado com a cabeça debaixo d'água. Tomou-me nos braços e levou-me dali. A minha cabeça bateu contra a porta e logo recobrei os sentidos. Se essa porta estivesse fechada, ter-me-ia, de certo, afogado."

Que singularidade! Que voz seria aquela? Donde vinha? Provavelmente da própria menina, que teria pensado num possível delíquio. Quanta variedade nesses avisos incompreensíveis! Sim, a alma humana é dotada de faculdades desconhecidas da ciência atual.

A nossa mentalidade psíquica, em geral submergida pelo nosso ser material, manifesta-se evidentemente em certos exemplos históricos bem conhecidos, mas mal explicados pelo cego cepticismo fisiológico das escolas modernas. Lembremos, entre outros, na vida de Joana d'Arc, estes fatos:

"Joana disse ao soldado de Chinon, que a injuriava quando ela entrou no castelo: "Ah! tu renegas Deus e, no entanto, estás prestes a morrer!" Na mesma tarde o soldado afogava-se acidentalmente.

Noutras ocasiões, e a maior parte das vezes – é a própria Joana quem o afirma – era ela prevenida pelas "suas vozes". Em Vaucouleurs, sem nunca o ter visto, dirige-se diretamente ao Senhor de Beaudricourt: "Reconheci-o – explica ela – graças à "minha voz"; foi ela que me disse: "Ei-lo!"

Em Chinon, levada à presença do rei, Joana não vacila em conhecê-lo no meio de trezentos cortesãos entre os quais ele

se ocultava, com um trajo emprestado. Solicitou-lhe uma audiência íntima, em que lhe lembrou, para convencê-lo da sua missão, os termos da prece mental que ele havia dirigido a Deus, só, no seu oratório, sobre a sua contestada legitimidade.

Foram ainda "as vozes" que a informaram de que a espada de Charles Martel estava escondida na igreja de Santa Catarina de Fierbois; que a acordaram em Orleães, quando, esgotada de cansaço, ela se deitara, ignorando o ataque da basílica de Saint-Loup; que a preveniram de que seria ferida por uma seta, em 7 de maio de 1429, no ataque de Tournelles.

No cerco de Orleães, ela avisa Glandale de que perecerá "sem sangue" dentro de três dias, e com efeito, na tomada de Tournelles, Glandale cai no Loire e se afoga. Etc., etc."

De onde provinham essas vozes? Dela mesma, segundo todas as probabilidades. Mas tocavam de perto o mundo invisível.

Joana d'Arc foi um tipo raro desses seres sensitivos dotados de faculdades supranormais; e muitos outros se aproximam mais ou menos de tal estado.

As manifestações da alma começam apenas a ser estudadas pelo método experimental; devemos consignar que nesta ordem de fatos não podemos quase nunca *experimentar*, mas somente *observar*, o que restringe consideravelmente o campo dos estudos. E as condições da vida orgânica terrestre são tão grosseiras que nos encontramos pouco mais ou menos na situação de um homem que tivesse observações astronômicas a fazer numa região em que o céu permanecesse constantemente anuviado.

Essas condições excepcionais são tanto mais lamentáveis quanto o problema da alma, sendo o mesmo que o da sobrevivência, é, sem dúvida, a mais interessante e a mais importante das questões, pois trata-se de nós mesmos, da nossa natureza íntima, de nossa imortalidade ou da nossa extinção.

Estudaremos nos próximos capítulos fatos incontestáveis de vista sem os olhos, pelo espírito, assim como a visão de acontecimentos futuros, que ainda não existem, e teremos aí também provas evidentes das faculdades transcendentes da alma.

Que haverá de mais inacreditável – e no entanto de mais certo! – do que ver o futuro com exatidão e ver também o que se passa à distância de mil quilômetros?

A faculdade de ver o futuro será estudada neste livro, em capítulo especial. Que é o *tempo*? Como se produz o *futuro*?

Os problemas que merecem a nossa atenção são tão numerosos e tão vastos que nunca se acaba de elucidá-los e a nossa curiosidade se renova constantemente pelo estudo. As vulgaridades diárias da vida não bastam aos seres intelectuais, porque eles sabem que viver intelectualmente é viver duplamente, e gostam de viver pelo pensamento. Continuemos o nosso estudo comparativo.

Um mestre-escola erudito, o Sr. Savélli, de Costa (na Córsega), escrevia-me, em 1912:

(CARTA 2.230)

"É evidente que essas questões interessam aos leitores no mais alto grau, e estou certo de interpretar o desejo deles, rogando-lhe que prossiga no seu ensino.

A questão da natureza do tempo deve ser bem difícil de resolver. Um matemático notável respondeu a um investigador que lhe pedia que explicasse tal assunto: "Falemos de outra coisa." Entretanto, julgo do meu dever oferecer ao seu exame algumas observações muito perturbadoras e de que se não pode duvidar:

1º – Uma noite, pelas 11 horas, meu pai, voltando para sua casa com um amigo, ouviu, com surpresa, gritos angustiosos. Mulheres choravam e gritavam. Pensaram que acabava de dar-se um desastre, que talvez houvesse morrido alguém. Procuraram o prédio donde vinham os lamentos e pararam; mas às vociferações seguiu-se silêncio completo. No dia seguinte, à noite, às mesmas horas, passando de novo em frente da mesma casa, meu pai ouviu os mesmos gemidos. Desta vez eram reais. Uma criança, que na véspera estava de saúde, acabava de falecer quase repentinamente com um ataque

de difteria. Esse fato ocorreu em Ville-de-Paraso, localidade vizinha daquela em que sou mestre-escola.

2º – O Sr. Napoleôni, sargento aposentado, contou-me o seguinte fato:

– Regressávamos, à meia-noite, quando, ao passarmos em frente de duas casas insuladas, no meio do maior silêncio, ouvimos grandes pancadas com intervalos regulares. Tínhamos a impressão de que se batia com um martelo em madeira sonora. Confesso que se me eriçaram os cabelos e que entrei em casa muito impressionado por esse fenômeno inexplicável. Dois dias depois o acaso quis que me encontrasse no mesmo lugar em que os ruídos estranhos me haviam impressionado e escutei-os novamente: era o marceneiro da aldeia que pregava o caixão do pastor que morrera na véspera.

3º – No dia em que os bandidos Massoni assassinaram o Dr. Malaspina, de Costa, meu tio Costa Michel-Ange, que ainda vive, e que era então (1850) aluno do Liceu de Bastia, teve a impressão de ser agarrado por um abraço invisível que lhe tolhia todos os seus movimentos. A avó materna de meu tio era a irmã do Dr. Malaspina.”

Desses três fatos, os dois primeiros são premonições [23] e o terceiro é uma sensação telepática, como as que se podem ler às centenas na minha obra *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*. São inexplicados – e inexplicáveis no estado atual da Ciência. Mas são irrecusáveis e confirmam-se uns pelos outros; estudando-os, esclarecemos o nosso próprio conhecimento, ainda tão pouco adiantado, pois que o que mais ignoramos é a nossa própria natureza. Não os desdenhemos, portanto.

Começamos a conceber as transmissões telepáticas pela descoberta da telegrafia sem fios: mas nada nos põe ainda no rastro da explicação dos fatos premonitórios, tão difíceis de admitir, embora inegáveis. A principal dificuldade está na contradição que parece impor-se entre a vista dos acontecimentos vindouros, tal como o verificaremos aqui com segurança, e o nosso sentimento do livre arbítrio.

Sem nos preocuparmos, neste momento, com os casos particulares, e para nos cingirmos à questão de princípio, direi desde já que não podemos doravante duvidar de que os acontecimentos futuros foram vistos e descritos de antemão, em certas circunstâncias, exata e explicitamente, e a tal afirmação julgo poder acrescentar, em segundo lugar, que este fato de observação deve conciliar-se com o livre arbítrio.

O tempo não é o que nos parece. Não existe em si mesmo. A eternidade é imóvel e atual. Um dia, certo cardeal francês, muito ligado com o Papa Leão XIII, discutiu comigo esta questão, durante o passeio que fizemos num jardim de Nancy, e sustentava que as premonições não se conciliavam com o livre arbítrio.

– Acreditais na existência de Deus? – perguntei-lhe.

– Espero que o senhor não duvidará disso – respondeu ele.

– Pensais como todos os teólogos e como Cícero, assim como o vosso predecessor, o bispo d'Hipônia, que Deus conhece o futuro?

– Sim, certamente.

– Admitis também o livre arbítrio e a responsabilidade dos cristãos?

– Sim.

– Então, que diferença existe entre os fatos premonitórios e esta doutrina? – retorqui.

Enquanto ao tempo, o passado já não existe, o futuro ainda não existe: só existe o presente. Ora, que é o presente: A hora atual? Não. O minuto atual? Não. Um segundo? Não. Um décimo de segundo? Não. Um centésimo de segundo? Também Não. Um milésimo de segundo? Ainda é muito para um eletricista. Mas, enfim, aceitemo-lo, se assim quereis. Eis, pois, *o presente, a realidade*. Confessai que não é muito substancial.

Não existindo o tempo em si mesmo e não sendo medido em nosso espírito, a não ser pelas nossas sensações, o encadeamento dos acontecimentos é como um presente que se desenrola, e esse desenrolar não impede a vontade humana de nele representar o seu papel.

O problema não deixa, todavia, de ser, ao mesmo tempo, muito complexo e muito curioso. Essa *visão do futuro* será provada especialmente nos capítulos VIII e IX.

Repetimos que vivemos no meio de um mundo do qual só conhecemos a aparência, e mal podemos adivinhar-lhe as realidades internas. Há entre estas realidades e as nossas almas analogias, relações, trocas ainda desconhecidas.

Terminarei este capítulo com uma carta recebida no momento em que classificava os documentos manuscritos desta obra. Ela emana de um espírito eminente, cujo caráter é friamente positivo, antigo aluno da Escola Politécnica, engenheiro-chefe de Pontes e Calçadas, membro perpétuo da Sociedade Astronômica de França, e que julga com exatidão os grandes ou pequenos acontecimentos. Eis essa carta:

(CARTA 4.041)

"Governo Marroquino

Obras públicas

Engenheiro-chefe

Tanger, 6 de julho de 1918.

Meu caro mestre.

Já que estudou muito particularmente *As forças naturais desconhecidas*, peço licença para levar ao seu conhecimento, sem comentários nem pedido de explicações, dois fatos, dos quais um ocorreu ontem e o outro há um ano, e cujo interesse para mim está em que posso garantir a sua autenticidade, pois fui deles o único autor.

Primeiro fato: Possuo, para as minhas observações do céu, um pêndulo elétrico de Leroy, o qual, como sabe, se move por meio de uma pilha durante quatro anos, detendo-se somente quando a referida pilha se esgota; esse pêndulo encontra-se no meu gabinete de trabalho, há três anos e meio, e nunca esteve parado.

Ontem eu tinha alguns amigos em casa e fazia-se música numa sala que não era aquela em que se encontra o pêndulo. De repente, vi o meu relógio e verifiquei que marcava 11

horas e 40 minutos; não sei por que, em seguida, e pela primeira vez desde que possuo o referido pêndulo, lembrei-me de que a pilha estava carregada apenas para mais alguns meses e que teria de substituí-la por outra, pois era possível que ela não chegasse aos quatro anos de marcha. Em seguida não pensei mais nisso.

Meia hora depois, como os meus amigos tivessem saído, entrei no meu gabinete de trabalho e qual não foi a minha surpresa quando vi o pêndulo elétrico, em movimento havia três anos e meio, parado exatamente nas 11 horas e 40 minutos! De resto, a pilha não estava esgotada e bastou dar um impulso ao balanceiro para que o pêndulo continuasse a mover-se.

Parché-Banès."

Assim como o observador, não encontro nenhuma explicação para este fato singular, a não ser a de que *o nosso espírito percebe certas coisas por faculdades ainda desconhecidas*. Poderíamos supor que, tendo o pêndulo parado realmente, o sábio engenheiro foi surpreendido, inconscientemente, por esta parada e, também inconscientemente, olhou para o relógio e pensou no aludido pêndulo, tudo isso por acaso!... Mas não; a sensação foi experimentada numa outra sala, onde as pancadas do pêndulo se não ouviam. Além disso, que é o acaso? Um véu perante explicações desconhecidas. Por que se deteve o pêndulo, se não estava esgotada a pilha? Grão de areia? Falta de lubrificação? Fadiga elétrica? Outras hipóteses ainda? Para a correspondência psíquica a interpretar, essas explicações não satisfazem.

Eis o segundo fato apontado na mesma carta:

"Há um ano, no leve sono do fim duma noite, vi em sonho uma pessoa de Tunes que mal conhecia, por havê-la encontrado duas vezes durante oito anos que passei na Tunísia. Havia nove anos que eu já não residia naquela região e, portanto, dez a quinze que eu não via pessoa em que, repito, nunca tinha pensado; era para mim um indiferente, com o qual não mantinha relações. Tornava-se, pois, extraordinário que a sua lembrança me acudisse em sonho.

Ora, nessa manhã mesmo, uma hora depois da minha chegada ao escritório, entregaram-me o cartão de visita dessa pessoa que, viajando em Marrocos e recordando-se, tão vagamente como eu, de me ter visto em Tunes, vinha saber, de passagem, se eu continuava ainda aqui. Na hora em que tive o sonho, o navio que trazia o indivíduo mencionado a Tanger estava no porto, mas eu nem sequer disso desconfiava e ainda menos que esta personagem estivesse a bordo.

Não sei se estas duas anedotas o interessarão, mas asseguro-lhe a sua autenticidade absoluta.

Sabe também que sou um "cientista" e que relaciono as minhas sensações.

Se se calcular a probabilidade de que um desses fatos, ou ainda a reunião dos dois, seja produzida pelo acaso, achar-se-á que ela é infinitamente pequena.

Parché-Banès."

Para este segundo caso, temos um começo de explicação pelas ondas etéreas, das quais falaremos adiante, no capítulo "Telepatia".

O que devemos aceitar, sem a menor dúvida, é que à ciência do futuro caberá explicar as faculdades da alma, desconhecidas ainda pela ciência atual ou insuficientemente estudadas.

As páginas seguintes vão tratar desses estudos, introduzindo-lhes as distinções necessárias: vontade atuando por sugestão mental; telepatia e transmissões psíquicas a distância; visão sem os olhos, pelo espírito; visão do futuro.

Esses documentos positivos demonstrarão, todos eles, a existência espiritual da alma independente das propriedades físicas dos sentidos.

A alma e o corpo são duas substâncias distintas, dotadas de atributos diferentes.

CAPÍTULO V

A vontade agindo sem a palavra e sem qualquer sinal, à distância

– Magnetismo. – Hipnotismo. – Sugestão mental. – Auto-sugestão.

> *"A ciência é obrigada, pela lei eterna da honra, a encarar de frente todo problema que a ela francamente se apresenta."*
>
> *Sir William Thomson*

Entre as diversas manifestações do nosso ser psíquico, uma das mais notáveis é, seguramente, a ação da vontade humana sem o concurso da palavra ou de algum sinal, e a distância.

A vontade é uma faculdade essencialmente imaterial, diferente do que se entende geralmente por propriedades da "matéria".

Podeis atuar sobre o cérebro de outra pessoa pela tensão de vosso espírito. Num teatro, numa igreja, a alguns metros atrás dela, podereis obrigá-la a voltar-se sem que suspeite da vossa ação, sem conhecer a vossa presença. A experiência é muito vulgar e, excluindo os casos provenientes do acaso, ainda fica um número respeitável de averiguações certas. Acontecerá o mesmo pelo que respeita a uma pessoa desconhecida.

Tratando-se de individualidade do conhecimento do operador, já relacionada com ele, a averiguação é incomparavelmente mais freqüente. Nem por isso prova menos a ação da vontade a distância.

A crítica materialista alegará que se trata aqui da ação de um sentido ignorado pertencente ao cérebro e que tal ação não prova a sua origem espiritual. É fácil replicar à objeção. O cérebro é um órgão material. É sempre a história do aparelho elétrico. Atrás do aparelho, no fundo do cérebro, há uma personalidade. Quando falo, é porque penso falar; a linguagem é efeito e não

causa. Imaginar um aparelho, um cérebro dotado de uma personalidade mental responsável, voluntária, caprichosa, raciocinante, refletida, é criar uma hipótese sujeita à demonstração. Não teremos nós a nossa própria sensação para nos revelar a verdade?

No exercício dos cinco sentidos – a vista, a audição, o olfato, o paladar, o tato – o movimento vibratório vai do mundo exterior ao cérebro, transmitindo-se pelos nervos óptico, auditivo, olfativo, tátil; na vontade atuando a distância, na transmissão do pensamento, o movimento mencionado vai, pelo contrário, do cérebro ao mundo exterior. No fundo do cérebro existe a causa ativa, o espírito.

Têm-se escrito obras completas sobre a sugestão mental, e os exemplos que a comprovam são inúmeros. Nas experiências realizadas por Charcot, na Salpêtrière, e pelo Dr. Luys, na Charité, eu mesmo observei, outrora, muitos. Um dos casos mais notáveis é talvez ainda o das experiências de Pierre Janet, no Havre, numa excelente camponesa, mãe de família e não nevropata. O que ele lhe ordenava, a muitos quilômetros de distância, recebia-o ela mentalmente, obedecendo-lhe com uma precisão absoluta e sem que disso pudesse ser avisada por outra qualquer maneira.[24]

Indica a vontade uma personalidade psíquica, uma individualidade, um espírito, uma alma? É esta interpretação mais certa do que a das propriedades físico-químicas pertencentes à matéria cerebral? Existe o *eu*? Exposta a questão, cabe resolvê-la.

Vamos verificar que, nos fatos, observados rigorosamente, de sugestão mental, de ordens transmitidas de um ser a outro pelo pensamento, sem palavras, sem gesto, pela pura vontade, manifesta-se, com evidência, a personalidade humana.

As experiências muito conhecidas do Dr. Ochorowicz permitem que o leitor faça o seu juízo imparcialmente, com conhecimento de causa.

O clínico referido tratava uma senhora padecente de histero-epilepsia, cuja enfermidade já antiga se complicava com acessos de mania suicida.

Essa dama, de 27 anos, forte e bem constituída, aparentava perfeita saúde. O seu temperamento ativo e alegre aliava-se a

uma extrema sensibilidade moral interior, isto é, sem sinais externos. Caráter franco por excelência, profunda bondade, propensão para o sacrifício. Inteligência pouco vulgar, muito prendada, sentido de observação, por vezes falta de vontade, indecisão penosa, depois firmeza excepcional; a menor fadiga moral, uma impressão inesperada de pouca importância, agradável ou desagradável, reflete-se sobre os vasos motores, ainda que lenta e insensivelmente, e motiva um ataque, acesso ou síncope nervosa.

Prossegue o Dr. Ochorowicz:

> "Uma noite, terminado o seu ataque (incluindo a fase do delírio), a doente adormece tranqüilamente. Acordando de súbito e vendo-nos sempre perto dela, a mim e à sua amiga, pede-nos que partamos, que nos não cansemos inutilmente por ela. Tanto insistiu nisso que, para lhe evitarmos uma crise nervosa, saímos. Descia a escada vagarosamente (ela morava no 3º andar) e parei algumas vezes, aplicando o ouvido, turbado por mau pressentimento (dias antes havia-se ferido bastante). Já no pátio, parei ainda uma vez, pensando se devia partir ou não. De repente, abriu-se a janela com fragor e vi que o corpo da doente se debruçava sobre o peitoril, num movimento rápido. Precipitei-me para o lugar onde ela podia cair e maquinalmente, sem ligar ao fato a menor importância, concentrei a minha vontade com o fim de me opor à queda. Era uma insensatez; imitava com isto os jogadores de bilhar que, prevendo que vai falhar a carambola, tentam deter a bola com gestos ou palavras.
>
> Entretanto, a doente, já inclinada para o vácuo, parou e recuou lentamente, em movimentos bruscos.
>
> A mesma manobra repetiu-se cinco vezes seguidas, até que a doente, fatigada, ficou imóvel, as costas apoiadas contra a janela sempre aberta.
>
> Não me podia ver; eu estava na sombra; era noite. Nesse momento, a Srta. X., amiga da enferma, acudiu a prendeu-a pelos braços. Ouvi-as debaterem-se e subi depressa as escadas para socorrê-las. A doente tinha um acesso de loucura.

Não nos reconheceu, tomando-nos por ladrões. Não consegui retirá-la da janela senão fazendo-lhe a pressão dos ovários que a forçou a cair de joelhos. Procurou morder-me em diversos momentos, e só depois de muito lutar, vinguei conduzi-la ao leito. Por fim adormeci-a.

Caída em sonambulismo, as suas primeiras palavras foram estas:

– Obrigada e perdão!

Contou-me então que queria a todo transe atirar-se pela janela, mas que sempre que isso tentava se sentia detida por uma força que partia de baixo.

– Como assim?

– Não sei...

– Suspeitava da minha presença?

– Não. Era justamente porque o julgava longe que eu queria realizar o meu intento. Parecia-me entretanto, por momentos, que o senhor estava a meu lado ou atrás de mim, e que se opunha a que eu caísse.”

Eis outra experiência do mesmo autor.

“Tinha por costume adormecer a doente de dois em dois dias e deixá-la mergulhada em sono profundo, enquanto tomava as minhas notas. Adquirira a certeza, depois de dois meses de experiência, de que não se mexeria antes que eu me aproximasse dela para provocar o sonambulismo, propriamente dito. Mas nesse dia, depois de fazer algumas anotações e sem mudar de posição (conservava-me a alguns metros dela, fora do seu campo visual, com o meu caderno nos joelhos e a cabeça apoiada na mão esquerda), fingi que escrevia, fazendo correr a pena, mas, interiormente, concentrei a minha vontade numa ordem dada mentalmente.

1 – *levantar a mão direita*.

(Olhava a doente através dos dedos da mão esquerda, apoiada na fronte.)

1º minuto: ação nula.

2º minuto: agitação na mão direita.

3º minuto: aumento da agitação; a doente franze as sobrancelhas e levanta a mão direita.

Confesso que esta experiência me comoveu mais do que qualquer outra. Recomeço:

2 – *Levantar-se e dirigir-se para mim*.

Reconduzi-a ao seu lugar sem nada dizer.

Ela carrega as sobrancelhas, agita-se, levanta-se devagar e, dificilmente, avança para mim, de mão estendida.

3 – *Tirar a pulseira da mão esquerda e entregar-ma*.

Ação nula.

Ela estende a mão esquerda, levanta-se e dirige-se para a Srta. X e depois para o piano.

Toco-lhe no braço direito e, provavelmente, puxo-o um pouco na direção do seu braço esquerdo, concentrando o meu pensamento na ordem dada.

Ela tira a pulseira, parece refletir e entrega-ma.

4 – *Levantar-se, aproximar a poltrona da mesa e sentar-se ao nosso lado*.

Franze as sobrancelhas, levanta-se e caminha para mim.

– Devo ainda fazer alguma coisa? – diz ela.

Procura..., toca no tamborete, remove uma xícara de chá, recua, toma a poltrona, puxa-a para a mesa com um sorriso satisfeito e senta-se, muito cansada.”

Todas essas ordens foram dadas mentalmente e sem gestos, sem uma palavra.

Há na obra de Ochorowicz 41 experiências da mesma ordem, em seguida a esta.

Os meus leitores já conhecem as que publiquei em *O Desconhecido*, no capítulo VI, que trata da ação psíquica de um espírito sobre outro.

As experiências concludentes feitas sobre a ação da vontade e a sugestão mental não podem ser atribuídas à matéria, a combi-

nações químicas, a movimentos mecânicos: elas têm como fonte um pensamento, uma causa mental, um princípio espiritual agindo sob forma ainda desconhecida, mas da qual a telegrafia e a telefonia sem fios representam imagem a interpretar.

Esses fatos de sugestão mental foram estudados, há muito tempo, pos Mésmer, e antes dele por Van Helmont. Eis, entre outras, uma experiência notável relatada por uma testemunha judiciosa, o sábio Seifert, que depois de tratar Mésmer de charlatão (sob a influência, principalmente, dos fatos a que nos vamos referir) aceitou por fim a sua teoria.

A cena passa-se em 1775, na Hungria, num velho castelo do Barão Horetcky de Horka. Mésmer, tratando o barão pelo magnetismo, socorria ao mesmo tempo outros doentes que vinham consultá-lo. Seifert julgava tudo isso *uma blague*.

Um dia trouxeram-lhe os jornais; num deles, encontrou uma narrativa sobre Mésmer, segundo a qual ele provocava convulsões em alguns epilépticos, apesar de escondido num quarto próximo e movendo apenas um dedo na direção dos doentes.

Seifert chega ao castelo com o jornal na mão e encontra Mésmer cercado de fidalgos. Perguntou-lhe se era exato o que dele contava a gazeta e Mésmer respondeu afirmativamente. Então, muito nervoso, Seifert exige, ou pouco menos, uma prova experimental da ação através de um muro.

Mésmer conservou-se de pé, a três passos da parede, enquanto Seifert se colocou à entrada da porta entreaberta, a fim de poder observar o magnetizador e o magnetizado ao mesmo tempo.

Mésmer fez primeiro diversos movimentos retilíneos de um lado para o outro, com o dedo indicador da mão esquerda, na direção presumida do enfermo, que começou logo a queixar-se, apalpando as costas e parecendo sofrer.

Seifert perguntou-lhe:

– Que sente?

– Não estou bem.

Seifert, pouco satisfeito com esta resposta, exige uma descrição mais clara dos seus males.

– Parece-me – diz o paciente – que tudo oscila em mim de través, à direita e à esquerda.

Para evitar perguntas, ordena-lhe que declare as mudanças que o seu corpo ia experimentando, sem esperar as suas ordens nesse sentido. Alguns minutos depois, Mésmer fez movimentos ovais com o dedo:

– Agora tudo dá voltas em redor de mim, como num círculo – disse o doente.

Mésmer detém-se e o doente declara, no mesmo instante, que nada mais sente. E assim de seguida, Todas essas declarações se correlacionavam perfeitamente, não só com os momentos de ação ou dos intervalos, mas ainda com o caráter das sensações que Mésmer queria provocar.” [25]

Vi realizar as mesmas experiências pelo meu saudoso amigo, Albert de Rochas, na Escola Politécnica de Paris, pelo Dr. Barety, em Nice, e por outros investigadores. A ação da vontade a distância não é duvidosa, como o sabem os que estudaram esse assunto.

Van Helmont, grande médico e grande sonhador do século XVII, já havia apresentado a mesma questão antes de Mésmer e é muito explícito nesse ponto. Ele acredita que todo homem é capaz de influir nos seus semelhantes a distância, mas que geralmente essa força se conserva adormecida em nós e abafada pela “carne”. Para ter bom êxito, carece de certa concordância entre o operador e o paciente. Este último deve ser *sensível e exercitado* na sua *sensibilidade*, a qual vai ao encontro da ação sob a influência de sua *imaginação interior*. Diz Van Helmont:

“É principalmente na cavidade do estômago que esta ação mágica se faz sentir, pois tal sensação nesse lugar é mais delicada do que nos dedos e mesmo nos olhos. Às vezes o paciente nem pode até suportar a aposição da mão no sítio mencionado.”

> Adiei até agora o trabalho de desvendar um grande mistério; é que existe no homem uma tal energia que, por sua única vontade e pela sua imaginação, ele pode atuar fora de si, exercer influência durável num objeto muito distante. Só esse mistério esclarece suficientemente muitos fatos difíceis de se compreender e que se prendem, com o magnetismo de todos os corpos, ao poder mental do homem e à sua dominação do Universo." [26]

Van Helmont viveu de 1577 a 1644. Se abrirmos a obra de Kírcher, *Magnes, sive de Arte magnética*, publicada em Roma em 1641, no capítulo sobre o magnetismo animal, encontramos exemplos de "simpatia e antipatia", da "faculdade magnética dos membros humanos", das aplicações à medicina do "magnetismo da imaginação" e do "magnetismo da música".

Essas experiências psíquicas não são de hoje. Elas remontam a Jesus Cristo, a Pitágoras, e mais longe ainda.

Mas que vem a ser sugestão mental?

Os magnetizadores pensam que a sua vontade concentra o "fluido" e em seguida o projeta exteriormente numa direção aproximativa, como um pacote de ópio. Esse fluido é tão inteligente e tão amável que corre muito, encontra o seu caminho, contorna as paredes e atinge o indivíduo sugestionado. Invade-o, e desde que ele está convenientemente saturado, declara-se o sono, tanto ao longe como de perto. É claro! tão claro como a antiga explicação da ação do ópio, o qual adormecia "porque possuía uma virtude soporífera", dizia Molière.

Mas, para isso, "seria preciso provar primeiro que o fluido existe, escreve a tal respeito Ochorowicz, pois que pode ser projetado, que sabe encontrar, em seguida, o seu caminho e, por fim, que se deterá exatamente no sistema nervoso do sugestionado". Parece-me prudente limitarmo-nos à expressão *força psíquica* que propus antes de 1865.[27]

A ação psíquica de um espírito sobre outro não é duvidosa, seja qual for o modo de transmissão.

As idéias viajam? Elas transmitem-se, por vibrações, no éter. Sabemos já que as idéias derramam por toda parte o seu correla-

tivo dinâmico, isto é, ao redor da emissão. Não é uma substância que se transporta, é onda que se propaga. A ação é geral, mas mantém-se mais ou menos insensível, antes de encontrar um meio análogo e todas as condições necessárias para a transformação reversiva. A onda parte de uma vontade *A*; um cérebro *B* reúne essas condições; a idéia correspondente atua nele, que adormece, se o seu magnetizador assim o ordenar.

Poder-se-ia objetar que com todos os cérebros sensíveis que se encontrassem no círculo da ação se haveria de dar o mesmo. Não se dá, porque todos os cérebros não são regulados nem se encontram em relação com o operador. Essa relação consiste no fato de a tensão dinâmica do sugestionado corresponder à do operador.

Propôs-se, para explicar a transmissão do pensamento e a sugestão mental, a hipótese da transmissão *por indução*, semelhante à de uma corrente elétrica sobre outra, sem contato material, ou às das ondas hertzianas, como na telegrafia sem fios.

A ação mental a distância pode ser consciente ou inconsciente.

O que os psicologistas propunham com timidez, há trinta anos, como casos de observação a discutir, e dos quais mais de um céptico, certo de seu saber, sorria com desdém, não se discute hoje, porque vemos produzirem-se transmissões análogas na prática da telegrafia sem fios, de mais recente invenção, que vamos resumir:

Nessa telegrafia, talvez ainda mais maravilhosa do que os fenômenos telepáticos, utilizam-se as ondas hertzianas produzidas pela descarga oscilante de poderoso condensador, alimentado por potente gerador de energia elétrica. Essas ondas propagam-se no espaço com a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo,[28] irradiam da antena ligada ao aparelho transmissor e são recebidas, a distância, por meio de outra antena.

A antena consiste essencialmente em um ou muitos fios perfeitamente isolados eletricamente de qualquer contato com objetos exteriores, e em comunicação somente com o aparelho transmissor ou receptor.

As ondas hertzianas não atuam sobre nós; nenhum dos nossos sentidos pode percebê-las. É preciso, pois, um aparelho especial para ouvi-las; esse aparelho é um *detector*. Neste a onda hertziana transforma-se, por assim dizer, e torna-se sensível ao nosso ouvido por meio de um receptor telefônico.

Essas ondas são afastadas uma das outras – como as ondas encíclicas produzidas na superfície da água pela queda de um corpo sólido – por uma certa distância chamada extensão de onda, a qual se pode fazer variar no posto transmissor por meio de dispositivos especiais. Ora, para obter na recepção a maior intensidade possível e nitidez perfeita de som é necessário que os aparelhos receptores sejam uníssonos ou estejam de acordo com os aparelhos transmissores. Na T.S.F. diz-se que os aparelhos devem ser *sintonizados*. Esse fenômeno é idêntico ao da *ressonância* em acústica.

Tal acordo faz-se, no posto receptor, intercalando entre a antena e o detector uma bobina de *self-indutor*, com cursor regulador.

Encontram-se por essa forma as posições correspondentes ao som máximo do posto que se quer receber e, nas montagens de precisão, consegue-se perfeitamente eliminar os outros postos que enviam as suas mensagens ao mesmo tempo, mas com extensões de ondas diferentes. Essas ondas agem sobre o aparelho receptor em posições diversas dos cursores das bobinas de *self* e em capacidades variadas dos condensadores.

As diferentes transmissões enviadas com extensões de ondas várias percorrem o espaço simultaneamente, sem que nenhum ouvido as possa perceber; mas interceptam-se as mensagens que se quiser, regulando o cursor, e ouve-se o que se pretende ouvir, excluindo o resto, como duas pessoas conversando juntas se ouvem entre si.

Esta moderna invenção da telegrafia sem fios – e agora da telefonia sem fios – ajuda-nos a compreender o modo de transmissão do pensamento a distância.

A Ciência fará ainda outras descobertas que *modificarão as nossas interpretações*. O certo é que se procede erradamente, negando-se o que não se pode explicar. Mesmo sem essas inven-

ções da Física contemporânea, a vontade humana poderia exercer-se a distância e provar-nos assim que existe, servindo-se do cérebro como aparelho.

Um dia, durante a guerra alemã de 1914-1918, comunicava-me do meu observatório de Juvisy com a Torre Eiffel, pela telegrafia sem fios, quando fui surpreendido por uma conversa entre dois interlocutores situados não sei em que ponto. A voz era tão clara como num salão ou numa sala de conferências. Essa telefonia sem condutor, então desconhecida, pareceu-me mais surpreendente e mais estupenda do que a transmissão dos pequenos choques telegráficos do sistema Morse, porque era uma transmissão pelas ondas hertzianas através do éter, a distâncias em que o som não podia ser ouvido e, como no telefone (ninguém pensa nisto), não é a palavra que se transmite, mas uma onda elétrica que se transforma em palavra!

Sabemos, por outro lado, que a transmissão de pensamentos entre duas pessoas mais ou menos afastadas uma da outra é experimentalmente certa.

Sabemos também, pelas observações telepáticas, que o espírito de um moribundo, a distância, atua às vezes com tal intensidade que o cérebro ao qual o seu pensamento é destinado se impressiona a ponto não só de ouvi-lo, mas ainda de vê-lo, sob forma reconstituída por essa sensação, e às vezes com acompanhamento de ruídos formidáveis.

Há nisso, para nossa contemplação filosófica, todo um novo aspecto do Universo de que não se suspeitava há apenas trinta anos.

A matéria inerte desaparece sob a radiação invisível da energia; o que existe, na vida cósmica, é a energia, a força etérea, o movimento.

Escrevi em *O Desconhecido* (no final do capítulo VI):

> "A nossa força psíquica dá sem dúvida origem a um movimento etéreo, que se transmite ao longe como todas as vibrações do éter, e se torna sensível para os cérebros em harmonia com o nosso. A transformação de uma ação psíquica em movimento etéreo, e reciprocamente, pode ser análoga à

que se observa no telefone, onde a placa receptiva, idêntica à placa de transmissão, reconstitui o movimento sonoro transmitido, não pelo som, mas pela eletricidade. Mas isto são apenas simples comparações.

A ação de um espírito sobre outro, a distância, sobretudo em circunstâncias tão graves como a da morte, e da morte repentina em particular, a transmissão do pensamento, a sugestão mental, a comunicação a distância, não são mais extraordinárias do que a ação do ímã sobre o ferro, a atração da Lua sobre o mar, a transmissão da voz humana pela eletricidade, a revelação da constituição química de uma estrela pela análise da sua luz, e todas as maravilhas da ciência contemporânea. Apenas as transmissões psíquicas são de ordem mais elevada e podem colocar-nos no caminho do conhecimento do ser humano."

Estas linhas datam de 1899. O mesmo podemos hoje pensar exatamente, reforçando ainda estas comparações, confirmadas e desenvolvidas pelas descobertas recentes da telegrafia sem fios, e sobretudo pela transmissão da palavra, na telefonia sem fios.

Uma ação da vontade, agindo unicamente pelo pensamento, manifesta-se na seguinte experiência realizada pelo meu colega e amigo, o Sr. Schmoll, sobre sua mulher:

"Em 9 de julho de 1887, por um tempo quente e tormentoso, fazia eu a sesta balouçando-me numa rede suspensa na sala de jantar e lendo uma brochura do Sr. Edmund Gurney. Eram três horas da tarde. Perto de mim, minha mulher descansava numa poltrona e dormia profundamente. Vendo-a assim, ocorreu-me a idéia de ordenar-lhe *mentalmente* que despertasse.

Olhei-a fixamente e, concentrando toda a minha vontade numa ordem imperiosa, gritei-lhe pelo pensamento: "Acorda" Quero que acordes!" Passados três ou quatro minutos sem nada conseguir – pois ela continuava a dormir sossegadamente –, renunciei à experiência sem a menor surpresa do seu mau êxito. Entretanto, volvidos alguns minutos mais, recomecei a experiência, sem obter melhor resultado do que da

primeira vez. Continuei, pois, a ler depressa, esquecendo por completo a minha tentativa infrutífera.

De repente, dez minutos mais tarde, minha mulher despertou, esfregou os olhos e, fitando-me de modo sobressaltado e mesmo aborrecido, disse-me:

– Que me queres? Por que me acordas?

– Eu? Não te disse nada.

– Disseste, sim! Estiveste a atormentar-me para que eu me levantasse.

– Gracejas! Não abri a boca.

– Então, teria eu sonhado? – exclamou, numa hesitação – Espera! É verdade, lembro-me agora; sonhei isto simplesmente.

– Vejamos. Que é que sonhaste? Talvez seja interessante! – acudi eu, sorrindo.

– Tive um sonho bem desagradável... – recomeçou ela – Achava-me na Praça de Courbevoie. Fazia muito vento e o tempo estava pesado. De súbito, vi uma forma humana (não sei se homem ou mulher) envolvida num lençol branco, rolar pelo declive. Esforçava-se inutilmente por levantar-se; quis correr em seu socorro, mas uma influência de que não dava conta, e que só compreendi depois, impediu-me de o fazer. Eras tu que querias que eu abandonasse absolutamente as imagens de meu sonho. "Vamos, acorda", gritavas, com força; mas eu resistia e tinha a consciência de lutar com vantagem contra o despertar que me querias impor. Entretanto, quando acordei, há pouco, a tua ordem: "Vamos! acorda!" ainda soava aos meus ouvidos.

Minha mulher ficou espantada quando soube que eu lhe havia ordenado, realmente, pelo pensamento que acordasse. Não sabia que livro eu lia, e os problemas psíquicos nunca tiveram grande interesse para ela. Nunca fora hipnotizada nem por mim nem por outros.

A. Schmoll
6, Rua de Fourcroy, Paris."

Possuo muitas observações do mesmo gênero nos meus documentos. Certamente que nem tudo se explica. Por que motivo haveria dez minutos de intervalo entre a ordem e o resultado? O Sr. Schmoll tem o hábito do método científico. A ele se devem excelentes observações acerca do Sol; foi meu colaborador na fundação da Sociedade Astronômica de França, em 1887. Esse fato não pode ser posto em dúvida, nem atribuído a uma coincidência fortuita.

Ver, pelo pensamento, no pensamento, é freqüente nos sonâmbulos, como se pode verificar nas obras de Deleuze, Du Potet, Lafontaine, Charpignon.

O último é até muito afirmativo nesse ponto:

> "Temos formado em diversas ocasiões, em nosso pensamento, *imagens fictícias*, e os sonâmbulos que interrogamos vêem essas imagens. Obtivemos muitas vezes uma palavra, um sinal, uma ação, *segundo uma pergunta mental*. Outros, dirigindo aos sonâmbulos perguntas, em línguas estrangeiras ignoradas dos magnetizados, obtiveram respostas que indicavam não o conhecimento do idioma, mas o do pensamento daquele que interrogava, *pois se o experimentador falava sem compreender, o sonâmbulo era incapaz de apanhar o sentido da pergunta*.
>
> O fato de se *adormecer* a distância um indivíduo e de se lhe sugerir, nesse estado, atos de que ele se desempenha da mesma forma que sob a influência de uma sugestão *verbal*, foi muitas vezes experimentado com êxito pelos antigos magnetizadores."

O meu amigo de há cinqüenta anos, o Dr. Macário, conta [29] que uma tarde o Dr. Gromier, depois de haver adormecido pela magnetização uma senhora histérica, pediu ao marido dessa mulher licença para fazer uma experiência, e eis o que se deu:

> Sem uma palavra, o Dr. Gromier levou-a para o mar, mentalmente, bem entendido; a doente manteve-se quieta enquanto o mar esteve calmo; mas, depois que o magnetizador lhe inculcou o pensamento de terrível tempestade, a doente pôs-se a gritar desesperadamente, agarrando-se aos objetos

que a cercavam; a voz, as lágrimas, a expressão da fisionomia, denotavam terror profundo. Então, fiz abrandar sucessivamente as vagas, sempre pelo pensamento, diminuindo com lentidão o movimento do navio, e a calma voltou ao espírito da sonâmbula, apesar de conservar a respiração ofegante e de um tremor nervoso lhe agitar os membros. "Não me torne a levar ao mar – exclamou ela pouco depois –; tenho muito medo, e o miserável comandante não me queria deixar subir ao tombadilho!"

"Essa exclamação surpreendeu-me tanto mais – diz o Dr. Gromier –, quanto eu não tinha pronunciado uma única palavra que lhe pudesse indicar a natureza da experiência que tencionava fazer."

Essa faculdade, a transmissão do pensamento – observa o Dr. Macário –, explica um grande número de fenômenos de sonambulismo, que sem ela seríamos levados a atribuir as influências de ordem sobrenatural; explica, por exemplo, a aptidão para as línguas que se observa algumas vezes, ao que se afirma, em alguns sonâmbulos, isto é, a faculdade de compreenderem o que se lhes diz num idioma por eles ignorado, ou de responderem com expressões pertencentes a uma língua que não conhecem, pois, se é exato que o sonâmbulo percebe o nosso pensamento, pouco importa que se lhe fale grego, latim ou árabe, visto não serem aos vocábulos que ele atende. Lê em nosso pensamento, e conseguintemente deve compreender da mesma forma que se lhe falassem na linguagem materna. Os fatos confirmam essa teoria. O Sr. Gromier, já citado, fez por diversas vezes perguntas em língua desconhecida do sonâmbulo. Este não compreendeu imediatamente; mas, persistindo a vontade do magnetizador, acabou por entender, respondendo convenientemente à interrogação que lhe era formulada. E quando o magnetizador se lhe dirigia em linguagem que ela mesmo ignorava, isto é, por expressões de que não conhecia o sentido, o sonâmbulo nada respondia, devido ao fato de o magnetizador aludido não ligar nenhum sentido às palavras que pronunciava."

Reuni, pela minha parte, testemunhos irrecusáveis dessa compreensão, muito contestada, das línguas desconhecidas do sugestionado.

Outra forma de transmissão experimental do pensamento consiste em fazer, fora da vista do magnetizado, um desenho que este deve reproduzir.

Essas experiências são numerosas (ver *O Desconhecido*, capítulo VI).

O fenômeno da transmissão do pensamento é fato averiguado e aceito hoje pela unanimidade dos psicólogos que se dão ao trabalho de submetê-lo a estudo consciencioso e profundo, e só espíritos pertinazes e superficiais podem persistir em contestá-lo, depois de tantas experiências e provas decisivas.

A telepatia consiste essencialmente no fato de uma impressão física intensa, manifestando-se em geral de forma imprevista numa pessoa *normal* (isto é, não sujeita a perturbações funcionais ou a alucinações), seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão que se encontra em concordância com um acontecimento ocorrido a distância.

Observamos que, na telepatia espontânea, aquele que recebe a impressão está geralmente em seu estado normal, ao passo que quem a envia atravessa um estado de crise anormal: acidente, angústia, desfalecimento, letargia, morte, etc.

As observações anteriores comprovam a ação da vontade humana sem a palavra, sem a colaboração dos sentidos físicos.

A ação do espírito sobre a matéria, de há muito estudada, não se mostra talvez com tanta evidência como nos fenômenos produzidos pela auto-sugestão sobre certas perturbações da circulação do sangue, tais como rubores, congestão cutânea, vesicação, hemorragias, cicatrizes sanguinolentas, etc. Que a alma seja diferente do corpo, que ela o dirija, que o espírito atue sobre a matéria, que o pensamento, a idéia, mesmo a mais sutil, produzam efeitos materiais, que a imaginação mental baste em certas condições para criar órgãos ou alterá-los, é o que se torna evidente por tão numerosos e variados exemplos, que é impossível conservar a menor dúvida sobre esse ponto capital. Podemos notar, entre esses exemplos, os estigmas marcados sobre a pele,

com afluxo sanguíneo, só pela idéia, a fé, a convicção. Eis aí S. Francisco de Assis, alma mística, de piedade extraordinária, que renuncia ao mundo material, retira-se para uma floresta, consagra-se à prece, reúne alguns homens piedosos aos quais dá, por humildade, o nome de Irmãos Menores (franciscanos), vai pregar na Síria, no Egito, volta à Itália, submete-se a jejum rigoroso, a uma vida ascética, em virtude da qual é vítima de visões (imaginárias) nas quais, entre outras, lhe aparece um Serafim de asas matizadas que o fascina e lhe imprime no corpo os sinais da crucificação de Jesus: seus pés e suas mãos são varados por pregos, o seu flanco abre-se como se houvesse recebido um ferimento de lança e esses estigmas persistem.

É evidente que há nisto ação psíquica da alma sobre o organismo, e esse fato é de importância tal, sob o ponto de vista da fisiologia materialista, que foi negado redondamente. "Lenda religiosa" dizia-se: "É exagerado; não é verdade." Como isto se deu em 1220, atribuía-se à credulidade da Idade Média. Que o atesta? perguntava-se: são devotos, crentes que tudo aceitam de olhos fechados."

Ora, este exemplo de um santo canonizado, ao qual foi atribuído mais de um milagre, não é único no gênero. O estudo que pretendo realizar nesta obra forneceu-me muitos outros.

O poder da vontade, da força mental, da alma, da idéia, da auto-sugestão, a manifestação da ação do espírito sobre a matéria, patenteiam-se com toda a evidência nos fenômenos fisiológicos dos estigmatizados. Negaram-se esses fenômenos, viu-se neles apenas fraude, velhacaria, credulidade. Era um erro. Tais estigmas produzem-se, realmente. Formam-se buracos na palma das mãos desses alucinados, nos pés, nas costas, e as chagas, imagens das do Crucificado, sangram, na realidade. Esses exemplos são numerosos, incontestáveis e sobejamente verificados.

Eis alguns deles:

Uma rapariga, nascida em 16 de outubro de 1812, em Kaltom (Tirol), próximo de Botzen, Maria Mari, era dum misticismo igual ao de S. Francisco de Assis.

Admiravam-na tanto na sua aldeia que fez sua primeira comunhão aos dez anos, e com tal fervor, escreve um seu biógrafo,

“que, apenas recebeu o pão eucarístico, possuída das doçuras celestes além das forças naturais, caiu desfalecida nos braços de sua mãe e desmaiou.” De ano para ano, a sua devoção foi mais ardente. Passou a vida em preces, em adoração, comungou constantemente, fez voto de castidade.

Há justamente, em Kaltom, um convento de S. Francisco, com irmãs da Ordem Terceira (não claustrado), onde se fez inscrever o nome de Teresa, em honra da mística Santa Teresa. Aos 18 anos, seu corpo sofre e é feliz oferecendo seus sofrimentos a Deus. Vítima privilegiada, tem êxtases quase diariamente, lança-se de joelhos à beira do leito e aí fica, insensível, dias inteiros, as mãos erguidas, os olhos levantados para o céu, contemplando extaticamente o divino Crucificado. A partir de 2 de fevereiro de 1834, festa da Purificação, os estigmas aparecem-lhe nas mãos, nos pés, no tronco, atestados por sua família, pelo seu confessor, pelo seu médico, pelo bispo primaz de Trento, que procede a um inquérito em nome do governo, e por numerosas pessoas mais. O sangue goteja todas as sextas-feiras, dia em que assiste pelo pensamento, com convicção absoluta, à paixão de Jesus Cristo.

Um caso análogo de estigmas foi atestado, no Tirol igualmente, em Maria Dominica Lazzári, nascida em 16 de março de 1815, em Capriana de Fiemme, próximo de Cavaléri, a dez horas de Trento, visionária extática, sujeita a freqüentes convulsões. Desde os 19 anos ela sentia e apresentava chagas da Paixão que contemplava por visão interna. O sangue gotejava das mãos, dos pés, do lado, do peito, como nos estigmas de S Francisco, e, além disso, da fronte, marcada pela coroa de espinhos, donde corria, principalmente às sextas-feiras, com abundância tal, que lhe banhava o rosto (Relatório do cirurgião, Dr. Dei-Cloche).

Uma terceira “virgem do Tirol”, célebre na mesma época, Crescenzia Nieklutsch, nascida em 15 de junho de 1816 em Cana, que residiu em Meran, Trento e Verona, apresentou os mesmos sintomas, era extática como as duas precedentes. Foi aos 19 anos que os estigmas lhe apareceram nas mãos (na festa de Pentecostes, 7 de junho), dias depois nos pés, em seguida na

fronte e finalmente no lado do peito. De todas estas chagas corria grande quantidade de sangue, principalmente às sextas-feiras.[30]

Sempre que procurarmos conhecer esses exemplos de auto-sugestão, encontramo-los em número muito maior do que se pensa.

O poder da imaginação mostra-se, com particular evidência, nos estigmas de Catarina Emerich. Como não ver aí a idéia atuando sobre a matéria?

Apesar dos médicos, que disso nada compreendiam, e apesar dos doutores em ciências físicas e naturais, que negavam tudo com superioridade, os estigmas de Catarina Emerich são tão verídicos como as folhas dos olmos sob as quais esses cientistas peroravam.

Examinemos o caso curioso. Extraio este documento de uma obra em três volumes que me entregou, em janeiro de 1889, a Sra. Sofia Funck-Brentano, "sobrinha do escritor das visões, Clemente Brentano de la Roche".[31]

Ana Catarina Emerich nasceu na aldeia de Flamske, próximo da pequena cidade de Coesfeld, na Westphalia, em 8 de setembro de 1774. Mostrou, desde a sua primeira infância, uma piedade extraordinária.

> "Um dia – diz ela –, procurava meditar sobre o primeiro artigo do símbolo "creio em Deus, o Pai todo Poderoso" (contava então 5 ou 6 anos). Apresentaram-se aos olhos de minha alma quadros do Universo: a queda dos anjos, a criação da Terra e do paraíso, a de Adão e Eva e a sua desobediência; tudo me foi mostrado.
>
> Imaginei que todos viam estas coisas da mesma forma que se vêem os objetos que nos cercam."
>
> (A sua imaginação era precoce!)

Eis agora o que ela conta do começo de suas visões. Foi aproximadamente quatro anos antes de sua entrada no convento, e por conseqüência em 1798, aos 24 anos de idade.

> Ajoelhada diante de um crucifixo, na capela dos jesuítas de Coesfeld, rezava com todo o fervor de que era capaz, en-

tregue a uma contemplação cheia de doçura, "quando de repente, afirma ela, vi o meu noivo celeste sair do tabernáculo, na figura de um moço todo cercado de esplendor. Segurava na mão esquerda uma coroa de flores, e na direita uma coroa de espinhos, e ofereceu-mas à escolha. Pedi a coroa de espinhos, que ele mesmo pôs na minha cabeça e que eu enterrei com minhas mãos até à fronte. Depois desapareceu e eu senti desde logo dores violentas em torno da cabeça. Imediatamente *apareceram feridas, como picadas de espinhos, das quais escorria sangue*". Para que o seu sofrimento se mantivesse ignorado, Ana Catarina lembrou-se de descer mais a sua touca sobre a fronte.

Entrou no convento de Dulmen em 1802 e daí em diante teve uma vida de êxtases.

Um dia, apareceu-lhe o seu noivo celeste e fez sobre ela o sinal da cruz. Logo o seu peito ficou marcado por dupla cruz vermelha, de três polegadas de comprimento e meia polegada de largura. Em 29 de dezembro de 1912, estava ela na cama, os braços em cruz, imóvel, extática. O seu rosto queimava. Contemplava a paixão do Redentor e na sua prece implorava a graça de partilhar tantos sofrimentos. De súbito, baixou sobre ela uma luz, no centro da qual distinguia Jesus-Cristo crucificado, com suas cinco chagas resplandecentes como sóis. O coração de Ana Catarina estava hesitante entre a dor e a alegria; à vista dos estigmas sagrados, o seu desejo de sofrer as dores do Filho de Deus foi tão violento que lhe pareceu, revestindo forma sensível, penetrar nas chagas do Salvador. Bem depressa *de cada uma delas jorraram três raios de um vermelho púrpura*, terminados em setas, que lhe vararam os pés, as mãos e o lado do peito. Das *feridas produzidas gotejava sangue*.

Desde então ela sofreu todas as dores internas e externas do Cristo na paixão.

A autenticidade desses fatos não se pode negar. Foram verificados por inúmeros visitantes da Alemanha e de outros países. Como tal acontecimento se tornasse conhecido na ocasião em

que os franceses acabavam de estabelecer o seu governo, o prefeito de Munster e um oficial de polícia dirigiram-se a Dulmen para se certificarem da realidade das coisas. Verificaram que esses fatos – fisiológicos ou de outra natureza – desconcertavam qualquer explicação científica. O prefeito enviou oito médicos e cirurgiões militares a visitar a vidente, dando-lhes ordem para empregarem todos os recursos da arte, no intuito de cicatrizarem as chagas; elas, porém, de novo se formaram todas as sextas-feiras.

Poderíamos comparar muitos outros exemplos análogos,[32] como os de Santa Teresa, Santa Catarina de Ricci, Arcângela Tardero, Santa Gertrudes, Santa Lidwina, Santa Helena da Hungria, Santa Ozana de Mântus, Santa Ida de Lovaina, Santa Cristina de Strumbélen, Santa Joana da Cruz, Santa Lúcia de Márni, Santa Catarina de Siena, Pascthis e Clarisse de Cógis, Catarina de Ranconioso, Verônica Giulâni, Colomba Schanolt, Madalena Lorger, Rosa Serra,[33] e mesmo com os de vários homens piedosos; mas, não pretendemos escrever uma obra sobre esse assunto e limitamo-nos a acrescentar, aos casos precedentes, o de Luísa Lateau, a célebre estigmatizada de Bois-d'Haine (Bélgica), estudada em 1869 pelo professor Delboeuf, da Universidade de Liège, um dos que mais atraíram a atenção dos sábios contemporâneos.

Na sexta-feira, 24 de abril de 1868, doze dias depois da Páscoa, Luísa Lateau, de 18 anos (nascida em 30 de janeiro de 1850), entrada na nubilidade cinco dias antes, doente e lânguida havia mais de um ano, extática, de imaginação ardente e mística, viu aparecer o seu primeiro estigma, o do lado esquerdo; na sexta-feira seguinte aparecia-lhe outro estigma no pé esquerdo, e foi na terceira sexta-feira que ela observou os cinco estigmas no seu corpo. Esses estigmas da coroa de espinhos apenas sangraram cinco meses mais tarde.

Tais fatos, dizíamos precedentemente, em completa oposição com a fisiologia comum, que considera o pensamento como propriedade material do organismo, são forçosamente negados pelos professores clássicos. Em 1877, o notável Herr Dr. Professor Virchow, falando dos estigmas de Luísa Lateau, proclamava

enfaticamente este dilema: *Embuste ou milagre*, suprimindo o milagre, com razão, e não admitindo senão o embuste. Ora, podemos afirmar, em nome da ciência livre, que não há no fato mencionado *nem embuste nem milagre*.

Tenho o gosto de contar bastantes primaveras para haver sido contemporâneo da criação de Lourdes, em 1858, e ter conhecido, por testemunhas que habitavam aquela região, a história amorosa da Sra. P. e do Tenente G. (saído de Saint-Cyr em 1857, então colocado no Regimento nº 42 de Infantaria, em Lourdes, morto depois no posto de major no Tonkim), que deu origem ao incidente da gruta da pequena Bernadette Soubiroux – uma pobre de espírito – na quinta-feira gorda daquele ano, incidente cujas conseqüências foram maravilhosas, apesar da primeira recusa do honesto pároco de Lourdes, o Padre Peyramale (confessor da Sra. P.), em admitir a aparição da Virgem.[34] O meu amigo, Comandante Mantin, nascido como eu em 1842, atualmente em Pau, ainda vive para o afirmar, assim como outros contemporâneos: o Capitão de G., o Sr. Pelizza. Os "milagres" de Lourdes, aos quais tenho assistido, assim como milhares de outras testemunhas, são certamente uma das manifestações mais curiosas e evidentes do poder da idéia, da exaltação mental, da fé.

O mesmo se deu com os de Nossa Senhora de la Sallette, que floresceram durante uns vinte anos, apesar da sentença do Tribunal Civil de Grenoble, de 15 de abril de 1855, provando que essa Virgem, aparecida a duas crianças em 19 de setembro de 1846, era a Srta. de la Merlière, representando voluntariamente a comédia. A água de la Salette também curava, o que verifiquei, com meus próprios olhos, na diocese de Langres, em 1854.

Esses diversos milagres, produzidos pela auto-sugestão, foram observados, tanto na antigüidade como em nossos dias, e tanto entre os pagãos como entre os cristãos. Pode ver-se, no museu de Dijon, *ex-votos* oferecidos pelos romanos à deusa Sequana, à nascente do Sena, encontrados no templo erigido a esta divindade, num vale que visitei ainda há pouco, perto da aldeia de Saint-Seine. Conta o Dr. de Sermyn, além disso, que foram descobertas, não há muito tempo, nas escavações feitas pelo Sr. Cawadias, nas ruínas do templo do Asclépios, estelas

com inscrições comemorativas das principais curas milagrosas que então se deram, as quais representam os arquivos sagrados. Essas estelas são do século III e IV antes de Jesus-Cristo. Depreende-se daí que naquela época os sacerdotes ao serviço de Asclépios, no santuário, nenhum remédio prescreviam, ao contrário do que se acreditava geralmente. Era o deus que curava. Os doentes viam-no operar em seus corpos com grande afoiteza. As pessoas saradas declaravam ter avistado a divindade quando ela vinha abrir-lhes o ventre, arrancar-lhes os tumores e explorar-lhes os intestinos.

Assim, por exemplo, um homem que tinha um cancro no estômago, conta que foi a Epidaure, adormecendo e tendo uma visão. "Pareceu-lhe que o deus ordenava aos criados que o acompanhavam que o agarrassem e segurassem bem, enquanto ele lhe abriria o ventre. O homem, apavorado, fugiu, mas os criados alcançaram-no e dominaram-no. Então, Asclépios abriu-lhe o abdômen, praticou a excisão do cancro e libertou o doente, depois de lhe haver cosido a abertura do ventre com cuidado. Volvidos instantes o homem acordou e achou-se curado."

Vê-se que é sempre, e em toda parte, a mesma coisa. É a visão que opera, que age sobre o corpo do enfermo como agiria um cirurgião em nossos dias.

Todos os doentes que vão a Lourdes desejam sarar e levam, conseguintemente, no cérebro a imagem da cura; mas são poucos os que saram, porque nem todos são dotados de uma organização nervosa suficiente para ver os seus desejos transformados em realidade e atuar como teria atuado um ser sobre-humano, dotado de faculdades maravilhosas.

O ardor da convicção religiosa é um Proteu que muda de forma, que se torna Apolo, Asclépios, Jesus, o Diabo, a Virgem Maria, um bom ou um mau Espírito, segundo as convicções, as idéias preconcebidas do *eu* consciente.

Acrescentarei que talvez não seja unicamente a auto-sugestão em jogo; forças psíquicas ambientes influem por vezes. É todo um mundo a descobrir.

Continuemos o estudo da vontade.

O que se não deve negar de futuro é que a vontade possa atuar a distância, sem a palavra, sem comunicação telegráfica ou telefônica material, pela sua própria energia. Pode-se mesmo aparecer. Será a alma que se desloca e muda de lugar? Será uma ação sobre o cérebro produzindo alucinação verdadeira? É esta a questão e o nosso dever é o de examiná-la livremente, sem parcialidade. Vamos resolvê-la experimentalmente com exemplos.

Entre diversas observações instrutivas, vou pôr aqui sob os olhos dos meus leitores o seguinte fato referido pela Sra. Russell, de Balgaum (Índia), esposa do inspetor da Instrução Pública na Presidência de Bombaim. Eis essa experiência muito notável:[35]

> "Eu vivia na Escócia e minha mãe e minhas irmãs estavam na Alemanha. Morava em casa de uma amiga muito querida e todos os anos ia à Alemanha ver os meus parentes. Aconteceu que durante dois anos não pude visitar minha família, como tinha por costume. Resolvi de repente partir sem que os meus soubessem de tais intenções. Não tinha ido vê-los no começo da primavera e faltava-me o tempo para avisá-los por carta. Também não queria prevenir por telegrama, com receio de assustar minha mãe. Veio-me a idéia de querer, com todas as minhas forças, aparecer a uma das minhas irmãs, de modo a avisá-la de minha chegada, e pensei nisso com a maior intensidade possível, não concentrando, creio eu, o meu pensamento mais de dez minutos. Tomei um vapor em Leith, num sábado à tarde, em fins de abril de 1859, e desejei fazer a minha aparição nesse mesmo sábado, às seis horas da tarde.
>
> Cheguei a casa pelas seis da manhã de terça-feira seguinte. Entrei sem ser vista, pois a porta estava aberta. Meti-me no quarto. Uma das minhas irmãs estava de costas para a porta; voltou-se, ouvindo passos, e quando me viu, olhou-me fixamente, ficou muito apática e deixou cair o que tinha na mão. Não havia pronunciado uma só palavra. Então falei:
>
> – Sou eu; por que estás assim assustada?
>
> Ela respondeu-me:

– Pensei ver-te como Stinchen te viu no sábado.

(Stinchen é outra minha irmã).

Respondendo às perguntas que eu lhe formulava, contou-me que no sábado à tarde, pelas seis horas, minha irmã me tinha visto distintamente entrar, por uma porta, no quarto onde ela estava, abrir a porta de um outro quarto onde estava nossa mãe, e fechar essa porta atrás de mim. Correu para quem supunha ser eu, chamando-me pelo nome, e ficando absolutamente pasmada quando não me viu com minha mãe, que não podia compreender o nervosismo de minha irmã. Procuraram-me por toda parte, e naturalmente não me encontraram.

A irmã que me tinha visto (isto é, em aparição) saíra na manhã da minha chegada. Sentei-me num degrau da escada, para me dar conta, quando voltasse, do que sentiria ao avistar-me. Quando levantou os olhos e me viu sentada na escada, pronunciou o meu nome e quase desmaiou. Minha irmã nunca viu nada de sobrenatural, nem antes nem depois; e não renovei estas experiências desde esse momento. Nem as renovarei, pois aquela de minhas irmãs que foi a primeira a avistar-me, quando cheguei realmente a casa, caiu bastante doente, devido à comoção que havia experimentado.

J. M. Russel."

Quando tratarmos da *duplicação dos vivos*, voltaremos a este assunto. Consignemos apenas, neste momento, que o inquérito feito pela Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas e a respeitabilidade da signatária, assim como a de sua família, que confirmou o que ela disse, não permitem duvidar da autenticidade da narração. Como as outras, ela prova que *a vontade atua a distância*.

As interrogações precedentes podem também aplicar-se ao seguinte caso, afirmado pelo pastor Dutton, de Leeds (Inglaterra):[36]

"No meado de junho de 1863, passeava eu, de dia, na grande rua de Huddersfield, quando vi aparecer diante de

mim, à distância de poucos metros, um amigo querido, que tinha motivos para julgar gravemente enfermo, em sua residência de Staffordshire.

Dias antes alguns amigos me tinham informado da sua doença. Como ele se aproximasse mais, foi-me fácil examinálo; e notando que a sua cura havia sido rápida, não duvidava de que não fosse, realmente, o meu amigo. No momento em que nos encontramos, olhou-me com expressão triste e enternecida e, com grande surpresa minha, não pareceu ver que eu lhe estendia a mão, nem respondeu ao meu afetuoso cumprimento, e continuou o seu caminho tranqüilamente. Fiquei intrigado e incapaz de falar ou de andar durante segundos. Não me certifiquei de que tivesse proferido qualquer palavra, mas ficou-me no espírito esta impressão muito nítida: "Precisava tanto de ver-te e não aparecias".

Quando tornei a mim, voltei-me para olhar ainda a figura que se afastava, mas tudo se havia dissipado. O meu primeiro ímpeto foi o de telegrafar, pois veio-me a idéia, que pus logo em execução, de verificar se o meu amigo estava realmente vivo ou morto, apesar da quase certeza de que esta última hipótese era a verdadeira. Quando cheguei a sua casa, no dia seguinte, encontrei-o vivo, mas num estado semiconsciente. Havia perguntado por mim diversas vezes, o seu espírito tinha-se apegado provavelmente ao pensamento de que eu não iria vê-lo.

Tanto quanto pude apurar, ele devia dormir na hora em que me apareceu, na véspera. Disse-me depois que lhe parecia ter-me visto, sem saber onde nem como. Não posso explicar-me como o meu amigo me apareceu vestido nem como estava naquele momento. O meu espírito achava-se muito preocupado com outros assuntos, nessa ocasião, e não pensava nele. Posso acrescentar que viveu ainda alguns meses.

W. E. Dutton."

Sendo o autor interrogado se tivera outras alucinações, declarou que esta fora a única.

Todos esses fatos de magnetismo, hipnotismo, transmissão mental, auto-sugestão, "duplicação de vivos", que acabamos de tocar de leve para afirmar simplesmente aqui o princípio de sua realidade, e aos quais voltaremos, estabelecem, sem dúvida, a ação do espírito sobre o organismo físico e levam-nos a concluir que a alma existe independentemente do corpo.

Continuemos o nosso estudo experimental.

Mas, antes de prosseguir, queria responder à objeção que acode naturalmente ao espírito analítico do método científico. Pode-se pensar que as coincidências não têm o valor que lhes atribuímos, visto que, em cada caso observado, mil sonhos e mil pressentimentos não têm qualquer seguimento.

Esta objeção seria aceitável se não se tratasse, nesse caso, de sensações especiais, de fatos precisos, de pormenores circunstanciados, de incidentes imprevistos, às vezes de cenas contempladas e tão reais como se tivessem sido fotografadas. Não se pode aplicá-la, por exemplo, ao pressentimento da Sra. Constans, recusando, a despeito das ordens do médico, tomar uma poção que a teria envenenado, nem aos de Delaunay e da Srta. Houssaye, afogados, nem à morte dramática da Sra. Arboussoff, nem à marcha noturna do Sr. Garrison, correndo para junto de sua mãe que estava moribunda e residia a 28 quilômetros de distância, etc., todos relatados nas páginas anteriores.

A nossa convicção acerca das transmissões psíquicas vai aliás fortificar-se gradualmente pelos próprios fatos, em absoluto característicos.

CAPÍTULO VI

A telepatia

– As transmissões psíquicas a distância.
– Vista e audição telepáticas.

Nada de frases! Fatos.

Se a ação da vontade, sem auxílio da palavra e de qualquer sinal, é uma manifestação da existência pessoal da alma, a telepatia e as comunicações mentais a distância constituem outras provas não menos demonstrativas.

As percepções instantâneas e inesperadas de desastres, doenças, mortes, pressentidas a dezenas, centenas e milhares de quilômetros de distância, contam-se em tão elevado número que pertencem hoje normalmente à bagagem habitual dos estudos psicológicos. Negadas ou incompreendidas durante séculos, elas constituem para o futuro um capítulo quase clássico desses estudos.

Os meus leitores conhecem-nas e não quero repetir o que já publiquei sobre esse assunto;[37] limitar-me-ei a relembrar, em princípio, este fenômeno importante de telepatia, porque ele prova a existência da alma, pondo simplesmente sob os seus olhos alguns novos fatos bem característicos.

Em *O Desconhecido*, capítulo VIII – "A visão a distância, em sonho, de fatos atuais", creio ter dado provas incontestáveis, pelos autênticos exemplos apresentados, principalmente a vista e a audição, pelo escritor Pierre Conil, de seu tio moribundo; a vista da cabeça ensangüentada de seu irmão, por um capitão de mar e guerra, ao entrar em Marselha; a vista de um navio que trazia seu pai e sua mãe, pelo engenheiro Palmero; a vista de uma rapariga que caía de uma janela, pelo Sr. Martin Halle; a vista e a descrição de um cancro operado pelo Dr. Cloquet, etc.; ao todo, 49 comprovações de transmissões telepáticas de vista a distância ou no interior do corpo, sobre as quais não insistiremos

aqui, com esta conclusão: “A vista a distância, em sonho e em sonambulismo, não mais pode ser negada.” Leu-se, entre outros, o episódio bem conhecido da princesa de Cônti vendo, em sonhos, que uma ala do seu palácio, em que seus filhos estavam deitados, longe dela, ia desabar e precipitando-se para salvá-los.

Mais fatos vão passar à nossa vista, confirmando ainda tal afirmação.

Aqui temos um, bem curioso, dos mais pessoais – e dos mais indiscretos – entre um vivente acordado e uma pessoa adormecida, que me foi comunicado, em agosto de 1904, pelo Sr. A. d’Argy, Comissário da Marinha, reformado, da Rochelle (rogando-me que não revelasse os nomes).

(CARTA 1.068)

“A Sra. S., da Rochelle, morava, em 1887, na Vendea com sua família. Era noiva do Sr. F. Afeição recíproca muito intensa. Ativa correspondência.

Uma noite, pelas 11 horas, a Sra. S. acorda, ao ser chamada com desespero pelo seu nome de batismo. Reconheceu instantaneamente a voz; sentiu o sopro de uma respiração no seu rosto. Estendeu a mão maquinalmente para certificar-se, crendo numa presença real. Nada sente, nada adivinha. Assustada, chama sua mãe, que dormia em quarto contíguo, e conta-lhe essa alucinação. Ao mesmo tempo, tem a sensação de uma desgraça que acaba de ocorrer, nos Baixos Pirineus. Escreve ao seu noivo no dia seguinte e não recebe resposta. Outras cartas suas têm a mesma sorte. Passam-se alguns meses sem qualquer notícia. Por acaso, a Sra. S. é informada de que o seu amigo foi levado para uma prisão na mesma noite em que ela despertou, sobressaltada – para se evitar o escândalo em uma pequena cidade –, por motivos muitos graves. Um médico que o acompanhava afirmou que o infeliz, aflito, ao ver os seus projetos de felicidade destruídos, chamava a sua noiva com voz desesperada.

As relações romperam-se definitivamente. O Sr. T., entrando depois em uma outra família, morreu há três ou quatro anos.

A presente narrativa é escrupulosamente exata.

Argy.”

Esta comunicação de vivo para vivo lembra outras, também observadas com segurança, entre as quais a de uma senhora (Sra. Wilmot) que foi visitar seu marido a bordo de um navio, e realizando a visita com efeito (*O Desconhecido*, capítulo VIII, caso XXXVIII), e centenas de transmissões telepáticas da mesma ordem.

Os testemunhos variados de comunicações análogas entre viventes, a distâncias consideráveis, são inúmeros. Entre os que me foram assinalados por observadores idôneos, citarei particularmente o seguinte, proveniente de um confrade da imprensa científica, o Sr. Warrington Dawson, atualmente adido à embaixada americana de Paris, o qual dirigia, em 1901, uma agência americana de grandes jornais parisienses. Eis a sua carta, de dezembro de 1901 (Paris, rua Feydeau, 18):

(CARTA 1.003)

“Caro mestre:

É para mim um dever levar ao seu conhecimento um caso bastante singular de telepatia que acaba de se dar comigo e que pode contribuir para o adiantamento das suas importantes e perspicazes investigações.

Na terça-feira passada, 8 de outubro, estava no meu escritório, rua Feydeau, 18, escrevendo um artigo sobre a sua jovem colega a Srta. Klumpke,[38] astrônoma do Observatório; mas tive de interrompê-lo por falta de notas acerca de uma entrevista que ela me havia concedido. Lembrando-me de que essas notas se achavam em uma gaveta da minha banca de trabalho, em meu domicílio, rua de Varenne, 32, fui buscá-las. Subi ao meu quarto andar, deixando, como de costume, o chapéu sobre a mesa, na sala de espera. Dei-me conta então de que não havia ninguém nos meus aposentos, quando a criada devia lá estar, na minha ausência. Tive um movimento de despeito, dizendo: “Isto há de acabar”; depois, lembrando-me de que minha mãe devia voltar a Paris dentro

em breve e que trataria disso melhor do que eu, não dei mais importância ao caso e dirigi-me para o meu gabinete de trabalho, atravessando um corredor estreito, e sentando-me à minha secretária, carregada de papeladas, sobre a qual estava colocada uma lâmpada.

Eram duas horas da tarde, do dia 8, e estou certo disto porque enviei naquela noite, para a América, o artigo sobre a Srta. Klumpke, do qual lhe remeto cópia impressa, em data de 8 de outubro.

Pode ler, nesse artigo, que ela lhe deve a sua iniciação astronômica e que, com as suas obras, foi o senhor o seu primeiro mestre.

Qual não foi a minha surpresa, ao receber, pelo correio da América, na semana seguinte, uma carta de minha mãe, contando-me os fatos que venho de expor, tais como foram vistos por uma nossa amiga, a Sra. George M. Coffin, de Nova Iorque! A carta de minha mãe é de 11 de outubro e datada de Nova Iorque, e o sobrescrito tem o carimbo postal da mesma data; foi, portanto, três dias depois do incidente que a carta entrou no correio, e como são precisos oito dias para uma carta chegar de Paris a Nova Iorque, não haveria modo algum de tornar conhecidos esses fatos em menos de três dias, salvo por carbograma, mas ninguém se lembraria de gastar um franco e vinte e cinco cêntimos por palavra para pormenores de somenos importância. Minha mãe escrevia na sexta-feira, 11 de outubro, e dizia ter visto a Sra. Coffin na quarta-feira, isto é, no dia 9. Fato curioso: A Sra. Coffin, procurando ver-me às 2 da tarde, hora de Nova Iorque, viu, não o que eu fazia naquele momento, mas o que fazia na véspera, duas da tarde, hora de Paris.

Verificará, pela leitura da carta, que a Sra. Coffin começou por descrever os aposentos. Esses aposentos nunca foram fotografados e a Sra. Coffin só viu minha mãe, pela primeira vez, depois de sua volta da Europa, alguns momentos apenas antes de descrevê-los, sem poder conhecer a disposição dos mesmos. isto poder-se-ia explicar pela sugestão, pois que minha mãe os conhecia; mas, com seus hábitos pa-

risienses, nem sequer pensaria em designá-los senão como um quarto andar, por estarem quatro andares acima do rés-do-chão, ao passo que para uma habitante de Nova Iorque, que não conhece sobreloja e que chama rés-do-chão ao primeiro andar, os nossos aposentos ficariam num sexto andar, como diz a Sra. Coffin.

Deduz-se desse fato que a Sra. Coffin viu bem os aposentos. Além disso, é a única vez, há perto de um ano, que me acontece ir para casa àquela hora. O que também prova a exatidão, que é familiar à Sra. Coffin nas visões a distância, é a surpresa que teve quando avistou a estufa de porcelana, objeto ignorado na América.

Há longos anos que minha família conheceu a Sra. Coffin. Temo-nos divertido muitas vezes a pedir-lhe para ver o que se passa em casa de pessoas que nos interessam, ou para responder às perguntas que fazíamos em pedacinhos de papel fechados, que ela pegava sem os ler. As suas respostas foram sempre claras e exatas, quando foi possível verificá-las.

Aceite, etc.

Francis Warrington Dawson."

Esta carta era acompanhada por uma outra da mãe do Sr. Dawson, datada de Nova Iorque, a 11 de outubro, descrevendo com exatidão, sob o ditado da Sra. Coffin, os aposentos de Paris, no "sexto andar", a visita feita a esses aposentos pelo Sr. Dawson, a sua irritação pela ausência da criada, a colocação de seu chapéu sobre uma mesa, a busca dos seus papéis, o arranjo do escritório, a sua instalação para escrever, numa palavra, todas as particularidades do que ele tinha feito em Paris.

Essa vista a distância, muito minuciosa, é absolutamente espontânea e incontestável. Mais curioso ainda é que a visão se refere à véspera, e não ao dia e ao momento, de modo que houve um duplo fenômeno de telepatia, no espaço de no tempo.

As transmissões telepáticas entre vivos não são tão raras como se supõe quando as ignoramos. Eis aqui uma delas que é digna de atenção.

O comandante T. W. Aylesbury, residente em Sutton, condado de Surrey (Inglaterra), escrevia em dezembro de 1882:

> "Caí de um barco, aos treze anos, quando o meu navio chegava à ilha de Bali, a este de Java, e quase morri afogado. Após diversos mergulhos, voltando à tona d'água, chamei minha mãe, o que não deixou de divertir a tripulação do barco, e me valeu, depois, mais de uma vez, as suas zombarias. Volvidos meses, de volta à Inglaterra, contei a história a minha mãe e disse-lhe logo:
>
> – Quando estava debaixo d'água, avistei-vos a todas, sentadas nesse mesmo compartimento e trabalhando em qualquer coisa de cor branca. Vi todas: minha mãe, Emília, Elisa e Ellen."

Ora, a mãe confirmou esta narração, dizendo-lhe: "Ouvi-te chamar-me e mandei Emília ver à janela."

A hora, considerando a diferença de longitude, correspondia àquela em que foi ouvida a voz.

Uma outra carta do comandante completa a história:

> "Vi as feições delas (de minha mãe e minhas irmãs), o quarto e a mobília, sobretudo as janelas venezianas de forma antiga. Minha irmã mais velha estava sentada ao lado de minha mãe.
>
> Quanto à hora em que ocorreu o acidente, foi pela madrugada. Lembro-me de que um barco havia soçobrado na véspera, sendo atirado à praia. O oficial deu-nos ordem para irmos procurá-lo logo de manhã, mas não me lembro exatamente da hora. A situação era terrível e os vagalhões furiosos. O nosso barco virou-se da popa para a proa. Nunca me vi tão próximo da morte e, no entanto, já passei por muitas situações perigosas; mas esse acidente produziu tal impressão no meu espírito que não posso esquecer nenhum dos seus pormenores nem as zombarias dos marujos:
>
> – Rapaz, por que chamavas tua mãe? Pensavas que ela podia tirar-te das garras do diabo?", etc., e outras expressões que não posso referir."

Por outra parte, o inquérito foi confirmado por esta carta da irmã do comandante:

> "Lembro-me distintamente do incidente; fez-me tal impressão que jamais o esquecerei. Uma tarde, estávamos sentadas e trabalhávamos tranqüilamente. Ouvimos primeiro um débil grito: "*mãe!*" Entreolhamo-nos e dissemos:
>
> – Ouvistes? Alguém grita: *mãe!*
>
> Acabávamos apenas de dizer isto quando a voz exclamou ainda seguidamente: *Mãe! Mãe!* O último grito denotava terror, era um grito de angústia. Levantamo-nos todas e a mamã disse-me:
>
> – Vai à porta e vê o que é isso.
>
> Corri para a rua e investiguei durante alguns minutos, mas estava tudo em silêncio e não se via ninguém; a tarde era bela, não corria vento. A mamãe ficou perturbada e triste com esse incidente." [39]

Estes casos de transmissões de pensamentos entre vivos nada têm de comum com a vida normal e estão fora da ação dos nossos sentidos físicos. Evidentemente, é o espírito que neles atua.

Seria fácil citar muitos exemplos, principalmente, entre outros, o de uma jovem amazona que, debruçando-se demasiadamente para abrir uma cancela, caiu do cavalo e soltou um grito que foi ouvido por cinco pessoas, a sete quilômetros de distância.[40]

Recebi cartas ferozes de damas de bons princípios, inspiradas visivelmente por seus diretores espirituais, censurando-me por não acreditar nos dogmas cristãos e por aceitar os "contos ridículos da telepatia, das sensações a distância e dos anúncios de mortes", e notarei neste momento, sobretudo, uma delas quase injuriosa, escrita por uma senhora de Salins, e que chegou pelo mesmo correio que me trouxe as que se seguem (são as cartas 913 e 914 de minha coleção). Elas contradizem-se e completam-se singularmente.

A carta 913 afirma *ser tudo falso* na telepatia, e que eu não mereço desculpa por tomar essas histórias a sério. "Foi-me impossível continuar a leitura do vosso livro *O Desconhecido*, por tal forma ele é ridículo! É verdadeiramente grotesco!"

A carta 914 dizia:

"Cumpro o dever de concorrer com uma contribuição pessoal para o estudo que o senhor empreendeu, na sua importante obra *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, capital para a Ciência futura.

Morava em Aurillac no inverno de 1878, tendo deixado em Saint-Servan (Ille-et-Vilaine) minha mulher e minha filha.

Em 22 de dezembro, entrando num café, pelas 8 horas e meia, senti irresistível angústia. O sofrimento foi tão intenso, que saí e voltei para casa, escrevendo a minha mulher uma carta que começava assim:

"Domingo, 22 de dezembro, 9 horas.

Estava no café, com os meus companheiros do costume, quando me levantei de repente e saí, apesar de muito instado para ficar. Havia escutado um apelo irresistível. Devias pensar em mim, chamar-me com veemência, com angústia talvez. Era aflição? Era perigo? Oh! dize-me o que querias naquele momento! Voltei, pois, para casa todo angustiado, todo comovido. Chamavam-me urgentemente; precisava de estar só e de escrever-te para te confiar a minha aflição..."

A continuação da epístola é inútil para o caso.

Ao receber esta comunicação, no dia 24 pela manhã, minha mulher ficou espantada. Escreveu no alto da minha carta estas palavras: "Dia do acidente de bebê".

Eis o que se tinha passado em Saint-Servan:

No dia 22, pelas 8 horas da noite, minha filhinha, de seis semanas de idade, foi deitada com uma botija d'água quente aos pés. Sua mãe deitou-se também pouco depois. Passados alguns instantes, a criança rompeu em gritos dolorosos, veri-

ficando-se que, como a botija deixasse escapar a água, lhe queimara os pés, torcendo-se a inocente em convulsões.

Minha mulher perdeu a cabeça e somente sossegou depois da visita do médico, que certamente demorou ainda uma hora.

A coincidência dos fatos e a sua perfeita concordância pôde ser fixada graças ao sobrescrito de minha carta – 22 de dezembro, 9 horas.

Havia jantado, como de costume, das 7 para as 8 horas; no café joguei uma partida de cartas: o tempo material para ir do café, a 150 metros do meu aposento, para casa e para me instalar a escrever, tudo prova que a chamada foi ouvida por mim, pelas 8:30, pouco mais ou menos.

A criança fora deitada às 8 horas e as queimaduras produziram-se aproximadamente às 8:30, pois, se isso se desse mais tarde, a água esfriada não teria determinado a empola instantânea que se verificou. Minha mulher não se recorda, atualmente, se o seu pensamento, naquele instante, se dirigiu para mim com angústia, nem se me chamou. Está convencida de que sim, mas as suas recordações não são nítidas.

Ainda assim, a observação da minha carta de 22 de dezembro parece-me das mais rigorosas.

Acrescentarei que a natureza do meu espírito, e a de minhas ocupações, me leva sempre para o estudo das realidades científicas, de preferência aos fatos de ordem misteriosa do mundo psíquico. Nunca mais tive impressões da mesma natureza.

Gigon
Subintendente de 1ª classe.”

Não oferecerá esta curiosa história a maior analogia com a do Sr. Arboussoff (cap. IV) e com a do Sr. Garrison e também com a do Dr. Ollivier? Faculdades supranormais da alma. Continuemos.

Aqui temos ainda fatos de transmissão telepática do pensamento de que é impossível duvidar. Extraí-os de uma carta que

me foi endereçada de Passavant (Haute Saône) pelo Dr. Poirson, da Faculdade de Paris.

(CARTA 3.482)

"Remeto-lhe a relação de três fatos de natureza um pouco diferente, mas que lhe podem ser úteis para os seus estudos sobre os fenômenos psíquicos. Garanto-lhe a sua autenticidade, pois tenho por costume, nesta ordem de assuntos, atribuir importância apenas ao que observo pessoalmente.

a) Há dois meses pouco mais ou menos, achando-me em Belfort, arrabalde de França (*sic*), lembrei-me de repente e com singular insistência de um dos meus confrades do Jura, no qual não penso nem uma vez por ano, pois só tive com ele relações profissionais há treze anos e nunca mais o vi. Passados alguns minutos, encontrava-me frente a frente com ele, numa encruzilhada, e como ele viesse de bicicleta, por uma rua perpendicular, era-me impossível tê-lo avistado antes, e de longe. Eis aqui um fato: Não o explico, mas surpreendeu-me.

b) Médico profissional, posso ser chamado freqüentemente de noite. Pela minha porta passa bastante gente. Se aparece qualquer pessoa que deve puxar a campainha, desperto sozinho quando ela está ainda a uns vinte metros de minha casa. Sei de antemão que ela vai tocar.

Isto já eu o verifiquei, não uma vez, mas uma centena de vezes, nos últimos doze anos. Para ser ainda mais fiel, devo dizer que, se não durmo, o que me acontece muitas vezes, sou de todo incapaz de vaticinar se um transeunte vai ou não parar; acrescentarei também que, se durmo profundamente, depois de uma jornada exaustiva, o fenômeno não se produz.

c) Conto na minha clientela uma rapariga histérica de quem obtenho o sono hipnótico e a sugestão com extraordinária facilidade. Acontece-me muitas vezes determinar-lhe a hora do despertar e do levantar, o que ela observa com exatidão rigorosa. Para quem pratica um pouco o hipnotismo,

isto nada tem de extraordinário. Mas eis um fato que o é e muito:

Um dia, o marido dessa mulher, impaciente porque ela acordasse, lembrou-se de adiantar os ponteiros do relógio colocado na mesa de cabeceira. Devendo esperar ainda uma e meia hora, às 6:30 da manhã pôs o relógio nas 7:30, hora fixada. Ficou surpreendido ao ver que ela se erguia de repente, no mesmo momento em que o ponteiro marcava 7 horas. Este homem veio informar-me de tal fato. Fiquei incrédulo e quis verificá-lo, o que consegui, efetivamente, diversas vezes.

Devo esclarecer que esta pessoa, adormecida ou de olhos fechados, lê facilmente a hora no meu relógio, mesmo quando a faço variar, mas com a condição de que veja eu mesmo os ponteiros. Da mesma forma, ela diz com facilidade o nome de um objeto que apanho atrás dela, *contanto* que o tome nas minhas mãos.

Tudo isso são fatos a explicar: deixo-lhe o cuidado de interpretá-los. Poderiam ser confirmados pelos interessados, se não fossem de espírito um pouco retrógrado quanto ao nosso ponto de vista. Consideram-me um tanto feiticeiro e teriam receio de se verem implicados nessas histórias.

Pode fazer da minha carta o uso que lhe convier; autorizo-o mesmo a publicar o meu nome, pois não temo absolutamente os gracejos dos ignorantes e desejo os dos imbecis.

Sou, etc.

Passavant (Haute Saône), 9 de outubro de 1916.

Dr. Poirson.”

O primeiro desses três casos não é muito raro, e é um dos que nos convidam a considerar a transmissão de cérebro a cérebro como onda etérea. O segundo conduz à mesma conclusão. O terceiro mostra-nos uma sugestão operando, apesar de um subterfúgio. A transmissão do pensamento é evidente, sobretudo na experiência do relógio ao qual o doutor faz variar os ponteiros. Que se encontre bastante amiúde, por acaso aparentemente, uma

pessoa em quem se pensa, é um fato conhecido de toda gente. Por toda parte se deparam exemplos. Entre outros, o Dr. Foissac menciona [41] algumas dessas coincidências que o surpreenderam particularmente. Não são raras, apesar de pouco analisadas até hoje. Elas provam as radiações psíquicas.

As vistas e as audições telepáticas são mais características.

Entre as numerosas observações que me foram comunicadas, citarei a seguinte, de vista a distância num acidente – que não teve conseqüências graves – pessoalmente experimentado pela Sra. Barthés, viúva do Dr. Barthés, de Ivry (carta de 12 de fevereiro de 1919). O fato passou-se em 1874, na Rumânia:

(CARTA 4.075)

"O doutor tinha partido, a cavalo, para o seu serviço e a esposa fora passar a tarde em casa de pessoas amigas. De repente, durante uma conversação qualquer, viu seu marido cair do cavalo, na estrada, e soltou um grito de pavor. Riram-se dela, naturalmente. Mas, quando o doutor voltou à noite, sua mulher, ainda sob a influência da visão, perguntou-lhe, com grande espanto do cavaleiro, se estava ferido. Ele contou-lhe que, depois de uma subida muito rude, metera o cavalo a passo e enfiara as rédeas no braço, para fazer um cigarro. De súbito, o animal tropeçou, caindo sobre os joelhos, e atirou-o ao chão, onde se feriu no rosto, no ombro e no braço. O médico, a par da telepatia, não se mostrou surpreendido com a visão."

Narrarei outra sensação a distância da mesma natureza.

Lombroso publicou a seguinte carta que lhe foi dirigida pelo seu colega da Universidade, o professor De Sânctis:

"Achava-me em Roma, sem minha família, que ficara no campo. Como a casa fora saqueada no ano anterior, meu irmão ia lá dormir. Uma tarde, avisou-me que iria ao Teatro Costânzi. Fiquei sozinho e, ao começar uma leitura, senti-me de repente tomado de pavor. Procurei reagir e principiei a despir-me, mas continuei atormentado com a idéia de que meu irmão corria perigo, com um incêndio no teatro. Apa-

guei a luz e, cada vez mais angustiado, reacendi-a contra meus costumes, disposto a esperar, acordado, o regresso de meu irmão. Estava apavorado como uma criança. Meia hora depois da meia-noite, ouvi abrir a porta, e imaginem a minha surpresa quando meu irmão me contou o pânico produzido por um começo de incêndio que havia coincidido exatamente com a hora de minha inquietação!"

Um caso de telepatia bem notável é o que me foi relatado pelo Dr. Quintard, na Sociedade de Medicina de Angers.[42]

"Uma criança de menos de sete anos, Ludovico, era dotada para o cálculo, faculdade análoga à do célebre Inaudi.[43] O pai do pequeno acabou por observar: 1º- que ele pouca atenção prestava à leitura dos problemas que lhe apresentavam; 2º- que a presença da mãe era condição expressa para bom êxito da experiência. Ela devia ter sempre sob os olhos ou no pensamento a solução pedida.

Daí deduziu que o filho não calculava, mas que adivinhava, ou antes, que sua mãe lhe transmitia seu pensamento, do que quis certificar-se. Para isso, pediu à esposa que abrisse um dicionário e perguntasse ao rapaz qual a página que ela fitava, ao que ele respondeu logo: "é a página 456", o que era exato. Recomeçou dez vezes e dez vezes obteve resultado idêntico.

Uma frase escrita num caderno, qualquer que fosse a sua extensão, logo que estivesse sob os olhos maternos, era repetida pela criança, mesmo quando interrogada por um estranho."

Todas essas observações contribuem para nos demonstrar as comunicações de espírito para espírito.

Uma vista, em sonho, a distância, e uma audição formal foram-me relatadas por um dos meus correspondentes, o Sr. Maurício Rollinet, informado pelo Sr. Doutaz, pároco de Domdidier, cantão de Friburgo (Suíça). Ei-la, um pouco resumida:[44]

"Era em meados de novembro de 1859. Tinha então 18 anos. Deitei-me e adormeci.

Há quanto tempo me embalava nos braços de Morfeu? Ignoro-o. De repente, apresentou-se ao meu espírito uma visão estranha. Vi o rosto contristado de meu velho e querido pai, dirigindo-se da casa paterna para mim. Essa casa ficava à distância de 24 quilômetros da cidade que habitava, perto de Friburgo: "Venho dizer-te, meu caro José, com imensa aflição, que tua pobre irmã Josefina está moribunda em Paris."

Despertado por essa visão, disse comigo: "Ora, é um sonho!" e adormeci de novo.

Eis, porém, que a mesma visão se me apresenta ainda, como anteriormente, com a mesma aparência lamentável e as palavras: "Meu caro José, etc.; *mas tua mãe não sabe ainda da triste notícia*."

Desta vez, pensei eu, saltando da cama, não se trata de um sonho; e, sob a penosa impressão de dolorosa realidade, vesti-me e consultei o meu relógio: era meia hora depois da meia-noite.

No dia seguinte, fui para o liceu. Precisando de alguns objetos que estavam no meu quarto, abordei a casa, guardada por um porteiro idoso. Veio o bom velho para mim com um pacote na mão dizendo-me:

– Um senhor que chegou de sua terra encarregou-me de lhe entregar isto, com a maior urgência, da parte de seu pai.

Abri logo o pacote, no qual encontrei uma carta de meu pai, escrita à pressa, e que dizia:

"Caro José. É com imenso desgosto que venho dizer-te: tua pobre irmã está à morte em Paris... mas tua mãe não sabe da triste notícia. O telegrama chegou-me pelas 10 horas da noite e julguei preferível não avisar tua mãe por enquanto. São agora 11 horas. Depois da meia-noite, o nosso deputado partirá para o grande Conselho. Juntarei a minha carta ao pacote que tua querida mãe preparou para esta ocasião. Procura reunir-te a nós, sem falta, amanhã de noite... Na minha idade, não posso cumprir este doloroso dever. Tomarás o meu lugar!..."

Esta narração é acompanhada do seguinte certificado, assinado pelo narrador:

> "O abaixo assinado afirma em sua consciência que a narrativa é perfeitamente exata e que guarda recordação precisa desse acontecimento, como se fora de ontem.
>
> Domdidier, 18 de abril de 1918.
>
> *Jos. Doutaz*, Cura."

É impossível invocar aqui o acaso de uma coincidência fortuita entre este sonho e o acontecimento, e somos obrigados a admitir que o pensamento do pai foi levado ao filho no próprio texto da carta que lhe dirigia.[45]

Vê-se que tudo concorre para provar o valor absoluto da tese aqui sustentada: a ação da alma, independente do corpo.

A seguinte sensação telepática foi relatada pelo Dr. Foissac (*Chance et Destinée*, pág. 599), e passou-se com ele próprio. Não se cogitava então da importância destes fatos. Escreve o Dr. Foissac:

> "Quando eu era estudante de Medicina e interno no Hospital Dupuytren, sonhei que via meu pai atacado por uma enfermidade que o levava ao túmulo. Despertei muito perturbado, procurando dominar a minha inquietação, dizendo-me a mim mesmo que havia deixado meu pai, no domingo anterior, de perfeita saúde; estava numa quarta-feira. Convenci-me de que era uma verdadeira infantilidade ter receio de um sonho e resolvi não fazer caso dele. Mas a imagem de meu pai moribundo continuava sempre presente no meu pensamento, e para me libertar dessa obsessão, apesar de envergonhado da minha fraqueza, segui para Saint-Germain, onde encontrei meu pai atacado da congestão pulmonar que o arrebatou em cinco dias."

A telepatia toma todas as formas.

Não é muito raro ver os jornais diários receberem os ecos de observações desse gênero. O *Daily Telegraph* de 23 de agosto de 1906 publicou, entre outras, a narração de uma sua correspondente, relatando que sua filha, uma pequenita de três anos, que

orava todas as noites, recusou uma vez rezar pelo êxito feliz da viagem de sua avó, a caminho da Rússia para a Inglaterra.

– Não – dizia ela –, não rezarei hoje para que minha avó chegue de boa saúde, *porque ela já chegou*.

– Que dizes?

– Sim, eu vi o navio no porto, e ela está bem.

A correspondente acrescenta que tomou nota da data e que, quando recebeu notícias de sua mãe, verificou que tinha realmente chegado, como a criança viu no seu sonho, na véspera do dia em que ela se recusara a pronunciar a prece habitual. Observa a mesma correspondente que essa faculdade de vista a distância, em sonho, existe na sua família e que ela mesmo viu, certa noite, a explosão a bordo do "Great Western", de que seu marido zombou quando ela lha contou, mas que foi forçado a reconhecer a veracidade no dia seguinte, à chegada dos jornais.

Foi-me comunicada por uma amiga de longa data, a Sra. Dobelmann, uma vista telepática, em sonho, de Estrasburgo a Paris, nos seguintes termos:

(CARTA 2.320)

"Não sei, caro mestre, se lhe fiz menção de um caso de telepatia que me aconteceu em janeiro de 1901. Vivíamos já em Paris. Em fins de janeiro fomos chamados a Estrasburgo, eu e meu marido, para o enterro de minha pobre mãe. Nossos filhos não puderam acompanhar-nos, devido às leis de exceção. Bastante impressionada pelas muitas saudades, pela temperatura, pelas tempestades de neve, tinha sonhos noturnos agitados. Uma noite, principalmente, senti uma angústia aguda e sonhei que via meu filho mais novo apertado entre duas fileiras de tábuas que sobre ele haviam caído, não podendo desprender-se e chamando: "Mamã!" Falei disso a minha irmã, ainda sob a impressão desse pesadelo, mas nem eu nem ela ligamos importância ao caso.

Alguns dias depois, de regresso a Paris, a criada disse-nos, ao avistar-nos:

– O Sr. Juliano está muito melhor, já foi trabalhar.

– Então, esteve doente?

– Sim, teve de ficar alguns dias em casa, por se ter ferido numa perna. Ele não vos escreveu?

Quando meu filho chegou, respondeu às perguntas que lhe fizemos. Havia sofrido um acidente, em virtude de um montão de pranchas que sobre ele caíra: mas que era inútil assustarmo-nos, pois nada de grave acontecera.

– Eu já o sabia – disse-lhe –; com isso sonhei uma noite; mas, fato curioso, não reconheci a tua oficina; estavas entre pranchas, sem poderes levantar-te, num grande pátio desconhecido em que o Sol brilhava.

– É exato – respondeu-me ele –, o Sol brilhava naquele dia, e isto me aconteceu no pátio do vizinho, que descreves bem, sem nunca o teres visto. Mas não me recordo de haver-te chamado.

Meu filho ter-me-ia chamado em sonho, de noite? É possível; costumava sonhar em alta voz.

Devo acrescentar que foi a única vez que semelhante coisa me aconteceu.

Valérie Dobelmann
Rua Linné, 12, Paris.”

Vê-se que a variedade esmalta todas essas narrações sinceras, singelas e autênticas.

Documentam-se umas com as outras para nos provar que a anatomia não encerra a realidade.

Eis ainda outro exemplo de vista a distância, em sonho, de um incidente preciso.

Uma pessoa de minhas relações, a Sra. Izouard, de Marselha, onde sua família é muito conhecida há mais de meio século, contou-me um sonho muito curioso que, a meu pedido, resumiu em algumas linhas, na carta seguinte:

(CARTA 1.021)

“13 de dezembro de 1901.

“Caro mestre:

Morava em Marselha, quando o acontecimento se deu em Sorgues, pequena cidade do Departamento de Vaucluse. Vi, em sonho, uma amiga, nas mãos de um homem que lhe cortava a sua bela cabeleira e acordei muito impressionada.

Volvidos meses, soube que a senhora em quem vi fazer esta desagradável operação tinha de fato não só os cabelos cortados, mas a cabeça inteiramente rapada, em conseqüência de grave doença. Meu sonho ocorreu no mesmo momento dessa doença; por tal motivo, conservei inesquecível recordação dele.

V. Izouard."

Não há distância para o espírito. Tem-se formulado a questão de saber se a alma dos videntes se transporta para o lugar visto, se a pessoa avistada atua a distância sobre o vidente, ou também se não existe simultaneidade de sensação das duas partes. Mas o que é o espaço para o pensamento?

Ver um desastre, a doença, a morte a distância, não é fato tão raro como parece. Teremos ocasião de examinar adiante um certo número de casos de vistas de mortos, exatas e precisas. Citemos, a respeito de telepatia, a surpreendente observação seguinte, extraída do livro de Mrs. Crowe, *Os Lados Obscuros da Natureza*:[46]

"Uma certa Sra. H., residente em Limerick, tinha, há alguns anos, ao seu serviço uma criada que muito estimava, chamada Nelly Hanlon. Era pessoa de confiança que raramente solicitava licenças, e a Sra. H. estava, por isso, disposta a atendê-la quando Nelly lhe pediu, uma vez, que a dispensasse para ir à feira que se realizava a algumas milhas de distância. Mas o Sr. H., ao voltar a casa e conhecendo os desejos de Nelly, declarou que não podia ser atendida naquele dia, porque tinha convidados para o jantar, e que só a ela podia confiar as chaves da adega, pois os seus quefazeres não lhe permitiriam voltar a tempo de ele mesmo ir buscar o vinho.

A Sra. H., não querendo contrariar Nelly, a quem já tinha dado o seu consentimento, disse que ela mesmo se encarregaria disso, e a criada partiu de manhã, muito alegre, prometendo voltar à noite se lhe fosse possível, ou o mais tardar na manhã seguinte.

Passou-se o dia sem incidente e ninguém pensou em Nelly. Quando foi necessário ir ao vinho, a Sra. H. tomou as chaves e dirigiu-se para a porta da adega em companhia de uma criada que levava um cesto com garrafas.

Havia começado apenas a descer os primeiros degraus da escada, quando soltou um grito e caiu sem sentidos. Levada para a cama, a serva que a acompanhava disse aos outros criados, assustados, que ela e a ama tinham visto Nelly, em baixo da escada e inteiramente molhada. Quando o Sr. H. chegou, repetiram-lhe a mesma história: ele ralhou com a criada, pela sua tolice. A Sra. H., voltando a si depois de alguns cuidados, abriu os olhos, suspirou profundamente e exclamou:

– Oh! Nelly Hanlon!... – e, logo que pôde falar, confirmou os dizeres da criada: tinha visto Nelly, ao fundo da escada, escorrendo água.

O Sr. H. fez tudo quanto lhe era possível para convencê-la de que tudo aquilo era uma ilusão, mas debalde!

– Nelly – disse ele – voltará em breve e há de rir-se com o caso.

Anoiteceu e amanheceu de novo, e Nelly não deu sinal de si. Passaram-se dois ou três dias. Tiraram-se informações, apurando-se que Nelly fora vista na feira, donde partiu à noite para voltar a casa. Desse momento em diante nada mais se sabia a seu respeito. Afinal, o seu corpo foi encontrado no rio, ignorando-se, porém, como tinha ocorrido o desastre.”

Pode pensar-se que a criada, ao afogar-se, acidentalmente sem dúvida, se transportou em espírito para junto de seus patrões, a quem era muito afeiçoada. Essa vista telepática é particularmente notável por sua precisão e sua clareza.

Às vezes, essas sensações telepáticas a distância tomam uma forma simbólica que não se adivinha desde logo. Recebi a seguinte carta com a narração de um sonho que se deu no Berry, a 240 quilômetros de Paris:

(CARTA 671)

"Na noite de 29 para 30 de agosto de 1892, fui particularmente emocionado por um sonho. Uma jovem de minhas relações havia casado com um funcionário, cinco anos antes. O casal morava em Neuilly, e o seu segundo filho, de quinze meses, achava-se em estado melindroso, devido a uma enterite, tendo seus pais pouco esperança de salvá-lo.

A minha imaginação dirigiu-se, pois, para esse pequeno ser, que de resto, à força de cuidados, veio a sobreviver e é hoje uma criança encantadora.

Assim, eis o meu sonho:

Estava no quarto da minha amiga; ela permanecia de pé, em traje caseiro, os cabelos quase soltos; dos seus olhos caíam lágrimas abundantes; de toda a sua pessoa se irradiava profundo desespero. No entanto, tinha ao colo, como que maquinalmente e por hábito, uma criança cujo rosto e corpo emagrecidos caíam no seu ombro. Essa criança, imagem do sofrimento, vivia e soltava alguns débeis vagidos.

Em breve a minha atenção era atraída pela entrada de dois homens que traziam um objeto atravancador que colocaram no meio do quarto. Primeiro, esse objeto pareceu-me um caixão de criança, e fiquei perturbada ao pensar que o pequenino enfermo ainda estava vivo nos braços de sua mãe. Passado certo tempo, julguei que o fúnebre caixão se alongava muito vagarosamente, tornando-se capaz de encerrar avultado corpo. Com efeito, não tardava que os dois homens instalassem nele um grande cadáver, coberto com um lençol branco.

A jovem amiga redobrava de prantos, de soluços desesperados, e repelia com a mão que tinha livre os assistentes, que procuravam arrancá-la a esse triste espetáculo. Tudo recusa-

va: crianças, família. Não existia para si senão o querido morto que lhe arrebatavam e que nada no mundo podia substituir, dizia ela.

Como tantos outros sonhos, o meu acabou em confusão, e ao despertar só me restava uma impressão penosa, com a recordação bem nítida, entretanto, das minúcias da principal cena. Disse à minha criada, enquanto arrumávamos o quarto, que havia acontecido qualquer coisa em casa dos nossos amigos, que ela bem conhecia. Pensava eu que o terceiro filhinho esperado chegaria antes do prazo.

No dia 1º de setembro pela manhã, meu marido entrou no quarto trazendo na mão uma carta tarjada e, muito emocionado, parecendo-lhe que era joguete de uma alucinação, lia, ou antes balbuciava um convite para o enterro do nosso amigo falecido, em 30 de agosto, com trinta e seis anos.

O infeliz havia sucumbido a um ataque de cólera, vítima, em plena mocidade e ventura, do flagelo pouco mortífero do verão de 1892, que se desenvolveu em algumas localidades situadas a oeste de Paris.

Durante as poucas horas que durou o desespero de salvar o doente, sua mulher (soube depois que foram estas as suas aspirações) havia pensado no médico amigo que meu marido era para eles, o qual, na sua idéia, teria encontrado um remédio libertador.

Quem explicará esta misteriosa atração?

O fato bem real é que vi, em espírito, colocarem o nosso amigo no caixão e que tudo se deu como acabo de narrar. O corpo, como medida de higiene, foi colocado no ataúde em uma hora adiantada da noite, tendo-se dado a morte entre as quatro e cinco horas da tarde.

Dun-sur-Auron (Cher), 6 de junho de 1899.

A. Féron.”

Como não nos convencerão todas essas observações, ao mesmo tempo variadas, positivas e concordantes?

A respeito da vista a distância, em sonho, recebi de um correspondente (o Sr. Egisto del Panto, de Sesto Fiorentino, Itália) esta curiosa nota:

(CARTA 1.013)

"Num trem de Tolosa a Paris viajei com um cavalheiro de meia idade, de maneiras distintas, com o qual não tardei a entabular conversação. Falamos acerca de filosofia, de socialismo, de religião, e ele deu-me a entender que era muito crente, e que a isso o tinha levado uma grande infelicidade que o ferira pouco tempo antes.

Declarou-me ser a primeira vez que revelava a pessoa estranha a horrível desgraça que o atingira. Se bem me lembro, toda a sua família perecera numa inundação, em Tolosa. Pois bem! Esse cavalheiro, que me pareceu ser um professor, declarou-me que poucos dias depois daquele doloroso acontecimento, tinha visto em sonho o lugar onde se achava, debaixo d'água, o cadáver de um dos seus filhos afogados e que, indo procurá-lo no dia seguinte, o encontrou *exatamente nesse sítio*. Não seria crível que uma excelente pessoa de cinqüenta anos, de cultura superior, me tivesse contado, com lágrimas nos olhos, uma história falsa."

Eis um exemplo muito notável de vista a distância, em sonho, de um desastre inteiramente particular. Extraí-o da obra *Phantasms of the Living*, tomo I, pág. 338, e da sua tradução francesa, *As Alucinações Telepáticas*, pág. 107. O cônego Warburton, de Winchéster, escrevia em 16 de julho de 1883:

"Partira de Oxford para ir passar um ou dois dias com meu irmão, Acton Warburton, advogado. Quando cheguei a sua casa encontrei um aviso dele sobre a mesa. Desculpava-se por estar ausente, dizia-me que tinha ido a um baile para os lados de West End e que tencionava estar de volta pouco depois da uma hora. Em vez de ir para a cama, fiquei a dormitar numa poltrona. Exatamente à uma hora despertei sobressaltado, exclamando: "Por Júpiter! ele caiu!" Via meu irmão saindo de uma sala para um patamar profusamente ilumina-

do e tropeçar no primeiro degrau da escada, caindo de cabeça para a frente e amortecendo o choque com o auxílio dos cotovelos e das mãos. Eu não conhecia a casa, nem sabia para que lado ficava. Não ligando importância ao incidente, readormeci. Meia hora depois fui acordado pela chegada brusca de meu irmão, que exclamou:

– Ah! estás aqui! Escapei de boa! Ia quebrando a cabeça. Ao deixar o salão de baile, tropecei e despenhei-me pela escada.”

Tal é a narração do cônego, que declara, conjuntamente, que nunca sofreu de alucinações.

Parece-me que houve, nesse caso, não uma transmissão telepática propriamente dita do irmão do narrador (o qual, entretanto, podia ter pensado nele de repente e com intensidade), mas antes uma vista sem os olhos provocada por essa comoção telepática, tanto mais que o reverendo Warburton afirma em seguida que viu um patamar profusamente iluminado, um relógio e mesas preparadas para refrescos, tudo conforme à realidade.

Publiquei um caso muito semelhante a este (queda numa escada também) em *O Desconhecido* (capítulo VIII, caso XXXI), e um outro do mesmo gênero, no mesmo livro (capítulo VII, caso XLVI).

Estudaremos especialmente este fato curioso da *vista sem olhos* no capítulo seguinte. Ele demonstrará, com evidência ainda mais formal que os precedentes, a existência das faculdades transcendentais da alma.

Essas vistas a distância, essas impressões telepáticas, observam-se também fora dos sonhos, ou pelo menos em espécies de entorpecimentos. Vamos ler, por exemplo, a seguinte observação do advogado Richard Searle, comunicada à Sociedade de Pesquisas Psíquicas, em 2 de novembro de 1883:

“Uma tarde, redigia eu um memorial, sentado à minha secretária, no templo. Essa secretária está colocada entre uma das janelas e a chaminé; a janela dá para o templo. De repente, notei que olhava através da vidraça inferior, que estava à altura de meus olhos, e que via a cabeça de minha mulher,

caída para trás, com os olhos fechados e o rosto pálido e lívido, como se estivesse morta.

Agitei-me na cadeira, procurei voltar a mim; depois levantei-me e olhei pela janela: só vi as casas em frente. Concluí que havia adormecido. Dei algumas voltas pelo quarto, para despertar completamente, e voltei ao meu trabalho, sem mais pensar no incidente.

Voltei para casa à hora do costume. Enquanto jantava com minha mulher, ela contou-me que havia merendado em casa de uma amiga que morava em Gloucester Gardens e que tinha levado com ela uma menina (uma sobrinha que morava conosco), mas que durante a merenda, ou pouco depois, a criança caíra, ferindo-se no rosto. O sangue jorrara. Minha mulher acrescentou que desmaiara. Voltou-me ao espírito a visão da janela e perguntei-lhe a que horas ocorrera o fato. Respondeu-me:

– Às 2 horas e poucos minutos.

Fora naquele momento que eu vira a cena. Devo dizer ainda que foi esta a única vez que minha mulher desmaiou. Contei, nessa ocasião, a história a diversos amigos.

Richard Searle."

Confirmando esse incidente, escreve o Sr. Paul Pierrard, 27, Gloucester Gardens, em Londres:

"Pode ser interessante haver uma narração exata do fato extraordinário que aconteceu na minha casa de Gloucester Gardens.

Senhoras e crianças estavam reunidas, uma tarde, em minha casa. A Sra. Searle, de Home Lodge, Herne Hill, tinha vindo com sua pequena sobrinha Luísa. Como as crianças brincassem ruidosamente, correndo muito à volta de uma mesa, a pequena Luísa caiu da cadeira e feriu-se ligeiramente. O receio de um acidente grave provocou viva emoção na Sra. Searle, que desmaiou. No dia seguinte encontramos o Sr. Searle que nos contou que na véspera, de tarde, enquanto examinava um negócio no seu escritório, 6, Pump Court, no

templo, sentira singular impressão e vira, distintamente como num espelho, a imagem de sua mulher desmaiada.

Essa visão coincidiu com o acidente. O fato é irrecusável."

Parece que houve aqui comunicação instantânea entre os dois espíritos, do marido e da mulher.

A vista sem os olhos, a distância, pela telepatia, de fatos que se dão a dez, vinte, cinqüenta, cem, duzentos quilômetros e mais não é duvidosa para os que estudam este assunto.

Aqui temos um exemplo, relatado em fevereiro de 1901, nos *Proceedings* da Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas, que os investigadores desses estudos já viram citado diversas vezes depois.[47] Trata-se de visão muito nítida, à distância de 230 quilômetros. O autor, o Sr. David Fraser Harris, autor de conferências magistrais na Universidade de Santo André, relata-a nos seguintes termos:

"Há alguns anos um negócio urgente impediu-me de voltar para casa, em Londres, no fim da semana. Pouco disposto a passar o domingo em Manchester, fui, na tarde do sábado, a Matloch Bath, para o gozar aí tranqüilamente, e regressar na segunda-feira pelo comboio da manhã.

Chegando ao meu destino, um pequeno hotel familiar próximo à estação, pedi logo uma chávena de chá e entrei no salão para me aquecer, pois corria um dia de janeiro muito frio, caía neve com abundância e o termômetro marcava muitos graus abaixo de zero.

Como era o único viajante que estava no hotel naquele momento, enquanto esperava pelo chá instalei-me mui confortavelmente em boa poltrona, diante do fogo que me restituía à alegria. Não eram horas ainda de acender o gás e, no entanto, já não se via para ler. Estava de costas para a janela e não pensava em nada de particular. Encontrava-me em perfeito estado de tranqüilidade e de passividade. De repente, perdi a noção do meio em que estava. Em vez da parede e dos quadros que nela se viam suspensos, achei-me em frente da fachada de minha casa de Londres; minha mulher, que es-

tava à porta, falava com um operário que tinha vassoura nas mãos.

Parecia muito aflita e tive instantaneamente a certeza de que o homem estava em grande miséria. Não entendia a conversa, mas um palpite dizia-me que o infeliz pedia a minha mulher que o socorresse. Nesse momento o criado trouxe o chá; a minha visão dissipou-se, mas a impressão que me deixou foi tão profunda e fiquei de tal modo convencido de ter visto alguma coisa de real, que depois de tomar o chá escrevi a minha mulher, participando-lhe o que acabava de acontecer-me. Pedia-lhe que se informasse a respeito desse homem e que o auxiliasse tanto quanto possível.

Ora, eis o que havia ocorrido em Londres: um rapaz batera à porta de minha casa (que dista 230 quilômetros do lugar em que eu me encontrava), falara à criada e oferecera-se-lhe para varrer, por dez centavos, a neve que atulhava o passeio e a soleira da casa. Enquanto o rapaz combinava esse serviço, chegou um pobre diabo coberto de farrapos, que disse:

– Dê-me a preferência, por favor; este moço gastará provavelmente os dez centavos que lhe derem em doces, ao passo que eu preciso desse dinheiro para comprar pão. Tenho mulher e quatro filhos, todos doentes, sem nada para acender o lume e para lhes dar de comer...

A criada pediu ao homem que esperasse e foi avisar minha mulher, que veio falar com o infeliz. Repetiu que estivera doente, que sua família se encontrava em profunda miséria, mas que antes de se dirigir à assistência pública, queria procurar um trabalho qualquer.

Foi esta a cena que eu vira no momento exato em que se passava; era provavelmente a impressão que a miséria do pobre homem produzira no espírito de minha mulher que se havia transmitido ao meu.

Eis como a história acabou: minha mulher prometeu ao homem que iria a casa dele, à noite, para ver o que poderia fazer. O homem falara verdade. Minha mulher deu-lhe o que pôde em dinheiro, roupas, comida e combustível. Inútil seria

acrescentar a surpresa que lhe causara a minha carta, recebida na segunda-feira de manhã. Alguns dias depois eu próprio vi o homem; era o mesmo exatamente que tinha observado na minha visão. Encontrou mais tarde um emprego numa leitaria e veio distribuir leite no nosso quarteirão, durante mais de dois anos.

David Fraser Harris."

Não há, nesta observação positiva, prova absoluta da faculdade da alma que nada tem de comum com o olho material, a retina, o nervo óptico e o cérebro? Não estará neste caso só o *espírito* em ação? Transmissão psíquica a distância, porque o observador não só viu a cena, mas percebeu ainda a natureza da conversa entre o mendigo e sua mulher.

As comunicações psíquicas, mentais, entre vivos, tomam de quando em quando a forma auditiva, como já mencionamos. Ouve-se uma voz, uma chamada urgente, e essa voz, essa chamada corresponde a um desejo, a uma intenção, a um projeto, a uma espécie de ordem longínqua a que é prudente obedecer.

Eis aqui um caso absolutamente notável, experimentado pelo Dr. Nicolas, Conde Gonemys, de Corfu:[48]

"Era médico militar do Exército grego, em 1869. Por ordem do Ministério da Guerra, fui destacado para a guarnição da ilha de Zante. Quando me aproximava da ilha, onde ia desempenhar meu novo cargo (estava a cerca de duas horas do litoral), ouvi uma voz interior dizer-me repetidas vezes em italiano: "Vai ver Volterra".

Esta frase foi tantas vezes repetida que fiquei atordoado; apesar do meu bom estado de saúde, alarmei-me, acreditando numa alucinação auditiva. Nenhum motivo tinha para pensar no Sr. Volterra, morador em Zante, que não conhecia, apesar de o ter visto uma vez, dez anos antes. Procurei tapar os ouvidos, conversar com meus companheiros de viagem. Tudo foi inútil; a voz continuava a fazer-se ouvir da mesma forma. Enfim desembarcamos e eu fui direitinho para o hotel e tratei de desfazer as malas, mas a voz continuou a atormentar-me. Pouco depois um criado entrou e preveniu-me

de que me procurava um cavalheiro que desejava falar-me imediatamente.

– Quem é? – perguntei.

– O Sr. Volterra – responderam-me.

Ele entrou muito choroso e aflito, suplicando-me que o acompanhasse para ver seu filho que estava doente.

Encontrei o moço sofrendo ataques de loucura, em delírio, nu, fechado num quarto, abandonado por todos os médicos de Zante, havia cinco anos. Tinha um aspecto hediondo, que se tornava ainda mais assustador com os acessos contínuos, acompanhados de silvos, uivos, latidos e outros gritos de animais. Umas vezes estorcia-se sobre o abdômen, como uma serpente; outras, caía de joelhos em êxtase. De quando em quando, falava e brigava com entes imaginários. Às crises violentas seguiam-se, em certas ocasiões, síncopes prolongadas e completas. Quando eu abri a porta do seu quarto, atirou-se furioso contra mim; mas fiquei imóvel e agarrei-o pelo braço, olhando-o fixamente. Depois de alguns instantes o seu olhar perdeu a força, pôs-se a tremer e caiu, de olhos fechados. Fiz-lhe passes magnéticos, e em menos de meia hora encontrava-se em estado de sonambulismo. A cura levou dois meses e meio, durante os quais observei mais de um fenômeno interessante. Depois do restabelecimento não teve mais recaída."

Uma carta do Sr. Volterra ao Conde Gonemys, em data de 7 de junho de 1885, de Zante, confirma completamente o que se acaba de ler, relativamente à família Volterra. A carta referida termina assim:

"Antes da sua chegada a Zante, não tinha quaisquer relações com o senhor, apesar de ter passado alguns anos em Corfu como deputado da Assembléia Legislativa. Nunca lhe tinha falado, nem dirigido uma palavra a respeito de meu filho.

Jamais havíamos pensado no senhor, nem pedido o seu auxílio, senão quando o fui ver à sua chegada a Zante, como médico militar, suplicando-lhe que salvasse o doente.

Ao senhor em primeiro lugar, e depois ao magnetismo, devo a vida desse filho. Julgo da minha obrigação afirmar-lhe o meu reconhecimento sincero e assinar-me

Seu muito afetuoso e grato

Demétrio Volterra (Conde Crissoplévri).

Assinantes adicionais:

Dionísio D. Volterra (Conde Crissoplévri).
Laura Volterra (esposa do Sr. Volterra).
Anastásio Volterra (o doente curado).

Testemunhas: *G. Vassapoulos, Lorenzo Mercáti, Demétrio, Conde Guerino.*"

Outro caso de audição a distância:

O Dr. Balme, de Nancy, tratava a Sra. Condessa de L., que sofria de dispepsia. A enferma não faltava a nenhuma das suas consultas e nunca entrou na sua residência, situada fora da cidade. Três dias depois de uma das suas visitas, em 19 de maio de 1899, ao entrar em casa e atravessar a sala de espera, ouviu ele estas palavras: "Como me sinto mal! Não está aqui ninguém para me socorrer?" Escutou, em seguida, o choque de um corpo que caía. A voz era a da Sra. de L. Ninguém em casa, segundo verificou, tinha visto ou ouvido esta senhora. Retirou-se para o seu gabinete de trabalho, concentrou-se e, pondo-se em ligeiro estado de hipnose, transportou-se para a casa da doente. Percebeu todos os seus gestos e fatos e notou-os com minúcia.

A Sra. de L. veio visitá-lo e comunicou-lhe as suas impressões, que eram conformes, em todos os pontos, às do médico. Este perguntou-lhe:

– Depois de se ter recolhido ao seu quarto, que procurava a senhora ao seu derredor?

– *Parecia-me que me fitavam* – respondeu ela.

Este caso, que tem o mérito de haver sido registrado por observador experimentado, levou o Sr. Primot às seguintes reflexões:

"Parece bem uma chamada telepática partida da sua doente – chamada que explica a angústia desta e que se traduzia, para quem a percebeu, por uma impressão de forma auditiva exercida sobre o seu subconsciente – a que o Dr. Balme respondeu, colocando-a em estado de hipnose suficiente para tornar possível a exteriorização do seu centro psíquico de percepção, por um esforço de auto-sugestão e, por assim dizer, a sua excursão telestésica ao domicílio da sua cliente. Essa interpretação é confirmada pelo fato de a enferma declarar que teve a sensação da presença do médico. "Parecia-me, disse ela, que me fitavam." Por outras palavras: houve, de uma parte, transmissão de pensamento, ou de sensação, isto é, ação telepática, da doente ao médico, e de outra parte, em resposta ao pensamento transmitido, exteriorização pelo médico, em estado de semi-sonambulismo, e traspasse para perto da doente, do seu centro psíquico de percepção, isto é, ação telestésica.

"Este termo de traspasse será exato e representará as condições reais do fenômeno? Talvez que o organismo psíquico nem careça de se transmitir de um ponto para outro, para agir e sentir eficazmente, apesar da distância. O que podemos afirmar com certeza é que os fatos ocorrem como se houvesse realmente transmissão. No fundo, isto pouco importa, pois, interpretando-os de qualquer maneira, eles são a prova patente e vivaz das faculdades e forças extraordinárias que pertencem ao organismo psíquico." [49]

A audição a distância, que vou apresentar, é inadmissível se não se quiser admitir como verdadeiro que o espírito, a alma, a nossa entidade psíquica (seja qual for o nome empregado) atua fora do corpo e do alcance dos sentidos.

O Sr. Rod Fryer, autor da narração (*Alucinações Telepáticas*, pág. 293), escreve:

> "Janeiro, 1883 – Ocorreu acontecimento estranho no outono de 1879.

Um dos meus irmãos estava ausente de casa, quando uma tarde, pelas 5 horas e meia, ouvi, admirado, chamarem-me distintamente pelo meu nome. Reconheci com tanta clareza a voz de meu irmão que percorri toda a casa para encontrá-lo; mas, não o encontrando e sabendo que estava a 40 milhas de distância (64 quilômetros), acabei por acreditar numa ilusão e não pensei mais nisso. Quando meu irmão voltou, seis dias depois, contou-me que havia escapado de um acidente bastante sério. Ao descer de um comboio, o pé escorregara-lhe, e tinha caído no cais...

– O que é curioso – disse ele – é que quando senti que ia cair chamei por ti.

Este fato não solicitou a minha atenção no momento, mas quando perguntei a que horas se tinha dado o desastre, indicou-me um instante correspondente em absoluto àquele em que eu o tinha ouvido."

O Sr. John E. E. Fryer, a vítima do acidente, interrogado, escreveu o seguinte:

"Newbridge Road, 16 de novembro de 1885.

Viajava em 1879 e tive de deter-me em Gloucester. Quando desci do comboio, caí e um empregado do caminho de ferro ajudou-me a levantar. Perguntou-me se estava ferido, e se alguém viajava comigo; respondi negativamente às duas perguntas e pedi-lhe que me dissesse por que se interessava tanto por isso.

– Porque o senhor mencionou o nome de *Rod* – respondeu-me.

Ao chegar a casa, contei o acidente e meu irmão pediu-me a hora e o dia em que ele ocorrera. Disse-me então que me havia ouvido chamá-lo naquele momento. Estava certíssimo de que era a minha voz e que me procurara por toda a casa."

É tal a coincidência que a correlação se impõe. Esta voz atravessou o espaço como no telefone.

São outros tantos fenômenos de telepatia, de transmissão psíquica, incontestáveis, que põem em evidência as faculdades

transcendentes da alma, diferentes do que aprendemos na psicologia fisiológica clássica: vista e audição a distância, por ondas psíquicas.

Não voltarei ao que já escrevi a respeito da transmissão dos pensamentos. O próprio fato da leitura do pensamento já foi muitas vezes certificado por sérias experiências. Aqui temos ainda uma dessas experiências, relatada pelo Dr. G. de Messimy e observada num indivíduo em estado de sonambulismo:

> "A lucidez do meu *sujet* estendia-se até à própria leitura do pensamento dos assistentes... Pedindo a doze pessoas da sociedade para se colocarem diante dele..., aconselhamos a cada uma delas que pensasse numa flor escolhida livremente, sem comunicar o nome a quem quer que fosse... voltando-me então para o *sujet*, ordenei-lhe que nomeasse, em alta voz, a flor em que pensara cada pessoa, e ele nomeou-as todas, sem hesitação nem erro, lendo como num livro o pensamento humano."

Trata-se de uma experiência entre cem do mesmo gênero.[50]

A transmissão do pensamento é tão certa como a transmissão do calor, da luz, da eletricidade, do magnetismo solar.

A visão telepática produz-se sem o auxílio dos olhos. A distância, os obstáculos materiais não a prejudicam. O tempo é muitas vezes para ela tão indiferente como o espaço. Vê-se um acontecimento presente, passado ou futuro. Este fato psicológico põe em jogo uma faculdade do espírito independente do nosso organismo.

Se à dedução aqui afirmada de que esses pressentimentos, essas sensações telepáticas comprovam a existência da alma independente do corpo, se objetasse a hipótese de que essas faculdades normais podem pertencer ao cérebro e não a um princípio mental, e não provam melhor a individualidade da alma que o faro de um cão ou o instinto do pombo correio, responderíamos que uma análise cuidadosa dos fatos conduz todo espírito livre a uma dedução contrária, porque se trata, neste caso, de exercícios do *pensamento* e não do organismo físico. Estou aqui inteiramente num mundo invisível de ordem psíquica.

Que se atribuam essas percepções ao "inconsciente", ao "subconsciente", ao "subliminal", o nome pouco importa: o que sentimos aqui é uma entidade espiritual em ação, é a alma.

Não é nem a retina, nem o nervo óptico, nem seu confinante no cérebro que estão em jogo. Todas as funções imagináveis de uma substância cerebral qualquer não podem ler no espírito, perceber um fato que se dá nos antípodas, ou uma cena que ainda não ocorreu.

Essas transmissões realizam-se pelo éter? Se se assemelham à luz como fenômenos de ordem vibratória, diferem dela entretanto no que a luz diminui em razão do quadrado da distância, ao passo que o pensamento parece transmitir-se integralmente, com a mesma intensidade. Um meio apropriado favorece a transmissão?

A teoria moderna das ondas etéreas está provada; mas estará anulada realmente a antiga teoria newtoniana sobre as emissões? Não se manifestam certas emissões? A ação repulsiva do Sol sobre as caudas dos cometas não deporá em seu favor? As auroras boreais não têm por origem uma emissão solar? Os *íons*, os *elétrons*, não atravessam o espaço?

Examinaremos, no capítulo seguinte, observações irrecusáveis da *vista sem os olhos*, pelo espírito, fora das transmissões telepáticas; mas é assaz difícil decidir, em muitos casos, se a telepatia – a correspondência do pensamento – é inteiramente estranha à vista a distância. Eis, entre cem também, uma vista de falecimento à qual o morto parece alheio; mas estamos próximos da fronteira entre os dois domínios.

O autor da carta abaixo reproduzida relata-nos como ouviu, em sonho, a morte de seu pai:

> "Les Montiers, outubro de 1911.
>
> Faz já dois anos que tenho a intenção de lhe comunicar o fato seguinte, semelhante em muitos pontos aos que o senhor relata nas suas obras.
>
> Peço-lhe a fineza de não revelar o meu nome.
>
> Em janeiro de 1909, era tabelião em Saint-Martin des Noyers (Vendea) e acabava de adquirir o notariado de Moutiers

les Maufaits, onde moravam meus parentes e do qual me tornei, mais tarde, proprietário.

Em 9 de janeiro de 1909 fui a Moutiers passar algumas horas com minha família, deixando-a de boa saúde. Dias depois minha mãe mandou-me notícias suas e de meu pai. Passavam bem.

Na noite de 30 para 31 de janeiro sonhei que chegava à casa familiar. Na sala de visitas noto muitas pessoas debruçadas num leito improvisado. Afasto-as para abrir passagem e vejo meu pai morto, deitado num colchão colocado sobre dois cavaletes.

Soluço, o que desperta minha mulher, deitada a meu lado. Ela acorda-me, perguntando-me o que tinha. Respondi-lhe:

– Não é nada; acabo de ter um sonho insensato; sonhei que meu pai morreu.

Adormecemos novamente sem inquietações, depois de eu verificar que eram 5 horas e meia da manhã.

No dia seguinte soube que meu pai, que se encontrara um pouco indisposto pelas 11 horas da noite anterior, falecera às 5 horas e meia, justamente no momento em que tive o sinistro pesadelo; haviam-no deitado num leito igual ao que eu tinha visto em sonho, e na sala, como mo havia mostrado a aparição."

Qual foi o papel da telepatia nesta vista a distância? A nossa documentação é demasiadamente rica... A árvore da nossa ciência possui tal quantidade de ramos que cada um reclama estudo especial.

Aqui temos um caso de vista a distância, de notável precisão, por uma criança de sete anos, comunicada ao professor Richet pelo Dr. Jean, médico-ajudante durante a última guerra.[51]

"Vai para dez anos, tratava eu, na minha aldeia, em Cogolis (Var), um doente, rapaz de cerca de 7 anos de idade... Fui chamado com urgência certa manhã para perto do pequeno enfermo. A mãe, assustada, contou-me que a criança tivera de repente um acesso de delírio. Deitara como de costume e

tudo parecia ir bem, quando pelas 10 horas se levantou da cama, apavorado por uma alucinação. Via água por toda parte e começou a pedir socorro, dizendo que seu pai se afogava. O pai estava ausente, tinha ido a Nice, onde vivia seu irmão, e devia demorar-se aí alguns dias. Quando cheguei, o pequeno estava tranqüilo, mas persistia em dizer que tinha visto seu pai afogar-se.

Um telegrama do irmão, em breve, chamava com urgência a viúva (pois o era com efeito) a Nice, e nesta cidade soube ela que seu marido se afogara de manhã, pelas 10 horas, procurando salvar seu irmão que, tomado de câimbras, corria risco de perecer no mar, e as suas últimas palavras haviam sido: "Meus pobres filhos..."

Outro fato ainda: um mestre-escola do Departamento do Var, que me pede para não publicar o seu nome, escrevia-me:

(CARTA 2.217)

"De manhã, ao despertar, um homem das minhas relações disse à mulher, deitada a seu lado:

– É preciso que me levante já; acabo de ver que ladrões entraram em nossa casa de campo. Eles comem e bebem; vou lá.

Sua mulher exclamou:

– Mas estás doido! Como podes ver isso daqui? Torna a deitar-te, vamos!

– Não, não, eu vi!

Persiste na sua afirmativa, veste-se, pega numa espingarda, corre à sua casa de campo e traz presos dois vagabundos que lhe haviam arrombado a vivenda e os entrega à autoridade.

F., a S. (Var), 23 de janeiro de 1912."

Qual é aqui a parte das transmissões de pensamentos? Sem dúvida, os ladrões deveriam ter receio do dono e pensar em não serem presos. Talvez se trate, também, de uma vista a distância,

sem ação telepática, e poderíamos inscrevê-la no capítulo seguinte. Tudo se prende nesta documentação.

Imagina-se, geralmente, que as observações de comunicações telepáticas são modernas; é um erro. Pode-se ler, por exemplo, numa obra impressa em 1752 (*Dissertações*), de Langlet-Dufresnoy, tomo II, 2ª parte, pág. 88) esta frase: "Nos sonhos, os objetos dirigem-se para nós, nos lugares afastados, pela afinidade do espírito com o ar exterior. *Há pessoas que, a cem léguas de distância, souberam da morte dos seus amigos, no momento em que eles morreram*."

Vemos por isto que os fatos consignados nos escritos de Petrarca e outros observadores já estavam generalizados por certos filósofos do século XVIII como fazemos hoje. Não admitimos as suas interpretações; as nossas, sem dúvida, valem um pouco mais, mas não nos iludamos demasiadamente com o seu valor intrínseco.

Imagina-se também que essas observações são raras, raríssimas, duvidosas, incertas. É igualmente um erro. Há meio século que as minhas práticas me mostram que há, pelo menos entre cada dez pessoas, uma que conhece, seja por si, seja por parentes, um fato de telepatia, de premonição, de aviso de morte, de vista do futuro, numa palavra, de ação psíquica; mas, em geral, e não sei por que, calam-se, escondem-nos, dissimulam-nos, velam-nos como coisa inconfessável. Conseqüência de uma educação falsa e de receios imaginários.

A telepatia tem mais fundamento, uma base mais universal e mais segura, que qualquer religião.

Os fatos sobre os quais se baseou a religião cristã nas suas diferentes seitas (Catolicismo, Protestantismo, Ortodoxia, etc.) ou os que formam a base do Judaísmo, do Islamismo, do Budismo e das outras religiões que a Humanidade professa, foram menos comprovados, observados com menos cuidado, demonstrados menos nitidamente que os atos psíquicos que estudamos nesta obra. Explica-se, pois, perfeitamente, que certas almas que desejam aproximar-se da Verdade se tenham dedicado aos estudos positivos que prosseguimos neste livro, como outras pessoas, às religiões.

Uma palavra mais:

Da mesma forma que a análise espectral da luz nos permite hoje descobrir, nas ondulações luminosas, a constituição química dos corpos situados na atmosfera, de astros distantes de nós milhares de milhões de quilômetros, não é impossível que uma análise de radiações psíquicas permita entrar-se um dia em comunicação com a vida e o pensamento dos seres que habitam essas longínquas paragens.

O fato, hoje verificado, da propagação do pensamento pela sugestão mental a grandes distâncias indica a possibilidade de uma espécie de irradiação da consciência humana, de um astro para outro, por meio de ondulações de especial sutileza.

CAPÍTULO VII

A vista sem os olhos, pelo espírito, fora das transmissões telepáticas

– Lucidez. – Criptoscopia.

> *"Os fatos são mais úteis quando contradizem do que quando apóiam as teorias aceitas."*
>
> *Humphry Davy*

Se fatos incontestáveis, que provam a ação da vontade sem o auxílio da palavra nem de qualquer sinal exterior, assim como a transmissão do pensamento a distância, mostram que há em nós um ser mental que pensa, quer e leva sua ação além da periferia dos sentidos orgânicos, as observações, não menos certas, da *vista sem os olhos* irão oferecer-nos o mesmo testemunho, independente dos precedentes, mas confirmando-os e completando-os.

Este assunto especial é por si tão rico e documentado que, analisando-o, há alguns anos, fui levado a consagrar-lhe uma obra inteira, que ainda não foi publicada. Escolherei alguns documentos significativos, fora das transmissões telepáticas que acabamos de examinar e que, no entanto, podem ser-lhes às vezes associados. Há aqui uma categoria curiosa de fatos especiais a estudar.

É seguramente uma das mais interessantes faculdades desconhecidas da alma, a ser examinada. Certas personalidades são dotadas delas em seu estado normal, fora dos sonhos ou do sonambulismo natural ou artificial; mas é principalmente nesses estados do sono que observamos a produção de tais fenômenos. Esta vista a distância, diretamente ou pela leitura do pensamento num cérebro, parece-me um testemunho da existência em nós de um princípio lúcido imaterial, bem pessoal. Pretender que a

matéria cerebral segrega o pensamento é já singularmente audacioso; mas acrescentar que o cérebro expede o pensamento para ir procurar o dos outros homens, compreendê-lo e comentá-lo, ainda é mais extravagante. É confundir o efeito com a causa, pois neste ponto, ainda, o pensamento se mostra como causa e não como efeito. A sua atividade pessoal é evidente.

Se há um conjunto de palavras capaz de provocar um brado de indignação no espírito do homem de ciência, é seguramente este: *a vista sem os olhos*, pela fronte, pelo ouvido, pelo estômago, pela ponta dos dedos, pelos pés, pelos joelhos, pela visão interior, através dos corpos opacos ou a longas distâncias quilométricas. Que afirmação insustentável e que paradoxo!

A fronte, o estômago, as mãos, os pés, os joelhos não são órgãos de visão: não é por aí que ela se opera; é o espírito que vê.

O biologista que conhece o maravilhoso aparelho óptico do olho, tão perfeitamente adaptado à recepção das imagens, não pode admitir que essas imagens sejam distinguidas sem esse mecanismo apropriado, obra-prima da evolução orgânica secular, desde o olho rudimentar do trilobite das idades geológicas primordiais até o homem.

Pela minha parte, levei anos e anos sem querer empreender nenhum exame desta questão, apesar das afirmações dos meus amigos psicólogos e das que eu tinha encontrado nas obras dos magnetizadores. Um astrônomo é o último dos humanos disposto a acolher o estudo de um tal problema e eu não podia deixar de pensar nos sonâmbulos das feiras e nos truques dos pretensos leitores de pensamentos, cujos exercícios de salão nos divertem.

Entretanto, depois do meu inquérito de 1899 sobre os fenômenos psíquicos, fui levado a publicar, no capítulo VIII de minha obra *O Desconhecido* 49 observações dignas de fé sobre a vista a distância, em sonho, e tomei o partido de estudar livremente, e sem nenhuma idéia preconcebida, este assunto de tamanha importância. Julguei poder afirmar nesta obra a seguinte declaração: “Pode-se ver sem os olhos, ouvir sem os ouvidos, não por hiperestesia do sentido da vista ou do ouvido, pois estas observações provam o contrário, mas por um sentido interior, psíquico, mental.”

A vista a distância e a lucidez são testemunhos irrecusáveis dessa faculdade transcendente, pertencente à alma e não ao arranjo molecular químico e mecânico do cérebro.

Abrimos os dicionários e nada encontramos nas palavras: *Vista, segunda vista, dupla vista, penetração*, senão o cepticismo mais completo, na ignorância total dos fenômenos.

Os fatos que vamos apreciar confirmam as premissas publicadas por mim há vinte anos. As objeções que alegamos para fazer intervir o erro, a ilusão, o embuste, a simulação, a fraude, a empalmação e tudo quanto se possa imaginar, dissipam-se em fumo e deixam brilhar, para o futuro, a verdade com toda a sua luz.

O mesmo se dá com a explicação pelo tato, que só se pode admitir em certos casos especiais.

A tese que aqui sustento é capital, sob o ponto de vista filosófico, pois tem por conseqüência a supressão do famoso princípio de Aristóteles, de Locke, de Condillac, e da escola sensualista: *nil est in intellectu quin prius fuerit in sensu* (Tudo o que é entendimento nos chega pelos sentidos). Ora, se se pode ver sem os olhos, é por um ato de faculdades psíquicas internas, por uma forma desconhecida independente do sentido da visão normal. O entendimento recebe assim conhecimentos que não vieram pelos sentidos.

Verificamos que muitos casos de vista a distância, ou de coisas ocultas, não são leituras do pensamento no cérebro de outrem; entretanto, também nesses casos, ler no pensamento ainda é uma vista sem os olhos. Não gosto muito de neologismos, e parece que se criam excessivas palavras novas nas ciências psíquicas, muito rudimentares ainda; mas, já que se trata aqui da vista de coisas ocultas aos nossos olhos, a palavra *criptoscopia* está naturalmente indicada para definir este gênero de estudos.

O primeiro fato de observação positiva que chamou minha atenção, de há muito, para este curioso assunto psicológico foi a narração circunstanciada da palavra “sonambulismo”, na célebre *Enciclopédia* de Diderot e d’Alembert.

Esta narração tem a garanti-la uma testemunha que encontramos neste lugar, sem surpresa: o arcebispo de Bordéus. Eis a própria narrativa do enciclopedista:

> "Esse prelado contou-me que, no seminário, tinha conhecido um jovem eclesiástico sonâmbulo.
>
> Desejoso de conhecer a natureza dessa doença, ia todas as noites ao seu quarto, quando o sabia adormecido, e observava o que ocorria. Ora, esse eclesiástico levantava-se, tomava papel, compunha e escrevia sermões.
>
> Quando uma página estava acabada ele a lia em voz alta do princípio ao fim (se se pode chamar leitura à ação efetuada sem o auxílio dos olhos); se qualquer coisa lhe não agradava, suprimia-a e escrevia por cima as correções, com muita precisão.
>
> Vi o começo de um desses sermões, o de Natal. Pareceu-me bem composto e corretamente escrito; mas, havia uma emenda curiosa. Tendo posto num período "*Ce divin enfant*", entendeu, na segunda leitura, que devia substituir a palavra *divin* por *adorable*. Para isso, riscou o primitivo vocábulo e colocou o segundo exatamente por cima. Verificou depois que o termo *ce*, em perfeita concordância com *divin*, não concordava com *adorable*. Acrescentou, portanto, com muito jeito, um *t* a *ce*, para que se pudesse ler: "*cet adorable enfant*".
>
> A testemunha ocular desses fatos, para certificar-se de que o sonâmbulo não se servia dos olhos, pôs um pedaço de cartão por baixo do seu queixo, a fim de esconder-lhe à vista o papel que estava sobre a mesa; o sonâmbulo continuou a escrever sem se aperceber disso."

Cito esta observação, já antiga, principalmente para chamar a atenção dos meus leitores para os inúmeros fatos observados, desde essa época, sobre a vista a distância, independente do órgão visual, *pelos "sujets" em estado de sonambulismo* natural ou provocado. Ela data de 1778 e eu li-a em 1856 (na própria terra de Diderot).

Esses exemplos de vista na obscuridade por sonâmbulos não são de uma tal raridade que os faça completamente ignorados. Conhecem-nos muitas pessoas. Pessoalmente, tive ocasião de encontrar, em 1866, no castelo de Ciefmont (Haute-Marne), uma rapariga de uns 20 anos, que, sem o saber, levantava-se muitas vezes de noite e continuava, em plenas trevas, uma obra começada durante o dia – costura ou bordado. Se compararmos esta faculdade visual à dos gatos, dos morcegos, dos mochos, das corujas, neste caso não seria uma visão sem os olhos. Mas a retina desses animais é especial e alguns deles são cegos, durante o dia. Não poderemos também perguntar – o anteparo interceptor nada interceptando – se tais vistas não trespassariam os corpos opacos, como o olho fotográfico para os raios X? Isto seria já uma hipótese pouco ousada. Vamos ver que ela se não aplica às seguintes observações.

Demoremo-nos ainda um pouco no século XVIII. Realmente, a Ciência é vagarosa na sua marcha.

Em 1785, ao tempo de Mésmer, o marquês de Puységur fez curiosas e pacientes experiências sobre o sonambulismo artificial produzido pelo magnetismo. Recordemos uma delas.

O marquês tinha magnetizado um rapaz de 14 anos, chamado Amé. Eis o que ele escreve a esse respeito:

> "À pergunta que lhe fiz sobre a parte do corpo que lhe doía, respondeu-me que, havia um ano, carregando pedras sobre o estômago, se tinha molestado, e que havia seis meses se formara nesse sítio um tumor cheio de pus, que lhe causava as dores habituais.
>
> Perguntei-lhe:
>
> – Esperas curar-te em breve?
>
> – Sim, senhor! – respondeu-me e, tomando a minha mão, continuou: – Depois de amanhã, às quatro horas e meia da tarde, estarei curado.
>
> Devido às suas indicações, só foi necessário magnetizá-lo duas vezes: no dia seguinte, pelas dez horas e meia, e ainda uma outra.

Sofria de dores de cabeça. Perguntando-lhe de que derivava esse mal, respondeu:

– Do estômago.

– Há uma comunicação entre o estômago e o cérebro?

– Sim.

– Como é ela?

– É um canal.

– Qual é o seu caminho:

Como resposta, indicou o traçado do grande simpático esquerdo. Interrogado acerca da forma como via o seu mal, exclamou:

– *Pela ponta dos dedos*.

– É necessário, pois, tateares-te para conheceres a tua doença?

– Sim.”

O rapaz deu no dia seguinte certas informações sobre “as propriedades magnéticas distintas dos diversos dedos da mão”. Não temos de examinar aqui esta questão, mas escutemos Puységur:

“Surpreendeu-me singularmente o que me disse esse moço sobre as diferentes propriedades que a mão possui para fazer sentir a um doente uma impressão maior ou menor. Mésmer afirmara a mesma coisa e certamente que esse jovem nada sabia a tal respeito. Se este fenômeno se dá realmente, será pela conformidade dos relatórios dos sonâmbulos que poderemos adquirir uma certeza completa.

Quanto à visão dos sonâmbulos, é muito variável. Por exemplo, o pequeno Amé dizia que precisava de seus dedos para ver, ou antes para sentir onde estava o seu mal. É o único que ofereceu esta particularidade; todos os outros, sem este recurso, conhecem-se bem e usam da palavra *ver*, em vez de *saber* ou *sentir* tal e tal coisa. É preciso não esquecer que nesta casa são campônios que falam. Quando tive ocasião de pôr em estado de sonambulismo magnético pessoas

instruídas ou de certa educação, ouvi-as sempre queixarem-se da pobreza da linguagem para exprimir as suas sensações e servirem-se da expressão *saber, estarem bem certas do que me diziam*, sem encontrarem palavras bastante significativas para exteriorizarem as suas idéias.

Seja qual for a espécie de sensação que a classe mais simples dos homens designa pela palavra *ver*, em estado de sonambulismo, creio que os fenômenos da nossa visão, no estado natural, podem dar-nos ligeira apreciação dela. A nossa visão não passa de sensação proveniente dos objetos exteriores: é pelo canal dos nervos que recebemos todas as sensações; e, de todos os nossos nervos, é somente o que se chama *óptico* que, pela sua organização, nos pode causar a sensação da visão.

Todos os objetos exteriores se apresentam também aos outros nervos; mas, salvo um fato imediato, não produzem neles o menor efeito. Se, pois, em estado de sonambulismo, acontece o contrário, se o sonâmbulo, apesar dos olhos hermeticamente fechados, caminha, lê, escreve, evita os obstáculos que encontra e faz enfim tantas ou mais coisas do que poderia fazer em estado natural, é preciso certamente que ele veja, não pelo nervo óptico, pois que ele está fechado à vista, mas por outros nervos tornados tão suscetíveis, que lhe transmitam à alma uma sensação absolutamente análoga à da visão. Como se opera esta visão? Quais são os nervos que a produzem neste estado singular? É o que não posso aventurar-me a determinar; mas incontestavelmente existe este fenômeno, pois sem ele os sonâmbulos não poderiam ver.

Ora, creio que ninguém pode negar-lhes esta propriedade.” [52]

Assim fala o marquês de Puységur, amigo de Mésmer. Veremos mais longe que essa assimilação de vista com o tato será ensaiada por outros experimentadores, sem que, ao que parece, duvidem das precedentes considerações.

Pela minha parte, não discutirei neste momento hipóteses explicativas; contentar-me-ei em dizer, como Newton: *Hypotheses*

non fingo. Examinemos primeiro *os fatos*, ainda hoje tão discutidos.

Estas observações continuaram durante os 134 anos que nos separam da época precedente. Muitas delas são mal verificadas, não têm interesse, estão cheias de erros; mas outras possuem um valor irrecusável. Elas provam que existem processos de informação diferentes dos normais.

Os meus leitores já conhecem os exemplos desse gênero, publicados na minha obra *O Desconhecido*. Alguns são tão característicos que não posso deixar de resumi-los aqui.

Pode-se ler (pág. 496, XLIII) a observação anatômica incontestável da ablação do seio, operada pelo Dr. Cloquet na Sra. Plantin, a qual, magnetizada, nenhuma dor sentiu e conversou tranqüilamente com o operador, enquanto sua filha, a Sra. Lagandée, também magnetizada, via o interior do corpo de sua mãe falecida no dia seguinte e cuja autópsia provou até às minúcias a exatidão da vista sem os olhos.

– Acredita – perguntou o doutor – que possamos manter por muito tempo a vida de sua mãe?

– Não, extinguir-se-á amanhã muito cedo, sem agonia, sem sofrimento.

– Quais são, pois, as regiões afetadas?

– O pulmão direito está contraído, desviado sobre si mesmo e rodeado de uma membrana parecida com grude; flutua no meio de muita água. Mas é principalmente neste sítio – disse a sonâmbula, indicando o ângulo inferior da omoplata – que minha mãe sofre. O pulmão direito já não respira, morreu; o pulmão esquerdo está são; é por ele que minha mãe ainda vive. Há um pouco de água no envoltório do coração (o pericárdio).

– Como estão os órgãos do ventre?

– O estômago e os intestinos estão sãos; o fígado é branco e descorado no exterior.

No dia seguinte, efetivamente, a doente faleceu e fez-se a autópsia. A Sra. Lagandée, adormecida, repetiu, com voz firme e sem hesitação, o que já havia declarado aos Srs. Cloquet e Chapelain. Este último levou-a então à sala contígua ao quarto onde

ia proceder à autópsia, e cuja porta foi fechada, e dali ela seguia os movimentos do bisturi na mão do operador e dizia às pessoas presentes:

– Por que se faz a incisão no meio do peito, desde que o derramamento é à direita?

Verificou-se que as indicações da sonâmbula eram exatas e o auto da autópsia foi escrito pelo Dr. Dronsart.

As testemunhas desse fato, acrescentava o narrador Brière de Boismont, estão todas vivas; elas ocupam, no mundo médico, situação honrosa. As suas comunicações foram interpretadas de diversos modos, mas nunca se duvidou de sua veracidade. Entretanto, vi "sábios" graves rirem alto, quando ouviam essas "futilidades".

Temos, pois, aqui uma observação incontestável de vista sem os olhos. Poderíamos associá-la à história de uma camareira, posta em estado magnético, que, enquanto seu patrão descia à adega a procurar uma garrafa de vinho, gritou que ele havia escorregado e caído na escada. Quando tornou a subir, já a esposa conhecia todos os pormenores de sua viagem subterrânea e da sua queda, contados pela sonâmbula à medida que ocorriam (*O Desconhecido*, capítulo VIII, caso XLV).

A mulher de um coronel de Cavalaria, magnetizada por seu marido, ficou sonâmbula; durante o tratamento, uma indisposição obrigou-o a pedir o auxílio de um oficial de seu Regimento, por espaço de uns oito ou dez dias. Pouco tempo depois, durante uma sessão de magnetismo, estando a dama em estado de sonambulismo, o marido convidou-a a ocupar-se desse oficial, do qual não tinha notícias.

– Ah! o infeliz – exclamou ela –. Vejo-o; está em X., quer suicidar-se; pega uma pistola! Corre depressa!...

O coronel montou a cavalo e partiu, mas quando chegou o suicídio estava consumado (Idem, caso XLVI).

Conhece-se também a história de uma rapariga operada em 1868, em Estrasburgo, pelo Dr. Koeberlé, que havia descrito a este cirurgião, muito incrédulo, com minúcias, um quisto que tinha no ovário, e que foi encontrado pelo operador exatamente no sítio indicado por ela.

As experiências muito diversas, numerosas, múltiplas, desde a época de Mésmer até nossos dias, constituem verdadeira biblioteca, sobre a qual não quero insistir. Mas, apesar de todas as reservas, discussões, negações e pugnas entre as academias de Medicina de todos os países, estas experiências são instrutivas. Tenho-as acompanhado, há mais de meio século, em diversas circunstâncias.

Continuo, nesta exposição, a ordem cronológica.

Quando eu tinha cerca de 20 anos, idade em que se imagina que se vai conquistar o mundo, e em que se tem uma sede insaciável de tudo saber e aprofundar, gostava muito de conversas com um homem bastante esquisito, o escritor Henry Delaage, sonhador místico, ocultista iniciado da seita de S. Martinho, o "filósofo desconhecido", neto do ministro de Napoleão, Chaptal; a sua conversação era sempre agradável e muitas vezes instrutiva. Ele estudava havia muito, e com grande atenção, os fenômenos do magnetismo.

Eis alguns fatos que conhecia em primeira mão, e que ele mesmo consignou nas suas obras:

> "Alfonse Esquiros – menciona ele, entre outros –, divertindo-se um dia a magnetizar sua própria mãe, perguntou-lhe:
>
> – Existe o azar? Ser-vos-ia possível, por exemplo, indicar o número que sairá premiado numa loteria?
>
> – Não o creio; seria muito difícil – respondeu ela.
>
> – Experimenta!
>
> Aqui a magnetizada pareceu violentar-se e com muitos esforços deu uma resposta tardia e trabalhosa:
>
> – Vejo um número – disse, afinal.
>
> – Qual?
>
> – O 89, é bom, vai ter prêmio.
>
> – Não vê outros?
>
> – Não.
>
> – Por que?

– Deus não quer.

Com efeito, o número 89 saiu premiado na extração seguinte.” [53]

As fórmulas variam. Isto ocorria em 1848. Hoje não se diria “Deus não quer”, mas simplesmente: “Nada mais vejo.”

Talvez que o azar fosse o único fator em jogo neste caso; mas veremos adiante, no capítulo sobre “Conhecimento do futuro”, uma leitura premonitória de 4 números (!) pelo Barão Larrey. Existe aqui uma probabilidade contra 2.555.189.

Delaage também relata a seguinte história que se deu em casa da viscondessa de Saint-Mars, com o afamado Alexis, *sujet* perspicaz, então muito célebre, magnetizado por Marcillet:

> “Victor Hugo assistia à sessão e, com a sua natural curiosidade, havia preparado em casa um pacote selado no meio do qual se achava uma única palavra impressa em caracteres graúdos. O embrulho foi primeiro virado e revirado em todos os sentidos pela sonâmbula, que um instante depois soletrou:
>
> – P...o...l...i...poli. Não vejo a letra seguinte – acrescentou ela –, mas vejo as que seguem: i...q...u...e..., oito letras, não nove..., t... *politique*, é isto mesmo; a palavra é impressa em papel verde claro, o Sr. Hugo cortou-a numa brochura que vejo em sua casa.”

Marcillet perguntou a Victor Hugo se isto era verdade e o poeta apressou-se a reconhecer a lucidez do *sujet*. A partir dessa época, a segunda vista tem em Victor Hugo um dos seus mais ilustres defensores.

Presentemente, chamamos a este exercício leitura de pensamento, e pensamos ter encontrado com isto uma explicação! Admitimos, se assim o quisermos, que seja uma transmissão de ondas cerebrais: mas não é uma *vista sem olhos*.

Delaage, que relatou essa história no livro já citado, continua com a seguinte, que também põe em cena um dos nossos contemporâneos do século passado, que eu igualmente conheci:

Alfonse Karr, um dos homens cuja mistificação parece absolutamente impossível, pois é proverbial na Europa a agudeza do seu espírito, contou o que lhe aconteceu com o sonâmbulo Alexis:

"Tinha ido com alguns amigos jantar em casa de um deles. Ao deixar essa casa, cortei um ramo de azaléias brancas que coloquei numa garrafa de champanha vazia. O amigo com que tínhamos jantado disse ao sonâmbulo:

– Quer ir a minha casa?

– Sim.

– Que observa o senhor na minha sala de jantar?

– Uma mesa cheia de papéis, pratos e copos.

– Há também nela alguma coisa que lá deixei por sua causa: procure vê-la.

– Vejo uma garrafa – disse Alexis – e nela há lume; não, não é lume, mas parece... a garrafa está vazia, mas há nela qualquer coisa brilhante... Ah! é uma garrafa de champanha... tem em cima alguma coisa, que não é a sua rolha... é mais delgada pela ponta que está dentro da garrafa do que por fora. É branca, é como papel... assim... – desenhou uma garrafa com o ramo de azaléia e exclamou: – Ah! é uma flor, um ramo de flores; lindos ramos."

É difícil não aceitar que nestas duas experiências o sonâmbulo tenha visto *a distância sem os seus olhos*, seja no cérebro de Victor Hugo ou de Alfonse Karr, seja de outra maneira.

Continuemos um instante a leitura do pequeno livro de Delaage, que é quase um auto daquela época interessante. Registremos os fatos de observação, sem nos preocuparmos com as teorias:

"A *Presse* de 17 de outubro de 1847 – escreve ele – publicou longo artigo sobre uma sessão de magnetismo na qual o sonâmbulo Alexis tinha lido, não somente livros fechados, através de muitas páginas, mas ainda cartas fechadas, demonstrando que o fluido magnético, iluminando duma claridade sobrenatural o magnetizado, permitia à sua alma pene-

trar os corpos mais opacos com uma facilidade que deixava a perder de vista tudo quanto a imaginação atribuía à magia.

Esta sessão, firmada com o nome de Alexandre Dumas, realizou-se na sua casa de campo em presença de homens honrados que atestavam com a sua assinatura a verdade dos fatos relatados no auto.

O espanto foi geral. Dumas queria provocar por si próprio os fenômenos que acabava de testemunhar. Convencemo-lo a magnetizar, ele mesmo, Alexis. O espírito do sonâmbulo contou a história de um anel que lhe tinham apresentado, disse o dia e a hora em que o seu possuidor o havia adquirido. Em seguida, semelhante a essas aves que atravessam invencivelmente os ares, a sua alma, levada na asa de uma vontade estranha, descreveu com precisão admirável Tunes e seus arredores, de que, em estado de vigília, só conhecia o nome; numa palavra, vencera o espaço e o tempo.

Muitos jornais publicaram a narrativa dessas sessões; os outros protestaram.

Não podendo atacar a probidade dos homens que atestavam ter verificado tais prodígios com seus olhos, procuraram torná-los ridículos, apresentando-os como criaturas honestas de quem se iludira a candura. Declararam que Robert Houdin produzia as mesmas maravilhas todas as noites no Palais Royal, com o auxílio de hábil combinação. Infelizmente o ilustre prestidigitador, em carta escrita anteriormente ao Marquês de Mirville, reconhecia a impotência da sua arte para produzir esses prodígios e garantia pela sua honra que esses fenômenos não provinham de qualquer sutileza de prestidigitação engenhosa.

Eis o extrato dessa carta:

“Numa sessão, em casa de Marcillet, passou-se o seguinte fato:

Abro um baralho de cartas, trazido por mim, do qual tinha marcado o invólucro, para não ser trocado... Embaralho-as. Sou eu a dar. Dou, com todas as precauções de homem acostumado às finuras da sua arte. Trabalho inútil. Alexis man-

da-me parar, apontando uma carta que eu acabava de colocar à sua frente sobre a mesa:

– Tenho o rei – disse-me ele.

– Não o sabe, pois que não foi ainda marcado qual seja o trunfo!

– Vai ver – respondeu-me –; continue.

Efetivamente, tirei para trunfo o oito de ouros; e Alexis tinha o rei de ouros! O jogo prosseguiu dessa maneira extravagante, pois ele dizia-me quais as cartas com que eu ia jogar, apesar de as esconder por debaixo da mesa e tê-las seguras nas mãos. Alexis colocava uma carta das suas, sem voltá-la, diante de cada uma das minhas, e sempre essa carta estava conforme com a que eu jogava.

Regressei, portanto, dessa sessão realmente maravilhado e convencido de que o azar ou a destreza não podem produzir efeitos tão prodigiosos.

Queira aceitar, etc.

Paris, 15 de maio de 1847.

Robert Houdin."

O célebre prestidigitador desforçava assim o magnetismo das investidas de que era alvo constante, declarando publicamente que a sua arte seria incapaz de realizar essas espécies de milagres. Proclamava a sua convicção, obedecendo à consciência."

Assim fala Delaage. Certamente, o sonâmbulo via, e não com seus olhos, as cartas escondidas debaixo da mesa por um parceiro prevenido, cujo valor crítico é indiscutível.

Estas reminiscências das recordações de Delaage não são falhas de interesse, apesar das suas idéias e das suas expressões obsoletas. Estava longe de partilhar todas as suas opiniões. Ele escreve por exemplo (pág. 144): "No número das prerrogativas perdidas pelo homem, após o pecado original, devemos citar em primeiro lugar a possibilidade de ficarmos em relação com os espíritos." Ora, quem pode aceitar hoje o pecado original? Mais

adiante declara inatacável o dogma da divindade de Jesus. Ele era católico de muito boa fé, apesar do seu misticismo cabalístico pouco ortodoxo.

Não falamos já hoje a linguagem daquela época (1847-1867), não empregamos as mesmas palavras "fluido magnético", "diabo", "alma levada na asa de uma vontade estranha", "divinação sobrenatural", expressões caducas; mas *estudamos os mesmos problemas*.

A dificuldade neste estudo é conservar uma independência absoluta e manter-se imparcial. Não é este, geralmente, o caso que ocorre. Cada um concorre a este exame com idéias preconcebidas que prejudicam a liberdade do raciocínio.

A respeito da leitura das cartas num baralho escondido, eis o que se pode ler na obra de Podmore: *Apparitions and Thought Transference*, publicada em 1894 e reimpressa em 1915 (é desta edição que traduzo):

> "O célebre Alexis Didier pretendia ler com os olhos vendados num envoltório de algodão, jogava uma partida de "écarté" designando as cartas postas na mesa, decifrava palavras dentro de envelopes fechados ou em livros que lhe levavam, descobria o que se encerrava em embrulhos. Foi tão grande o seu êxito que o afamado prestidigitador Robert Houdin visitou-o em 1847 e declarou-se convencido. Mas Alexis era profissional e tinha um associado na pessoa de seu magnetizador Marcillet. Não há sombra de dúvida de que todos estes fatos devem ser atribuídos ao exercício de uma visão normal, operando em condições inusitadas e imperfeitamente compreendidas. É provável que nos exercícios desse gênero, os próprios *sujets* fossem, muitas vezes, inconscientes acerca do modo como lhes chegava o conhecimento, declarando-se com toda a boa fé senhores de poderes supranormais." [54]

Frank Podmore, autor psiquista bem conhecido, um dos fundadores da *Society for Psychical Research*, está convencido de que todos os fenômenos, inclusive as aparições, se explicam pela transmissão do pensamento, e são todos conexos com esta teoria.

Para ele, Alexis recebia a comunicação do seu magnetizador Marcillet ou do seu parceiro, os quais, sem trapaças, mas olhando-o, transmitiam inocentemente as suas impressões cerebrais.

Um psiquista americano, tão conhecido como Podmore, James Hyslop, professor na Universidade de Colúmbia, ocupando-se também desta partida de cartas, deu-lhe a seguinte interpretação:[55]

> "Alexis Didier mistificou o próprio Robert Houdin, o príncipe dos prestidigitadores e dos ilusionistas. Didier era empregado de um homem que tinha a reputação de "gentleman". Lia, aparentemente, cartas voltadas contra a mesa, frases de um livro fechado, etc. Mas, à falta de autos sobre as cautelas tomadas para impedir a fraude, não temos realmente motivo para ver nisso qualquer coisa de extraordinário: é simplesmente um exemplo da maneira por que se pode iludir um público crédulo."

Assim, Podmore e Hyslop imaginam que Victor Hugo, que estudava Alexis para se documentar, Alfonse Karr, de quem conheci o espírito crítico e perspicaz, Alexandre Dumas, Henry Delaage, Robert Houdin, observaram mal e se deixaram iludir. Na sua opinião, Marcillet via as cartas, lia as palavras e comunicava-as ao seu *sujet*, ou habilidosamente ou por transmissão de pensamento inconsciente. Ora, não foi assim que se deram os fatos. Supôs-se também que houve nisso prestidigitação. É uma conjectura inadmissível, segundo o próprio Robert Houdin.

A prestidigitação de que falo é de resto bem conhecida e tive ocasião de vê-la muitas vezes, no meu próprio salão, pelos sucessores de Robert Houdin, Cazeneuve e Jacobs. Neste caso, o prestidigitador *ganha sempre ao seu adversário*, sem nenhum mistério de vista dupla, porque o baralho é preparado e as cartas dispostas em uma certa ordem; é o prestidigitador quem as baralha, com muita habilidade, sem lhes alterar a ordem; é o parceiro quem corta, mas o primeiro faz saltar o corte, e, finalmente, tudo isto é muito simples para dedos esguios como os de Jacobs, e mesmo para dedos grossos como os de Cazeneuve. Vi, no meu salão, bons observadores como o Almirante Mouchez,

Félix Tisserand, diretores do Observatório, o General Parmentier, Hervé Faye, sábios eminentes que jogavam muito bem as cartas, apesar dos seus títulos científicos (eu nunca soube jogar), estupefatos pelo parceiro, que rapidamente ganhava e pela certa, conhecendo os seus jogos de antemão. Mas essa habilidade não se pode fazer com um baralho trazido do estabelecimento e não aberto, e a afirmação de que Marcillet era o cúmplice de Alexis é uma conjectura inaceitável para os que conheceram as faculdades de Alexis em hipnose (das quais podemos dar contas nas *Memórias de Lafontaine*).

É certo que os métodos de observação nem sempre foram rigorosos e que as relações nem sempre foram bem ponderadas; mas isso não é suficiente para rejeitar tudo e para não separar o joio do trigo. As faculdades supranormais de Alexis são incontestáveis.

Em resumo, para Podmore essas vistas sem os olhos dependem da transmissão do pensamento; para Hyslop, o caso atual é muito duvidoso; os outros casos examinados por ele parecem-lhe conjuntamente certos e inexplicáveis por nenhuma teoria, inclusive a telepatia, e há uma tendência para atribuí-los a comunicações de almas de defuntos *spiritistic elements are generally associated with clairvoyant incidents*.

Não quero inclinar-me a favor de nenhuma hipótese, porque as observações ainda não são suficientes; a Ciência não se faz num dia e a Astronomia errou durante milhares de anos antes de chegar à verdade. Parece-me que o que importa em primeiro lugar é estabelecer a realidade absoluta dos fatos ainda tão discutidos. Não é impossível que, em muitos casos, estejam em jogo a transmissão do pensamento subconsciente ou as ondas telepáticas cerebrais.

A vista das cartas em estado de hipnose não é contestável, apesar de todas as contestações. Foi muitas vezes verificada. Encontra-se em diversos relatórios, merecedores de toda a confiança, a averiguação desses jogadores de cartas, de olhos vendados radicalmente.

Nas suas *Cartas sobre o magnetismo e o sonambulismo*, publicadas em 1840, o Dr. Frapart escreve o seguinte a um amigo:

“Disse-lhe que o Sr. Ricard me havia prometido trazer provisoriamente a minha casa Calyste, o seu melhor sonâmbulo, adormecê-lo diante dos meus convidados e fazê-lo jogar as cartas com os olhos vendados: em seguida, se estivesse bem disposto, far-lhe-ia efetuar outras experiências tão incompreensíveis quão maravilhosas.

Pois, ontem realizou-se a sessão prometida pelo Sr. Ricard, na presença de 60 pessoas, todas incrédulas, com exceção do Dr. Teste. Vou contar-lhe como se passaram os fatos.

Depois de adormecido ou parecendo-o estar – porque não conheço nenhum sinal incontestável do sono –, dois estranhos puseram em cada um dos olhos de Calyste um pedaço de algodão, e por cima um grande lenço de seda cujas extremidades foram atadas junto do nariz. Verificou-se em seguida que a venda estava bem apertada, bem posta e que na sua margem inferior – precaução importante – o algodão formava grosso barrete que impedia absolutamente a vista. Logo oito baralhos intactos foram trazidos; tomou-se deles um, ao acaso; rasgou-se o envoltório e começa-se a sessão. O Sr. Ricard não toca no seu sonâmbulo, não fala com ele e coloca-se de modo a não perceber o jogo da pessoa que faz a partida. Assim dispostas as coisas, corre tudo como entre dois hábeis jogadores bem acordados: o sonâmbulo designa as cartas que tem na mão e as que seu adversário possui.

É este o fato. Repetiu-se com três pessoas, cada uma jogando duas partidas, de modo que umas cem cartas passaram por diante de Calyste, que as designou e as viu sempre, pois jogava constantemente o que devia jogar.

Esta experiência será o resultado de uma pelotica?

Ora, estivemos de sobreaviso, tudo esquadrinhamos, apalpamos, analisamos!

A venda, por exemplo, nada deixava transparecer, porque a sua preparação, já descrita, feita por incrédulos de mãos hábeis, era perfeita. As cartas não eram preparadas, pois os envoltórios dos baralhos tinham o selo da administração. O sonâmbulo não podia reconhecer as cartas pelo tato, pois

que designava as do seu adversário sem nelas tocar. O magnetizador nenhum meio de comunicação tinha com o sonâmbulo, porque não falava, não se mexia, não tocava em Calyste e não olhava para as cartas.

Finalmente, ninguém, de maneira alguma, podia indicar a Calyste o seu próprio jogo e o do seu adversário, porque cada um de nós guardava silêncio, numa expectativa um pouco ansiosa, à qual se seguiu logo o espanto e a admiração.

Portanto, quer do lado da venda quer do das cartas do sonâmbulo, do magnetizador ou do próprio adversário, estamos absolutamente certos de que não fomos iludidos."

Vê-se que esta experiência é anterior à de Robert Houdin, relatada por Delaage. Poderíamos citar muitas outras, porque todas se parecem no sentido que os negadores sem imparcialidade sustentavam sempre que os experimentadores são iludidos por pessoas mais hábeis do que eles. As discussões inúteis far-nos-iam perder tempo.

Um magistrado bastante céptico, o Sr. Séguier,[56] apresentou-se incógnito em casa de Alexis.

"– Onde estava eu do meio-dia às duas horas? – perguntou ele.

– No seu gabinete... Ele está abarrotado de papéis, de rolos de desenhos... e de pequenas máquinas... Há uma linda campainha em sua escrivaninha.

– Não; não há campainha sobre minha secretária.

– Não me engano; o senhor tem lá uma... vejo-a... à esquerda da escrivaninha... sobre a secretária...

– Na verdade... vou tirar isso a limpo.

O Sr. Séguier correu a casa e encontrou sobre a secretária uma campainha que a Sra. Séguier havia aí posto, de tarde."

Tal é esta singela narração. Vista a distância. Não havia, certamente, neste caso, leitura no cérebro do inquiridor, nem sugestão de pensamento, o que parece ter-se dado no exemplo seguinte.

Delaage conta depois que o Conde de Saint-Aulaire, diplomata conhecido, depois de haver alcunhado o magnetismo de parvoíce, vinha de retratar-se. Havia apostado sobre a impossibilidade de Alexis ler uma nota bem escondida, e foi ele mesmo entregar-lha dentro de um envelope diplomaticamente lacrado e selado.

"– Que está dentro deste sobrescrito? – perguntou o embaixador.

– Um papel dobrado em quatro.

– E no papel?

– Meia linha escrita.

– Podeis lê-la?

– Certamente. E quando a tiver lido, o senhor há de retratar-se de tudo quanto escreveu.

– Não creio!

– Tenho a certeza.

– Se o conseguir, prometo-lhe que de hoje em diante acreditarei em tudo quanto quiser.

– Então, acredite desde já, porque o senhor escreveu estas palavras: "não creio"."

Explica-se facilmente a celebridade deste "vidente" e compreende-se que Delaage tenha escrito o seu pequeno livro especial (1857): *O sono magnético explicado pelo sonâmbulo Alexis*. Podemos ler nessa brochura algumas epígrafes curiosas:

"Absorvido, num sono fictício, o homem vê através dos corpos opacos a certas distâncias.

Le Pére Lacordaire."

E esta outra:

"Se existe no mundo uma ciência que torna a alma invisível, essa ciência é sem contradita o magnetismo.

Alexandre Dumas."

Trata-se unicamente das faculdades de Alexis, nesta obra.

A lucidez do sonâmbulo Alexis, magnetizado por Marcillet, foi apreciada por todos os que estudaram essas questões. Aqui temos uma das suas mais notáveis revelações. É o testemunho quase oficial de um administrador do Monte-Pio, que, nesta qualidade, foi vítima de um roubo, do qual foi descoberto e preso o autor, graças às indicações do afamado sonâmbulo.

A narrativa desse fato encontra-se na carta que o próprio Sr. Prévorst dirigiu ao jornal *Le Pays*, nos seguintes termos:

> "Era em agosto de 1849; um dos meus empregados acabava de desaparecer, apossando-se de importante quantia. As ativas indagações da polícia não tinham dado nenhum resultado, quando um amigo meu, o Sr. Linstant, jurisconsulto, foi consultar Alexis, sem me comunicar o seu projeto.
>
> "A quantia roubada – disse o sonâmbulo – é muito importante; eleva-se quase a 200.000 francos."
>
> Era exato. Alexis prossegue, dizendo que o caixeiro infiel se chamava Dubois, que o via em Bruxelas, no Hotel dos Príncipes, onde se alojara.
>
> Linstant seguiu para Bruxelas... À sua chegada, soube que Dubois estivera efetivamente no hotel, mas que acabava de deixar a cidade, havia poucas horas.
>
> Alexis declara então que via Dubois no Cassino de Spa, onde perdia muito dinheiro e que no momento de sua prisão já nada teria.
>
> Na mesma noite, o narrador parte, mas em Bruxelas foi retardado pelas formalidades administrativas necessárias à captura do gatuno, e só chegou a Spa para ser informado de que Dubois havia deixado a cidade dias antes.
>
> De volta a Paris, foi ter novamente com Alexis.
>
> "Não teve paciência – disse ele –; há poucos dias, na verdade, Dubois foi para Aix-la-Chapelle, onde continuou a jogar e perdeu muito; voltou novamente a Spa onde vai acabar de perder o pouco que lhe resta."

Escrevi imediatamente às autoridades de Bruxelas e de Spa. Alguns dias depois, Dubois foi preso em Spa. Havia perdido tudo no jogo." [57]

Vê-se que o hipnotizado não somente sabia ler, com os olhos fechados, num livro fora do seu alcance, mas que podia acompanhar de longe as peregrinações de um ladrão.

Alexis gozava de uma tal fama de vidente que o magnetizador Lafontaine, tendo muitas vezes dissabores com os seus *sujets* improvisados, mandava-o vir de Lião para Paris, para assegurar o bom êxito das suas representações.

Encontra-se a narração dessas verificações nas *Memórias de Lafontaine* (tomo II, págs. 160-171). Elas confirmam mais ou menos o que já escrevemos.

O que nos surpreende ainda mais é que essa vista sem os olhos esteja verificada há muito tempo, e que quase ninguém a admita. A ignorância é universal. Não quero supor que haja nisto uma falta de lealdade.

O naturalista Sir Alfred Russel Wallace assinalou [58] 14 sessões do Dr. Edwin Lee, em Brighton, com Alexis Didier, em casas particulares. Nessas sessões Alexis jogou as cartas com os olhos vendados, designando muitas vezes tanto as cartas dos seus adversários como as suas; leu diversas cartas escritas pelos visitantes e fechadas em envelopes, decifrou qualquer linha pedida, fosse o livro qual fosse, oito ou dez páginas além da folha aberta, e descreveu o conteúdo de uma quantidade de caixinhas, estojos e outros recipientes.

O Dr. Lee relata também a experiência do jogo de cartas do célebre Robert Houdin com Alexis e acrescenta mais estas:

"Houdin tirou um livro do bolso e, abrindo-o, pediu a Alexis que lesse uma linha situada em certo nível particular, oito páginas antes. O clarividente cravou um alfinete para marcar a linha e leu quatro palavras que foram encontradas na linha correspondente, na nona página anterior.

Houdin classificou isso de "pasmoso" e no dia seguinte assinou esta declaração: "Não posso deixar de afirmar que os fatos aqui relatados são escrupulosamente exatos; quanto

mais reflito neles mais acho *impossível* classificá-los entre os truques que constituem a minha arte."

Russel Wallace aponta ainda (pág. 90) outros fatos de visão certificados pelo Dr. Grégory, na sua obra *Lettres sur le Magnetisme*. Por exemplo, pessoas que se dirigiam para uma sessão, a fim de assistir aos fenômenos, compram em qualquer loja, à sua escolha, algumas dúzias de divisas impressas, encerradas em cascas de nozes. Põem-se as cascas num saco; o clarividente tira uma e lê a divisa fechada. A casca é quebrada e examinada; e assim foram lidas corretamente dúzias de divisas. Uma delas continha 98 palavras.

Wallace acrescenta que, possuindo os depoimentos do Dr. Grégory, do Dr. Mayo, do Dr. Lee, do Dr. Haddock e de centenas de outras personalidades não menos qualificadas e honestas, afirmando fatos similares, não se pode supor que todas fossem vítimas de fraudes impossíveis de descobrir, principalmente tratando-se de médicos cépticos que vieram para diagnosticar e de um professor de prestidigitação tão perspicaz como Robert Houdin. Ou cada uma das manifestações de vista transcendente, relatada pelos observadores (e elas ascendem certamente a milhares) é o resultado de uma trapaça, ou temos a prova irrefutável de que certas pessoas possuem um sentido interno a estudar. Se a visão normal fosse tão rara como a dupla vista, seria tão difícil demonstrar a sua realidade como o é agora estabelecer a existência dessa maravilhosa faculdade.

A evidência a favor dela é absolutamente concludente para qualquer que a tenha examinado sem se deixar iludir pela idéia infantil de que podemos separar *a priori* o que é possível do que é impossível.

Essas experiências foram repetidas cem vezes, principalmente de 1820 a 1860. Basta ler as obras do Dr. Bertrand (pai de Joseph Bertrand, o célebre secretário perpétuo da Academia de Ciências), de Pététin, do General Noizet, de Lafontaine, do Dr. Comet e de numerosos experimentadores daquela época para nos convencermos do seu valor e da sua absoluta certeza. Um dos mais ativos, o Dr. Frapart, teria desejado muito convencer um pontífice da ciência oficial, o Dr. Bouillaud, professor da Facul-

dade de Medicina, adversário declarado, e dirigiu-lhe uma espécie de mandato imperativo. O grande homem respondeu-lhe no mesmo tom: que tinha o direito de ser incrédulo e que não admitia as ordens do energúmeno Frapart. E escreveu ainda ele:

> "Quanto ao novo *sujet* magnético do qual me fala, e que lhe parece destinado a conseguir a grande obra de minha conversão, não me recuso a assistir aos seus milagres. Todavia, se me acontecesse, depois de vê-los, responder-lhe com a famosa doutrina de um filósofo da minha espécie: "creio porque o senhor viu, *mas se eu tivesse visto não acreditaria*", se, repito, acontecesse eu responder-lhe assim, que poderia objetar-me? A experiência que me anuncia não poderá provar efetivamente uma *impossibilidade* física, tal como a da visão sem o auxílio dos olhos, e, como já o disse na Academia, quando se trata de fatos desta ordem, é preciso comportarmo-nos da mesma forma que a Academia de Ciências quando se lhe anuncia que se descobriu a quadratura do círculo."

Pode-se pensar que, com o caráter leal e agressivo de Frapart, a frase: "Se tivesse visto não acreditaria, porque é uma impossibilidade física" não caiu no ouvido de um surdo. Por isso, meteu-a a ridículo sem nenhuma consideração pelo caráter oficial do douto professor, o qual replicou por sua vez:

> "Aqui tem a minha última palavra: *não acredito – e nunca acreditarei – que se veja sem o auxílio dos olhos*. Não é, como o senhor diz, pelo fato de semelhante coisa ser extraordinária que eu não creio e nunca crerei, mas porque é sobrenatural e, ainda mais, contra a Natureza. Creio, pelo contrário, em muitos fatos extraordinários. Se não creio neste, não é porque o não compreenda, é porque é evidentemente, claramente, fisiologicamente *impossível*."

A estes argumentos, Frapart responde, em 1838, como todo homem de bom senso responderia hoje:

> "Não pertence a quem quer que seja, nem ao maior gênio, traçar os limites do possível, porque o possível é infinito

como o espaço e o tempo; e apesar de o termos encerrado, por assim dizer, em nossas teorias, ele ultrapassa-as e zomba de nós. De resto, a experiência ensina-nos que o impossível de hoje será, talvez, a evidência de amanhã... Assim aconteceu com a descoberta da América, com a palavra, com a circulação do sangue, com o galvanismo, com a bússola, com a imprensa, com o pára-raios, com os aerostatos, com a vacina, com os medicamentos infinitesimais, etc. E não nos diz a razão que nada há de absolutamente falso senão o que é contraditório, e de absolutamente verdadeiro senão o que é evidente?...

Nestes termos, pode afirmar-se que é forçosamente impossível haver um triângulo sem três ângulos ou um pau sem duas extremidades, porque estes fatos são contraditórios; mas não se pode dizer que é forçosamente impossível haver um homem que leia pela nuca, um outro que ouça pelo epigástrio, um terceiro que veja a cem léguas de distância, um quarto que vaticine o futuro, um quinto que seja insensível à dor, um sexto que descreva o seu mal e o dos outros, finalmente, um sétimo que possua o instinto dos remédios. Não, ninguém pode asseverar, sob pena de lesa-razão, que tais fatos sejam evidentemente impossíveis, porque ninguém tem o direito nem o poder de dizer ao possível: "*Não irás até aí!*"

Na verdade, esses fenômenos são muito extraordinários; todavia serão mais surpreendentes, mais maravilhosos, mais inexplicáveis que os observados cada dia? Não é tudo mistério, não é tudo maravilha da Natureza? Mas, há maravilhas que correm as ruas, e outras que são pouco comuns. Julgamos compreender as primeiras porque as vemos constantemente, negamos as últimas porque não as vemos senão raras vezes; entretanto não se explicam nem umas nem outras; registram-se, eis tudo."

Esse raciocínio do Dr. Frapart, então incompreendido, era, sem dúvida, superior à cegueira do Dr. Bouillaud, apesar da superioridade oficial deste sobre seu modesto confrade. A Academia de Medicina, da qual ele representava a idéia dominante, mantinha-se obstinadamente à margem da verdade.

O professor Bouillaud, que foi membro da Academia de Medicina, da Academia de Ciências e de todas as sociedades sábias de maior crédito, era um tipo particularmente notável desses espíritos minúsculos encerrados em cérebros mais acanhados que se possa imaginar. De uma religiosidade convicta, era, ao mesmo tempo, absolutamente incapaz de raciocinar livremente. Foi a seu respeito que contei em *O Desconhecido* a história da invenção do fonógrafo. Em 11 de março de 1878 assistia à sessão da Academia de Ciências, naquele dia, de hilariante memória, em que o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Édison à douta assembléia. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada no cilindro. Viu-se, então, um acadêmico de idade madura, o espírito penetrado e mesmo saturado das tradições de sua cultura clássica, revoltar-se nobremente contra a audácia do inovador, atirar-se ao representante de Édison e agarrá-lo pela gola, gritando: "Miserável! Não nos deixaremos ludibriar por um ventríloquo!" Este membro do Instituto chama-se Bouillaud! O mais curioso ainda é que seis meses depois, em 30 de setembro, numa sessão análoga, ele timbrou em declarar que, após judicioso exame a que procedera, ficara convencido de que no fonógrafo não havia para ele senão ventriloquia e que não se podia aceitar a substituição do nobre aparelho da fonação humana por um vil metal. Na sua opinião o fonógrafo não era senão uma *ilusão de acústica*. Essa gente...

Ao carro do progresso é jungida por trás

e tudo atrasa, refreando a marcha e conseguindo esconder a luz com a peneira, pela influência de seus títulos oficiais sobre as massas acarneiradas.

Esse grande homem era o médico de Arsène Houssaye, e pode-se ler nas *Confissões* deste escritor encantador que foi ele a causa da morte de sua deliciosa esposa e de seu filho – e também de sua segunda mulher.

É esse o raciocínio "científico" de certos sábios. Seria para desejar que o título de membro do Instituto conferisse inteligência e abrisse o espírito dos seus membros. Essas críticas provocadas por Bouillaud poderiam aplicar-se aos seus colegas da

Academia Chevreul e Babinet, no que toca ao problema psíquico.

O meu saudoso amigo Dr. Macário escrevia, em 1857,[59] que "a vista através dos corpos opacos, a distâncias ilimitadas, não aceita pelos sábios e que é inexplicável e contrária a todas as leis fisiológicas conhecidas, parece no entanto certa"; e apresentava os seguintes testemunhos:

> "O Dr. Bellenger convenceu-se por experiências repetidas. Diversas vezes escreveu, em sua casa, sem testemunhas, fora de todas as vistas, uma frase qualquer numa folha de papel dobrada e redobrada, fechando-a em duplo, triplo envoltório, cuidadosamente lacrado, e o sonâmbulo leu através das folhas opacas a frase oculta e transcreveu-a no verso do envelope.
>
> Esse fenômeno já foi verificado, em 1831, pela Comissão da Academia de Medicina. Lê-se, com efeito, no seu Relatório: "O Sr. Ribes, membro da Academia, apresenta um catálogo que tira do seu bolso. O sonâmbulo (era o Sr. Petit, d'Athis, magnetizado pelo Sr. du Potet), depois de alguns esforços que parecem cansá-lo, lê muito claramente estas palavras: *Lavater. É bem difícil conhecer os homens*. Estas últimas palavras eram impressas em tipo muito miúdo. Puseram-lhe debaixo dos olhos (fechados, bem entendido) um passaporte; ele reconhece-o e designa-o sob o nome de *passa-homem*. Troca-se o passaporte por uma licença de uso e porte de armas, muito parecida com um passaporte, e apresentam-lha do lado branco. O Sr. Petit pôde somente reconhecer que se tratava de um documento parecido com o primeiro. Volta-se o papel, e então, após alguma hesitação, ele diz o que é, e lê distintamente estas palavras: *Pela lei*, e à esquerda: *Licença de porte de armas*. Mostra-se-lhe ainda uma carta aberta; ele responde não a poder ler, por não saber inglês. Era, efetivamente, uma carta escrita naquela língua.
>
> Todas essas experiências fatigavam muito o Sr. Petit; deixaram-no descansar um instante; depois, como gostava muito de jogar, propuseram-lhe, para se distrair, uma partida de cartas. Um dos assistentes, o Sr. Reynal, antigo inspetor da

Universidade, jogou com ele o "Jogo dos centos" e perdeu-o.

Experimentou-se diversas vezes fazê-lo enganar, tirando ou trocando cartas, mas foi inútil.

Um estudante de Direito, Paul Villegrand, paralítico do lado esquerdo, posto em estado de sonambulismo pelo Dr. Foissac, lia também com os olhos fechados. Os experimentadores, mantendo-lhe as pálpebras cerradas constante e alternadamente, apresentaram-lhe um baralho novo. Rasgando a cinta selada, embaralham-no e Paul reconhece fácil e sucessivamente o rei de espadas, o ás de paus, o sete de ouros, a dama de ouros e o oito de ouros.

Apresentam-lhe ainda, tendo ele as pálpebras fechadas pelo Sr. Segalas, um volume trazido pelo Sr. Husson. Lê no título: "História de França"; não pode ler as duas linhas intermediárias e lê na quinta linha somente o nome *d'Anquetil*, o qual é precedido da preposição *por*. Abre-se o livro na página 89 e ele lê na primeira linha *o número de suas*... Deixa passar a palavra *tropas* e continua: *no momento em que o julgavam mais entretido com os divertimentos do carnaval*, etc." [60]

Estes fatos, nitidamente estabelecidos no relatório redigido em nome de uma Comissão da Academia de Medicina pelo Sr. Husson, trazem em si a sanção da Ciência e da imparcialidade. Mas, em rigor, poder-se-ia sustentar que os sonâmbulos surpreenderam estas frases no pensamento dos experimentadores. Isto pode ser verdadeiro para algumas das experiências acadêmicas; mas esta explicação não se pode adaptar aos seguintes fatos, pois aqui nem mesmo os experimentadores conheciam a frase que fizeram ler aos sonâmbulos:

"Recentemente, um dos meus amigos, o Dr. N., que é certamente incapaz de pretender mistificar, achava-se numa *soirée* onde estavam diversos artistas e homens de letras; todas essas pessoas se conheciam intimamente. Entre elas achava-se Alexis, o célebre sonâmbulo. O Dr. Marcillet magnetizou-o e eis o que se passou: O meu amigo Dr. N. foi

buscar ao próximo compartimento um livro cujas folhas ainda não estavam cortadas; depois, sem o abrir, pediu ao sonâmbulo que lesse tal linha de tal página. O sonâmbulo vacilou um instante, pareceu empregar um esforço e seguidamente reclamou uma caneta e reproduziu a linha indicada; cortaram-se as folhas do livro, procurou-se a página e a linha designadas, e toda a gente, com pasmo, verificou que a experiência tivera êxito perfeito; somente a frase estava escrita em inglês no livro, e o sonâmbulo, transcrevendo-a, traduziu-a em francês. Fato original! Esse mesmo sonâmbulo, poucos minutos depois, não pôde ler a palavra *Paris*, escrita em letras graúdas numa folha de papel dobrada em quatro.

Não se pode certamente apelar aqui para a transmissão do pensamento, pois ninguém tinha aberto o livro cujas folhas nem sequer haviam sido cortadas.”

Assim falava o Dr. Macário, há mais de meio século. É, pois, conhecido há muito tempo aquilo de que somos acusados, às vezes, de afirmar audaciosamente. Se mencionei esses fatos antigos, de 1850, 1840, 1830, e mesmo de 1786 (Puységur) e 1778 (*Enciclopédia*, tomo XXXI) foi para mostrar que os fenômenos psíquicos foram comprovados há muitos anos (poderíamos dizer desde vários séculos). Mas continuemos. A fonte é rica.

Tive, pela parte que me toca, muitas ocasiões de ouvir narrar experiências sobre “a vista sem os olhos” e de observá-las pessoalmente.

No decorrer do verão de 1865 residi, durante um mês de férias, em Sainte Adresse, na vertente do cabo de la Hève, a oeste do Havre (Rue des Pecheurs nº 5) e morava em frente a mim um médico célebre, de nome um pouco astronômico: o Dr. Comet. Sua mulher havia-lhe fornecido exemplos curiosos desta faculdade. Era acometida, em certos períodos, de acessos sonambúlicos, durante os quais ela lia de olhos fechados, através dos corpos opacos, designava os menores objetos que lhe apresentavam, fechados na mão, adivinhava os pensamentos, percebia os atos improvisados que se passavam nos aposentos contíguos ao

seu, indicava com precisão os dias e horas em que devia ter novos acessos e designava os medicamentos que a deviam curar.

Pode-se ler a história da cura da Sra. Comet por suas próprias revelações hipnóticas, assim como a vista de seus órgãos internos, nas *Cartas sobre o Magnetismo* do Dr. Frapart, que não deixam a menor dúvida sobre a realidade destes fatos. As observações do Dr. Comet são acompanhadas de outras análogas, feitas pelo Dr. Alphonse Teste, também em sua mulher. Todos esses estudos são de 1840. O autor escreve que serão necessários 50 anos para que a ciência oficial lhes reconheça o valor. Enganou-se. Em 1890 os preconceitos da ignorância antiga não estavam dissipados e não o estão ainda.

O tempo foge depressa, de resto; e a Humanidade é lenta na sua marcha. Disse, na primeira página desta obra, que tinha começado o presente estudo há mais de meio século. As linhas que se acabam de ler e o ano de 1865 assim o comprovam.

* * *

Entre as numerosas experiências que podem auxiliar-nos na solução do problema que estudamos aqui, citarei uma bastante curiosa relatada pelo Dr. Paul Gibier, ex-interno dos hospitais de Paris, numa das suas obras.[61] Realizou-se em abril de 1885, e reproduziu-a diversas vezes na presença de testemunhas que indica. Essa leitura independente do órgão da vista foi conseguida em estado de hipnotismo (nome moderno do magnetismo e do mesmerismo). Eis o relato da observação:

> "O *sujet* era uma rapariga de vinte anos, de origem judaica. Depois de adormecida, e num estado intermediário de abmaterialização que não era nem letargia, nem sonambulismo, nem tampouco êxtase falante, mas antes o que os magnetizadores de profissão chamam sonambulismo lúcido, punha-lhe uma pasta de algodão em cada olho e depois uma larga e espessa toalha ou um lenço de seda que se amarravam atrás da nuca. A primeira vez que tentei a prova de que vou falar fiquei bem surpreendido com o seu êxito; devo dizer que naquela ocasião não tinha a experiência que adquiri

depois de numerosas investigações, nem tinha, devo dizê-lo também, estudos sérios e contínuos sobre a questão.

Tomei na minha biblioteca o primeiro livro que me veio à mão: abri-o ao acaso. Suspendendo-o sobre a cabeça do *sujet*, sem olhar, a capa para baixo, a dois centímetros aproximadamente dos cabelos da rapariga hipno-magnetizada, ordenei-lhe que lesse a primeira linha da página que se achava à sua esquerda. Volvido um momento de espera ela respondeu:

– Ah! sim, vejo, espere.

Depois continuou:

– A identidade reconduz à unidade, pois se a alma... – parou e disse ainda – Não posso mais, basta; isto me fatiga.

Anuí ao seu desejo, sem insistir; voltei o livro. Era um volume de Filosofia, e a primeira linha, menos duas palavras, havia perfeitamente sido vista e lida pelo *invisível abmaterializado* da minha adormecida."

É natural que não se aceitem estas afirmações senão com muita prudência. Eu mesmo, por muito tempo, atribuí o êxito dessas experiências a simples embustes e verifiquei-o diretamente em minha própria casa, principalmente num dia em que uma senhora da sociedade, muito elegante, fazendo o papel de médium, achou meios, pretextando uma enxaqueca, de descansar na minha biblioteca, aproveitando o ensejo para consultar uma obra antiga que mencionou, depois, durante uma pretensa sonolência (leitura a tal linha e tal página de tal obra). Mas é certo que não se trapaceia sempre, e não pode tratar-se disso nas experiências de que acabo de oferecer uma seleção. Não sejamos cegos!

Reconhecer-se-á que são observações variadas e muito diferentes, que todas comprovam o fato da vista pelo espírito, por uma faculdade mental independente da vista normal. Não falta onde escolher para nos certificarmos desses fenômenos.

Comparemos ainda outras experiências.

Abramos, por exemplo, a obra muito documentada de Sir Oliver Lodge referente à *Sobrevivência Humana* (pág. 110) e

citemos a curiosa comunicação espírita de Stainton Moses (que abrevio):

"O Sr. Stainton Moses, professor no *University College de Londres*, adquirira o hábito de escrever automaticamente, como médium, na solidão de cada manhã. Grande número dos escritos assim conseguidos foram publicados e são conhecidos dos que estudam esses problemas: mas o incidente seguinte é de caráter surpreendente e oferece exemplo singularmente notável do poder da leitura a distância.

O texto que reproduzo foi conseguido pelo Sr. Stainton Moses quando estava em sessão na biblioteca do Dr. Speer e que a sua mão escrevia automaticamente em conversa suposta com interlocutores invisíveis. Eis esse episódio.

Stainton Moses dirigindo-se ao pretenso Espírito: – Podes ler?

Resposta: – Não, amigo, não posso, mas Zacharias Legray e Rector podem.

Stainton Moses: – Há aqui qualquer desses Espíritos?

Resposta: – Vou procurar um.

(Espera-se algum tempo.)

– Rector está aqui.

Stainton Moses: – Pode ler?

Resposta (muda a letra): – Sim, amigo, mas dificilmente.

Stainton Moses: – Quer escrever a última linha do primeiro livro da *Eneida*?

Resposta: – Espere...

"*Omnibus errantem terris et fluctibus aestas.*"

Stainton Moses verifica que a citação é exata, mas pensa também que o Espírito podia conhecê-la e havê-la conservado inconscientemente na memória.

Apresentou então uma outra pergunta:

– Pode ir à biblioteca ver o antepenúltimo volume da segunda estante e ler-me o último parágrafo da página 94? Não sei qual é a obra e até ignoro o seu título.

Poucos momentos depois o Sr. Stainton Moses, escrevendo sempre automaticamente, traçava as seguintes palavras:

"Provarei por uma breve narração histórica que o Papado é uma novidade que se elevou gradualmente e se engrandeceu desde os tempos primitivos do puro Cristianismo, não só depois da idade apostólica, mas também depois da união deplorável da Igreja e do Estado por Constantino."

O volume citado era uma obra extravagante e com título bastante fantástico: *Antipopopriestian, or attemp to liberate and purity Christianity from popery politikirkalaty and priestule*, de Roger." [62]

Se isto não é leitura pelo espírito, que será? Negar o fato verificado experimentalmente é de todo impossível.

Agora, quem foi que leu? Seria o próprio Stainton Moses, inconscientemente? Mas como? Seria um espírito diferente dele, guiando-lhe a mão? Limitemo-nos a verificar o *fato*. Não foi o olho material, foi o *espírito* quem leu.

Lembremos aqui,[63] a tal respeito, a experiência de Sir William Crookes na leitura de frases desconhecidas tanto dele como do médium. Esse médium (uma senhora) recebia comunicações por meio de uma prancheta, à qual estava fixo um lápis, que deslizava no papel, dirigido pelas suas mãos. Escreve Crookes:

"Eu desejava descobrir o meio de provar que o que ela escrevia não provinha da ação inconsciente do seu cérebro. A prancheta, como o costumava fazer, indicava que, apesar de ser movimentada pela mão e pelo braço dessa dama, era dirigida pela inteligência de um ser invisível, que *tocava com o cérebro da senhora* como se fosse um instrumento de música e assim fazia mover seus músculos. Disse então a esta inteligência:

– Vê o que está neste quarto?

– Sim – escrevia a prancheta.

– Vê este jornal e pode lê-lo? – acrescentei, pondo meu dedo sobre um número do *Times*, que se achava numa mesa, atrás de mim, mas sem o olhar.

– Sim – respondeu a prancheta.

– Bem – exclamei –, se pode ver, escreva a palavra que cubro agora com meu dedo e acreditarei no que afirma.

A prancheta começou a mover-se lentamente e, não sem muita dificuldade, escreveu a palavra *however*. Voltei-me e vi que era essa a palavra que estava coberta pela ponta de meu dedo.

Quando fiz esta experiência, evitei de propósito olhar o jornal, e era impossível à dama, mesmo que assim o quisesse, ver uma única das palavras impressas, pois estava sentada a uma mesa e o jornal achava-se noutra mesa por trás de mim, encobrindo-o eu com o meu corpo."

Essas leituras pelos médiuns parecem mostrar a ação de inteligências exteriores. Mas não nos apressemos a tirar conclusões.

Uma vista supranormal bem característica foi apreciada pelo Sr. Maxwell, doutor em Medicina, procurador geral no Tribunal de Apelação de Bordéus, com um *sujet* muito sensível, a Sra. Agullana, que ele acabava de magnetizar pessoalmente para fazer experiências.[64] A Sra. Agullana supunha estar fora de casa.

"Pedi-lhe – disse ele – para ver o que fazia um dos meus amigos, M. B., muito conhecido dela. Eram 10 horas e 20 da noite. Com grande surpresa minha, disse-me que via M. B. em trajes menores, passeando de pés descalços sobre a pedra. Isto pareceu-me não ter nenhum sentido. Entretanto tive ocasião de ver o meu amigo no dia seguinte. Apesar de estar muito a par dos fenômenos, M. B. mostrou-se bastante surpreendido e disse-me textualmente:

– Ontem eu não estava bem disposto; um amigo meu, que mora em minha casa, aconselhou-me a experimentar o método Kneipp, e tanto insistiu que, para satisfazê-lo, ensaiei pela primeira vez, ontem à noite, passear, de pés descalços, na pedra fria."

* * *

A essas variadas observações acrescentarei a seguinte, muito recente, do célebre físico americano Édisson, cujo valor crítico experimental ninguém pode contestar. Eis um relatório escrito por ele:[65]

"A personagem de quem vou falar-lhe foi-me enviada por um velho amigo que me disse, em forma de apresentação:

– Este homem, Reese, realiza certas coisas singulares. Desejo que o conheça. Talvez consiga explicar a sua faculdade.

Marquei-lhe uma entrevista. Reese chegou ao meu laboratório no dia indicado. Mandei chamar alguns dos meus operários para realizar experiências com eles. Reese pediu a um, que era norueguês, para passar ao quarto contíguo e escrever, num pedaço de papel, o nome da filha mais nova de sua mãe, o lugar em que ela nascera e diversas coisas mais. O norueguês obedeceu, dobrou o papel e guardou-o na mão fechada. Reese revelou exatamente o conteúdo desse papel e acrescentou mais, que o rapaz tinha no bolso uma moeda de 10 coroas, o que era exato.

Depois de diversas experiências similares com outros empregados, pedi-lhe para fazer também outras comigo. Passei então para outro compartimento e escrevi estas palavras: "*Há alguma coisa de superior ao hidróxido de níquel para uma bateria de matérias alcalinas?*"

Procedia nessa ocasião a experiências com a minha bateria elétrica alcalina e receava bastante não estar no verdadeiro caminho. Depois de haver escrito a frase mencionada, propus-me um outro problema e apliquei toda a minha atenção a resolvê-lo de forma a desnortear Reese, se ele procurasse ler no meu pensamento o que havia escrito. Voltei em seguida ao quarto em que o tinha deixado. No momento em que eu entrava, disse ele:

– *Não, não há nada melhor que o hidróxido de níquel para uma bateria de matérias alcalinas*.

Tinha lido com exatidão a minha pergunta.

Não pretendo de maneira alguma explicar esta faculdade. Estou convencido de que as necessidades da civilização produzirão qualquer grande descoberta por meio de homens dotados desses dons. Os raros videntes da atual geração virão a ser multidão nas gerações próximas. A inteligência normal futura desenvolver-se-á e completará rapidamente a obra de inteligência normal de hoje.

Cerca de dois anos depois das experiências que acabo de contar, o porteiro do meu laboratório entrou e anunciou-me que Reese estava na sala de espera e desejava falar-me. Tomei um lápis e escrevi em letras microscópicas: "*Keno*". Dobrei o papel e meti-o no bolso. Disse então ao criado para introduzir Reese.

– Reese, tenho um pedaço de papel no meu bolso; o que está escrito nele?

Sem a menor hesitação, respondeu:

– *Keno*.

Volvidos tempos sobre a experiência do laboratório, o conhecido alienista Dr. James Hanna Thompson organizou em sua casa uma sessão contraditória. Foi à sua biblioteca, escreveu várias perguntas em pedacinhos de papel e escondeu-os. Reese ficou a conversar no salão até que Thompson voltasse e então lhe disse:

– No fundo da gaveta esquerda da sua secretária está um pedaço de papel no qual foi escrita a palavra *Opsonic*. Debaixo do livro que está em cima da mesa há um pedaço de papel com outra palavra, *Ambiceptor*. Numa outra pequena folha está escrita a palavra *Antigen*.

As designações que o vidente deu sem hesitação eram inteiramente exatas. Thompson ficou estupefato e declarou-se convencido.

Há alguns anos empreendi uma série de experiências para procurar transmitir o pensamento de uma pessoa para outra por todos os meios, mas sem nenhum resultado. Procurei resolver o fenômeno com o auxílio de aparelhos elétricos aderentes à cabeça dos operadores. Quatro de nós ocuparam

quatro compartimentos diferentes, ligados pelos sistemas elétricos de que falei. Sentamo-nos depois nos quatro cantos do mesmo quarto, aproximando gradualmente as nossas cadeiras umas das outras, para o centro da sala, até que os nossos joelhos se tocassem, contudo, não conseguimos nenhum resultado.

Mas Reese não precisa de aparelho algum nem de nenhuma condição especial para operar."

Assim fala Édisson. Todos os experimentadores que têm estado em relações com Reese depõem no mesmo sentido, principalmente o Sr. Schrenck-Notzing, que dele fez um estudo especial.

Um episódio curioso da vida desse "vidente" é a pendência que teve com a Justiça, na qual, sendo acusado de embuste, convidou, no começo da audiência, o juiz a escrever, ele mesmo, algumas palavras em pedaços de papel e a guardá-los na mão, lendo integralmente as inscrições feitas pelo juiz. É inútil dizer que foi absolvido.

* * *

Reuni centenas dessas comprovações da "vista sem os olhos".

Uma das mais notáveis é, certamente, a do professor Grasset, de Montpellier, o qual, tendo escondido quatro linhas escritas por ele num envelope opaco hermeticamente fechado, viu essas linhas lidas a trezentos metros de distância, pelo *sujet* lúcido do Dr. Ferroul (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1897, pág. 722).

Há aí uma mina de que não se suspeita a riqueza. Assinalarei ainda neste lugar a seguinte narrativa que me foi comunicada pelo meu erudito colega da Sociedade Astronômica de França, o Sr. H. Daburon, com esta profissão de fé:

"Não conheço matéria mais atraente do que o estudo da alma empreendido na sua obra *O Desconhecido*, e desejo como todos os leitores sedentos de verdade, que esta grande obra continue. Por isso, parece-me interessante assinalar-lhe, se já o não conhece, um fato extraído da *Correspondência da Duquesa de Orleães*, Princesa Palatina. Ei-lo:

"Há dez anos um fidalgo francês que foi pajem do marechal d'Humières e que desposou uma das minhas açafatas, trouxe com ele para a França um índio do Canadá. Um dia, durante a refeição, o índio pôs-se a chorar e fazer caretas. Longueil (era este o nome do fidalgo) perguntou-lhe o que tinha e se estava doente. O índio desatou em maior choro. Longueil insistiu com energia e o índio lhe disse:

– Não me obrigues a falar, pois isto é contigo e não comigo.

Instado com mais veemência, acabou por declarar:

– Vi, pela janela, que teu irmão foi assassinado em tal lugar, no Canadá.

Longueil pôs-se a rir e respondeu-lhe:

– Endoideceste.

O índio replicou:

– Não endoideci, não; escreve o que acabo de dizer e verás que não me engano.

Longueil escreveu, e passados seis meses, quando chegaram os navios do Canadá, soube que a morte de seu irmão ocorrera no momento exato e no lugar em que o índio o tinha visto pela janela. É uma história muito verdadeira esta.

Versalhes, 2 de março de 1719."

A Princesa Palatina não tinha fama de ingênua na corte de seu marido, o Duque de Orleães, regente do Reino, e no tempo da Regência Paris e Versalhes estavam certamente afastados de qualquer misticismo. O fato aqui relatado deve ser tomado como autêntico. Como via "no ar" o vidente canadense? Como se lia numa bola de cristal ou num copo d'água ou antes, era o espírito do adivinho que atuava. Parece que não se pode tirar outra conclusão destas observações.

Um escritor notavelmente céptico e irônico, que ridiculizou a história do espectro de Plínio como o do assassínio de Cícero, Gratien de Semur, publicou em 1843 um livro bastante divertido, com o título *Tratado dos erros e dos preconceitos*, no qual abria exceção para uma sensação telepática ocorrida com pessoas da

sua roda (ele nem sequer desconfiava da futura criação desta palavra e do valor de tais sensações). Aqui lhe temos a narração e o comentário:

> "Na infância, vimos por diversas vezes em nossa família uma senhora de seus quarenta anos que se chamava Sra. de Saulce. Seu marido era um rico colono de São Domingos. Na época da Revolução vieram estabelecer-se ambos em França. O Sr. de Saulce fez diversas viagens às ilhas, durante as quais sua mulher ficava em Paris. A Sra. de Saulce era excelente criatura, muito simples, nada nervosa, avessa a imaginações que impressionam facilmente. Durante a última viagem de seu marido, estando uma noite jogando as cartas em companhia de várias pessoas, exclamou de repente, caindo de costas:
>
> – *O Sr. de Saulce morreu!*
>
> Acudiram-lhe, mostraram-lhe que semelhante visão era certamente errada e ela voltou à razão. Todavia, quando estava só, não conseguia afastar inteiramente o pressentimento que a angustiava e aguardava novas de seu marido, numa temerosa ansiedade. Recebeu notícias favoráveis, mas anteriores ao dia da sua visão. Finalmente, chegou uma carta de São Domingos, tarjada de preto, e que não fora subscrita por seu marido. A carta referida era de um colono e dirigida a uma terceira pessoa, para minorar a violência do choque. O Sr. de Saulce havia sido assassinado pelos pretos, no mesmo dia em que a Sra. de Saulce sentira o sinistro golpe. Esse duplo acontecimento, certificado por mais de vinte pessoas de qualidade, foi um dos que maior impressão me causaram quando eu era criança.
>
> Só depois de dez anos tornamos a ver a Sra. de Saulce, sempre vestida de luto eterno, ao qual se tinha consagrado."

Que dizer depois de semelhantes fatos? acrescenta o narrador. Nada pode demonstrar a exatidão ou provar a falsidade; é preciso crer ou não crer. Entretanto, pode-se apoiá-los em presunções provenientes de exemplos análogos e que a autoridade de Sully pôs ao abrigo de qualquer contestação.

"É indubitável – diz Sully em suas *Memórias* – que Henrique IV teve o pressentimento de seu fatal destino. Quanto mais via aproximar-se a hora da sagração, mais sentia redobrar em seu coração o temor e o pavor, abrindo-se inteiramente comigo, nesse estado de amargura e de prostração de que eu o repreendia como de uma fraqueza imperdoável. As suas próprias palavras produzirão mais impressão do que tudo quanto eu possa dizer:

– Ah! meu amigo – exclamou –, quanto me desagrada esta sagração! Não sei por que, mas o coração anuncia-me que me vai acontecer qualquer desgraça.

Sentou-se, ao pronunciar estas palavras e, entregue a toda a tristeza de suas idéias, baita com os dedos na caixa dos seus óculos, sonhando profundamente."

A declaração de Sully seria suficiente para se não duvidar do pressentimento que fez sentir ao coração de Henrique IV a ponta do punhal que o devia assassinar; poderíamos entretanto apoiá-la em outras autoridades dignas do mesmo apreço. L'Estoile e Basompierre, em suas *Memórias*, contam as mesmas particularidades. Apressamo-nos, todavia, a acrescentar que os raros exemplos de pressentimentos justificados não devem ser acolhidos senão como exceções.[66]

É esta a narração de Gratien de Semur, e percebe-se que a publicou com certo constrangimento. Essas recordações têm aqui o seu lugar. Ele é mais inclinado a negar tudo do que a tudo aceitar. Os dois extremos são falsos. A razão incita-nos a seguir uma via independente, a igual distância dos dois erros humanos habituais.

Outras observações, ainda, não menos curiosas:

O professor Grégory, de Edimburgo, havia visitado um conhecido numa cidade distante 30 milhas (48 quilômetros), encontrando aí uma senhora, que lhe era desconhecida, magnetizada ou hipnotizada pelo seu amigo. Deu-se o caso de ela descrever, com precisão extraordinária, todos os pormenores da sua casa. Ocorreu por isso a Grégory a idéia de tentar a seguinte experiência:

Pediu-lhe que se transportasse em espírito a Greenock, distante 70 quilômetros, onde estava seu filho. Ela encontrou-o, pintou-o exatamente, sem nunca o ter visto nem ter ouvido falar dele, e descreveu a quinta onde estava brincando com um cão. Esse cão, disse ela, é um "terra-nova", preto, com duas manchas brancas. O rapaz e o cão pareciam divertir-se ambos, e o animal furtou-lhe o chapéu. Estava na quinta um senhor, moço ainda, mas de cabelos brancos, clérigo presbiteriano, lendo um livro. Pedindo-lhe Grégory que entrasse na casa, a vidente descreveu o salão, a sala de jantar, a cozinha onde uma criada nova preparava a refeição e onde havia um quarto traseiro de carneiro que tostava ao fogo, mas ainda não assado. Também havia aí outra criada. O cavalheiro chegou perto da porta, o rapaz continuava a brincar com o cão e depois foi para a cozinha, situada no andar superior, e pôs-se a comer.

O professor escreveu logo todos os pormenores e enviou-os ao amigo, que os reconheceu exatos na sua maior parte. Não podia dar-se, observa ele, nenhuma transmissão de pensamento, pois não conhecia o lugar onde estava seu filho e para onde havia mandado a magnetizada.[67]

Tenho muitas observações análogas às precedentes na minha mesa de trabalho. Mas é preciso deter-me. O resultado desta pesquisa é *a afirmação de que o ser humano pode ver sem os olhos, pelo espírito*.

Confesso que, admitindo esta vista transcendente, estou em desacordo com sábios que conheci pessoalmente e estimei com sinceridade, entre outros, Alfredo Maury, do Instituto (v. as minhas *Memórias*). Ele não aceita esta faculdade. Não acredita numa hiperestesia do sentido da vista, observada por ele em sonâmbulos,[68] o que existe, com efeito, mas não pode ser generalizado e não se aplica aqui inteiramente.

Decerto podemos, em determinados casos, assimilar esta função da vida à faculdade visual dos animais noturnos, que vêem muito bem durante a noite, como os gatos, as corujas, os morcegos, as falenas, os répteis das cavernas, os peixes do fundo dos mares.

A luz tem seus graus e parece não baixar jamais até zero.

Certos homens são nictalopes. O imperador Tibério estava neste caso. Quando acordava, durante a noite, distinguia, no seu quarto, todos os objetos; tinha olhos muito grandes: "*Erat praegrandibus oculis* – lemos em Suetônio – *qui, cum mirum est, noctu etiam et in tenebris viderent; ab breve et cum a somno potuissent deinde nebescebant.*"

O abade Mussaud, professor no Colégio de La Rochelle em 1820, autor do curioso livrinho intitulado: *Roman d'Optique*, relata que conheceu naquela cidade uma senhora cujos olhos tinham esta propriedade e viam muito bem na escuridão, não só alguns instantes, como Tibério, mas muito tempo, distinguindo mesmo um alfinete caído no chão. Também seus olhos eram muito grandes. Todavia, esta faculdade visual não era permanente e só se manifestava em certas épocas de padecimentos e de fraqueza.

Em 3 de janeiro de 1899, jantando em casa de meu amigo Barthôldi, o grande estatuário, a filha do Dr. Chaillou, a Sra. Peytel, informou-me que sua prima, a Srta. Varanne, era dotada dessa virtude. Uma noite, ouvindo-a falar em alta voz, verificou que, sentada na cama e sem nenhuma luz, ela lia um panfleto de P. Louis Courier, que fora buscar à biblioteca do doutor. Era sonâmbula.

Poderia indicar, nas minhas relações científicas, uma senhora distinta e instruída, dotada de faculdades psíquicas extraordinárias, a Sra. d'Espérance, sócia da Sociedade Astronômica de França, que, além dessas faculdades, via, escrevia e desenhava em plena escuridão. Quando era criança, na época dos seus estudos clássicos, escrevera a sua composição, como sonâmbula, durante a noite, sem dar por isso.[69]

A sua amiga e colega Sra. Hoemmerlé, tradutora de Carl du Prel, conhece mais de um exemplo análogo.

O Dr. Liébault, que tratou muito desse assunto na sua douta obra sobre *O sono provocado e os estados análogos*, parece admitir somente uma hiperestesia do órgão da vista, e cita a esse respeito experiências feitas por ele, assim como por A. Bertrand, Encontre, Macário, Archambault, Mesnet, em sonâmbulos que

liam na escuridão, graças à dilatação da pupila e à acumulação da força de atenção no nervo óptico. Essa vista noturna pelos olhos não é duvidosa, mas só se aplica a uma parte restrita do nosso problema, pois não corresponde nem à descrição de uma casa longínqua ou de uma ação passando-se a mil quilômetros, nem à leitura de um livro fechado, nem à maior parte dos nossos exemplos.

Os *sujets* magnetizados que vêem sem os olhos e imaginam ver pela fronte, pelo epigástrio ou pelo pé iludem-se: é seu espírito que vê.

Pretendem também ver pelo ouvido. Conta Lombroso que em 1892 teve de haver-se, na sua prática médica, com um fenômeno que nunca testemunhara. Afirma ele:

> "Tive de tratar a filha de alto funcionário da minha cidade natal; esta personagem foi muitas vezes acometida, na época da puberdade, de violentos acessos histéricos, acompanhados de sintomas que nem a Patologia nem a Fisiologia podiam explicar. Em certos momentos, seus olhos perdiam de todo a faculdade da vista e, em compensação, a doente *via pelos ouvidos*. Era capaz de ler, com os olhos vendados, algumas linhas impressas, que lhe apresentavam ao ouvido. Quando se lhe colocava uma lente entre a orelha e a luz solar, sentia como que uma queimadura nos olhos e gritava que a queriam cegar. Profetizava particularmente, com exatidão matemática, tudo o que lhe ia acontecer. Disse uma vez que, dentro de um mês e três dias, sentiria o desejo irresistível de morder. Observei-a com atenção, procurei distraí-la, atrasei todos os relógios da casa para iludi-la acerca da hora e, apesar disso, no dia designado e na hora anunciada, foi tomada da vontade de morder, acalmando-se somente depois de haver despedaçado com os dentes alguns quilos de papel."

Apesar de esses fatos não serem novos, eram entretanto muito singulares, e inexplicáveis pelas teorias fisiológicas e patológicas estabelecidas.

Temos muita razão em dizer que o novo mundo, que aqui exploramos, é ainda mais inesperado do que o de Cristóvão Colombo! Quanto à vista pelo ouvido... Parece-me haver aí um fenômeno essencialmente psíquico, ao qual o nervo acústico é tão estranho como o nervo óptico.

Por que seriam de preferência a fronte, o nariz, o queixo, o estômago, o umbigo, a perna ou o pé que veriam e não o ser mental, dotado de um órgão interno, espécie de órgão de sonho real? Os raios X penetram através dos corpos. Colocai-vos inteiramente vestidos diante do "écran" radiográfico e o vosso esqueleto aparecerá nesse "écran".

Qual é esta faculdade interior? Podemos atribuí-la ao cérebro, ou devemos ver nela uma faculdade da alma independente da anatomia orgânica. Assentemos ainda a questão.

O cérebro é, sem contradita, associado a todos os nossos pensamentos. O sentimento da virtude mais pura, o espírito de sacrifício, a abnegação absoluta, a adoração mística da divindade, tudo o que pudermos imaginar de mais desprendido da matéria, não é pensado pelo ser humano senão com auxílio do cérebro. Mas o cérebro não é o autor dos pensamentos: é apenas o instrumento. Se quero levantar o braço, se pretendo fazer um juramento, se tomo uma deliberação, é o meu espírito que atua. A causa da ação está nele e não no sistema nervoso e muscular que lhe obedece automaticamente.

É o nosso espírito que pensa, que quer, que ama, que procura, que resolve. Não é a nossa carne molecular cerebral.

A vista sem os olhos exerce-se pelo espírito, pela alma. As faculdades que aqui operam são ainda desconhecidas. Supus primeiro que o cérebro poderia ser a causa produtora de todos esses fenômenos, que emitiria ondas invisíveis transmitindo-se a distância, e que essas manifestações não provariam a existência individual de nosso ser mental. Mas esta hipótese é de todo insuficiente, pois a ação pessoal do espírito revela-se com evidência nessas análises.

Observamos anteriormente que diversos ensaiadores, e não dos menores, atribuem esta faculdade supranormal de ler textos ocultos a um espírito estranho que se comunicaria por meio do

médium experimentador. Isto não é inadmissível. Mas é ir procurar bem longe, é retardar as dificuldades; e qual seria a natureza desse espírito desconhecido?

Como os meus leitores sabem, já enunciei o mesmo em diversas de minhas obras, a título de pura hipótese, claramente, pois está longe de ser demonstrada. O método científico não tem por princípio estabelecer explicações mais ou menos imaginárias; procura sempre manter-se no círculo do que é evidente. Mas é forçado a confessar-se incapaz perante fatos incompreensíveis, e depois de haver substituído a teoria fisiológica das alucinações pela negação dos fenômenos, não se declara satisfeito e vê-se obrigado a procurar outra coisa.

Parece, entretanto, que o nosso espírito, tal como o conhecemos, nem sempre basta para uma explicação realmente satisfatória e que estão em jogo forças ocultas.

As minhas diversas obras estabeleceram, com argumentação positiva, aceita geralmente, que o Universo é um dinamismo e que os átomos são regidos por forças imateriais.

Franck Podmore, autor psíquico bem conhecido, do qual já falamos, está convencido de que todos os fenômenos, incluídas as aparições, se explicam pela transmissão do pensamento e se relacionam todos com essa teoria. Confesso não perceber qualquer transmissão de pensamento no ato de o seminarista de Bordéus escrever o seu sermão em plena escuridão e com os olhos tapados por um anteparo, ou na sonâmbula a descrever a moléstia interna e avistar, de um quarto fechado, as minúcias da dissecação do corpo de sua mãe, ou em Alexis ao ler as cartas de jogar antes de serem voltadas, e jogar partidas e ganhá-las sempre, apesar de ter os olhos vendados hermeticamente, ou num *sujet* acompanhar um gatuno de Paris a Bruxelas e a Spa, ou na experiência de Stainton Moses escrever uma frase inserta num livro que não conhece, ou na de Crookes sobre uma palavra desconhecida adivinhada, etc.

Estamos longe de saber tudo. Não pretendemos tudo explicar. "Conhece-te a ti mesmo", dizia Sócrates. Deve ser esta ainda a nossa divisa: Não conhecemos hoje melhor o nosso ser íntimo do que era conhecido há dois ou três mil anos.

Ora, nossa alma não parece tão simples quanto no-lo ensinam. O polipsiquismo não é uma palavra vã. Que são os desdobramentos de personalidade? Que é o inconsciente, o subconsciente, o subliminal?

Um exemplo muito antigo e incontestável de vista a distância, certificado por numerosas testemunhas cujas asserções foram longamente discutidas, é-nos oferecido pelo historiador Filóstrato, na sua vida de Appollônius de Tyane, contemporâneo de Jesus-Cristo. Estando em Éfeso, viu, com sua vista interior, o assassinato do imperador Domiciano, em Roma

Sabe-se como morreu esse extravagante e sanguinário tirano. Foram os seus libertos mais queridos que, de acordo com sua mulher, a imperatriz Domícia Longina, o assassinaram em sua própria residência, julgando-o tão temível nas suas amizades como nos seus ódios. A visão de Appollônius deu-se no momento em que se realizava o trágico atentado. Eis a narração de Filóstrato, admiravelmente circunstanciada:

> "Era meio-dia. Appollônius achava-se num dos pequenos parques dos arrabaldes de Éfeso, discreteando sobre assuntos filosóficos graves, perante centenas de ouvintes. Num dado momento, sua voz baixou como presa de súbita e profunda emoção. Continuou, todavia, sua dissertação, mas mais devagar, visivelmente perturbado pela afluência de idéias que o desviavam daquelas a que devia dedicar-se.
>
> Depois deteve-se completamente; parecia que lhe faltavam as expressões, como quando um homem procura ver o êxito de um acontecimento. Finalmente exclamou:
>
> – Tende coragem, efésios! O tirano foi morto hoje. Que digo eu? Hoje? Por Minerva! acabava de ser morto no próprio instante em que interrompi o meu discurso.
>
> Os efésios pensaram que Appollônius tinha perdido a razão; desejavam vivamente que a sua revelação fosse verdadeira, mas receavam que daquelas palavras lhes proviesse qualquer perigo.
>
> – Não me surpreende – disse Appollônius – que não me acreditem por enquanto. A própria Roma não o sabe ainda

inteiramente. Mas vai sabê-lo, porque a notícia se espalha pela voz de milhares de cidadãos, e isto exalta de alegria o duplo destes homens... e o quádruplo... e todo o povo. O clamor ressoará aqui. Podeis não acreditar-me, até que chegue aos nossos ouvidos a narrativa do fato, e adiar até esse instante o sacrifício que deveis oferecer aos deuses nessa ocasião; por minha parte, vou agradecer-lhes o que vi.

Os efésios continuaram incrédulos; mas, pouco depois, mensageiros vieram anunciar-lhes a boa nova e prestar testemunho em favor da adivinhação de Appollônius, porque a morte do tirano, o dia e a hora em que foi consumada, todos os pormenores eram conformes aos que os deuses lhe haviam mostrado quando proferia o seu discurso.”

Assim fala Filóstrato.

Não era preciso mais, naquela época, para que Appollônius fosse considerado como um semideus. Invocou-se, de resto, o mesmo milagre ao ativo do Papa Pio V, quando foi santificado: avista, de uma janela do Vaticano, a batalha de Lepanto, em 7 de outubro de 1571, e exclama para os que o rodeavam:

– Vamos agradecer a Deus perante o altar; o nosso exército acaba de alcançar uma grande vitória.

Esses exemplos de lucidez não faltam na História. Comines, cronista de Luís XI, relata que na hora em que Carlos, o Temerário, foi morto na batalha de Nancy, o rei ouvia a missa na igreja de S. Martinho de Tours e que o capelão do rei, Ângelo Cato, depois arcebispo de Viena, lhe disse, dando-lhe a beijar “A Paz”:

– Deus vos dá a paz; vosso inimigo, o Duque de Borgonha, acaba de ser morto e o seu exército está em fuga.

Essas histórias de Appollônius, de Pio V, de Comines e cem outras tiveram a sorte de todas as coisas humanas. No século XVIII, negaram-se. No século XIX eram simples alucinações. Hoje, segundo os fatos reunidos aqui, não nos é possível recusarmo-nos a admitir essa vista à distância, pois conhecemos com exatidão grande número de casos análogos.

Essas observações, mais antigas e mais numerosas do que se supõe, são ignoradas geralmente: os pensamentos viajam através

do espaço. Como? Emissão ou ondas? Do Sol à Terra circulam partículas elétricas lançadas pelo astro central, produzindo os fenômenos magnéticos, as auroras boreais, as perturbações telefônicas. São emissões. Um projétil disparado arrasta com ele uma energia. A transmissão das ondas sonoras através da atmosfera ou das ondas luminosas através do éter, ondas que não são em si mesmo nem sonoras nem luminosas, provêm de uma fonte de energia. Qual é a natureza dessas energias? Como se transmite a gravitação através do espaço? Essa força é prodigiosa; ela sustenta todos os mundos: a Terra, que pesa 5.990 sextiliões de toneladas; Júpiter, trezentas vezes mais pesado; o Sol, trezentas mil vezes mais pesado do que o nosso globo.

Do maior ao menor, esses mundos agem e reagem todos uns sobre os outros e Sírius, a 83.000 bilhões de quilômetros, exerce influência longínqua sobre o nosso próprio planeta. Qual é a natureza dessa telepatia física? Não existem ondas de gravitação. É possível que o pensamento não tenha medida comum com a matéria, o espaço e o tempo, de que não podemos aliás formar nenhuma idéia exata. As nossas células cerebrais mergulham no desconhecido. Andamos ligados inconscientemente a tudo o que existe, a todas as forças naturais conhecidas e desconhecidas, por uma rede inextricável de ondas e vibrações, e o próprio pensamento é um agente que atua através do espaço.

Não há nessas narrações nem imaginação, nem ilusão, nem embuste.

São tão exatas como uma observação meteorológica ou astronômica.

Têm, pois, estes estudos direito de cidade na Ciência.

O nosso ser espiritual, mental, pode ver sem os olhos do corpo.

Reuni, durante muitos anos, essas observações para me convencer e, como suponho que os meus leitores são tão exigentes como eu, insisto em mostrar-lhes a continuação de minhas pesquisas.

Só nos embaraça a escolha, para essas observações tão variadas como inegáveis. Eis aqui ainda uma outra que eu sentiria em não ajuntar às anteriores como prova não menos convincente da

nossa argumentação. Essa *vista sem os olhos* foi publicada pelo Dr. Fanton, de Cannet (Alpes Marítimos) nos *Anais das Ciências Psíquicas*, do mês de dezembro de 1910. Trata-se de uma senhora, nova, louca pela dança, que se tornou, após diversos acidentes, abominavelmente histérica e sem-vergonha, além de gravemente enferma. Morava em Marselha e seu marido residia em Genebra.

Eis o fato:

"O Dr. Fanton, que a tratava (outubro de 1885), recebeu um telegrama do marido dela, avisando-o da sua partida de Genebra, de tarde, pelo comboio das 7 horas, o qual devia passar em Culoz às 9 horas, chegar a Lião às 10 horas e a Marselha no dia seguinte, pelas 5 horas da manhã. Na redação do telegrama podiam-se adivinhar as palavras "ministro da guerra", apesar de cobertas em parte por um borrão de tinta.

Eram 7 horas da noite e o doutor foi chamado pela família da doente que se debatia numa crise violenta. Não se apressou em atender a chamada e tomou a sua refeição, durante a qual, diz ele, lhe serviram uma *omelette aux fines herbes*.

A residência da cliente distava cerca de 350 metros da sua. "Ao chegar, diz ele, vi ao redor da doente oito pessoas, das quais seis ainda vivem, que testemunharam os fatos seguintes:

Acabava de dizer: "Ele não tem muita pressa. Enfim, resolve-se." E pouco depois: "Está à porta, tocou a campainha." Quando entrei no quarto, a doente acolheu-me com grande risada e interpelou-me por esta forma: "Ah! quando o chamo, o senhor nunca tem pressa de vir. Mandou dizer que não estava em casa e, no entanto, estava a jantar, comendo uma *omelette aux fines herbes*."

Prosseguiu: "É inútil que apresente desculpas. Sei o que fez. Dê-me antes o telegrama de Alfredo, que tem em seu poder e que ele bem poderia ter-me dirigido." Um momento depois, a doente disse em voz alta e clara o conteúdo do telegrama que estava no meu bolso e que ninguém conhecia,

entre as pessoas presentes. Esse lance ocorreu com tal rapidez, eu fiquei de tal modo confuso, e as testemunhas tão admiradas, que levei um momento a recuperar a serenidade antes de explicar à assistência que era exato tudo quanto a doente dizia e de mostrar-lhe o telegrama que tinha recebido meia hora antes.

Como podia a Sra. A., que não estava prevenida da volta de seu marido e ainda menos das horas e do itinerário de sua viagem, conhecer o conteúdo do despacho telegráfico? É o que procurávamos explicar-nos sem consegui-lo. De repente, apoderou-se da enferma uma nova crise de riso mais jovial e estridente, interrompida por estas palavras: "Ele dorme, não acorda! Não! não!" Seguidamente, o riso chegou quase a sufocá-la e ela acabou, balbuciando, com bastante nitidez: "Ele dorme, fica no comboio, não chegará." Eram nove horas.

De manhã, à hora da chegada do comboio que devia trazer seu marido, fui ao encontro dele com dois amigos nossos. Recomendei muito particularmente às pessoas que ficaram perto da doente que tomassem com cuidado nota de todos os pormenores que poderiam ocorrer durante a nossa ausência, e por nossa parte propusemo-nos observar escrupulosamente todos os nossos feitos e gestos. Chegamos à estação sem incidente. O marido não estava no comboio vindo de Lião, e voltamos para perto da minha cliente.

Pouco depois de nossa saída, um telegrama enviado de Grenoble avisava-nos de que o marido só chegaria à tarde, por ter perdido o comboio...

Deixei a doente pelas 11 horas.

De tarde fui à procura do marido antes que ele visse alguém e, sem preveni-lo, interroguei-o: soube por ele que às 9 horas da noite passara em Culoz sem acordar, numa carruagem que foi enviada para Chambery e só nesta cidade despertou. Verificando que, com esta mudança de direção, não poderia chegar a Marselha senão com 7 horas de atraso, tinha telegrafado. Fi-lo repetir essa narração diante de diversas pessoas que haviam permanecido perto de sua mulher na

noite anterior e foi-nos fácil verificar, pela narrativa que lhe fizemos por nossa vez, que ela o tinha acompanhado durante a sua viagem, fazendo-nos assistir às suas peripécias."

O Dr. Fanton, que relata estes fatos, não conhecia então o assunto que aqui estudamos, da vista sem os olhos a distância, e ficou realmente admirado. Hoje sabemos que essa faculdade da alma é inegável; pode-se ver pelo espírito, não pelo nervo óptico da retina.

Vamos ouvir também o Dr. Osty sobre certos fatos recentes, estudados por ele:

"No mês de fevereiro de 1914 a Sra. Camille, adivinha profissional em Nancy, deu, em sono hipnótico, indicações que permitiram encontrar o corpo do Sr. Cadiou, desaparecido desde 30 de dezembro, sem que nenhum indício tivesse fornecido previamente a menor indicação. Isso foi muito comentado nos jornais. Os policiais e os magistrados mostraram-se descontentes. Os "espíritos fortes", os finórios, aqueles cuja superior inteligência brilha no olhar, não trepidaram um instante em acusar a sonâmbula de ser uma comparsa para pelos interessados "*para iludir a Justiça*".

O professor Bernheim, entrevistado por um repórter do *Matin*, declarou que não existia a adivinhação.

– Nunca pude obter – disse ele – no curso do meu longo tirocínio, fenômenos de vista a distância ou de adivinhação; toda a minha educação científica se insurge contra a existência de semelhantes fenômenos e contesto-lhes a veracidade até mais séria verificação...

Entretanto, nada era mais certo do que essa revelação hipnótica.[70]

Volvido um mês, em 19 de março de 1914, desaparecia o Sr. André Rifaut, guarda do castelo de Boursault. Procurou-se nas matas e nos lagos do Marne, que transbordara. Os policiais e a brigada móbil de agentes fizeram pesquisas ativas e o inquérito judiciário não deu resultado. Como a família Cadiou, os irmãos Rifaut recorreram a diversos sonâmbulos que, de comum acordo, declararam que o guarda havia sido

morto a pancadas e atirado à água. A Sra. Camille, que foi uma das três, falou assim, em 24 de março, segundo *Le Journal*:

– Procurais um parente. Vejo-o. Depois de trocar papéis com um homem que envergava uma farda, caminha de noite por uma estrada deserta. Um pouco mais longe há um rio; aproxima-se de sua casa. Chega um homem e, com uma clava, atira-lhe uma pancada à cabeça. O infeliz cai. O seu assassino pega-lhe e vai atirá-lo no rio. Vejo o corpo. *Será encontrado dentro de alguns dias, bem longe daquele sítio*.

Em 12 de abril o corpo do Sr. Rifaut foi apanhado por pescadores que o viram à tona d'água, em Jaulgonne (Aisne). O Dr. Petit, médico legista, concluiu formalmente por uma morte violenta. Segundo as suas observações, o guarda do castelo de Boursault foi assassinado a pancadas; a caixa craniana havia-lhe sido fendida e o infeliz morrera antes de ser atirado à água." [71]

O seguinte fato é talvez ainda mais demonstrativo:

"Em 18 de março de 1914, o Dr. Osty recebia uma carta comunicando-lhe que, numa pequena povoação do Cher, um ancião de 82 anos, Sr. Etienne Lerasle, havia desaparecido e que todas as pesquisas para encontrá-lo foram infrutíferas. Uma pessoa lúcida, a Sra. Morel, residente em Paris (que tive pessoalmente ocasião de interrogar), a quem o doutor levara um lenço que pertencera ao Sr. Lerasle, seguiu-lhe o passeio através de um bosque e viu o morto sobre o solo no ponto onde se tinha detido, cansado, esgotado, e aliás disposto a morrer. Era a 2 de março. Havia 15 dias que sua família, a gente da povoação, 80 homens, a pedido do intendente municipal, haviam explorado a floresta sem nada encontrarem. Graças às indicações pormenorizadas da vidente, seguiram-se as pistas apontadas por ela e encontrou-se o cadáver, na posição em que a vidente o tinha visto: ele encaminhara-se para ali, batendo com a bengala, como era seu costume, e estendeu-se perto de uma grande árvore e de um regato, para não mais se levantar.[72]

A Sra. Morel nunca tinha ouvido falar nem do bom velho nem daquela região do Cher. A sua faculdade psíquica, que aqui assinalamos como uma das provas da existência do nosso elemento mental independente do organismo físico, pôde atingir o velho a sair de casa, ver o passado e sentir o acontecimento. Tudo isso não estava encerrado, de certo, nas dobras do lenço; mas esse lenço serviu para estabelecer a comunicação entre a vidente e o homem que se pretendia encontrar. Não há aqui nem telepatia nem transmissão de pensamento. Ninguém sabia nada. Há aqui vista a distância, sem os olhos, como em todos os exemplos narrados neste capítulo."

Trata-se, neste caso, de fatos observados que não se podem confundir com as banalidades ordinárias das "videntes extralúcidas" e das cartomantes. Não sejamos exclusivos em nada e examinemos tudo. Vê-se sem os olhos. A *criptoscopia* deve ser aceita como um novo ramo da árvore da Ciência.

Sabe-se que um cego pode ver, ler, desenhar, pintar? Eis um exemplo observado em 1849, na povoação de Saint-Laurent-sur-Sèvres (Maine et Loire), por um médico que indica as testemunhas que o presenciaram.

Um clínico da região tinha ido visitar, naquele povoado, dois conventos, um de homens, outro de mulheres:

"Fomos recebidos, escreve ele, de um modo muito cordial pelo Padre Dalain, superior do primeiro (o de homens), e que também possuía autoridade sobre o segundo (o de mulheres). Depois de visitarmos os dois conventos, ele nos disse:

– Quero agora, meus senhores, mostrar-lhes uma das coisas mais curiosas do mosteiro das mulheres.

Mandou trazer um álbum onde admiramos, efetivamente, aquarelas de grande perfeição. Eram flores, paisagens e marinhas.

– Estes desenhos tão perfeitos – disse-nos – são de uma de nossas jovens religiosas que é cega.

E eis o que ele nos contou acerca de um encantador ramalhete de rosas, das quais um botão era azul:

– Há tempos, estando presente o Sr. Marquês de La Rochejaquelein e outros visitantes, chamei a religiosa cega e pedi-lhe para se sentar a uma mesa e desenhar qualquer coisa. Diluíram-se-lhe cores, deram-lhe papel, lápis, pincéis, e ela começou logo a aquarelar o ramalhete que estão vendo. Durante o seu trabalho colocaram por diversas vezes um corpo opaco, cartão ou tabuinha, entre os seus olhos e o papel e nem por isso o pincel deixou de deslizar com a mesma regularidade. Observando-lhe que o ramalhete era um pouco escasso, ela disse: "Pois bem! vou fazer sair um botão deste ramo." Enquanto trabalhava nessa retificação, trocaram-lhe a cor carmim pela azul; não deu pela troca, e aí está por que os senhores vêem um botão azul.

O Sr. Abade Dallain, acrescenta o narrador, era tão notável pela sua ciência, a sua grande inteligência, como pelo seu alto sentimento religioso, e nunca encontrei alguém que me despertasse mais simpatia e veneração." [73]

Pela linguagem da jovem cega, é certo que ela via; de outro modo não teria dito: "Vou pôr um botão neste ramo." O que não é menos certo é que ela não via pelos olhos, pois que prosseguia no seu trabalho apesar do obstáculo que lhe opunham; via pela vista da alma, feita abstração da vista do corpo. Ora, se é assim que os sonâmbulos vêem, por que não veria um cego em condições análogas?... Não estava ela em estado de sonambulismo acordado?

Quanto à cor azul posta em lugar da vermelha, pode não ter prestado atenção senão à colocação do botão, ou não observá-la, ou não vê-la como cor.

* * *

Diante de todos esses fatos não se deve negar mais dora em diante a possibilidade da vista sem os olhos, tanto através dos corpos opacos como através do espaço e do tempo, pelo organismo humano.[74]

Os negadores divertem-nos quando afirmam doutoralmente que não há nisso senão ilusões, erros, mistificações, alucinações e outras parvoíces; que eles conhecem as leis da Natureza; que o Universo não tem segredo para eles; que a alma não existe, que não há espírito nem no homem nem no Cosmos e que tudo se explica pela matéria e suas propriedades.

Esses raciocinadores não são muito cândidos.

Os fatos, relatados neste capítulo, da vista sem os olhos, pelo espírito, são tão certos como as observações astronômicas, meteorológicas, físicas, geológicas, antropológicas e outras de que se compõe a ciência mais exigente; tão certos e irrecusáveis como os fenômenos psíquicos, mediúnicos, espíritas, observados rigorosamente e registrados pela fotografia,[75] apesar de estes exigirem atenção especialmente severa, por estarem em desacordo com as nossas noções atuais sobre a Física, a gravidade dos corpos, a fisiologia humana, etc.

Quais são as forças em jogo? Incontestavelmente, indiscutivelmente, há aí *alguma coisa*.

E alguma coisa de transcendente, fora da nossa pequena vida ordinária de carne e de sangue, de músculos e de nervos. A nossa existência corporal e material pode deslocar-se, desagregar-se, sem implicar a destruição desse elemento psíquico que é independente. É esta uma possibilidade cientificamente admissível. O que pode parecer realmente estranho e por completo extraordinário é que os fatos aqui relatados são observados há muito tempo, desde séculos, sem que isso se tenha em conta; é que a realidade da existência da alma, independente do corpo, foi estabelecida principalmente em 1819, pelo Abade Faria, sobre estes mesmos fato, no seu livro *A causa do sono lúcido*; e é que, na hora atual, ainda tenhamos o ar de fazer descobertas! Os homens que se instruem continuam, pois, a formar minúscula minoria?

A vista do futuro, o conhecimento dos acontecimentos vindouros vão fornecer-nos demonstração ainda mais irrecusável do que tudo o que precede.

CAPÍTULO VIII

A visão dos acontecimentos futuros

– O futuro presente. – O já visto.

> *"Um cepticismo vaidoso, que rejeita os fatos sem examinar se eles são reais, é, a certos respeitos, mais repreensível do que a credulidade desarrazoada."*
>
> *A. de Humboldt*

Entre as faculdades da alma, desconhecidas e a estudar, se tivermos algum cuidado de constituir uma psicologia experimental baseada em fatos de observação positiva, indicarei agora a que permite ver o futuro, ver o que ainda não existe!

Da mesma forma que a alma vê através do espaço, ela vê através do tempo.

Escrevi uma obra (não impressa ainda) sobre esse assunto: *A Visão do Futuro*, premonições precisas autenticamente verificadas, sonhos premonitórios, fatos vistos antecipadamente com a mais minuciosa exatidão, dilema da visão do futuro e da liberdade humana, do determinismo e do livre arbítrio. Não tenho a intenção de me alargar aqui sobre esse copioso assunto. Mas, como se trata de afirmar as faculdades especiais da alma, é oportuno juntar as observações precedentes da "vista sem os olhos" às que vão seguir e que não são menos merecedoras de atenção, e principalmente o fato do que se chama "o já visto", muito controvertido, discutido, mas incontestável para os que estudaram suficientemente a questão e que tiveram tempo de comparar rigorosamente as observações.

Os acontecimentos futuros podem ser vistos de antemão, muito exata e incontestavelmente.

Não é com considerações metafísicas, mas pelo método experimental, que devemos tratar aqui desse grave problema.

Foi chamada pela primeira vez a minha atenção sobre esse fato, inadmissível na aparência, na primavera do ano de 1870, pela narrativa que se vai ler, de uma observação feita por pessoa dotada de espírito esclarecido e judicioso, a princesa Emma Carolath, que, muito amiga da França, vinha, naquela época, todos os anos a Paris e gostava de entreter-se comigo acerca desses assuntos. A inesperada guerra entre a Alemanha e a França feriu a sua sensibilidade e essa jovem senhora pouco sobreviveu a esse desastre internacional (prefácio do cataclismo de 1914). Esta carta é uma das últimas que dela recebi, e esse sonho premonitório é notavelmente explícito.

Já o assinalei na minha obra *O Desconhecido*; ele data de uns dez anos antes de 1870. Ei-lo, em resumo:

> "Acabava de adormecer, muito preocupada com a saúde de uma pessoa querida, e achei-me transportada em sonho para um castelo desconhecido, em um gabinete octogonal alcatifado de damasco vermelho. Dormia aí num leito a pessoa cuja saúde me inspirava cuidado. Uma lâmpada suspensa do teto inundava-lhe de luz o rosto pálido, mas sorridente, cercado de opulenta cabeleira negra. À cabeceira da cama vi um quadro cujo assunto se gravou de tal modo no meu pensamento que poderia desenhá-lo ao despertar: era um Cristo coroado de rosas por um gênio celeste, com versículos de Schiller, que li.
>
> Dois anos mais tarde, chamada a residir num castelo da Hungria, parei, estremecendo, ao penetrar nos aposentos que nos eram destinados: achei-me no gabinete octogonal alcatifado de damasco vermelho, diante do leito e diante do quadro do Cristo coroado de rosas, com versículos de Schiller. Esse quadro nunca foi copiado ou reproduzido e era impossível que o tivesse visto de outro modo que não fosse em sonho, assim como, de resto, o gabinete octogonal.
>
> Wiesbaden, 5 de março de 1870.
>
> *Emma, Princesa Carolath*."

Desde aquela época já longínqua de 1870, a minha atenção tem sido muitas vezes chamada para esta ordem de fatos, que fui levado a examinar com cuidado muito especial. O trabalho que exponho hoje à vista do leitor representa pois quase 50 anos de observações variadas, e apresento-o com toda a confiança que pode justificar essa demorada elaboração.

Há de objetar-se a este sonho, como a outros análogos, que ele não foi escrito e datado por um selo postal obliterado antes de sua verificação, o que seria certamente uma garantia absoluta, e que pode ter-se engendrado no espírito da narradora de conformidade com o acontecimento observado, de maneira que seria ilusória a sua verificação. Mas, pouco valor tem esse argumento, pois, pelo contrário, foi essa verificação inesperada que feriu a observadora.

Não se liga importância a esses sonhos senão quando se realizam, e não se tem o cuidado de escrevê-los de antemão. Pode-se objetar também que se vê em sonhos países e cenas que nunca mais se tornam a ver na realidade, que só se observam coincidências, mais ou menos aproximadas, acontecendo por acaso, e que, por coincidência que se apresenta, há mil que não se produzem. Supor, ao ver um quarto, uma casa, uma paisagem, que uma espécie de sonho repentino e fugaz pode atravessar o cérebro neste momento e dar a impressão do "já visto" é outra hipótese, tendo sido já propostas explicações para essas exteriorizações aparentes. Discutiremos mais adiante estas objeções e examinaremos todos os comentários. Por agora, observemos que há diversas espécies de sonhos fisiológicos e que se trata aqui não de sonhos mais ou menos vagos, mas de *vistas precisas* que ferem bastante a atenção para serem conservadas na memória com todos os pormenores. Mas não discutamos neste momento. Vamos expor os fatos e o leitor imparcial será o melhor juiz. O nosso dever é o de examinar as coisas livremente e sem idéia preconcebida. Não são as hipóteses que constituem a ciência; são as observações, tanto nas ciências psíquicas como nas ciências físicas e naturais.

Não quero repetir aqui os exemplos numerosos (195) e demonstrativos da previsão do futuro publicados em *O Desconhe-*

cido. Desde essa época (1899) tenho recebido muitos outros que podem interessar os leitores ciosos dos mesmos problemas.

O "já visto" faz parte dos fenômenos ainda inexplicados da previsão do futuro que estudamos neste capítulo como faculdade da alma e como prova da sua realidade intrínseca.

Considera-se geralmente esta impressão do "já visto" como ilusão; deram-lhe os nomes de "falso reconhecimento", "falsa reminiscência", "perversão da memória", "paramnésia", "memória ancestral" e outras denominações hipotéticas. Convido os pesquisadores que desejem conhecer exatamente a verdade a meditar sobre o conjunto das seguintes questões.

E em primeiro lugar esta, que, por si só, seria suficiente para provar tal realidade:

O "já visto", anunciado nitidamente e estritamente por sonhos premonitórios, é um fato que não pode ser negado, apesar de ainda inexplicado no estado atual de nossa psicologia. Eis, por exemplo, uma relação leal e irrecusável escrita por um digno sacerdote da diocese de Langres, [76] o cônego Garnier, antigo professor no pequeno seminário, na qual ver-se-á uma cena desse gênero de que é impossível duvidar:

(CARTA 901)

"Era em 1846, no segundo ano dos meus estudos superiores no seminário. Uma noite, enquanto dormia, viajava em espírito. A estrada que percorria, branda, lisa e bordada de árvores, muito distantes umas das outras, parecia descer das encostas de uma serra, em declive suave, e alcançar uma planície, espraiando-se a perder de vista.

O Sol baixava no horizonte, entre as quatro e cinco horas da tarde, e derramava a sua plácida luz sobre a campanha, com matizes mais fáceis de imaginar do que de descrever.

Encontrei-me parado de repente, sem saber como nem por quê, num ponto onde outra estrada corta em ângulo reto a que eu seguia. Nada havia de extraordinário que pudesse atrair o olhar do viajante, nem mesmo solicitar-lhe a atenção. Entretanto, ainda me vejo parado, hirto como uma estátua,

contemplando, com satisfação especial, um quase nada, uma dessas cenas campestres que se nos deparam todos os dias.

À esquerda observo que a estrada corta a minha, contorna o monte e tem pequeno muro aproximadamente de um metro de altura que ladeia a via para sustentar a terra.

Ao longo desse muro estão plantadas três grandes árvores que fornecem uma sombra densa.

A uns trinta passos do ponto em que eu estava, na minha frente e em terreno bem nivelado, erguia-se, à beira do caminho, uma casa bem elegante, caiada de branco e toda exposta ao Sol. A única janela que dava para a estrada estava aberta; atrás dela via-se sentada uma senhora bem vestida, mas com simplicidade. Entre as cores garridas do seu vestido sobressaía o vermelho. Na cabeça tinha um gorro branco de pano muito leve, cuja forma me era desconhecida. Essa mulher parecia ter trinta anos.

Diante dela, de pé, permanecia uma menina de dez a doze anos que pensei ser sua filha, pois olhava sua mãe que fazia tricô e lhe ensinava o seu mister; estava despenteada e descalça, vestindo quase como a senhora. Ao lado dessa menina, três crianças rolavam-se no chão; um menino de quatro a cinco anos, ajoelhado, mostrava um objeto a seus dois irmãos menores, para diverti-los. Estes debruçavam-se diante do mais velho e todos os três se achavam muito absorvidos na sua contemplação. As duas mulheres haviam-se olhado rapidamente quando me perceberam postado no caminho e, ao fixá-las, não se mexeram. É que estavam acostumadas a ver passar viajantes.

Um cão muito grande encontrava-se deitado ao lado delas e, de vez em quando, coçava as pulgas.

Pela porta aberta avistei ao redor da mesa, no fundo da sala, três homens sentados em bancos, dois de um lado e um do outro, jogando e bebendo. Pareciam ser operários da vizinhança. Usavam avental de tela e o chapéu preto e pontiagudo dos Abruzos.

Da outra banda, à direita, três carneiros comiam uma erva pouco viçosa e para passar o tempo davam-se cabeçadas. Perto deles, dois cavalos, um alazão e um branco, estavam presos à parede.

Um lindo potro corria de um lado para o outro e, para distrair-se, dirigiu-se à mesa dos jogadores, sem dúvida para receber uma lição e passar-lhes o focinho pelos cabelos. O inocente recebeu um violento murro, como recompensa.

Havia ainda quatro ou cinco galinhas e um galo com magnífica cauda, cujas penas verdes e pretas adornam os chapéus dos *bersaglieri* italianos. Essas aves procuravam a sua pitança na erva seca do pátio.

Tal era a modesta paisagem que eu contemplava, muito satisfeito, durante dez minutos talvez, e que desapareceu repentinamente como tinha aparecido. Antes, nada via; depois, nada mais vi e julguei que tudo se havia afundado eternamente no rio do esquecimento.

Eis como ressurgiu, impresso para sempre na minha memória e na minha imaginação:

Vejo ainda hoje esse cantinho de terra como vejo o campanário de minha aldeia.

Em 1849 realizei, com dois amigos, uma viagem à Itália. Escala em Marselha, em Gênova, em Livorno, Siena, Florença, e depois marcha bastante rápida para Roma.

Atravessamos uma aldeia dos Apeninos. Um bom coche recebe as nossas augustas pessoas. Os cinco fortes cavalos que puxavam o carro partem como um relâmpago, fazendo retinir seus mil guizos; o postilhão, com seu chapéu de Arlequim, faz estalar o látego continuamente, de modo a fazer que os curiosos da rua lhe admirassem a importância. O nosso coche não anda, voa, não dando tempo a sermos vistos.

Mas, ao sair da vila, desaparece esse ardor, calmos na calmaria e atingimos o alto da serra. Paragem de cinco minutos; quatro robustos corcéis substituem os nossos cavalos e descemos como um furacão, recomendando nossa alma a

Deus. Isto não era inútil, pois não sei como ficamos inteiros, depois de tal corrida.

Enfim, o carro entra em marcha razoável e chega à muda sem avarias.

Durante essa paragem, olho pela portinhola e, de súbito, o suor cobre-me o rosto, meu coração bate com violência e levo maquinalmente a mão ao rosto, como para afastar um véu que me incomoda e me impede de ver. Esfrego o nariz e os olhos, como o adormecido que acorda de repente, depois de um sonho. Julgo sonhar realmente e, entretanto, os meus olhos se encontram bem abertos; certifico-me de que não estou doido, nem sou vítima de uma ilusão singular. Tenho diante da vista a pequena paisagem que outrora tinha admirado em sonho. Nada havia mudado!

O primeiro pensamento que me ocorreu depois de recuperar a serenidade, num momento perturbada, foi este: já vi isto, com certeza, mas não sei onde. Entretanto, nunca vim aqui, pois é a primeira vez que viajo pela Itália. Como pode ser isto?

Cá estão as duas estradas que se cruzam, o pequeno muro que sustenta as terras do lado do pátio, as árvores, a casa branca, a janela aberta, a mãe que faz tricô, a filha que olha, os três pequenitos que se divertem com o cão, os três operários que bebem e jogam, o potro que quer receber uma lição e leva uma palmada, os dois cavalos, os carneiros, nada mudou; as personagens são exatamente como as vi, realizando as mesmas coisas, na mesma atitude, com os mesmos gestos, etc. Como se operou tudo isso? Ignoro-o! Mas o fato é certo e há 50 anos pergunto-o a mim mesmo! Mistério! 1º- vi em sonho, e 2º- vi em realidade três anos depois.

Abade Garnier, Ch.”

É esta a narração textual. Dei-a por extenso em vez de resumi-la, porque cada pormenor é interessante.

Se admitimos esta narrativa – parece bem difícil recusá-la, pois o seu autor é alguém, e não um farsista, nem um visionário

–, temos diante de nós dois fatos observados: 1º- um sonho experimentado em condições conhecidas, num quarto do grande seminário de Langres, e 2ª- uma vista do panorama desse sonho, três anos mais tarde.

Os psicólogos que ensinam que o "já visto" é uma ilusão laboram em erro. A cena observada foi na verdade já vista anteriormente.

Pode-se pensar, sem dúvida, que em 50 anos fez-se naturalmente, no espírito do narrador, uma associação mais completa das duas cenas, a do sonho e a da viagem. Mas fica o essencial. Houve bem duas vistas sucessivas, uma em sonho, outra em realidade, e a primeira havia impressionado suficientemente o jovem padre para que dela se possa duvidar.

Essa história lembra-nos o sonho premonitório de Niort a Saint-Maixent, que os meus leitores já conhecem. O Sr. Groussard, cura de Santa Radegonda, estando numa pensão em Niort, aos quinze anos, sonhou estar em Saint-Maixent (cidade que só conhecia de nome), com o dono da sua pensão, numa pequena praça, perto de um poço em frente do qual havia uma farmácia e vendo avançar para ele uma senhora da localidade, que reconheceu por tê-la visto uma única vez em Niort. Essa senhora, abordando-o, falou-lhe de negócios que achou tão extraordinários que, logo de manhã, os comunicou ao patrão (assim se apelidava o chefe da instituição). Este, muito surpreendido, fez-lhe repetir a conversa e, poucos dias depois, tendo que ir a Saint-Maixent, levou-o consigo. Apenas chegaram, acharam-se na praça vista em sonho, nos dois pontos marcados numa planta que me remeteu, e viram aproximar-se a tal senhora, que teve com o patrão, *palavra por palavra*, a mesma conversação que o aluno havia relatado.

Tais fatos são mais freqüentes do que se pensa. Pela minha parte, tenho recebido comunicação de muitos. Eis aqui um, no qual uma vista precisa da cena a produzir-se se manifesta bem claramente:

(CARTA 920)

"Em junho de 1898 eu vivia junto de um tio a quem queria muito. Como a sua saúde estivesse abalada, julgamos conveniente mudarmos de aposentos e irmos para uma casa exposta ao Sol e cercada por grande jardim.

Na véspera da mudança, às 11 horas da noite, eu pensava (estando acordada) sozinha no meu quarto, na pena que sentia em deixar o aposento de que tanto gostava, quando de repente vi o jardim de nossa nova vivenda desenhar-se, tal qual era então, muito umbroso e florido; depois tornou-se mais claro, maior, aparecendo-me como devia ser no inverno. Só subsistia como verdura o caramanchão de hera. E vi, ao mesmo tempo, dois empregados funerários, um alto e outro baixo, descendo o caminho que levava à rua.

Essa visão, muito intensa, impressionou-me primeiro bastante; depois esqueci-a, com as preocupações que o estado de saúde de meu tio me causava. Ora, volvidos sete meses, em janeiro, falecia meu tio, e no dia do enterro, alguns instantes antes da saída do corpo, vi os dois empregados funerários, um *alto* e outro *baixo*, descendo o caminho no mesmo lugar onde a minha visão anterior mos havia mostrado.

Queira desculpar, caro mestre, a liberdade que tomei de lhe escrever, etc.

Maria Lebas
Rue Corneille, 15, Le Havre."

Esta carta não tinha evidentemente senão um fim muito desinteressado: o de assinalar um fato de vista do futuro exatamente verificado. Podemos supor que o autor dela previa a morte de seu tio, mas nada mais. Ter visto o que se daria sete meses mais tarde, a paisagem de inverno, os dois homens fúnebres, está fora do quadro racional normal. Esse "já visto" não se poderia explicar, como se pretende, por uma visão no momento da ocorrência, atendendo a que o autor a experimentou por uma noite de junho de 1898 e a que o fato se passou em janeiro de 1899.

As observações do "já visto" são muito numerosas. Esta foi-me enviada por uma leitora da *Nouvelle Mode* (26 de maio de 1918), artigo "La Glane":

> "Sonhei estar em férias, no lugar em que costumo passá-las, mas o quarto que me ofereciam era diferente do meu e, atrás de um armário, via subir as chamas. Sonho banal de que me esqueci.
>
> Seis meses depois parti para o meu destino. Levaram-me para pequeno pavilhão. Apesar de nunca o ter visto, *reconheço* o cantinho que me deram. O armário, colocado no mesmo lugar, faz-me lembrar do incêndio. Revelo o sonho que tive e tranqüilizam-me. Há dez anos que não houve fogo algum na localidade. Finalmente, já começava a nada recear, quando, pela quarta semana da minha estada ali, houve alarme. Um incêndio imenso, que consumia a quinta próxima de nossa morada, era ativado pela palha e a forragem, e lambia o muro onde se encontrava o referido armário.
>
> *Aimée Rogé*."

Ainda uma vez, estas premonições não são nem excepcionais nem tão incertas como se supõe.

Na sua obra largamente documentada sobre os *Fenômenos Premonitórios*, o sábio italiano Ernesto Bozzano relata o seguinte fato, realmente típico na parte concernente ao "já visto":

> "O cavaleiro Giovânni de Figueiroa, um dos mestres de esgrima dos melhores e mais afamados de Palermo, conta o que lhe aconteceu:
>
> – Uma noite do mês de agosto do ano de 1910, acordei sob a impressão de um sonho tão intenso que despertei minha mulher e logo lho contei com todos os pormenores estranhos, curiosos e precisos.
>
> Estava num lugar campestre, numa estrada branca de pó, pela qual penetrei em vasto campo de cultura. Ao centro desse campo erguia-se uma construção rústica, com loja para armazéns e estábulos. À direita da casa via eu uma espécie de cabana formada por braçadas de folhas e paus secos, um

carro do qual os lados eram rebaixados, e sobre ele estavam arreios para animal de carga.

Nesse sítio, um camponês, cuja fisionomia guardo bem viva e nítida, de calça escura e de chapéu mole, preto, na cabeça, aproximou-se, convidando-me a acompanhá-lo, ao que acedi. Levou-me para os fundos da construção e entramos por uma porta estreita e baixa num pequeno estábulo de quatro ou cinco metros quadrados, cheio de lodo e de estrume. No estábulo havia uma curta escada de pedra, por cima da porta da entrada. Um solípede estava preso a uma manjedoura móvel e obstruía, com a sua parte posterior, a passagem para os primeiros degraus da escada aludida. Como o camponês me assegurasse que o animal era manso, fi-lo sair do lugar que ocupava e subi a escada, no alto da qual entrei em pequeno quarto ou celeiro, assoalhado de madeira, onde havia, pendurados no teto, melancias, cachos de tomates, cebolas e milho.

Nesse mesmo quarto, que servia de antecâmara, achavam-se duas mulheres e uma menina. Dessas mulheres, uma era velha, a outra moça. Supus que esta fosse a mãe da criança. As feições das três pessoas ficaram gravadas em minha memória. Da porta que dava entrada para o quarto contíguo via-se uma cama de casal, mais alta do que as que eu tinha visto.

Eis o sonho!

No mês de outubro seguinte tive de ir a Nápoles para assistir a um duelo do nosso conterrâneo Amadeu Brucato.

Não cabe aqui expor os incidentes e desgostos que essa assistência me acarretou; direi, somente pelo que toca ao sonho, que esse incidente me levou a um duelo pessoal.

Esse duelo realizou-se em 12 de outubro. Nesse dia, com minhas testemunhas, o Capitão Bruno Palamenghi, do 4º Regimento de *bersaglieri*, aquartelado em Nápoles, e Francesco Busardo, fui de automóvel para Morano, onde nunca tinha estado e cuja existência não conhecia. Penetrando apenas algumas centenas de metros no campo, a primeira coisa que me impressionou foi a estrada larga e branca de poeira,

que reconheci por já tê-la visto; mas quando? Em que ocasião? Paramos à beira de um campo que não me era desconhecido porque já o tinha visto também! Descemos do automóvel e entramos nesse campo por uma vereda bordejada de sebes e de plantas, e disse ao Capitão Bruno Palamenghi, que seguia a meu lado:

– Conheço este lugar, não é a primeira vez que aqui venho; ao fim da vereda deve haver uma casa; à direita dessa casa está uma cabana.

Assim era, efetivamente! Até lá estava o carro com os lados rebaixados, com os arreios para animal de carga.

Um instante depois, um campônio de calça escura, chapéu mole e preto, o mesmo que eu vira em sonho, dois meses antes, convidou-me a acompanhá-lo e, em vez de segui-lo, fui adiante dele, dirigindo-me para a porta do estábulo, *que já conhecia*. Ao entrar, tornei a ver o solípede amarrado à manjedoura; olhei então o camponês, como para perguntar-lhe se o animal era inofensivo, porque as suas ancas me impediam de subir a pequena escada de pedra, e, como no sonho, assegurou-me que não havia perigo. Súbito, encontrei-me no celeiro, onde reconheci as melancias, os tomates, as cebolas, o milho, e no pequeno quarto, no ângulo da direita, lá estavam as três mulheres, a velha, a moça, a criança, como as tinha visto em sonho.

No quarto vizinho, onde entrei depois para me despir, reconheci a cama que tanto me havia surpreendido pela sua altura, no meu sonho, e nela coloquei o meu paletó e o meu chapéu.

Já tinha falado antes a alguns amigos desse sonho, na sala de esgrima e em outros pontos, e disto podem dar fé: o Capitão Palamenghi, o advogado Tommaso Forcási, Amadeu Brucato, o Conde Dentale Diaz e o Sr. Roberto Giannina, de Nápoles, testemunhas da descrição precisa que eu fizera dos lugares e das pessoas que figuravam nos incidentes desse duelo.

A minha palavra de cavalheiro bastará, creio eu, para garantir a veracidade do que digo; entretanto, se for necessário recorrer à prova, não terei dúvida em escrever, um por um, aos amigos acima designados, os quais, estou certo, não deixarão de atender-me.

Aqui estão os fatos; deixo aos sábios a sua interpretação.

Giovanni de Figueiroa."

"Esse episódio – escreveu Bozzano – merece toda a atenção, porque não pode ser posta em dúvida a sua autenticidade, sendo o relator pessoa que conhece o valor de uma palavra de honra, e a circunstância de ele haver contado o sonho antes de sua realização, excluindo a hipótese de que a impressão do "já visto" podia reduzir-se a um fato de mnemônica."

Bozzano é espiritualista e um convicto da reencarnação. Para ele a vida do espírito concilia as contradições aparentes.

Não me parece que seja dada atualmente a explicação do mistério. Ainda temos de estudar muito.

Ver o que não existe, o que só existirá no futuro (três anos depois, três meses ou três dias, pouco importa), mas que não existe atualmente, é inadmissível para os que não estão a par dos nossos estudos, embora seja certo para nós. Os meus documentos acerca deste assunto são numerosos. Aqui está mais um:

O Sr. Pietneff, funcionário do Governo de Tver (Rússia), adjunto do colégio, escrevia-me em 1899 (carta 777) que vira em sonho o seu amigo Oseroff colocado em um esquife, cercado de parentes e amigos, acrescentando que ignorava nessa ocasião onde ele morava e qual era o seu estado de saúde, e que "quase no mesmo dia" ele morria em Victni-Valotchek, cidade do governo de Tver.

A referida carta relata que um dos criados da Chancelaria do Governo de Tver, o Sr. Ivan Sasonoff, muito estimado pelo autor da epístola, viu um dia, estando de todo acordado, ao passar em frente de uma casa, uma escada de pedra que era exterior, e *que não existia*.

O Sr. Pietneff, passando por lá duas vezes no mesmo dia, verificou que, com efeito, tal escada não estava lá. Mas, passando

três ou quatro dias depois, observou que haviam carregado para esse ponto pedras brancas, que se demolia uma escada antiga e que se construía uma outra, nova.

Assim, essa escada inexistente foi vista antes de construída e o observador, passando pelo sítio em que ela fora construída, ter-se-ia convencido, naturalmente, de a ter visto já.

Eis um outro fato não menos estranho:

> "O professor Boehm, que ensinava matemáticas em Marburg, estando uma noite com amigos, teve de repente a convicção de que devia regressar a sua casa. Mas, como tomasse tranqüilamente o seu chá, resistiu a essa impressão, a qual todavia tornou a arrastá-lo com tanta força que se viu obrigado a obedecer. Chegado à sua morada, encontrou aí tudo como o havia deixado; mas sentia-se obrigado a mudar o seu leito de lugar. Por mais absurda que lhe parecesse esta imposição mental, entendeu que a *devia* cumprir, chamou a criada e com auxílio desta colocou a cama do outro lado do quarto. Feito isto, ficou satisfeito e voltou para junto de seus amigos a acabar o serão. Despediu-se deles às dez horas, voltou para casa, deitou-se e adormeceu. Foi despertado, durante a noite, por grande fragor e verificou que grossa viga tinha desabado, arrastando uma parte do teto e caindo no lugar que o seu leito havia ocupado."

Qual é a força misteriosa que nos previne desta maneira?

Sim, repito-o, tudo isso parece inadmissível. Ver o que não existe! A cena avistada pelo Abade Garnier em 1849 não existia em 1846; essa jovem mulher era então mais nova três anos; um dos seus filhos não tinha nascido; o tio da Sra. Lebas não estava num caixão sete meses antes da sua morte; a cena do mês de outubro, em Marano, não existia no mês de agosto, etc. Mas, *podemos negar fatos de observação*?

Já se estava imprimindo esta obra, quando recebi a seguinte carta, em resposta à comunicação verbal que me havia interessado particularmente. Segundo o princípio adotado em geral, havia pedido ao autor que acompanhasse a sua narração de certifica-

dos, estabelecendo a prioridade do sonho sobre a visão real. Eis aqui essa carta:

(CARTA 4.106)

"Paris, 9 de setembro de 1919.

Como prometera, remeto-lhe, acompanhada de dois certificados, a narrativa do sonho premonitório que havia manifestado desejo de publicar. Sou feliz em submeter-lhe esta observação muito precisa e peço-lhe aceite, etc.

A. Saurel"

"Em 1911 encontrei-me, em sonho, no meio de uma paisagem nova, em terra para mim desconhecida.

Sobre pequena elevação, de brandas ondulações cobertas de relvas, eu via um grande edifício de aspecto medieval, misto de solar e de herdade fortificada. Grandes muros o cercavam de uma cintura contínua e marcada pela pátina dos tempos.

Quatro torres maciças, de pequena altura, flanqueavam-lhe os ângulos. Diante da porta principal, e na campina, corria lindo regato de águas límpidas e murmurantes.

Homens, ou antes soldados, vinham aí tirar água. Outros acendiam fogos próximo das armas ensarilhadas ao longo dos muros. Esses homens estavam vestidos com farda bizarra de cor azul clara que eu não conhecia e usavam capacete de forma estranha.

Eu mesmo me via fardado de oficial e dava ordens para o acampamento.

Por um desses fenômenos que muitas pessoas já sentiram, eu pensava no meio das minhas ocupações: "Que situação original! Que faço eu aqui e com esse uniforme?!

Como esse sonho me deixasse, quando despertei, uma impressão nítida, interessei-me pela ausência desses pormenores incoerentes ou ridículos que produz o nosso sono e por essa aparência de harmonia e de lógica no absurdo – pois pa-

recia-me absurda tal situação de oficial num exército desconhecido.

Durante o dia falei desse sonho e dos soldados azuis, que o animavam, às pessoas íntimas e depois não pensei mais nisso.

Ora, a guerra, que transtornou tantas existências, fez de mim, após muitas peripécias, um tenente de Infantaria. O meu regimento achava-se, em 1918, em descanso à retaguarda, no Aube. Aí instruía eu os meus recrutas da classe de 1919.

Desde o romper da manhã que o batalhão marchava. O calor, que empalidecia o verde tenro dos grandes centeios, fazia sofrer durante os meus pobres soldados. A nuvem de poeira, levantada na estrada pelos milhares de pés pesados, não me permitia ver onde estávamos. Recebi ordem para fazer alto sob os muros "do castelo" que, ao que me disse o furriel, estava a duzentos metros à direita. Depois de dar instruções nesse sentido aos chefes de seção, fui encontrar-me com o comandante.

Alguns minutos depois encontrei a minha Companhia na volta de uma alameda de choupos que encobria o castelo.

A paisagem que me apareceu, após a última árvore interposta, surpreendeu-me imediatamente. Era a campina em declive suave, esmaltada pelas flores de junho; os muros, as torres, tudo era semelhante ao que eu tinha visto em sonho, sete anos antes. Faltava, entretanto, o lindo regato e a porta monumental.

Quando eu observava esta diferença entre o sonho e a realidade, um ajudante veio perguntar-me "onde se devia fazer aguada".

– Mas, no rio – disse eu, rindo.

O ajudante olhou-me, admirado. Acrescentei:

– Sim! se ele não está deste lado, estará decerto da outra banda do edifício. Venha comigo.

Contornando a torre do ângulo norte, avistei sem surpresa o claro regato a correr sobre as pedras musgosas e, ao meio do muro, a grande porta, tal qual a tinha visto, em sonho, com seus pilares de tijolos.

As duas seções da frente já tinham resolvido o problema da água; as armas ensarilhadas formavam perto dos muros e à sombra deles muitos dos meus soldados gozavam o repouso tão almejado.

O quadro assim formado era o do sonho de 1911. Nada de sensacional devia ocorrer nesses lugares; o sonho não constituía, pois, senão visão surpreendente do porvir, mostrando-me principalmente a minha futura situação de oficial, que não podia pressentir em 1911.

A. Saurel."

ATESTAÇÃO DA SRA. SAUREL

"Lembro-me de que meu marido me tinha falado desse sonho, cujos pormenores precisos o haviam surpreendido na época em que se deu.

1º de setembro de 1919.

Helena Saurel."

ATESTAÇÃO DO SR. SAUREL, PAI

"Declaro que meu filho Alfredo Saurel, na época em que teve esse sonho, me contou os seus pormenores, e que a narração que dele faz é bem exata.

4 de setembro de 1919.

Saurel."

Este sonho premonitório é particularmente preciso. O Sr. Saurel viu, em 1911, um episódio da guerra de 1914-1918, ao qual foi associado como militar.

É um caso análogo ao que está descrito em *O Desconhecido* (capítulo IX, caso LXI): o Sr. Regnier vendo-se, em sonho, em 1869, num episódio da guerra de 1870.

Nesses termos e em outros idênticos, a questão é esta: se se viu, um ano, ou sete anos, ou três anos antes, como no caso do Abade Garnier, citado há pouco, uma cena que devia ser vivida na época em que se deu, é porque tal cena devia forçosamente acontecer, que o livre arbítrio do homem não existe, e que a verdadeira doutrina é o fatalismo absoluto. Em tal data de 1849, a italiana devia estar naquela casa da estrada de Roma, com três criancinhas, operários a beberem, um potro a pular, etc.; em tal data de 1870, o Sr. Regnier devia ser soldado, combatendo contra prussianos e bávaros, e atirar-se à baioneta contra o agressor; em tal data de 1918, o Sr. Saurel devia mandar soldados à procura de água diante da torre desconhecida. E o mesmo acontece com centenas de casos semelhantes de visão do futuro. Que resta para nosso livre arbítrio, para nossa liberdade pessoal? Não há nisso absoluta contradição? Será possível admitir ao mesmo tempo a liberdade dos nossos atos e a vista do futuro?

Esta questão será discutida amplamente no capítulo seguinte. Bastará dizer, neste momento, que ela é de uma extrema sutileza, mas que pode, entretanto, ser resolvida pela conciliação de duas antinomias, muito contrárias na aparência, se se imaginar que a vontade humana é um dos fatores que atuam na produção dos acontecimentos, que sempre acontece alguma coisa, mas que nem por isso é fatal, e que se vê simplesmente o que acontecerá, o pensamento transcendente suprimindo o tempo, o tempo não existindo em si mesmo e o passado como o futuro podendo co-existir num presente eterno.

Recusando-nos a admitir esta conciliação, seríamos levados a afirmar, a respeito da guerra de 1870, por exemplo, que Bismarck não é responsável por ter falsificado o telegrama d'Ems para precipitar a França no abismo germânico aberto por ele e que, em 1914, Guilherme II não tem nenhuma responsabilidade também na patifaria austríaca da exploração do assassínio de Sarajevo. Doutro modo, seria preciso admitir que não há homens maus, velhacos, impostores, assassinos e que também não há homens bons, humanitários, dedicados, honestos, sacrificando-se ao progresso moral e intelectual da Humanidade.

Tratarei deste assunto, minuciosamente, no próximo capítulo, a respeito da comunicação que me fez, em 1911, Frederic Passy.

No espanto em que nos lança esse gênero de observações, procuram-se todas as hipóteses contrárias à simples admissão dos fatos. Imagina-se, por exemplo, para explicar a sensação do "já visto", que a impressão produzida sobre a retina por uma paisagem ou uma cena qualquer é simultaneamente registrada na memória e na consciência e supõe-se que, em conseqüência de uma demora mesmo ligeira (uma fração de segundo), a armazenagem se faz na memória antes que seja ressentida a percepção consciente.

Nesse caso, sendo o sentido da memória impressionado um instante fugitivo antes do da visão real, pensa-se ter visto antes a cena presente, num tempo anterior indeterminado, pois mesmo um décimo de segundo pode dar a impressão de um espaço de tempo muito longo, como se verifica nos sonhos.

Uma outra hipótese imagina que a percepção de uma cena, que se julga haver-se vivido, pode ser comparada ao fenômeno óptico da dupla refração que faz refletir sobre dois planos diferentes a mesma imagem, projetando-se nas duas faces de um prisma: haveria uma projeção na planta do passado e uma outra na planta atual; durante um instante a nossa alma veria em duplicidade.

Estas explicações são engenhosas; mas, por uma parte, não estão provadas e pertencem ao domínio da pura imaginação, o que nada tem do rigor científico, e, por outra parte, os fatos contradizem-nas quando são narrados com antecipação, como no caso da praça de Saint-Maixent, vista muitos dias antes por um colegial de Niort que não a conhecia; da criança atacada de crupe, acidente visto de véspera (*O Desconhecido*, capítulo IX, caso XLIII); do desespero do Dr. Liébault e da eleição de Casimir Perier, citados mais adiante, etc. Nestes casos, a explicação precedente não tem senso comum. Talvez se possa aplicá-la algumas vezes, mas excepcionalmente, mesmo se for verdadeira.

Deve-se, pois, procurar outra coisa.[77]

O professor Ribot, do Instituto, tratou subsidiariamente desse assunto na sua obra sobre as *Moléstias da Memória*.

"Acontece, quando se viaja, em país estrangeiro, escreve ele, que a volta brusca de um caminho ou de um rio nos põe em frente de algumas paisagens que nos parecem contempladas outrora. Apresentado pela primeira vez a uma pessoa, julgamos havê-la visto já. Lendo num livro de pensamentos novos, sente-se que já foram presentes ao nosso espírito anteriormente."

Pensa o autor que esta ilusão se explica pela seguinte hipótese:

"A impressão recebida evoca, em nosso passado, impressões análogas, incertas, confusas, apenas entrevistas, mas suficientes para levar-nos a crer que o novo estado é a repetição delas. Há um fundo de semelhança percebido rapidamente entre dois estados de consciência, que leva a identificá-las. É um erro; mas só em parte, porque há, efetivamente, em nosso passado, alguma coisa que se parece com uma primeira experiência."

Esta explicação não é certamente satisfatória. Não se aplica a nenhum dos fatos que acabamos de registrar. O autor observa, aliás, muito sinceramente, que não se adapta também a casos como o seguinte, que ele mesmo cita:

"Um doente, diz Sander, ao ter notícia da morte de uma pessoa que conhecia, foi tomado de pavor incompreensível, porque lhe pareceu haver já experimentado essa impressão. "Sentia que já anteriormente, estando deitado aqui neste mesmo leito, X. tinha vindo e me havia dito: *Múller morreu há alguns dias; não podia morrer duas vezes*."

Ribot não deixará de ver-se embaraçado para explicar fisiologicamente estes fatos curiosos. Menciona o exemplo seguinte, que se parece muito com o precedente:

"Wigan, no seu livro sobre a *Dualidade do Espírito*, que ele pretende explicar pelos nossos dois hemisférios cerebrais, relata que enquanto assistia ao serviço fúnebre da Princesa Carlota, na capela de Windsor, teve de repente a sensação de haver já assistido ao mesmo espetáculo. Foi uma ilusão passageira."

Nenhuma hipótese é aceitável. Supôs-se também que a ilusão do "já visto" poderia resultar de lembranças inconscientes provenientes de hereditariedade de antepassados que teriam conhecido o que se vê atualmente. É também inadmissível.

De certo que toda explicação é quase impossível. Ribot qualifica estas coincidências de atos de "falsa memória". Mas isto não é uma explicação. Ele aponta mais longe o exemplo seguinte, tirado de um trabalho do Dr. Arnold Pick e que é igualmente inexplicável:

"Um homem instruído, raciocinando bem sobre a sua doença, e que dela deu notícia escrita, caiu num estado mental particular, na idade de 32 anos. Se assistia a uma festa, se visitava qualquer lugar, se fazia qualquer encontro, parecia-lhe tão familiar este acontecimento, com todas as suas circunstâncias, que se sentia seguro de haver já experimentado as mesmas impressões, estando cercado das mesmas pessoas e dos mesmos objetos, com o mesmo céu, o mesmo tempo, etc. Se realizava qualquer trabalho novo, parecia-lhe já o haver feito nas mesmas condições. Esse sentimento produzia-se umas vezes no mesmo dia, ao cabo de alguns minutos ou de algumas horas, e outras vezes no dia seguinte somente, mas com clareza perfeita." [78]

É este, certamente, um caso patológico.

Há nestes fenômenos de falsas memórias, escreve Ribot, "una anomalia do mecanismo mental que nos escapa." Mas esta designação de "falsa memória" nada nos explica. O sábio fisiologista procura todavia compreender e tem razão para tentar. "Pode-se admitir, diz ele, que o mecanismo da localização no tempo funciona às avessas", e propõe esta explicação:

"A imagem assim formada é muito intensa, de *natureza alucinatória*; impõe-se como realidade, porque nada retifica esta ilusão. Por conseqüência, a impressão real passa para o segundo plano, com o caráter apagado das lembranças, localiza-se no passado, sem razão, se se observam os fatos subjetivamente, e com razão se esses fatos são observados objetivamente. Esse estado alucinatório, apesar de muito vivo, com efeito, não apaga a impressão real; mas, como se afasta dela, como foi produzido por ela fora de tempo, deve aparecer como segunda experiência. Toma o lugar da impressão real, parece ser mais recente, e o é de fato. Para nós, que ajuizamos de fora e conforme ao que se deu exteriormente, é falso que a impressão fosse recebida duas vezes; para o paciente que julga pelas premissas de sua consciência, é

exato que a impressão foi recebida duas vezes e, nestes limites, sua afirmação é incontestável.”

Reconhecer-se-á que estas “explicações” do sábio professor nada explicam. Há aqui uma série de fenômenos psíquicos muito diferentes uns dos outros e aos quais não se pode aplicar a mesma teoria.

Para Ribot, a memória é essencialmente um fato biológico e, por acidente, um fato psicológico. Variando o número de células entre 600 a 1.020 milhões, e sendo avaliada em 4 a 5 bilhões o das fibras nervosas do cérebro, o encéfalo pode ser considerado qual laboratório cheio de movimento onde se fazem conjuntamente mil trabalhos: a memória, ou, para dizer melhor, as memórias têm com que se gravar na mente. Mas certas impressões são, como acabamos de ver, *mais psíquicas do que físicas*. Se é só acidentalmente que a memória pertence ao mundo psíquico, este acidente é talvez o essencial para a descoberta do mundo invisível, como as desordens aparentes, as perturbações em Astronomia, são a fonte mais fecunda de descobertas na gravitação universal. Tivemos disto a prova com a descoberta do planeta Netuno segundo as perturbações de Urano, na do companheiro de Sírio, etc.

Não, o “já visto” não é um fato fisiológico cerebral; é um fenômeno metafísico: vista anterior realizada.

Vamos entrar agora no problema do conhecimento do futuro.

CAPÍTULO IX

O conhecimento do futuro

– O fatalismo. – O determinismo e o livre arbítrio. – O problema do tempo e do espaço.

> *"A Verdade está ao lado do Destino como potência diretriz."*
>
> *"Versos dourados de Pitágoras"*

O que acabamos de apreciar relativamente ao "já visto" é a introdução natural do que se seguirá.

Estudaremos agora as observações, examinando as vistas premonitórias que estabelecem o *conhecimento do futuro*.

Publiquei, com este título, em *La Revue* [79] de 1º de março e de 1º de abril de 1912, os principais documentos comprobatórios de que, em certas condições, o futuro foi visto e conhecido de antemão. Diversos escritores prosseguiram, desde aquela publicação, no mesmo assunto (e reproduziram esses documentos sem sempre terem a cortesia de citarem o meu trabalho, minúcia aliás insignificante). O que aqui nos interessa particularmente é saber que o futuro foi visto, descrito, anunciado muitas vezes com precisão pormenorizada, e que, por conseguinte, existe no ser humano um princípio psíquico dotado de faculdades independentes das propriedades da matéria, uma alma diferente do corpo.

Apontarei em primeiro lugar o fato de premonição em sonho, que já publiquei em 1911, nos *Anais das Ciências Psíquicas*, e em 1912, na mesma revista, do que dou aqui a curiosa narração.

O Sr. Frederic Passy, o venerável membro do Instituto, cuja longa carreira foi tão honrosamente consagrada ao apostolado do pacifismo contra a imbecilidade guerreira humana,[80] veio visitar-me um dia de janeiro de 1911, subindo com galhardia os meus cinco andares, apesar dos seus 89 anos. Foi uma das suas últimas visitas, e a relação que me levou merecia realmente a sua escolha.

“Não a encontrei – disse-me ele – na sua obra *O Desconhecido* e tenho a certeza de que o interessará, pois procede de um escritor escrupuloso, um homem de integridade incontestável, o *quaker* Etienne de Grelet. Dou ao senhor a narrativa, tal como a transcrevi da relação da sua viagem à Rússia. Durante a sua permanência em S. Petersburgo, a Condessa Toutschkoff contou ao *quaker* viajante o seguinte:

Uns três meses antes da entrada dos franceses na Rússia, o general, seu marido, estava com ela no seu domínio de Toula. Achando-se num hotel, em cidade desconhecida, ela sonhou que seu pai entrara, levando o filho único pela mão e dizendo-lhe estritamente:

– *A tua felicidade acabou. Teu marido caiu. Caiu em Borodino*.

Acordou muito perturbada, mas, vendo seu marido junto dela, compreendeu que sonhava e adormeceu novamente.

O mesmo sonho se repetiu e ela sentiu tanta tristeza que levou muito tempo a recuperar a serenidade.

O sonho voltou pela terceira vez. Experimentou tão grande angústia que despertou seu marido, perguntando-lhe:

– Onde é Borodino?

Ele não o sabia. Durante a manhã, ambos, com seu pai, se puseram a procurar esse nome no mapa, sem encontrá-lo. Borodino era então lugar muito obscuro; mas tornou-se depois afamado, pela batalha sangrenta que se feriu nas suas cercanias. Entretanto, a impressão causada na condessa era profunda e grande sua inquietação... O teatro da guerra era longe então, mas rapidamente se aproximou.

Antes da chegada dos exércitos franceses a Moscou, o General Toutschkoff foi posto à testa do exército russo de reserva. Certa manhã o pai da condessa, levando seu filho pela mão, entrou no quarto do hotel em que ela se hospedara. Estava triste, como a condessa o tinha visto em seu sonho, e dizia-lhe:

– *Ele caiu, ele caiu em Borodino*.

A condessa viu-se, como no sonho que tivera, no quarto, cercada dos mesmos objetos.

Seu marido foi, efetivamente, uma das numerosas vítimas da renhida batalha que se pelejou perto do rio de Borodino, que deu o seu nome a uma aldeia.

Frederic Passy."

Este sonho premonitório, tão tragicamente preciso, é certamente dos mais característicos.

Pode-se supor que fosse arranjado mais tarde no espírito da narradora? Não, pois a sua realização a tinha impressionado com inesquecível emoção, e três meses antes da realização ela e o morto haviam procurado o lugar no mapa da Rússia.

Apresenta todos os caracteres de autenticidade.

Fiz observar então que se a morte do general em Borodino (batalha da Moscowa) foi vista alguns meses antes, tal morte e tal batalha eram pois inevitáveis. E, neste caso, que é feito do livre arbítrio? Napoleão devia, portanto, empreender fatalmente a campanha da Rússia e não era responsável por ela. A liberdade e a responsabilidade humanas não são mais do que ilusão?

Analisaremos daqui a pouco estas conseqüências seguramente perturbadoras. Que pensar? O fatalismo parece estar em desacordo com todos os progressos da Humanidade. Mas é erro pensar que o fatalismo e o determinismo sejam idênticos.

A esse respeito, uma rapariga de Nápoles, Srta. Vera Kunzler, dirigiu-me, em abril de 1917, uma carta angustiosa sobre algumas frases minhas, concernentes a fatos incontestáveis da *visão do futuro,* suplicando-me que lhe explicasse como é possível conciliar estes fatos de observação, dos quais me declaro fiador, com o livre arbítrio, o nosso sentimento de liberdade e a nossa responsabilidade. Ela insistia tanto, porque estava sob a impressão de uma emoção profunda, produzida por trágica predição que se havia realizado recentemente, na sua própria família.

Respondi-lhe que o fatalismo e o determinismo são duas doutrinas absolutamente diferentes uma da outra, e que convém não confundi-las, como geralmente se faz. Na primeira, o homem é um ser passivo que aguarda os acontecimentos que são inevitá-

veis. Na segunda, pelo contrário, o homem é ativo e faz parte das causas que atuam. Não se vê o que *deve* acontecer, mas o que acontecerá. Ocorre sempre alguma coisa. É essa coisa que vemos, sem que isso seja fatal. É certo que a distinção é muito sutil; mas pareceu-me que a sua juvenil alma de 17 anos, livre e pura de qualquer idéia preconcebida, e de uma finura que, na sua correspondência, me pareceu extremamente delicada, perceberia tal distinção, prestando-lhe a atenção necessária. Pedi-lhe ao mesmo tempo que me desse a conhecer a predição realizada e que tanto a havia perturbado. Eis a sua carta, transcrita textualmente:

"Nápoles, 10 de junho de 1917.

Caro grande mestre:

Quanta alegria me deu a sua amável carta! Foi recebida com duplo agrado, primeiro pela sua procedência e segundo porque me trouxe um pouco de luz sobre as idéias que se agitavam no meu cérebro. Refleti longamente sobre essa carta e compreendi bem o que nela teve a bondade de me explicar: o que acontecerá pode ser visto, mas não é fatal. Experimentei um alívio imenso, pois acabrunhava-me a idéia de que não somos senhores de nada, nem mesmo de nossos pensamentos.

Deseja saber, caro mestre, qual foi o acontecimento que me levou a crer na predestinação? Vou contá-lo o melhor que puder.

Era na primavera de 1910, há sete anos. Estávamos em relações muito íntimas com uma senhora alemã, chamada Helena Schmid. Era *médium* de força extraordinária, e como minha mãe se interessava muito pelas sessões espíritas, pedi-lhe um dia que realizasse uma dessas sessões.

Eu era então uma criança de dez anos e ia para a escola; por isso não assisti a tal sessão; mas minha mãe e a nossa velha criada contaram-me muitas vezes a cena.

Bastou que Helena Schmid pousasse as mãos ligeiramente na mesa para que ela logo balançasse com violência. Conheço a maneira de comunicar com os espíritos – se é que os há.

Quando a mesa, grande e maciça mesa de sala de jantar, que a simples força muscular não teria conseguido erguer, bateu as pancadas regulamentares, anunciando a presença de um espírito, a mamã pediu que lhe dissesse o nome: pelas letras do alfabeto se revelou, dizendo chamar-se *Anton*. A *médium* ignorava inteiramente tal nome e também não sabia de quem se tratava, quando ele foi chamado. Direi que se tratava de Anton Fiedler, austríaco, o primeiro marido de minha tia, irmã de minha mãe, que havia desposado em segundas núpcias Adolfo Riesbeck. Helena Schmid desconhecia até a existência de toda essa gente. Como esse Anton Fiedler havia sido o parente mais próximo de minha tia, a mamã pensou em solicitar-lhe algumas revelações acerca do futuro dela. À primeira pergunta, que foi a seguinte: "Riesbeck conservará sempre a sua fortuna?", o espírito respondeu redondamente: "Não".

– Quantos anos levará a perdê-la?

A mesa bateu duas pancadas:

– Dois anos.

Minha mãe perguntou depois:

– Quanto tempo sobreviverá ele à perda de sua fortuna?

A resposta foi nítida e precisa:

– Cinco anos!

A mamã desejou então saber como morreria, mas o espírito afirmou apenas que meu tio morreria *repentinamente*. Às perguntas se morreria de doença, de desastre, suicídio, de naufrágio, ou vítima de um crime, ele respondeu:

– Não.

Foi impossível saber qual seria a sua morte: ninguém pensava então numa guerra, motivo pelo qual se não formulou tal interrogação. A única coisa que se conseguiu mais de Anton Fiedler foi a resposta a esta pergunta:

– Quando falecer Riesbeck, que idade terá seu filho?

E a mesa respondeu nitidamente:

– 17 anos.

Em seguida, tudo acabou.

Abstenho-me de qualquer comentário; relato-lhe simplesmente o que se deu. Minha mãe não contou tudo isso desde logo a minha tia, com receio de que o dissesse a seu marido. De resto, ele não acreditava em tal. Infelizmente, tudo quanto havia sido predito se realizou com a mais terrível exatidão: na primavera de 1912, isto é, exatamente dois anos após a profecia, meu tio Riesbeck perdeu a sua fortuna numa arriscada especulação na Bolsa; pouco tempo depois a mamã prevenia minha tia, que se achava e ainda se acha em Genebra, da predição e contou-lhe a segunda parte da mesma.

Minha tia respondeu-lhe como o teria feito qualquer outra pessoa no seu lugar: que essa predição não passava de uma tolice que nenhuma atenção merecia.

Entretanto, também se realizou a segunda parte da profecia: a mamã e eu conversávamos muitas vezes acerca daquela sessão e eu dizia-lhe: "Se o espírito falou verdade, meu tio morrerá no começo de 1917."

Pois Adolfo Riesbeck morreu no *front* em 12 de fevereiro de 1917, com uma bala na cabeça, repentinamente, quando meu primo Mário completava os seus dezessete anos! E esta morte que o espírito não pôde precisar, que não era produzida por doença, nem por desastre, nem por crime, era a morte na guerra, na qual ninguém pensava então.

Remeto-lhe, incluso, um fragmento da carta que minha pobre tia nos escreveu, quando morreu seu marido. É escrita em alemão, mas creio que conhece esta língua e pedirei a minha mãe para a assinar.

Espero que essa estranha predição leve um tributo modesto às suas pesquisas. Aguardo o grande prazer da leitura do livro que prometeu publicar depois da guerra, sobre a *Previsão do futuro*.

Sou feliz em saber que nem tudo é fatal, pois o pensamento que me atormentava era este: a morte de meu querido tio estava predestinada ao tempo em que nem havia sido ainda fundida a bala que teria de matá-lo.

Perdoe-me por ter abusado do seu precioso tempo. É justamente por temer que seja importuna que muitas vezes me abstenho de escrever-lhe, como era meu desejo. Mas fui muito feliz com o ensejo de responder, por minha vez, à sua pergunta. Tudo quanto lhe disse é a absoluta verdade.

Cumprimento-o, mestre, respeitosamente e "caramente" (palavra italiana que decerto compreenderá).

Sua afilhada da Sociedade Astronômica de França,

Vera Kunzler."

"Certifico que a narração de minha filha é exata em todos os seus pormenores.

Viúva E. Kunzler."

Seria supérfluo para os nossos leitores acrescentar qualquer comentário a esta narração, que não deixará a menor dúvida acerca da sua completa sinceridade. Os sentimentos de angústia profunda e de infinita curiosidade expressos na primeira carta que me fora dirigida pela narradora já me haviam convencido disso mesmo. Temos aí um exemplo típico de previsão do futuro.

Quanto ao seu acordo, em aparência paradoxal, com o determinismo, falaremos dele.

Esses fatos não podem, para o futuro, ser negados. Toda negativa seria prova flagrante de ignorância ou de outro estado d'alma, ainda menos desculpável.

A esse respeito, como a premonição do General Toutschkoff e os meus comentários tivessem sido publicados por *La Revue* de março e abril de 1912, Frederic Passy escreveu-me a seguinte carta:

"Neuilly, 27 de abril de 1912.

Meu caro Flammarion:

Sou dos que vacilam em acreditar na possibilidade das premonições de que fala nos seus artigos, porque me parecem a negação da liberdade que deixa de existir se os fatos são absolutamente determinados de antemão. Entretanto, já lhe forneci um desses fatos, que mencionou.

Devo dizer-lhe que encontrará um outro no livro do Sr. G. Lenôtre, *O Marquês de la Rouerie e a Conjuração Bretã de 1790-1793*.

A Sra. de Sainte Aulaire, filha do Sr. de Noyau, um dos conjurados, anunciou certa manhã a seu pai, que não quis acreditá-la, que ia ser preso e levado a Paris perante o tribunal revolucionário, mas que conseguiria salvar-lhe a vida. O fato é atestado não só por ela – falecida muito mais tarde – mas por seu filho, o qual tinha então quinze anos, e que foi uma personagem importante na Restauração e no reinado de Luís Filipe (membro da Academia Francesa). Esta premonição [81] realizou-se pontualmente.

O senhor decidirá o que devemos pensar deste fato.

Frederic Passy."

A questão da liberdade humana merece analisada.

Lemos sempre com verdadeiro prazer estético as obras do nosso grande geômetra Laplace, um dos maiores e mais penetrantes espíritos de que a França se pode orgulhar e ao mesmo tempo um dos nossos mais puros escritores.

Eis o que ele escrevia acerca do livre arbítrio, no seu *Ensino filosófico sobre as probabilidades* (2ª edição, de 1814):

"Todos os acontecimentos, mesmo aqueles que, pela sua pequenez, parecem não se relacionar com as grandes leis da Natureza, são seqüência tão necessária dessas leis como as revoluções do Sol. Devido à ignorância dos vínculos que os associam ao sistema inteiro do Universo, fizeram-nos depender das causas finais ou do acaso, segundo aconteciam ou se sucediam com regularidade, ou sem ordem aparente; mas estas causas imaginárias foram sucessivamente retardadas com os limites de nossos conhecimentos, e desaparecem por inteiro diante da sã filosofia, que não vê nelas senão a expressão da ignorância em que estamos das causas verdadeiras.

Os acontecimentos atuais têm, com os precedentes, uma conexão fecunda no princípio evidente de que uma coisa não

pode existir sem causa que a produza. Este axioma, conhecido sob o nome de princípio da *razão suficiente*, estende-se às ações, mesmo as mais indiferentes. A mais livre vontade não pode, sem motivo determinante, dar-lhe origem; porque, se dadas as circunstâncias de serem exatamente as mesmas duas posições, ela atuasse numa e deixasse de o fazer na outra, a sua escolha era um efeito sem causa: seria então, como diz Leibnitz, o acaso cego dos epicuristas. A opinião contrária é uma ilusão do espírito que se convence de que se determinou por si mesmo e sem motivos, perdendo de vista as razões fugitivas da escolha da vontade nas coisas indiferentes.

Devemos, pois, encarar o estado presente do Universo como o efeito do seu estado interno, e como a causa do que vai continuar. Uma inteligência que por um instante conhecesse todas as forças que animam a Natureza e a respectiva situação dos seres que a compõem, se fosse bastante extensa para submeter esses dados à análise, encerraria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do Universo e os do mais leve átomo: nada seria incerto para ela, e tanto o futuro como o passado seriam o presente a seus olhos. O espírito humano oferece um fraco esboço dessa inteligência na perfeição que soube imprimir à Astronomia." [82]

Discutiremos em breve esse raciocínio.

Costuma-se atribuir a Laplace a sua paternidade, mas todos os pensadores o haviam enunciado antes dele e nada mais natural: é quase La Palice. A primeira edição deste livro sobre as probabilidades é um curso de Laplace na Escola Normal, fundada pela Convenção, em 1795.

Ora, em 1787 Emmanuel Kant escrevia na sua *Crítica da Razão Prática*:

"Sob o ponto de vista do tempo e da sua ordem regular, se pudéssemos penetrar a alma de um homem tal como se manifesta por atos tanto internos quanto externos, conhecer todas as causas, mesmo as mais leves, e levar em conta ao mesmo tempo todas as influências externas, poderíamos cal-

cular a futura conduta desse homem com a mesma certeza com que calcularíamos um eclipse da Lua ou do Sol.” [83]

Kant também não é o criador desse raciocínio. Ele é encontrado nos autores mais antigos, até nos romanos, até em Cícero, por exemplo. No seu tratado sobre a *Adivinhação*,[84] ele faz expor por seu irmão, Quintus, a conexão entre a visão do futuro e a fatalidade. Diz ele:

> “Para se dar conta da adivinhação é preciso remontar à Divindade, ao destino, à Natureza. A razão obriga-nos a confessar que tudo se governa pelo destino. Chamo *destino* ao que os gregos chamam uma ordem, *uma série de causas ligadas entre si*, produzindo efeitos. Eis esta verdade perpétua cuja fonte está na própria eternidade. Depois disso, nada há no futuro cuja natureza não contenha já as causas eficientes. Deste modo, o destino seria a causa eterna de todas as coisas, causa que explica os fatos realizados, os fatos presentes e os fatos vindouros. É assim que por meio da observação se pode saber quais sejam, muitas vezes, as conseqüências de cada causa. É sem dúvida esse encadeamento de causas e de efeitos que a inspiração e os sonhos revelam.
>
> Acrescentarmos que, se pudesse existir um mortal capaz de conceber a conexão de todas as causas, sendo tudo regulado pelo destino, nunca erraria. Com efeito, aquele que conhecesse as causas dos acontecimentos não poderia deixar de conhecer todo o futuro.”

Esse raciocínio é impecável em si mesmo e, repito-o, é quase uma verdade do Sr. de La Palice. Que não há efeitos sem causa é evidente. Mas a conclusão da fatalidade ou do determinismo necessário não tem a mesma evidência que esta reflexão de simples bom senso.

Apesar da minha profunda admiração por Laplace, nas obras de quem fui educado, confesso que não posso partilhar a sua negativa absoluta do livre arbítrio. Os meus leitores já sabem o que escrevi sobre esse ponto escabroso, nas minhas *Memórias*.

“A vontade mais livre não pode atuar sem motivo determinante.” Sem dúvida. Mas, entre as causas em ação na escolha, a

nossa própria personalidade existe, e isto não é uma causa sem importância.

Dir-se-á que essa personalidade agiu de acordo com o motivo predominante e provém de causas anteriores. É incontestável. Todavia ela existe, como o nosso caráter, e o que há talvez ainda nisto de mais capital, de mais irrecusável, é que nos sentimos muito bem, que examinamos, pesamos, discutimos conosco quando o caso vale a pena, e que decidimos, apreciando a nossa responsabilidade.

Há algumas vezes, creio-o, uma balança cujos pratos estão em perfeito equilíbrio e que vai pender sob o menor peso; mas esse pequeno peso pode ser a nossa fantasia, o nosso capricho, a nossa vontade, o nosso desejo de contrariar um efeito previsto, numa palavra, justamente o exercício da nossa liberdade. *Ilusão* do nosso espírito? Ninguém está autorizado a afirmar essa hipótese como verdade demonstrada. O princípio da "razão suficiente" está em nós mesmos, quando discutimos em nossa consciência.

Tomar uma decisão de acordo com o motivo predominante não prova que não façamos uma escolha segundo o nosso caráter. A nossa própria vontade está associada a esse caráter, sem nada lhe escravizar. No seu *Tratado do Céu*, Aristóteles escreve (II, 13): "É o caso de um homem esfomeado e sedento, mas achando-se a igual distância de um alimento e de uma bebida: ficará imóvel forçosamente." O mesmo diz Dante, no 4º livro do *Paraíso*: "*Intra duo cibi, distanti e moventi. D'un modo prima si morria di fame. – che liber uomo t'un recasse à denti*." Buridan passa por ter feito o mesmo raciocínio, pondo um asno no lugar do homem.

Ninguém duvida de que nem o homem nem o asno morrerão de fome. Não há só mecânica na Natureza.

* * *

Haverá incompatibilidade absoluta entre a previsão do futuro e o livre arbítrio? É o que se diz geralmente e o que os escritores antigos afirmam com os modernos.

O autor da *História da Adivinhação na Antigüidade*, Bouché Leclercq, do Instituto, escreve que um futuro incerto dependente de vontades livres não se harmoniza com a idéia de leis fixas sugerida pelo espetáculo da ordem universal, e que o instinto popular, antecipando-se às teorias filosóficas, foi levado invencivelmente a considerar o futuro como inelutável (I, pág. 15); que o futuro só pode prever-se por ser inevitável (idem, pág. 16); que há um "conflito sem solução entre a presciência e a liberdade, e que uma suprime a outra" (idem, pág. 16). Sêxtus Empíricus demonstrou que devendo ser os acontecimentos vindouros, ou necessários ou fortuitos, ou produzidos por agentes livres, a adivinhação era inútil no primeiro caso e impossível nos dois outros (idem, pág. 79).

No *Ensaio sobre o livre arbítrio*, Schopenhauer escreve também: "Se não admitimos a necessidade rigorosa de tudo quanto acontece em virtude de uma causalidade que encadeia todos os acontecimentos sem exceção, toda previsão do futuro é impossível e inconcebível." (pág. 124).

Evidentemente, acredita-se, em geral, que há incompatibilidade, contradição insolúvel, entre a presciência e o livre arbítrio, porque se confunde "presciência divina" com necessidade. É um erro.

Nas conversas de Goethe com Eckermann, podemos ler, com data de 13 de outubro de 1825:

> "Que sabemos nós, com todo o nosso espírito, do ponto a que chegamos até agora?
>
> O homem não nasceu para resolver o problema do mundo, mas para procurar dar-se conta da extensão do problema e manter-se depois no limite extremo do que pode conceber.
>
> As suas faculdades não são capazes de medir os movimentos do Universo, e é trabalho inútil o de querer abranger o conjunto das coisas com a inteligência, quando ela tem apenas um ponto de vista restrito. A inteligência do homem e a inteligência da divindade são duas coisas muito diferentes.
>
> Logo que concedemos ao homem a liberdade, acabamos com a onisciência de Deus; e se, por outro lado, Deus não

ignora o que farei, não sou livre de fazer coisa diversa da que ele sabe. Cito este dilema apenas como um exemplo do pouco que sabemos, e para mostrar que não é bom tocar nos segredos divinos.

Nestes termos, só devemos exprimir, entre as verdades mais elevadas, aquelas que podem servir ao bem do mundo. As outras, teremos de guardá-las conosco, mas semelhantes aos doces clarões de um sol velado, elas podem espalhar e espalharão o seu brilho sobre o que fazemos.”

Goethe não ousou prosseguir. Por que? Examinemos.

Os acontecimentos e as circunstâncias conduzem-nos com mais amplitude do que em geral se pensa. Que cada um analise com atenção os atos de sua vida e reconhecê-lo-á sem custo. Nosso livre arbítrio limita-se a um quadro muito diminuto de atividade. “O homem agita-se e Deus o conduz”, diz um antigo adágio. Não é inteiramente exato. Deus, ou o Destino, *Fatum* como lhe chamavam os latinos, deixa-nos alguma liberdade.

O provérbio contrário do precedente – todo provérbio tem um outro que lhe é oposto – diz por sua vez: *Deus ajuda os que trabalham.*

Sim, o homem agita-se e os acontecimentos conduzem-no; mas somos, ao mesmo tempo, os obreiros de nosso próprio destino.

Em suma, a verdade não está na metafísica dos filósofos, dissertando sobre a fatalidade do destino, mas no bom senso vulgar e prático que se resume no adágio universal, nas cinco palavras que acabo de mencionar.

A minha explicação procura essencialmente manter-se no domínio exclusivo dos fatos de observação positiva, sem recorrer a nenhuma hipótese. Quando nos dizem que o nosso sentimento do livre arbítrio é uma ilusão, trata-se de afirmativa hipotética. Estou sentado à minha escrivaninha, pergunto a mim mesmo o que vou fazer, comparo, raciocino e decido-me por isto ou por aquilo. Declaram-me que sou vítima de circunstâncias alheias à minha vontade. Sustento, pelo contrário, que, se não raciocinasse, deixaria correr os acontecimentos, e que a liberdade consiste

justamente em escolher o que nos parece preferível. Isto não é absoluto, é relativo; somos constantemente contrariados em nossos projetos; há mesmo dias em que tudo corre mal; isto é muito imperfeito, mas é a nossa sensação incontestável, e não temos o direito de suprimi-la, substituindo-a por uma hipótese. Ela é evidente como o dia. É uma exterioridade, pode-se dizer; sim, uma exterioridade como o Sol, uma paisagem, uma árvore, uma poltrona, uma casa, coisas que conhecemos pelas impressões que nos dão; mas esta aparência confunde-se com a realidade.

Há aí um fato de observação diária, constante, legítima, irrecusável.

Oh! certamente, muitas vezes somos passivos e não tomamos nenhuma resolução radical. Objeta-se que, quando discutimos conosco e que nos decidimos, após madura reflexão, é sempre segundo o motivo predominante, de maneira que a nossa pretensa liberdade é comparável a uma balança, da qual um dos pratos desce segundo os pesos que nele se puserem. É incontestável que, quando raciocinamos pausadamente, pesando o pró e o contra, resolvemos a favor do que nos parece preferível. Ora, é justamente nisso que intervém o nosso raciocínio e nenhum sofisma suprimirá em nós esta convicção. Cremos mesmo que, no caso contrário, não seríamos razoáveis e, quando às vezes somos levados a agir em desacordo com as nossas opiniões, sentimos que a isso somos relativamente obrigados.

Pelo que se refere à vontade arbitrária, a seguinte declaração que Juvenal põe na boca de uma mulher imperiosa não será ainda o melhor argumento?

Sic volo; sic jubeo; sit pro ratione voluntas.

(Assim quero; assim o ordeno; a minha vontade é a minha única razão.)

"Porque assim nos apraz", diziam igualmente Luís XIV e Luís XV, com um orgulho que devia perder a realeza.

Replicar-me-ão, sem dúvida, que somos dotados de certa liberdade de ação, que podemos escolher, resolver segundo o motivo preponderante; mas onde fica o livre arbítrio absoluto?

Não será cada um de nós levado segundo o seu temperamento, os seus gostos, as suas idéias, as suas preferências e também segundo as circunstâncias e a conexão dos acontecimentos? Como nos libertaremos dessa escravidão?

Iniciamos as obras, grandes ou pequenas, sem sabermos aonde nos levarão. Que cada um examine a sua vida e verifique quanto é fraca a sua liberdade pessoal.

Somos arrastados num turbilhão. O homem agita-se e o destino impele-o. Esse destino é o espírito universal, do qual nada mais somos do que minúsculas rodagens. Mas também somos espíritos.

Livre arbítrio absoluto? Não. Livre arbítrio relativo.

A nossa liberdade é, sem contradição, muito menos extensa do que parece aos espíritos superficiais. A marcha cósmica do Universo conduz-nos.

Vivemos sob a influência do estado astronômico, e meteorológico, do calor, do frio, do clima, da eletricidade, da luz, do meio que nos cercam, das heranças ancestrais, da nossa instrução, do nosso temperamento, da nossa saúde, da potência da nossa vontade, etc. A nossa liberdade é comparável à de um passageiro do navio que o leva da Europa para a América. A sua viagem é antecipadamente traçada. A sua liberdade não vai além da amurada do navio. Pode passear sobre o tombadilho, conversar, ler, fumar, dormir, jogar, etc.; mas não pode sair da sua casa móvel. O esboço de nossa existência é traçado de antemão, como o movimento dos órgãos de qualquer máquina, e temos um papel a desempenhar, com um certo jogo individual. Essa liberdade condicionada é, certamente, muito estreita, mas ainda assim existe.

Suponhamos que jantais em casa de um amigo. Oferecem-vos certos pratos, preferireis vinho branco ou vinho tinto, Borgonha ou Bordéus, cerveja ou água pura e sabeis perfeitamente que podeis escolher à vontade, tomando em linha de conta o vosso estômago e *servindo-vos de vossa razão*.

Se observarmos com cuidado, num momento qualquer, os nossos menores atos, verificamos, que a nossa liberdade é em extremo limitada, que aquilo que resolvemos fazer de manhã, ao

acordar, vai ser dificultado por mil causas, mas que entretanto a nossa intenção principal se realizará mais ou menos e que a nossa escolha atuará.

O que se dá em grande, dá-se igualmente em pequeno: os nossos atos mais importantes são determinados *conjuntamente* pelas circunstâncias e pela nossa vontade.

Pode-se admitir a vista premonitória do futuro sem por isso comprometer o princípio do livre arbítrio e da responsabilidade humana. O presente nunca se detém: continua-se constantemente pelo futuro. Ocorre sempre qualquer coisa; nem por isso é fatal, visto a vontade humana tomar parte no encadeamento dos fatos e essa vontade gozar de uma liberdade relativa; o que ela resolve torna-se real, mas poderia não resolver nada; o futuro é a continuação do passado e não há diferença essencial entre a vista de um e de outro. Esse fato não impede absolutamente o admitir que a vontade humana seja uma das causas de ação nos acontecimentos. Poderia suceder outra coisa diversa da que sucede e é esta outra coisa que veríamos nas premonições.

O que acontece é o produto do encadeamento das causas, seja uma força vingativa que manda fuzilar ou guilhotinar os seus adversários, como se viu em 1793 e 1871, em Paris (e como se tem visto um pouco em toda parte, em nosso lindo planeta), seja a ação de um filantropo que intervém no meio de uma revolução para dirigir a sua marcha ou pôr termo aos seus excessos. O que sucede não impede a existência do bom e do mau, do tirano e da vítima, do justo e do injusto, do brutal e do ponderado, do inteligente e do idiota, do carnívoro e do pacifista, dos exploradores e dos explorados, dos ladrões e dos roubados.

Perceber, por processo qualquer, o que deve acontecer pela sucessão dos efeitos e das causas é coisa que se pode conciliar com a existência de todas as causas atuantes, mesmo a liberdade.

O futuro não é mais misterioso do que o passado. Se calculo hoje que o movimento da Lua em torno da Terra e o movimento da Terra em torno do Sol conduzirão o nosso globo e o seu satélite em linha reta (Sol-Lua-Terra) com a França na passagem da sombra da Lua, em 11 de agosto de 1999, às dez horas e meia da manhã, e que um eclipse total do Sol será observado ao norte

de Paris durante dois minutos, não haverá mais mistério nessa predição do que no cálculo retrospectivo do eclipse total do Sol que passou sobre Perpignan, em 8 de julho de 1842. Quando se deu esse eclipse de 1842, que se tornou célebre pelas observações de Arago, na sua cidade natal, tinha eu quatro meses e onze dias; quando se der o de 11 de agosto de 1999, terei morrido há muito tempo, o que não tem a mínima importância: o que é o futuro hoje para mim, para vós, para os vivos atuais, será para outros o presente e tornar-se-á depois o passado.

Há de objetar-se que a assimilação dos fatos astronômicos aos acontecimentos humanos não é integral, visto não existir nenhuma liberdade nos movimentos dos astros e ser aí absoluto o fatalismo. Mas pode-se responder que se o livre arbítrio é uma das causas atuantes, nem por isso deixam de produzir-se os seus efeitos.

Que tudo o que acontece seja o resultado necessário das causas em ação, não há dúvida, mesmo os crimes mais abjetos, mesmo o incêndio de Roma, o martírio dos cristãos por Nero, a violação da Bélgica pelos alemães, o assassínio dos cidadãos, o incêndio de Lovaina, o bombardeio da catedral de Reims e os morticínios vergonhosos da última guerra germânica. Mas cada ator faz parte das causas operosas e é parcialmente responsável. Os acontecimentos são uma série mecânica, mesmo a condenação de Joana d'Arc à fogueira pelo bispo Cauchon, sob a acusação de feitiçaria, e a sua canonização, depois, por outros bispos; mesmo o químico Lavoisier, o astrônomo Bailly, o filósofo Condorcet, o poeta André Chénier, vítimas de ferozes e obcecados revolucionários. Tudo isso é motivado por causas determinantes, mas não é fatal e poderia ter sido diferente o curso dos acontecimentos. Daí à conclusão de que não existem as responsabilidades há um abismo. O Imperador da Alemanha, desencadeando a guerra de 1914 e causando a morte de doze milhões de seres humanos, não se parece com S. Vicente de Paulo; nem um nem outro são autômatos, escravos do fatalismo.[85]

Suprimir a liberdade seria suprimir toda a responsabilidade, todo o valor moral, igualar o mau ao bom, ao que se opõe a

nossa certeza íntima. Nesse caso deveríamos renunciar aos nossos pensamentos mais claros e evidentes.

Cada um de nós tem diante de si a sua sorte desconhecida; mas produzir-se-ão todos os acontecimentos, apesar do livre arbítrio mais ou menos desenvolvido de cada indivíduo, e mesmo por causa desse livre arbítrio. Na vida humana todos os homens atuam, em diversos graus, e disso resultam as conseqüências.

Há loucos e ajuizados (talvez haja mesmo mais doidos do que gente de juízo; certamente, a razão não domina, sobretudo na direção dos Estados).

Apesar de termos diante de nós a nossa sorte desconhecida, cada um de nós faz o seu destino; atuamos segundo as nossas faculdades, as nossas possibilidades, a nossa roda, a nossa hereditariedade, a nossa instrução, o nosso juízo, o nosso espírito, o nosso coração, e sabendo muito bem, aliás, que gozamos de uma liberdade relativa e que podemos tomar resoluções. Somos os autores da nossa sorte.

Por mais que fizermos, a hora de nossa morte já está marcada. Por quê? Porque os acontecimentos seguir-nos-ão, incluindo os nossos caprichos, as nossas sugestões, as nossas fraquezas, as nossas imprudências, os nossos erros, e também tudo o que ocorrer em torno de nós. Procedemos naturalmente segundo as nossas possibilidades e nossas mentalidades. Não se fará mentir um homem leal; não se tornará um avarento em generoso. A ação de cada um, limitada às suas faculdades, não deixa de existir e há casos em que semanas e meses de reflexão são necessários para tomar uma decisão. Todavia os atos encadeiam-se e a circunstância de percebê-los de antemão não impede esse encadeamento.

Parece-me que o laborioso analista dos fenômenos psíquicos, Bozzano, definiu racionalmente também esta aparente antinomia, escrevendo: "*Nem livre arbítrio nem determinismo absolutos* durante a existência encarnada do espírito, mas *liberdade condicionada*.

Podeis ainda objetar, talvez, que, se acontece o que deve necessariamente acontecer, é supérfluo atormentarmo-nos para

termos bom êxito em qualquer coisa, em trabalharmos para vencermos num concurso, em procurarmos um médico para um doente, em lutarmos contra a adversidade, etc. Esta objeção prova justamente a nossa ação na ordem das coisas. Por mais fatalista que penseis ser, ireis, com mais ou menos pressa, procurar o médico, servir à pátria contra o invasor, chamar os bombeiros para apagar um incêndio, combater o fogo que uma faísca tiver ateado nos vossos papéis, no gabinete de trabalho, etc. Possuís uma razão, fazeis uso dela. Isso não demonstra, de modo algum, que careceis dela e que sois autômatos.

A prova melhor que temos ainda da nossa liberdade, das nossas faculdades de livre escolha, de determinações conscientes, existe no sentimento íntimo, absoluto, de que os possuímos, e contra ele não pode prevalecer nenhum sofisma. Sentis muito bem que podeis fazer o gesto que mais vos agrade. Embora vos digam que o capricho de levantar o dedo, por exemplo, é precedido de uma série de idéias anteriores, esse capricho mesmo é real e provém unicamente do nosso espírito dotado de liberdade mental.

O futuro é determinado pelas circunstâncias, incluindo a liberdade humana, incluindo mesmo os rancores de um animal maltratado injustamente, e mil influências particulares nas quais nem sequer se pensa.

A personalidade humana faz parte das causas em ação na marcha dos acontecimentos terrestres. Eis a solução do problema exposto por Cícero, Santo Agostinho, Laplace e seus êmulos.

* * *

Há aqui uma distinção muito sutil a fazer, para não confundir o encadeamento inevitável dos acontecimentos humanos com o fatalismo. O que acontece não é fatal, apesar de ser a seqüência necessária das causas. Um homem leva um murro, pelas costas, de um transeunte que passa apressadamente, no meio da multidão; podia não levá-lo, ou por não ter saído de casa naquele dia ou por não seguir naquela direção, e por até o seu agressor se não cruzar com ele. Os fatos ter-se-iam passado por outra forma e o acontecimento seria diferente: uma visão premonitória teria

visto, da mesma forma, o que aconteceria, sem que essa vista anterior provasse por isso a ausência do livre arbítrio nos dois atores. Cooperamos na marcha dos acontecimentos. É falta de modéstia falar de si mesmo, mas é nisso que somos os melhores juízes e permitir-me-ei apresentar um exemplo que conheço com exatidão: Há longos anos que me esforço para difundir pelo mundo conhecimentos astronômicos, e bastante tenho conseguido. Amigos ilustres da Ciência e do progresso trouxeram-me um concurso precioso na fundação e na organização gradual da Sociedade Astronômica de França. Ninguém poderia apagar de meu espírito as diversas lutas que tive de sustentar e convencer-me de que não houve nisso um trabalho pessoal; a esse respeito sei alguma coisa e todos os trabalhadores, todos os organizadores estão no mesmo caso. A vontade não é uma palavra vã. Cada um pode fazer as mesmas considerações, pelo que lhe toca. *Nós procedemos*, e o futuro é feito das nossas ações consecutivas. isto não é fatalismo. É, mesmo, o contrário. O fatalismo é a doutrina dos sonolentos, os fatalistas aguardam os acontecimentos, o que eles supõem que há de produzir-se, apesar de tudo. Ora, nós trabalhamos e cooperamos na marcha dos acontecimentos. Somos ativos e não passivos e nós mesmos construímos o edifício do futuro. Não se deve confundir determinismo com fatalismo. Este representa a inércia, o primeiro representa a ação.[86]

O fatalista é o oriental, o turco; o determinista é o europeu. Há um abismo entre as duas civilizações.

Ver o futuro é ver simplesmente o que acontecerá. Não é *prever*, é *ver*. Na Astronomia, calculamos a órbita de um cometa, por exemplo, a órbita normal, teórica, a curva elíptica, parabólica ou hiperbólica, no espaço. Mas pode suceder que o cometa passe na vizinhança de um grande planeta e seja influído pela sua atração. Esta perturbação modificará o seu curso e a nossa vista do futuro sobre a posição do cometa não será exata e precisa, se não tomarmos em conta esta influência perturbadora.

Todas as influências atuam nos acontecimentos. A do homem merece a mesma atenção que as perturbações planetárias, ainda que frua de uma certa independência.

Não é pois impossível conciliar o nosso sentimento de liberdade com o conhecimento premonitório dos futuros acontecimentos.

Suponhamos um observador postado no cume de uma serrania, ao pé da qual se alongue vasta planície. Ele vê um homem trilhar o caminho que o leva a uma localidade e adivinha que esse viajante vai tratar, no lugar mencionado, de um negócio qualquer. Em que contradiz a liberdade do indivíduo o fato de ver a sua ação?

O livre arbítrio do ator não está em contradição com a vista do observador, a visão antecipada de um acontecimento não influi sobre ele. Da montanha em que supomos estar, vemos, por exemplo, dois comboios correrem velozmente um contra o outro, devido a um engano de agulha. Está iminente um desastre. A nossa vista, a nossa previsão nada têm com isso; o fato de ver é inteiramente estranho ao fato do acontecimento.

Ver os acontecimentos desenrolarem-se no futuro como se vê os que se desenrolaram no passado não obsta a que as causas determinantes atuem, incluída a vontade humana.

Nunca vos aconteceu, ao ler um romance, adivinhar exatamente o seguimento da história? E a maior habilidade do escritor não consistirá em dar uma tal aparência de verdade às suas personagens imaginários e de interessar tão vivamente nisso o leitor que ele se impaciente por conhecer a seqüência?

Por exemplo, o príncipe dos contistas, Alexandre Dumas, ofereceu-nos a leitura de *José Bálsamo*, e da sua continuação, *O Colar da Rainha*. Percorrendo a lista das inúmeras produções desse autor, podeis notar o título da *Condessa de Charny*. Pois bem, sem haverdes lido este último romance, sem saberdes quem é essa condessa, lendo o capítulo XII de *O Colar da Rainha* e o quadro que faz Maria Antonieta das belas qualidades do Sr. de Charny em presença de Andréa de Taverney, pálida e comovida, vereis, repentinamente, que a Srta. de Taverney, apaixonada, virá a ser a Condessa de Charny. Adivinhastes o futuro.

Certos dissidentes poderiam observar-me que as personagens de Alexandre Dumas são bonecos que ele manobra segundo lhe convém e que a minha comparação nenhum valor tem, pois

poderia ser interpretada para demonstrar justamente o contrário da minha tese e levar-nos-ia a concluir que os homens e as mulheres, em vez de serem indivíduos livres, são apenas bonecos na mão do autor, chame-se ele Deus, Destino ou Acaso.

Essa objeção não seria muito sólida. Alexandre Dumas fez certamente o que quis, o que lhe agradou, o que lhe pareceu mais interessante para os seus leitores, e a sua imaginação pessoal teve o maior papel no arranjo dos seus romances.

As suas personagens, imaginárias ou reais, Andréa de Taverney, a Condessa de Charny, o bailio de Suffren e seu sobrinho Charny, Maria Antonieta, o Cardeal de Rohan, representam na cena, segundo os caprichos do seu prodigioso talento de *conteur*. Conheci Alexandre Dumas, com sua gorda face e a sua cabeleira emaranhada, e vejo-o rir às gargalhadas, com o seu bom riso, se algum psicólogo da Escola viesse opor o grave determinismo às suas divertidas fantasias e declarar-lhe que foi forçado fatalmente a escrever o que imaginou.

* * *

Desse conjunto de considerações, podemos, segundo me parece, tirar uma conclusão indiscutível. Os fatos de visão espontânea dos acontecimentos futuros são em tão grande número e de precisão tal, que a hipótese das coincidências fortuitas é hipótese sem valor e a rejeitar absolutamente. Essa vista *subliminal* não é duvidosa para os que estudaram suficientemente a questão. Atualmente não tem explicação científica, mas não anula a liberdade.

Apesar da aparência, e seja qual for o pensamento dos filósofos que não fizeram exame suficientemente aprofundado dessa questão especial, a vista do futuro não está em contradição com a liberdade humana e o livre arbítrio, por mais extensão que lhe queiram dar. *Vê-se o que acontecerá, suprime-se o tempo*, que, de resto, *não existe em si*, sendo resultado transitório dos movimentos do nosso planeta. É, pois, simplesmente uma aparência que se suprime. Vê-se o que acontecerá como se pode ver o que aconteceu. Se a vontade, o capricho, as circunstâncias tivessem conduzido a outra coisa, seria essa outra coisa que se teria visto.

O conhecimento do futuro não compromete nem a liberdade nem o conhecimento do passado.

No espaço absoluto o tempo não existe. Se a Terra girasse duas vezes mais depressa, os dias seriam reduzidos à metade do que são. Essas medidas são relativas, não fundamentais.[87] Não confundamos a sucessão dos acontecimentos, o que constitui "o tempo" para as nossas impressões humanas, com o absoluto. A Astronomia convida-nos a essa distinção. Olhai, de noite, por exemplo, Sírio, Vega e Aldebaran e vê-las-eis, não como justamente são, mas como não tornarão a ser, como foram: a primeira há 8 anos, a segunda há 25 e a terceira há 32. O nosso presente atual coexiste com o passado delas. Vimos no céu, em 22 de fevereiro de 1901, um incêndio sideral que se produziu em torno de 1551. Certas estrelas que observamos neste momento já não existem. O tempo atual de Júpiter e de Saturno não é o da Terra.

Os metafísicos costumam associar o espaço e o tempo que, com efeito, têm certas relações entre si, e atribuem-lhes propriedades comuns. É um erro. O espaço existe em si. É absoluto, infinito, eterno, mesmo no vácuo, pois o vácuo ainda é espaço puro. O tempo, pelo contrário, não existe em si. É criado pelos movimentos dos astros e a sucessão das coisas. Se a Terra fosse imóvel, se os astros não fossem dotados de qualquer movimento, não haveria tempo; mas haveria sempre espaço. No espaço absoluto, entre os mundos, o tempo não existe.

Ocupei-me mais de uma vez dessa questão, de 50 anos a esta parte, com os nossos eminentes filósofos contemporâneos,[88] e pude verificar que na sua maioria preferem sacrificar a possibilidade da previsão do futuro à liberdade. Não adivinharam que possa existir um acordo entre as duas. Espero que esse acordo seja estabelecido aqui. De qualquer forma, não se devem, *não se podem negar fatos de observação*. Voltemos a esses fatos.

Foi só em 1912 que se publicou uma tradução francesa dos escritos do filósofo alemão Schopenhauer sobre o "magnetismo animal e a magia", dados à luz por ele em Francfort, em 1836, assim como os relativos aos espíritos e aos sonhos premonitórios aparecidos em Berlim, em 1851. Eis o que se pode ler nessa obra:

“Os sonhos anunciam freqüentemente acontecimentos de importância, mas às vezes também coisas insignificantes, cuja realização não deixa de merecer a atenção do pensador. Convenci-me disso por uma experiência irrecusável. Quero comunicar essa experiência, porque ela põe ao mesmo tempo em plena luz *a rigorosa necessidade do que acontece*, mesmo do que é mais acidental.

Certa manhã escrevia, com grande atenção, longa e muito importante carta de negócios, em inglês. Chegado ao fim da terceira página, tomei, em vez do areeiro, o tinteiro, e derramei-o sobre a carta; a tinta escorreu da escrivaninha para o soalho. A criada, acudindo ao toque da campainha, tomou um balde d’água e pôs-se a lavar o soalho para tirar as manchas. Enquanto procedia a essa operação, disse-me:

– Sonhei esta noite que tirava manchas de tinta deste sítio, esfregando o soalho.

– Isso não é verdade – respondi-lhe.

– É verdade, sim senhor, e já o contei à outra criada que dorme comigo.

Chega, por acaso, essa outra criada, de 17 anos talvez, para chamar a que lavava o soalho. Dirigi-me a ela e perguntei-lhe:

– Que foi que ela sonhou esta noite?

– Não sei – respondeu.

Eu acudi:

– Entretanto, ela contou-te o sonho, ao despertar.

A rapariga então exclamou:

– Ah sim, ela havia sonhado que tiraria uma grande mancha de tinta deste soalho.

Essa história, cuja autenticidade absoluta garanto, põe fora de dúvida a realidade dessa espécie de sonhos. Não é menos digna de atenção pelo fato de tratar-se aqui de um ato que se pode qualificar de involuntário, pois que se produziu inteiramente contra a minha vontade, em conseqüência de uma insignificante inadvertência da minha mão. E entretanto, es-

se ato era tão necessário e tão inevitavelmente determinado que muitas horas antes o seu efeito existia, no estado de sonho, na consciência de um outro. É aqui que aparece claramente a verdade da minha proposição: *Tudo quanto acontece, acontece necessariamente*." [89]

Não seria classificada esta narrativa no número dos meus documentos positivos, deixando-a na categoria dos duvidosos (pela suspeição que merece o testemunho dos criados, visto muitos sentirem um verdadeiro prazer em enganar os seus patrões), se Schopenhauer não fosse o autor e não o tivesse apresentado em apoio de suas convicções sobre a *necessidade*. Declara-se convencido da veracidade das suas duas criadas, e para ele a realidade do sonho premonitório não oferece *dúvida alguma*.

Mas erra na interpretação. Não era obrigado a entornar o tinteiro. Viu-se o fato porque aconteceu.

Essa história da criada do filósofo alemão lembra-me a de uma outra criada, contada na revista *Uebersinnliche Welt*, de Berlim, de agosto de 1904, que teve visão análoga.

"O Sr. Buchberger, Conselheiro de Justiça, achava-se em Obermais. Uma manhã, pelas cinco horas, teve um sonho que lhe mostrou a sua casa de Olmutz e a sua criada com os vestidos em chamas, sobre os quais alguém lançava um jato de água; depois viu o corpo da infeliz, cuja pele, entretanto, estava branca.

Pouco tempo depois, o Sr. Buchberger voltou para casa e, ao chegar, sua mulher contou-lhe que a criada morrera, em conseqüência de queimaduras. No mesmo dia em que ele teve o sonho, mas pelas 10 horas da manhã, como a criada quisesse aquecer um verniz, este inflamara, pegando-lhe fogo ao vestuário. Socorrida quando corria no quarto, lançada ao chão, conseguiu-se apagar o lume com água; mas, levada ao hospital, morria alguns dias depois."

Deve-se observar que esse sonho ocorreu pelas 5 horas da manhã, ao passo que o desastre aconteceu às 10 horas. É, sensivelmente, o caso de Schopenhauer.

A narração é assinada pelo Sr. Buchberger, Conselheiro de Justiça, em Graz-Rucherlberg.

O fato capital que deve chamar a nossa atenção e tomar aos nossos olhos caráter da certeza é simplesmente a afirmação paradoxal de que o futuro, que ainda não existe e que se originará do encadeamento de uma série de pequenas causas consecutivas, pode entretanto ver-se como se estivesse já realizado.

Não é somente nos sonhos premonitórios que pode ser visto o futuro, mas também em certos estados d'alma difíceis de definir. Um dos exemplos mais curiosos dessa visão precisa do futuro, que conheço, é a observação relatada pelo meu sábio colega do Instituto Metapsíquico, o Dr. Geley, cujos trabalhos são bem conhecidos de meus leitores. Ei-lo textualmente:[90]

> "Em 27 de junho de 1894, pelas nove horas da manhã, o Dr. Gallet, então estudante de Medicina em Lião, trabalhava no seu quarto, em companhia de um camarada de estudos, atualmente o Dr. Varay, médico também em Annecy.
>
> Gallet estava então muito ocupado e preocupado com a preparação do exame próximo: primeiro exame de doutorando, e não pensava senão nele.
>
> Particularmente, não se interessava em absoluto pela política, olhava distraidamente os jornais, e só incidentalmente havia conversado, nos dias precedentes, sobre a eleição do presidente da República que se devia realizar naquele dia. *O congresso eleitoral reunir-se-ia pelas 12 horas*, em Versalhes.
>
> De repente, Gallet, entregue ao seu trabalho, foi imperiosamente distraído por um pensamento importuno. Uma frase inesperada impunha-se ao seu espírito com força tal, que não pôde deixar de escrevê-la imediatamente no seu caderno. Esta frase era, textualmente: *O Sr. Casimir Périer é eleito Presidente da República por 451 votos*.
>
> Isto se passava, repito-o, *antes* da reunião do congresso. Observar-se-á que, entretanto – fato curioso –, a frase de que o Dr. Gallet conserva a lembrança mais nítida indica o presente e não o futuro.

Gallet, atônito, chama o seu camarada, Varay, e apresenta-lhe o papel no qual acabava de escrever.

Varay leu, encolheu os ombros e, como o seu amigo insistia, muito interessado, declarando que acreditava na premonição, pediu-lhe, com certa dureza, que o deixasse trabalhar sossegado.

Depois do almoço Gallet saiu para assistir às aulas, na Faculdade. No caminho, encontrou dois outros estudantes, os Srs. Bouchet, atualmente médico em Cruseilles (Alta Sabóia), e Deborne, ao presente farmacêutico em Thonon. Anunciou-lhes que Casimir Périer seria eleito por 451 votos. Apesar dos risos e das mofas dos seus camaradas, continuou a afirmar, por diversas vezes, a sua convicção.

Ao sair da Faculdade, os quatro amigos juntaram-se e foram tomar refresco num café vizinho.

Nesse momento, chegaram os vendedores de edições especiais de jornais, anunciando o resultado da eleição presidencial e gritando:

– *O Sr. Casimir Périer foi eleito por 451 votos*."

Poderíamos, certamente, acreditar na palavra do Dr. Geley, mas ele entendeu que devia comprovar a fidelidade da sua narrativa com confirmações irrecusáveis e atestados de testemunhas:

1º atestado, do Dr. Varay, antigo interno dos hospitais de Lião;

2º atestado, do Sr. Deborne, farmacêutico em Thonon;

3º atestado, do Dr. Bouchet, médico em Cruseilles.

Ninguém pode, pois, contestar esse fato.

Deve-se observar que a eleição de Casimir Périer, que só teve uma maioria de 28 votos,[91] foi inesperada, e que se contava mais com a eleição do Sr. Brisson ou a do Sr. Dupuy.

Ver aqui também uma simples coincidência fortuita seria ir além, certamente, dos limites de um cepticismo razoável. Esses fatos fortificam-se uns com os outros. Se houvesse apenas um, insulado, perdido na soma das possibilidades, poderia duvidar-se. Mas um número tal como o que estabelecemos aqui deixa nos

espíritos a *certeza absoluta* da realidade dessas previsões, por mais inexplicáveis que sejam, no estado atual da Ciência. Neste caso, também o vidente involuntário viu o que aconteceria; mas a eleição de Casimir Périer não era fatal, por tal circunstância. Cada um dos 845 votantes concorreu certamente para isso muito mais do que Schopenhauer, entornando o seu tinteiro; cada um agiu segundo o seu critério. Esse exemplo é típico contra a fatalidade.

Continuemos o nosso "livre" exame.

O Sr. César de Vesme, o erudito diretor dos *Anais das Ciências Psíquicas*, comunicou-me, em 1901, a seguinte extraordinária predição:

> "Nos primeiros dias do ano de 1865, um certo Vicent Sassaróli foi residir em Sarteano, povoação de 6.000 habitantes.
>
> Nesse país existia excelente banda de música composta de 34 executantes, da qual era presidente o Sr. Joseph Frontini, que, tendo de exilar-se por causa da política, convidou-o a encarregar-se da sua direção.
>
> O Sr. Sassaróli aceitou o oferecimento, sendo imediatamente apresentado aos músicos na sala em que se faziam os ensaios, no terceiro andar de uma casa que pertencia ao Cônego D. Bacherini. Em seguida ao ensaio e na presença de toda a assistência, anunciou ao Sr. Frontini que a sala onde se encontravam ruiria juntamente com o edifício, das águas-furtadas ao rés-do-chão. Acrescentou que lhe parecia ver os escombros da casa sepultarem e esmagarem todos os assistentes e até ele próprio.
>
> A estas palavras, entreolharam-se, espantados, todos os presentes, perguntando-se se o novo diretor gracejava ou se não estaria maluco. O Sr. Sassaróli, imperturbável, insistiu, precisando mesmo *o dia e a hora* em que se daria a catástrofe.
>
> Ante tais afirmativas, os assistentes não duvidaram mais do estado mental do professor. Toda a gente se retirou, troçando-o.

Como é natural, essa esquisita história espalhou-se por toda a região, fazendo rir às gargalhadas.

O Sr. Frontini então, vendo que Sassaróli tinha caído no ridículo e persuadido igualmente de que a sua idéia fixa o arrastaria à loucura, fez quanto estava em suas mãos para o chamar à realidade. De acordo com o Cônego Joseph Bacherini, mandou examinar cuidadosamente, por arquitetos competentes, o edifício, desde o teto até os alicerces, afirmando eles que a casa não apresentava o menor indício de deterioração. Escudado por essa opinião, o Sr. Frontini procurou Sassaróli e aconselhou-o a não insistir na sua louca predição, desejando-lhe uma vida tão longa como a da sólida construção de que se tratava. Foi trabalho perdido, porque o Sr. Sassaróli redarguiu que não podia aceitar tal voto, pois se o fizesse não teria mais do que quatro dias de existência.

Uma tal obstinação só serviu para radicar as suspeitas da loucura do maestro. Começaram então a vigiá-lo com o receio de que, de um para outro instante, praticasse qualquer tolice.

Nos cafés, nas reuniões, não se falava senão dessa parlapatice que divertia toda a região.

Enfim, chegou o momento. À noite, como tivessem de repetir os ensaios, os músicos reuniram-se, conforme o hábito, na sala e, enquanto esperavam o diretor, fartaram-se de o troçar. O Sr. Sassaróli não se fez demorar, mas não quis ouvir falar de trabalho nessa noite, de tal forma se sentia agitado à medida que a hora se aproximava. Tanto fez que conseguiu que todos os assistentes saíssem. Descendo as escadas assentes sobre arcos maciços, o Sr. Sassaróli, que havia tomado a dianteira, não cessava de recomendar:

– Devagar, desçam devagar, porque o nosso peso poderia apressar o desastre.

Calculem-se as zombarias, os motejos, as gargalhadas dessas 34 pessoas persuadidas de que seguiam um louco e de que se prestavam a uma comédia, descendo uns após outros a longa fila de degraus. Por fim, encontraram-se na rua. Al-

guns instantes depois, e precisamente à hora anunciada, a casa derruía de alto a baixo.”

Pode-se calcular a impressão que esse acontecimento produziu em toda parte.

O relatório donde extraímos esta breve narrativa foi escrito pelo Sr. Joseph Frontini, cujo pai, presidente da Municipalidade, foi um dos primeiros a felicitar o Sr. Sassaróli no dia seguinte ao da catástrofe.

Além disso, três testemunhos: 1º- de todos os membros da família onde residia o Sr. Sassaróli; 2º- do guarda do teatro; e 3º- da família que habitava a casa contígua ao teatro, certificam o fato.

Em boa verdade, como duvidar-se ainda diante desse acontecimento tão absolutamente afirmativo? Não seria o caso de aplicar-se aos incrédulos a estigmatização bíblica: “*Oculos habent et non vident; aures habent et non audiunt.*”? (“Eles têm olhos mas não vêem; têm ouvidos mas não ouvem.) Negar, negar sempre, negar apesar de tudo, que é que isso prova?

Pois bem! não nos mostremos satisfeitos; não é ainda suficiente para o nosso caso. Eis outros exemplos. Um deles, o mais estupendo de clarividência que eu conheço, um dos mais estranhos e dos mais característicos, devido à lucidez magnética, é o que foi relatado pelo Dr. Alphonse Teste, no seu *Manual prático do magnetismo universal*. Essa obra não é de hoje, foi publicada em 1841; mas não vale menos por isso, porque, como diz Molière, o tempo nada vale para o caso. É esse acontecimento verdadeiramente fantástico:

“No dia 8 de maio último, numa sexta-feira, eu magnetizava a Sra. Hortence M. Nesse dia aquela senhora estava de admirável lucidez. Encontrava-me só com ela e o marido. Parecia-me preocupada, sobretudo com o seu futuro pessoal. Entre outras coisas inesperadas, disse-nos o seguinte:

– Estou grávida de 15 dias; mas não chegarei ao termo e isso me causa um desgosto inigualável. Terça-feira próxima, 12 do corrente, qualquer coisa me causará medo; e levarei uma queda da qual resultará um aborto.

Confesso que, apesar de tudo o que já tinha visto, um dos pontos dessa profecia me revoltou.

– Medo de quê, minha senhora? – perguntei, com uma expressão de interesse que estava longe de ser simulada.

– Não sei.

– Onde lhe sucederá isso? Onde sofrerá a queda?

– Não o posso explicar; não sei absolutamente nada.

– E não haverá qualquer meio de evitar tal coisa?

– Nenhum.

– E se nós, no entanto, não a abandonássemos?

– Seria o mesmo.

– Ficará bastante doente?

– Sim, durante três dias.

– Pode dizer-nos ao certo o que sentirá?

– Terça-feira, pelas 3 horas e meia, logo depois de um susto, sentirei um desfalecimento de alguns minutos. Assaltar-me-ão a seguir violentas dores nos rins que durarão o dia todo e se prolongarão pela noite adentro. Quarta-feira de manhã terei uma hemorragia. A perda sanguínea aumentará rapidamente, tornando-se muito abundante. Não haverá, contudo, motivo para receios, porque não morrerei disso. Quinta-feira de manhã sentir-me-ei muito melhor, poderei mesmo levantar-me quase todo o dia, mas à tarde, aí pelas 5 horas e meia, terei nova hemorragia, seguida de delírio. A noite de quinta para sexta-feira será boa; mas na sexta-feira à tarde perderei a razão.

A Sra. Hortence H. calou-se e, sem todavia acreditarmos em tudo quanto nos disse, sentíamo-nos de tal forma impressionados que não pensamos mais em prosseguir o interrogatório. Entretanto, seu marido, profundamente emocionado, perguntou-lhe, com indescritível ansiedade, se ela se conservaria louca por muito tempo.

– Três dias – respondeu, perfeitamente calma.

Em seguida acrescentou com doçura cheia de graça:

– Vamos! não vale a pena afligires-te; não ficarei louca nem morrerei. Apenas sofrerei, mais nada.

Acordamos a Sra. Hortence e, como sempre sucede, não se recordou de coisa alguma. Ficando só com o marido, recomendei-lhe expressamente que guardasse segredo, sobretudo com sua esposa, a propósito dos acontecimentos que, embora quiméricos, poderiam concorrer para a oprimir, se deles tivesse conhecimento. Principalmente no interesse da Ciência, tornava-se importante que ela os ignorasse. O Sr. H. prometeu calar-se. Possuía suficientes provas do seu caráter para saber que cumpriria a sua palavra. No que me dizia respeito, tinha escrupulosamente tomado apontamentos de todas as circunstâncias preditas e delas tive ocasião, no dia seguinte, de dar parte ao Dr. Amadeu Latour.

Ao chegar a terça-feira fatal, só uma coisa me preocupava: o medo da Sra. Hortence.

Quando entrei em sua casa, ela almoçava com o marido e pareceu-me muito bem disposta.

– Meus bons amigos – disse-lhes ao entrar –, hoje ficarei convosco, se isso os não contraria.

– Com o maior prazer – respondeu-me a Sra. Hortence –; mas, com uma condição: é que o senhor não falará demasiadamente de magnetismo.

– Não falarei mesmo nada, se consentir, no entanto, em adormecer durante dez minutos.

A Sra. Hortence concordou e, algum tempo depois do almoço, adormeci-a.

– Minha senhora, como se sente?

– Muito bem, mas não por muito tempo.

– Ora essa! Por quê?

Ela repetiu a frase sacramental de sexta-feira, a saber: que entre as três e quatro horas, teria medo de qualquer coisa e levaria uma queda, da qual lhe resultaria uma hemorragia.

– Que é que lhe provocará medo?

– Não o sei dizer.

– No entanto... tente...

– Não, não sei absolutamente nada.

– Onde se encontra o objeto que lhe causará medo?

– Não sei.

– Não há nenhum meio de se subtrair a essa fatalidade?

– Nenhum.

– Esta tarde tenho a certeza de provar-lhe o contrário.

– Esta tarde, doutor, o senhor estará inquieto pelo estado da minha saúde, porque me encontrarei muito doente.

Diante disso, não tinha o que responder. Era necessário esperar; foi o que fiz.

Depois de despertada a Sra. Hortence não se recordou de coisa alguma; o rosto, atemorizado pelas visões do seu sono, retomou a serenidade habitual. Conversou e gracejou como antes de adormecer, sem qualquer idéia preconcebida, recomeçando com os seus ditos espirituosos tão naturais em si, e que, como ninguém, sabe empregar. Eu é que me sentia numa situação de espírito que não saberei descrever; perdia-me em conjunturas e hipóteses que por momentos abalavam a minha fé; duvidava de tudo; cheguei a duvidar de mim mesmo. Decididos, como estávamos, a não abandoná-la um segundo, observávamos os seus menores movimentos com atenção, chegando a fechar hermeticamente as portadas das janelas, com receio de que qualquer incidente passado na rua, ou nas casas próximas, concorresse para realizar a profecia. Tocaram a campainha; um de nós foi ver quem batia.

Pouco depois das 3 horas e meia da tarde, a Sra. Hortence, que estava espantada com os cuidados de que era objeto e não compreendia a causa das nossas precauções, disse-nos, erguendo-se da cadeira em que a tínhamos feito sentar:

– Os senhores permitem que me esquive um momento a esta incompreensível solicitude?

– Aonde vais? – exclamei com um ar de inquietação que não consegui dissimular.

– Por amor de Deus, doutor, julga acaso que eu tenho idéias de suicidar-me?

– Certamente não, mas...

– Diga; o quê?

– O quê? Na verdade, sou indiscreto, mas é que a sua saúde interessa-me.

– Nesse caso, doutor – exclamou ela, sorrindo – mais uma razão para me deixar sair...

Calei-me. O motivo era tão natural que não insisti. Entretanto, o meu amigo quis ir até ao fim e disse à esposa:

– Dás-me licença que te acompanhe?

– Com que, então, é uma aposta?

– Precisamente; é uma aposta que fizemos os dois e estou certo de que a ganharei, embora a senhora faça o possível para que eu a perca.

A Sra. Hortence olhou-nos intrigada. E, aceitando o braço do marido, saiu da sala, rindo com gosto.

Eu também ria, apesar de experimentar não sei que pressentimento que me dizia que o momento decisivo tinha chegado.

De tal forma essa idéia me preocupava, que eu não pensava mesmo em voltar à sala e fiquei como de guarda à entrada da porta, onde não era precisamente o meu lugar.

De repente, ouviu-se um grito agudo, seguido do ruído da queda de um corpo no soalho. Subi as escadas a correr. À porta da *retraite*, o meu amigo segurava nos braços a esposa desfalecida.

Tinha sido ela realmente que havia gritado e o ruído que ouvira fora motivado pela queda. Precisamente no momento em que deixava o braço do marido para entrar na *retraite*, um rato, onde há vinte anos não se tinha visto um único, surgiu de repente, causando-lhe um terror tão vivo e tão súbito que caiu desamparadamente, sem que seu marido tivesse tempo de segurá-la. Tudo se passou depois como fora previsto. Diante de semelhantes fatos, quem ousará – acres-

centou o Dr. Teste – opor limites ao possível e definir a vida humana?”

Não se pode pôr em dúvida a veracidade com que fala o autor.

De tal forma ficou impressionado por essa pasmosa clarividência, que não podemos deixar de nos sentir impressionados também. Negar tudo, como tantas vezes sucede, seria negar toda a história da Humanidade.

Não tinha razão em afirmar que era este um dos casos mais extraordinários de toda a série que estudamos neste momento e cuja variedade tão rica é? Aqui, a objeção banal do acaso fica sem aplicação possível. Quando muito, poder-se-ia supor que a imaginação doente da narradora produziu isso tudo por autosugestão subconsciente e que foi ela quem criou e viu o que lhe ia acontecer; mas é uma hipótese insustentável!

Hipótese, além disso, diametralmente oposta ao caso precedente da derrocada do teatro e aos seguintes.

Não se deve, certamente, aceitar sem prevenção as narrativas de pessoas que afirmam ter previsto acontecimentos extraordinários: há, no entanto, testemunhos que se não podem pôr em dúvida; está neste caso o do meu amigo, Albert de Rochas, que nos referiu um fato, aliás banal mas bastante curioso, acontecido ao nosso célebre cirurgião, Barão Larrey, que lho contou. Numa só noite sonhou com *quatro* números da loteria. No dia seguinte, como tivesse pressa de fazer as suas visitas, pediu à Sra. Larrey para comprar os bilhetes com esses números. Qual não foi, porém, a sua contrariedade, quando regressou a casa, ao saber que os números haviam sido premiados – e que o seu pedido fora esquecido!

É inaceitável atribuir esta coincidência ao acaso; o jogador tinha 2.555.189 probabilidades contra si.

Um número, vá; dois ainda passa; mas quatro!

Sabemos hoje que o futuro pode ser previsto.

Este fato é tão interessante como os precedentes. Eu conheci o Barão Larrey, homem de sociedade e tão distinto como sábio leal. O seu testemunho é o de uma pessoa honesta.

Notemos, a esse propósito, que os exemplos que eu aqui submeto à atenção imparcial dos meus leitores têm as mais diversas origens. Não se trata apenas de sonhos premonitórios, de profecias no estado sonambúlico, de quiromancia, de cartomancia ou de qualquer outras séries especiais. Todas as formas de atividade cerebral estão representadas, como todas as situações sociais e todos os países. Não se poderia, pois, objetar com alguma influência sugestiva de qualquer gênero que seja.

Continuemos o nosso estudo.

Um dos exemplos mais trágicos de sonhos premonitórios de mortes, que conheço, é o do Dr. de Sermyn, *sobre a morte de seu próprio filho*. Vejamos a sua narrativa pessoal:[92]

> "O meu primeiro filho entrava no seu quarto ano de existência. Eu sentia por ele uma afeição particular, que não senti nunca por nenhum dos meus outros filhos. O seu olhar e o seu sorriso pareciam-me possuir uma expressão angélica e tinha a impressão de que a sua inteligência era excepcional para a sua idade. Era a minha alegria e a minha consolação. O simples pensamento de que o ia ver e falar-lhe, quando entrasse em casa, enchia-me de alegria. Esquecia então todas as minhas fadigas e todos os meus cuidados.
>
> Uma noite, vi em sonho que conservava a criança entre os meus braços, diante do fogão aceso. De repente, não sei como, ela resvalou-me dos braços e caiu no meio das labaredas. Em vez de me apressar a retirá-lo do fogão, deixei-o ficar. O que me forçava a proceder desta maneira era o raciocínio que a mim próprio fazia: se o tiro do fogo, morrerá dentro de alguns dias, no meio da sofrimentos atrozes, em conseqüência das suas queimaduras; se o deixo ficar, morrerá depressa, num minuto, talvez. Em todo caso, não sofrerá por muito tempo.
>
> Estranho, estúpido raciocínio esse, mas no meu sonho essa idéia pareceu-me luminosa e o ato que praticava um dever.
>
> Fechando as grades do fogão, eu ouvia, com angústia inexprimível, a criança agitar-se lá dentro, assando ao fogo.

Oh! Deus meu, exclamava, fazei que morra depressa; eu não posso ouvi-lo sofrer assim!

Despertei em sobressalto; um suor frio inundava-me a fronte; o coração batia descompassadamente. Ergui-me a meio da cama e murmurei: "Deus louvado" não foi mais do que um sonho!"

Corri ao quarto do meu filho, que dormia tranqüilamente. A respiração era regular, a epiderme fresca. Era em vão, entretanto, que eu procurava sossegar. De nada valia eu dizer comigo mesmo: "Imbecil, estúpido; trata-se apenas de um sonho; teu filho goza esplêndida saúde. Volta a deitar-te, dorme." – dizia-me a voz da razão. Voltei para a cama, sem contudo poder dominar a minha inquietação nem conseguir desembaraçar-me do mau pressentimento. A primeira coisa que fiz ao levantar-me de manhã foi examinar meu filho. Ele tagarelava, ria, parecia vender saúde.

"Vai à tua vida; a criança não tem nada – parecia dizer a voz escarninha do meu *eu* –, o teu sonho é absurdo. Com que então arremessa-se uma criança ao fogo, qual bacorinho, e, para que morra mais depressa, fecham-se as grades da estufa?"

Como adivinhar que a minha mentalidade subconsciente, passiva, que se calava mas que me atormentava, estava dentro da verdade, sabia o que ia suceder?

A criança acordara de manhã alegre, satisfeita como de ordinário. Almoçou com esplêndido apetite. Eu saí tranqüilo.

Regressei a casa por volta do meio-dia. Meu filho estava deitado num canapé, amorrinhado. O pulso batia apressado, a pele queimava, a respiração era agitada. Senti-me inquieto. Minha mulher, que o adivinhou, fez-me várias perguntas às quais respondi, procurando serenar e fazendo esforços para ocultar a minha inquietação. Auscultei cuidadosamente o meu filho, verificando a existência de catarro generalizado nos dois pulmões, e nas bases como que uma crepitação muito leve. Não pude impedir-me de exclamar:

– É grave! É muito grave! Julgo que meu filho está perdido.

Nessa ocasião passava, a cavalo, um médico das nossas relações. Minha mulher precipitou-se para a janela e chamou-o.

– Doutor – exclamou ela assim que entrou –, peço-lhe para examinar o meu filho que está doente. Meu marido diz que ele está perdido.

O Dr. W. estava então no galarim. Era apreciável conversador, suficientemente espirituoso. E no que respeita aos médicos novos, não se mostrava muito amável com eles, parecendo não os ter em grande estima.

Examinou a criança, sorrindo.

– Desde quando está ele doente?

– Apenas há uma hora, doutor – exclamou minha mulher –; ainda esta manhã estava perfeitamente bem.

– E este senhor julga então que está perdido? – respondeu ele, voltando-se para mim – Ah! esses médicos novos! Vejamos – retomou ele, dirigindo-se-me –, o senhor não pode ter uma razão séria para alarmar a tal ponto esta mãe. Há apenas uma hora que a criança adoeceu, e já formulou o seu diagnóstico e o seu prognóstico? Isso não é razoável. Sossegue, minha senhora – ajuntou, dirigindo-se a minha mulher –; deite seu filho na cama, dê-lhe bebidas quentes, cubra-o e faça o possível para que transpire. Voltarei logo.

Eu compreendia perfeitamente o absurdo da minha conduta e como deveria parecer ridículo aos olhos desse médico célebre. Mas podia eu confessar que procedia assim sob a influência de um sonho? Ter-me-ia tomado por louco. Curvei a cabeça sem responder às justas censuras que me fazia; mas, no momento em que o doutor se retirava, exclamei:

– Peço-lhe por favor, doutor, que se não esqueça de voltar logo!

Seria o som da minha voz que o impressionava? O certo é que se deteve, fixou os olhos em mim durante alguns segun-

dos e dirigiu-se lentamente para o doente, que examinou com mais atenção do que da primeira vez.

Certamente dissera consigo: "Aqui está um pai, médico, que parece extremamente inquieto com o estado do filho; terá ele descoberto algum sintoma aterrador que me tenha a mim escapado?"

Depois do exame feito, declarou:

– Ouve-se perfeitamente, aqui e ali, nos dois pulmões, um certo estertor que lhe pareceu, decerto, que uma grave bronco-pneumonia estava em vias de declarar-se. Não nos podemos pronunciar, por enquanto, por uma tal eventualidade. Tudo quanto é lícito dizer agora é que existe um ligeiro catarro pulmonar que pode facilmente dissipar-se dentro de alguns dias. Admitindo mesmo um começo de bronco-pneumonia, que razões tem o senhor para declarar a criança perdida? Nem todas as bronco-pneumonias são mortais. Vá, seja razoável; eu voltarei logo.

Apesar de todos os cuidados, do Dr. W., o estado de meu filho agravou-se de hora para hora. Ao quarto dia sufocava atrozmente.

Vendo-o sofrer tão cruelmente e prevendo o seu fim, eu experimentava as mesmas angústias do sonho. E murmurava ainda: "Meu Deus, fazei que morra depressa; esta agonia, se se prolonga, dá comigo em louco."

Desde que o sonho me anunciara a morte de meu filho Jorge, nada conseguiu tirar-me a convicção de que o nosso espírito adquire, durante o sono, a faculdade de prever certos acontecimentos futuros. Donde vem, porém, a forma sob a qual se produziu a predição da morte de meu filho? Por que esse fogão, aonde arremessei o meu filho? Por que essa cena tão estranha? De onde veio esse pensamento de fechar as grades do fogão para que ele morresse mais depressa? Tal ato não se concilia de forma nenhuma com o terror que eu sentia, praticando-o. Muitas vezes tenho pensado nisso tudo e a explicação mais racional a que cheguei é a seguinte:

Havia-me deitado demasiadamente tarde nessa noite. Li algum tempo, estirado numa poltrona, diante do fogão, cuja chama eu avivava de vez em quando. Os meus neurônios tinham evidentemente conservado a impressão dos tições em brasa e de um fogão com grade que se podia abrir e fechar facilmente.

É a esta excitação cerebral que, parece-me, deve ser atribuída a ilusão de um fogão em chama no qual se contorcia o meu filho e que eu procurava fechar para abreviar a sua agonia.”

O sonho premonitório põe claramente em evidência a dualidade da nossa mentalidade. Não se quer dar crédito a um sonho, sobretudo quando nos prediz alguma coisa de desagradável. Num caso destes, a razão revolta-se, sem contudo chegar a dominar o sentimento profundo e angustioso, proveniente da subconsciência.

O Dr. de Sermyn ajunta que muitas vezes meditou sobre essa luta entre o seu *eu* e a subconsciência. Está certo de que o sonho devia cumprir-se fatalmente, enquanto a razão se revoltava contra essa idéia, agarrando-se a uma esperança vacilante com o destroço flutuante a que um náufrago se agarra no mar.

As nossas intuições secretas têm muitas vezes a sua razão de ser e é erro desdenhá-las sem descobrir-lhes a causa. Um pressentimento poderá ser, às vezes, um sonho premonitório esquecido. Seja qual for a explicação que se pretenda dar, o caso observado evidencia-se irrefutável. Esse pai foi impressionado pelo estado fisiológico, então desconhecido, de seu filho e acreditou de antemão na sua morte inevitável. Há aqui uma prova bem característica da faculdade de premonição da alma humana e da existência de um mundo psíquico real, sugerindo a conclusão de que o organismo vital aparente não é tudo. Existe em nós alguma coisa de indefinível que nós próprios não conhecemos.

* * *

Um fato abominavelmente dramático de clarividência, no sonho, exatamente com seis dias de antecedência, referente à morte de seu filho esmagado por um automóvel, no próprio dia em que

se bacharelava, depois de brilhantes estudos e gozando de excelente saúde, foi-me contado, em extensa carta, por um dos meus antigos leitores, com a descrição do sonho, dando-lhe todos os pormenores do acidente, a remoção do cadáver, o aspecto dos ferimentos, o desespero da família, exatamente como uma fotografia ou, para dizer melhor, como uma cinematografia.

(CARTA 2.218)

A pedido da infortunada família, limito-me aqui a indicar o fato da premonição, sem consignar nomes nem circunstâncias demasiadamente dolorosas. Devo dizer, no entanto, que esse drama real é suficiente para eliminar todas as explicações de pretensas coincidências fortuitas e bastaria para provar que o futuro é entrevisto, algumas vezes, com a mais categórica das precisões. Julgo que os meus leitores estarão todos de acordo comigo, afirmando que a negação desses acontecimentos apenas pode provar a ignorância dos que os negam ou a sua despropositada teimosia.

Um pressentimento premonitório igualmente digno de nota, de um acontecimento a dar-se, foi-me assinalado por um observador atento a esses fenômenos a esclarecer. Escreve ele:

(CARTA 985)

"Isto é uma espécie de sonho desperto premonitório, e julgo-me no dever de o assinalar porque pode ser um documento mais a ajuntar àqueles que o senhor reúne para as suas tão importantes investigações. Por isso mesmo avaliará do seu valor. Recentemente, numa reunião, a conversa derivou para os problemas psíquicos de que o senhor tem feito tão documentado estudo, quando uma senhora das nossas relações nos comunicou o seguinte caso:

"Encontrava-me encostada a uma varanda, quando subitamente me vi na rua, de luto pesado, seguindo um coche fúnebre. A impressão que recebi foi tão intensa que nesse dia mesmo fui encomendar um vestido à minha modista, não cessando de pensar comigo mesma: "Vai suceder uma gran-

de desgraça.” quatro dias depois, meu filho, uma criancinha de quatro anos, caiu do alto da escada, morrendo logo.”

Eis o que eu ouvi, pelos meus próprios ouvidos, da boca de uma senhora vestida de luto e que estava ainda sob a impressão do que lhe sucedera. Não pode existir, nesse fato, nem erro, nem farsa, nem impostura.

P. Drevet
Tenente do 14º Regimento de
Caçadores de Grenoble.”

Este elemento toma, às vezes, a aparência de uma comunicação do espírito por um médium, como se esse espírito visse exatamente o futuro, no que respeita, sobretudo, à morte do indivíduo de que se trata. O meu colega e saudoso amigo William Stead, diretor da *Review of Reviews*, que pereceu no naufrágio do “Titanic”, recebeu um dia, de seu “espírito Júlia”, uma predição singularmente estupenda:

“Há de haver alguns anos, eu tinha como empregada uma senhora possuidora de talento verdadeiramente notável, mas com um caráter desigual e uma saúde que deixava muito a desejar. Tornou-se de tal forma insuportável que, em janeiro, pensei seriamente em separar-me dela, quando “Júlia” escreveu por minha mão:

– Seja paciente com E. M. Ela virá encontrar-se conosco antes do fim do ano.

Fiquei estupefato, pois nada me autorizava a supor que ela ia morrer. Recebi o aviso sem dar parte da mensagem e continuei a utilizar os serviços dessa senhora. Foi, se não me falha a memória, entre 15 e 16 de janeiro, que recebi esse aviso. Em fevereiro, março, abril, maio e junho foi-me novamente repetido:

– Não se esqueça de que E. M. terá cessado de viver antes do fim do ano.

Em julho ela engoliu, por descuido, um pequeno prego que se alojou no intestino. Caiu então gravemente doente.

Os dois médicos que a tratavam não tinham esperança de salvá-la. No intervalo, "Júlia" escreveu pela minha mão:

– É isso sem dúvida – perguntei-lhe – o que previa quando predisse que ela morreria?

Com grande surpresa minha, a resposta foi esta:

– Não. Ela curar-se-á disto, mas, apesar de tudo, sucumbirá antes do fim do ano.

E. M. curou-se de repente, com grande estupefação dos médicos, e pôde, dentro em pouco, retomar as suas ocupações habituais.

Em agosto, setembro, outubro e novembro o aviso do seu próximo fim foi-me comunicado de novo com a ajuda da minha mão. Em dezembro ela foi atacada pela influenza.

– É agora? – perguntei eu a "Júlia".

– Não. *Ela não virá para aqui por um meio natural*; mas de qualquer maneira virá antes de findar o ano.

Sentia-me alarmado, e compreendendo que não podia impedir o acontecimento. O ano passou e ela encontrava-se ainda viva. "Júlia" replicou:

– Eu posso ter-me enganado em alguns dias; mas o que afirmei é verdade.

Em 10 de janeiro "Júlia" escreveu:

– Amanhã verá E. M. Faça-lhe as suas despedidas. Tome as disposições que julgar necessárias. Não voltará a vê-la mais na Terra.

Fui procurá-la. Encontrei-a com febre e tosse de mau caráter. Ia ser conduzida para o hospital.

Dois dias depois recebi um telegrama informando que, num acesso de delírio, ela se havia precipitado de uma janela do 4º andar e que a tinham levantado da rua, morta. A data não havia ultrapassado, senão de alguns dias, os doze meses a que se referira o primeiro aviso.

Posso provar a autenticidade desta exposição pelo próprio manuscrito das mensagens originais e pelo atestado assinado pelos meus dois secretários."

Podia-se supor, na verdade, que o espírito tivesse conhecido com antecedência a época da morte e mesmo sabido que essa morte era acidental. Deve por isso a predição ser atribuída a um espírito? Não está provado; conheci suficientemente Stead, para ter tido ocasião de notar as suas raras faculdades psíquicas, ainda que ele não as tenha aplicado na sua própria segurança.

Esta premonição é, sem a menor dúvida, das mais notáveis. Quem é essa "Júlia", tão conhecida dos psiquistas conhecedores dos escritos de Stead? Espírito? Subconsciência? Faculdades mentais especiais? Ignoramo-lo. Mas não é a matéria cerebral que vê assim o futuro.

No seu livro tão judiciosamente meditado e tão ricamente documentado, *Lucidez e Intuição*, o Dr. Eugène Osty nota, por sua vez, o fato seguinte de autopercepção intuitiva:

> "A Sra. D., criatura lúcida, de escrita automática, admirou-se, em determinada época da sua vida, de ver, por momentos, a sua mão traçar espontaneamente a palavra R..., nome que ela nunca tinha ouvido, parecendo-lhe não ter isso qualquer significação. Durante alguns meses, no meio de suas ocupações, desde que a sua mão pousava sobre uma mesa ou que se preparava para escrever uma carta, a mesma palavra aparecia. Acabou por considerar esse movimento involuntário como um *tic*, deixando de preocupar-se com esse fato.
>
> Uma tarde, seu marido anunciou-lhe que acabava de fechar imprevistamente um contrato com um engenheiro em R..., pequena povoação da Província de Orã.
>
> Mais tarde, foi *junho* que a sua mão começou a escrever. A Sra. D. esforçou-se então por conseguir, por meio da escrita automática, a explicação dessa palavra.
>
> A única resposta aos seus esforços foi sempre *junho*. O mês de junho chegou e a Sra. D. teve o desgosto de ver morrer seu marido.
>
> Um pouco mais tarde, a sua mão obstinadamente traçou esta outra data: *março*. Pode depreender-se qual seria o terror dessa desventurada vidente que a si mesmo perguntava

que outro terrível golpe do destino iria atingi-la. Julgando que a sua mão, na escrita automática, estava escravizada a um espírito desencarnado, dirigiu à entidade oculta as mais instantes súplicas, implorando-lhe que lhe fosse poupada a angústia da misteriosa ameaça. E a sua mão, em resposta às torturas do seu coração, traçava sempre esta única palavra: *março*.

A época fatídica e temida chegou. No mesmo mês a Sra. D. perdeu sua filha e sua mãe."

Essa misteriosa história assemelha-se muito à precedente. Há ainda outras análogas que não reproduzo aqui por me faltar o espaço. Explicam-se umas pelas outras? Subconsciência? Força psíquica? Espírito exterior? Destino? Com que palavra a poderemos denominar? O singular aviso que em seguida exponho foi-me assinalado por um jovem estudante de Morbihan:

(CARTA 4.042)

"Caro mestre:

É meu dever comunicar-lhe um fato de premonição acontecido na minha família.

Em 1896, meu avô, o comandante Dufilhol, oficial da Legião de Honra que V. Exa. conheceu em casa do Sr. Allan Kardec, em 1862, vivia com minha mãe, próximo da Vannes.

Certa ocasião descia sozinho a escadaria do castelo para se encontrar com a filha que fora ver as cavalariças. De repente, uma voz murmurou-lhe ao ouvido:

– *Uma morte na família*.

Meu avô, surpreendido e comovido, pensou consigo mesmo: "Devo ser eu, que sou o mais velho."

– *Não* – respondeu a voz – *Adolfo Planes*.

Meu avô chegou às cavalariças com tão grande palidez que minha mãe indagou se estava indisposto. Ele respondeu negativamente e deu-lhe parte do aviso que acabava de receber.

Ambos ficaram muito contristados, escrevendo imediatamente a Adolfo Planes, meu jovem tio, então professor de inglês em Nice.

A resposta foi satisfatória, o que tranqüilizou um tanto minha mãe e meu avô.

Dois meses depois meu tio submetia-se a concurso de admissão a uma escola de Paris. As provas tinham sido duras e fatigantes. No momento em que o examinador lhe participava que seria aprovado e lhe dirigia as suas felicitações, o meu infeliz tio cambaleou, caindo sem sentidos.

Oito dias depois expirava nos braços de meu avô, vítima de meningite.

Contava apenas 26 anos. A voz não se tinha enganado.

A recordação da morte prematura de seu irmão é ainda tão cruel para minha mãe que ela não me teria nunca autorizado a escrever-lhe se não fora para o auxiliar nas suas investigações.

Saint-Raoul-Quer, 3 de agosto de 1918.

Adrien Dufilhol."

As audições premonitórias são mais raras do que as visões premonitórias, mas seu número é ainda suficientemente grande para que as ponhamos de parte. Atribuí-las ao acaso não é coisa que de modo algum nos satisfaça.

No mês de agosto diversos leitores escreveram-me de Nova Iorque afirmando-me que o acidente acontecido a um tal William Cooper, fabricante célebre, esmagado por um *tramway*, tinha sido visto por sua mãe, a Sra. Ella Cooper.

Nessa mesma noite ela sonhou duas vezes que via o filho arremessado por terra e esmagado, e esse sonho repetido de tal forma a enervou que resolveu tomar em Filadélfia o comboio para Nova Iorque. Precisamente à hora em que chegou, da parte da manhã, depois de entrar num *tramway* para se dirigir à 33ª rua, em Broadway, viu, quando atravessava a 7ª avenida, um ajuntamento ao redor de um indivíduo que acabava de ser derrubado por um *tramway*. Esse indivíduo era seu filho.

Essas cartas acrescentam: *accident which will probably result in the death of M. William Cooper*. A morte ter-se-ia seguido ao acidente? Ignoro-o; mas nem por isso deixa de ser menos notável o sonho premonitório. Não há a menor dúvida de que essa mãe tenha sido advertida do que se ia passar. Como? Por quem? Para quê? Por que processo? É este o objetivo das investigações do presente livro.

Temos o caso de uma mãe que vê o seu filho esmagado. Eis outra sensação análoga, sob a forma intermediária: A exposição seguinte foi-me enviada de Biarritz, no dia 9 de julho de 1917, em resposta ao desejo que eu havia manifestado à Sra. Storms Castelot – erudita colega da Sociedade Astronômica de França, que me contou o sonho – de a receber diretamente da pessoa que o observara. É o conhecimento, com três dias de antecedência, de morte repentina. Vejamos o extrato:

(CARTA 3.750)

"Apesar da tristeza que tal comunicação possa despertar em mim, devo garantir-lhe que a morte de meu filho João me foi anunciada *na quinta-feira que precedeu o domingo* em que o meu querido filho, *que se encontrava então no estrangeiro* com seu irmão Luís, nos deixou para sempre. Este sonho muito simples, aqui o tem:

Eu via, numa casa desconhecida, o meu filho Luís banhado em lágrimas, e como eu lhe perguntasse a causa do seu desespero, respondeu:

– Oh! mamã, é o João que morreu!

O meu querido filho contava dezenove anos, tinha uma saúde esplêndida e nada fazia pressentir tão fulminante fim: uma embolia, durante tranqüilo passeio de bicicleta, na companhia de seu irmão e de seu tio. Muito tempo depois, soube que na quinta-feira em que tive o horroroso pressentimento, meu filho tivera uma síncope provocada por um corte num dedo: coincidência estranha!

Outra coincidência estranha, mas essa dizendo-me respeito.

Achava-me em Hamburgo, durante uma das minhas numerosas *tournées* de concertos, quando me sobreveio um torcicolo que ameaçou impedir-me de cumprir o meu contrato naquela noite: corri rapidamente ao consultório de um médico especialista que tratava esses pequenos e desagradáveis acidentes por meio da eletricidade. Sob a influência da corrente elétrica, desmaiei. Nesse mesmo dia recebi de Paris um telegrama de minha mãe, no qual me dizia a inquietação que sentia por me ter visto, em sonho, *desmaiada*! Fiquei espantada! De resto, minha mãe teve sempre durante toda a sua vida um verdadeiro dom de vista dupla, segundo a expressão corrente.

B. Marx-Goldschmidt."

Esta carta era confirmada pelo irmão do falecido.

Como vêem, essas espécies de intuições não são raras numa família. O mesmo sucede no que se segue.

É da República Argentina que me vem a relação deste sonho premonitório singularmente minucioso:

(CARTA 799)

"Rosário de Santa Fé, 15 de setembro de 1899.

Julgo de meu dever, meu ilustre mestre, assinalar-lhe o seguinte fato sucedido com minha família, irrefutavelmente certo e que, creio, pode trazer bastante luz, do qual dareis conhecimento aos vossos leitores.

Uma das minhas tias-avós era conhecida pelos seus pressentimentos e pela sua vista mental.

Em 1868 ela viu em sonho uma cena de interior que era toda uma revelação. Esse quadro representava uma dependência onde uma das suas amigas, a Sra. B., assentada numa poltrona, perto de um fogão no qual ardia intenso lume, acariciava *uma criancinha que conservava nos braços*, enquanto a criada secava os cueirinhos junto ao fogo. Esse sonho foi contado a diversas pessoas, sem que qualquer delas lhe prestasse qualquer atenção, visto que a Sra. B., mãe de numerosa família e tendo já passado os quarenta anos e não

tendo, para mais, nenhum filho desde há sete anos, não parecia, por isso, suscetível de ter outros. Entretanto, o que então parecia impossível realizou-se um ano depois. No dia em que minha tia-avó foi visitar a parturiente para felicitá-la pela sua *delivrance*, viu, na realidade, o sonho que tivera. O aposento, a disposição dos objetos, o fogão aceso, a criada ocupada em secar os cueirinhos diante do fogo, enfim, todos os pormenores do sonho estavam fielmente reproduzidos. A revelação cumprira-se inteiramente.

Queira, caro mestre, aceitar os respeitos do seu longínquo leitor e os mais profundos votos de ventura pela nossa querida França.

Emílio Becher."

Outro fato, ainda:

Recebi da Suécia, em dezembro de 1899, a seguinte exposição de um sacerdote protestante muito conhecido:

(CARTA 845)

"Neste momento deve realizar-se uma visita pastoral. Uma das entidades que havia de assistir, na semana que findou, a essa visita (que começaria na terça-feira, 3 de dezembro), no presbitério de Sjustorp, em Medelpad, sonhou, durante a noite de sábado, que a tinham chamado ao telefone e que um padre de Medelpad lhe dissera que a visita pastoral não se realizaria naquele dia porque morreria uma pessoa. Aquele que do mundo dos sonhos veio telefonar-lhe não lhe declarou o nome da pessoa que morreria. O sonhador lembrava-se perfeitamente do que se passara no dia seguinte de manhã. E qual não foi a sua estupefação quando, por volta do meio-dia, lhe comunicaram efetivamente pelo telefone que a esposa do bispo havia falecido repentinamente nessa mesma manhã, o que impedia o prelado de proceder à visita."

Qual foi o agente desse fenômeno psíquico? A morte? Não é provável. O sacerdote com que, em sonho, se comunicou por um suposto telefone? Talvez. Mas por meio de que corrente mental,

por qual assimilação? O próprio pensamento do bispo, irradiando ao longe? Mistérios da telepatia.

Ainda outro caso, tão trágico como o do Dr. de Sermyn:

Narra o Dr. Foissac:[93]

"Numa tarde de primavera, em 1854, o Padre Deguerry, abade de Madeleine, o Conde de Las Cazes e os Senadores Longet e Marshall, da Academia de Ciências, tiveram, numa reunião, acalorada discussão sobre o maravilhoso e as vistas proféticas, tendo o Senador Marshall feito a seguinte comunicação:

"Há um ano, em Edimburgo, dirigi-me, numa povoação dos arredores, à casa de um dos meus velhos amigos, o Sr. Holmes. Encontrei todos os rostos compungidos. Holmes tinha, nesse dia mesmo, assistido a um enterro, num castelo próximo; contou-me então que o filho dos donos do castelo tinha, por mais de uma vez, aterrorizado a família por manifestar os fenômenos que são atribuídos à *segunda vista*. Viam-no ora alegre, ora triste, isto sem causa aparente, o olhar abstrato e melancólico, e pronunciando, por vezes, palavras desconexas quando não descrevia estranhas visões. Procuraram, mas inutilmente, combater essa disposição por meio de exercícios violentos e por uma série de estudos variados, para o que se socorreram dos conselhos de hábil médico.

Uns oito dias antes do acontecimento a que me refiro, a família, que se encontrava reunida, viu, de repente, o pequeno William, que apenas contava doze anos, empalidecer e ficar imóvel. Prestam atenção ao que o pequeno diz e ouvem estas palavras: *Eu vejo uma criança adormecida, deitada num caixão de veludo e coberta com um pano branco, tendo à volta coroas e flores. Por que razão choram os seus pais? Esta criança sou eu*.

Convulsionados pelo terror, o pai e a mãe agarraram o filho, cobrindo-o de beijos e lágrimas. O pequeno voltou então a si, continuando a brincar como antes. A semana não findara ainda, quando a família, assentada à sesta, depois do

almoço, procura o pequeno William, que há pouco ali se encontrava. Não o vê e chama-o: nenhuma voz responde.

A família, o mordomo, o médico, o capelão, os criados procuram-no; mil gritos de desespero se cruzam; percorrem o parque em todos os sentidos: William tinha desaparecido. Somente uma hora depois de pesquisas e de angústias é que a criança foi encontrada num lago onde havia caído ao pretender agarrar um barco que o vento tinha afastado da margem. Fez-se tudo, durante algumas horas, para o reanimar. O fatal presságio havia-se cumprido."

Teremos ocasião, no segundo volume desta obra, saturado de documentos, de voltar a estes fenômenos seguidos de morte. Fiquemos agora por aqui, no estudo dos fatos metapsíquicos, atestando as faculdades transcendentes da alma. Essa criança tinha, sem a menor dúvida, visto o seu caixão.

Uma premonição de morte, das mais singulares igualmente, pode ler-se na autobiografia do Barão Lázaro Hellembach. Ei-la tal qual a encontramos nos *Anais das Ciências Psíquicas*, de 1877, pág. 124:

"Eu tinha a intenção de pedir a colaboração do diretor da seção de química da Escola de Geologia de Viena, Hauer, engenheiro de minas, para o assunto de algumas investigações que havia feito sobre a cristalização. Já tinha incidentalmente falado com ele sobre isso, visto que o laboratório ficava perto da minha residência e que Hauer é conhecido no mundo científico – pode-se mesmo dizer na Europa inteira – como especialista nesse assunto. Adiava sempre a minha visita, até que me resolvi a realizá-la no dia seguinte. Nessa mesma noite sonhei que via um homem pálido e desfalecido, amparado, pelas axilas, por outros dois homens. Não dei maior importância a esse sonho e, como havia resolvido, dirigi-me à Escola de Geologia. Como, porém, o laboratório se encontrava num outro ponto do edifício, diferente dos anos anteriores, enganei-me na porta e, encontrando a verdadeira porta fechada, vi, olhando por uma janela, a imagem exata do meu sonho: Hauer, que se havia envenenado com cianu-

reto de potássio, amparado por dois homens que o transportavam para o vestíbulo. Era exatamente como tinha sonhado."

O Barão Hellembach acrescenta aqui as observações seguintes:

"Se eu tenho chegado alguns minutos antes, poderia ter certamente impedido que o suicídio se desse, motivado por preocupações de família e de fortuna, visto que ofereceria a Hauer nova colocação e algum alívio material. Esta circunstância impressionou-me profundamente; e tanto mais quanto compreendi tudo o que vinha de perder sob o ponto de vista das minhas idéias e dos meus projetos e pensando igualmente que as minhas investigações estavam para sempre interrompidas.

É natural que a morte de Hauer, desfazendo os meus projetos, me tivesse impressionado muito; e é talvez por essa razão que a minha consciência guardou um resto de vista dupla."

Sob o ponto de vista da telepatia, poder-se-ia julgar que o suicida, tendo provavelmente premeditado esse ato de desespero na noite que o precedeu, provocou o sonho do Barão Hellembach. Mas isto não explicaria o elemento essencial do sonho, o espetáculo de um homem de rosto lívido, agonizando, *e amparado pelas axilas por dois outros homens*.

Fazer intervir ainda a hipótese das circunstâncias fortuitas seria verdadeiramente o cúmulo.

Poderíamos notar aqui que todos esses fatos são, de mais em mais, demonstrativos da nossa afirmação de que a alma vê o futuro por meio de poderes ocultos. Um outro caso ainda, e não menos comovente, de premonição, foi observado, em 1905, na República de San Marinho:

Um certo Marino Tonélli, de vinte e sete anos, negociante de ovos, percorria, nessa qualidade, os mercados dos arredores, entre os quais o de Rímini. Na tarde de 13 de junho, encontrando-se nesta última localidade, entrou demasiadamen-

te nas bebidas – o que nele era para admirar. Regressou depois a casa na carroça em que transportava os cestos dos ovos, felizmente vazios. Parece que, pelo caminho, se deixou adormecer, porque num sítio conhecido pelo nome de "Coste di Borgo", onde a estrada faz tortuosa e íngreme curva, o moço negociante foi sacudido do veículo, encontrando-se estendido num campo, no fundo de pequena ribanceira, para onde havia sido projetado.

Reparou que a carroça se encontrava meio voltada na borda da estrada, enquanto o cavalo, que ficara quase suspenso no ar, se debatia em posição crítica. Depois de verificar que não estava ferido, o nosso homem segurou o cavalo e, com o auxílio de alguns camponeses que haviam acorrido, conseguiu igualmente retirar a carroça da beira da estrada. Estava entregue a esses trabalhos, quando lhe surgiu diante dos olhos uma figura de mulher que, à claridade da Lua, lhe pareceu ser a sua mãe. Grande espanto do negociante, que não pode duvidar de que assim fosse, ao ouvir a sua voz adorada e ao sentir-se abraçado por sua velha mãe que chorava de alegria ao perguntar-lhe se não se achava ferido, acrescentando:

– Eu tinha-te visto. Tua mulher e os dois pequenos dormiam já. Eu, porém, sentia um mal-estar, uma agitação extraordinária que não conseguia explicar. De repente, *vi aparecer diante de mim este caminho, exatamente o mesmo sítio com a ribanceira de um dos lados; vi a carroça voltar-se e seres precipitado no campo*. Chamavas por quem te acudisse e parecias morrer!... Esta última circunstância não é, Deus louvado! exata; mas o resto é tal como vi. Por fim experimentei um desejo irresistível de vir aqui, e sem acordar pessoa alguma, e reagindo contra o medo que me causava a solidão, a treva e a tempestade, vim até aqui, depois de caminhar quatro quilômetros; e teria andado mil para vir eu teu socorro."

O redator do *Messaggiero*, que publicou esta exposição, termina dizendo:

"Tal é o fato exato que recolhi dos lábios ainda trêmulos de comoção dessa boa gente."

Em seguida a essa notícia, publicada no *Messaggiero*, foi feito um inquérito pelo professor A. Francísci, no qual pedi para submeter os heróis desta aventura a pequeno questionário destinado a esclarecer certos pontos que a notícia do jornal deixara na sombra.

Eis as perguntas, como as respostas que lhe foram feitas:

"1º – Foi o primeiro acidente em viagem que sucedeu a L. Tonélli, sobretudo nestes últimos tempos?

Resposta – Sim.

2º – O local chamado "Coste di Borgo" é o único ponto perigoso da estrada? É pelo menos o mais perigoso de todos? Nas estradas que o Sr. Tonélli percorre geralmente, no regresso dos mercados, há outros sítios igualmente perigosos?

Resposta – Nessa estrada há outros sítios bem mais perigosos, assim como em outros caminhos que o Sr. Tonélli percorre habitualmente.

3º – Quando a Sra. Maria Tonélli começou a sentir-se inquieta, tinha já passado a hora costumada do regresso de seu filho? Tinha, pelo menos, passado, quando ela se decidiu a dirigir-se ao local?

Resposta – A hora habitual tinha passado havia pouco.

4º – A inquietação da mãe e a visão do acidente não se produziram quando Tonélli tinha já sido projetado fora do carro?

Resposta – A inquietação da mãe precedeu de algumas horas a visão do acidente, sucedendo-se este três quartos de hora depois da visão, de maneira que deu tempo a que ela percorresse a pé os quatro quilômetros que separam a casa deles do sítio conhecido por "Coste di Borgo".

5º – Recorda-se Tonélli de ter pensado em sua mãe no momento do acidente?

Resposta – Ele garante que pensou nela com grande enternecimento, assim como em todos os membros da família; mas principalmente em sua mãe.

6º – Nenhum outro fato anormal sucedera à Sra. Tonélli ou a seu filho?

Resposta – Não.”

Esta confrontação, feita pelo professor Francísci, estabelece, fora de qualquer suspeita, a autenticidade do ocorrido,[94] que se aproxima muito daquele que há pouco acabamos de relatar. Essa visão de acidente *antes de ele se ter dado* é uma visão do espírito da mãe. O que acima relatamos, da criança vendo o seu caixão, é uma espécie de pressentimento pessoal.

Recordei anteriormente (cap. IV) o pressentimento do astrônomo Delaunays, que foi diretor do Observatório de Paris numa interinidade (1870-1872), e que morreu afogado na baía de Cherburgo, aonde fora contra a sua vontade, e fiz seguir esta recordação da da irmã de Arsênio Houssaye, arrebatada por uma vaga na margem de Penmarch’h.

Eis um caso da mesma ordem, ainda mais significativo e mais notável como precisão. O Barão José Kronhelm, de Podólia (Rússia), redigiu a seguinte narrativa sobre a morte de um alto funcionário do Ministério da Marinha russa, caso sucedido no mês de junho de 1855, em seguida à colisão entre dois navios, no Mar Negro:

“No começo do ano de 1855 a Sra. Lukawski foi despertada uma noite pelos gemidos que seu marido soltava enquanto dormia, gritando conjuntamente: “*Socorro! Acudam-me!*”, debatendo-se ao mesmo tempo com os movimentos de uma pessoa que está prestes a afogar-se. Ele sonhava com terrível catástrofe no mar e, despertando, contou que se julgara a bordo de grande vapor que rapidamente se afundara, em seguida a ter abalroado com outro. Lançara-se ao mar, sendo engolido pelas ondas.

Depois de contar o sonho que tivera, exclamou:

– Estou agora convencido de que morrerei tragado pelo mar.

E tal foi a sua convicção que começou imediatamente a pôr os seus negócios em ordem, como homem consciente de ter os seus dias contados. Tinham-se passado dois meses e a impressão do sonho começava a dissipar-se, quando recebeu uma ordem do Ministério para partir com todos os seus subordinados para um porto do Mar Negro. No momento de despedir-se de sua mulher, na estação de Petrogrado, Lukawski disse-lhe:

– Lembras-te do meu sonho?

– Por que mo perguntas?

– É porque tenho a certeza de que não voltarei mais e de que nunca mais nos veremos.

A Sra. Lukawski esforçou-se por tranqüilizá-lo, mas ele, com acentuação de profunda tristeza, acrescentou:

– Podes dizer o que quiseres; a minha convicção não mudará. Sinto que o meu fim está próximo e que nada poderá impedir que isso suceda... sim. Eu vejo o porto, o navio, o momento da colisão, o pânico a bordo... a minha morte... Tudo surge aos meus olhos...

E, depois de curta pausa, ajuntou:

– Quando receberes o telegrama com a notícia da minha morte e tiveres de tomar luto, peço-te não pores sobre o rosto o véu comprido, que detesto.

Sem poder responder, a Sra. Lukawski desatou a chorar. O silvo da locomotiva anunciou o sinal da partida. Lukawski abraçou ternamente sua mulher, enquanto o comboio se punha em movimento.

Depois de duas semanas de extrema inquietação, a Sra. Lukawski soube, pelos jornais, que uma catástrofe entre dois vapores, o "Wladimir" e o "Sireus", acabava de dar-se no Mar Negro. Cheia de inquietação, enviou um telegrama ao Almirante Zelenoi, em Odessa, pedindo notícias. A resposta não se fez esperar. "Não temos até agora nenhuma informação de seu marido, mas não há dúvida de que ele se encontrava a bordo do "Wladimir". A notícia da sua morte veio uma semana depois.

É preciso acrescentar que, no sonho, Lukawski tinha-se visto a lutar, para salvar-se, com outro passageiro, incidente que se realizou com escrupulosa exatidão. Ao dar-se a catástrofe, um passageiro do "Wladimir", o Sr. Henicke, havia-se lançado ao mar com uma bóia de salvação. Lukawski, que já se debatia no mar, ao ver a bóia de salvação, dirigiu-se para o sítio onde se encontrava o passageiro, que lhe gritou:

– Não se agarre, porque a bóia não pode com duas pessoas. Afogar-nos-emos ambos!

Apesar do aviso, Lukawski agarrou-se à bóia, dizendo que não sabia nadar.

– Então fique com ela – exclamou Henicke –; eu sou bom nadador e sempre conseguirei salvar-me.

Nesse momento, uma onda separou-os. Henicke conseguiu salvar-se, enquanto se cumpria o destino de Lukawski." (*Light*, 1899, pág. 45).

Citando esta narrativa, Ernesto Bozzano [95] faz notar que a convergência de circunstâncias, que não podem ser previstas, elimina totalmente a hipótese de coincidências fortuitas, e compara, a este propósito, outras teorias explicativas: a "reencarnacionista", a "fatalista", a "espírita".

Por agora, não nos ocupemos senão de fatos. Queremos simplesmente convencer-nos da existência em nós de um elemento psíquico dotado da *faculdade supranormal de ver o futuro*.

A questão é de averiguar que o futuro existe virtualmente nas causas que o fazem agir e que pode, na realidade, ser visto exatamente em certas situações psicológicas.

Em todos os tempos se encontram esses exemplos da percepção do futuro; mas nunca os interpretaram como mereciam nem nunca viram neles a manifestação das faculdades internas da alma humana.

Eis um exemplo, pouco conhecido, do famoso Capitão Montluc, e que se pode ler no final do IV livro dos seus *Comentários*. Sabe-se que ele recebeu o bastão do Marechal de França e ainda se não esqueceu que Henrique II ficou mortalmente ferido em

1559, num torneio contra Montgomery. Montluc conta assim a sua visão:

> "Na véspera do torneio, à noite, durante o meu primeiro sono, sonhei que via o rei assentado no seu trono com o rosto coberto de gotas de sangue e parecia-me que era assim que pintaram Jesus-Cristo quando os judeus lhe puseram a coroa de espinhos e que ele conservava as mãos erguidas. Olhei-o; via-lhe apenas a face e não podia descobrir o seu sofrimento nem ver outra coisa mais do que sangue no rosto. Parecia-me ouvir dizer a uns: "Ele está morto"; e a outros: "Ainda não morreu". Via os médicos e os cirurgiões entrarem no quarto e dele saírem. E julgo que o meu sonho durou muito tempo, porque ao despertar notei uma coisa em que nunca havia pensado e é que um homem pudesse chorar enquanto sonha, pois tinha a cara banhada de pranto e os olhos teimavam em lacrimejar e assim longamente chorei. Minha mulher procurava confortar-me, mas nada conseguia afastar a idéia da morte do soberano. Muitos dos que ainda vivem sabem bem que o que relato não é uma história, pois logo que acordei lhes disse o que se passara comigo.
>
> Quatro dias depois, um correio chegou a Nérac, trazendo uma carta do Condestável ao Rei de Navarra, na qual se dava parte do ferimento do Rei Henrique e da nenhuma esperança de o salvar."

O que nos pode, parece, chamar mais a atenção para o trabalho que estamos a fazer aqui é que tudo isso tenha passado despercebido desde há tantos séculos e haja sido mesmo negado, desdenhado, ridiculizado e desprezado.

Encontrei uma curiosa carta, datada de 1615, de Nicólas Pasquier, dirigida a seu irmão, conselheiro do rei e almotacé da cidade de Paris, respeitante à morte de seu pai, Estêvão Pasquier, prevista por um sonho premonitório um ano antes, dia a dia. Eis o documento em questão:[96]

> "Recebi as suas cartas hoje, três de setembro de 1615, participando-me a morte de nosso pai, sucedida no dia 30 de

agosto, pelas duas horas da madrugada. Quero contar-lhe uma história extraordinária a esse propósito.

No ano passado, a 30 do mesmo mês de agosto e na mesma noite, cerca das 5 horas da manhã, sonhei que estava junto de nosso pai, que se encontrava deitado na sua cama. Levantando-se, ajoelhou para fazer as suas orações e fê-lo com grande recolhimento, as mãos postas e os olhos erguidos para o céu. Logo que acabou de orar mudou de cor e caiu morto nos meus braços. Quando terminou o sonho, acordei, tremendo como se tivesse frio, contando logo o que se passara a minha mulher. E como tinha a memória fresca do que acontecera, redigi tudo por escrito. Mas há mais: considere os dois fatos sobre o caso que exponho: um de que *eu vi a morte de nosso pai um ano antes, dia a dia*; e outro de que *no próprio dia em que morreu, eu tinha encontrado o papel no qual não havia mais pensado*. Faça a anatomia deste sonho e reconhecerá que tudo o que sucedeu com a sua morte fora por mim previsto; que ele não estaria doente por muito tempo, e a verdade é que não o esteve mais de dez horas; que morreria como bom cristão e assim sucedeu; e que todos os sentidos se conservariam sãos e intactos até ao último suspiro. Em conclusão, a sua morte foi o reflexo da sua vida, que tão calma decorreu durante 86 anos, 2 meses e 23 dias; e, tal qual, a sua morte decorreu docemente, sem trabalhos nem dor."

Sim. Todos esses acontecimentos psíquicos são conhecidos desde há séculos. Os autores latinos contam-nos que o assassínio de Júlio César lhe havia sido anunciado de manhã por sua mulher Calpúrnia; que Brútus viu a derrota da batalha de Filipos predita pelo seu "gênio", que Artérios Rúfus tinha visto em sonho, de manhã, o reciário que devia apunhalá-lo, etc.[97]

Tudo isso, porém, conservou-se incompreendido. E a premonição da morte de Henrique IV, contada pelo seu confidente Sully? E tantos outros?

A Astronomia teve o seu Copérnico, o seu Képler, o seu Newton. As ciências psíquicas não tiveram ainda senão o seu

Hiparco, o seu Ptolomeu, o seu Aristarco; elas esperam ainda o seu Copérnico.

Basta ler-se para se encontrar um pouco por toda parte essas observações que só agora tomamos a sério.

Um dos sábios mais profundos e mais originais do século XVII, Pedro Gassêndi, amigo de Galileu e de Pereisch, dá parte do seguinte sonho premonitório:

> "Pereisch partiu um dia para Nimes com um amigo, um certo Rainier. Este, durante a noite, notando que Pereisch falava a dormir, acordou-o, perguntando-lhe o que tinha. Pereisch respondeu:
>
> – Sonhava que já tínhamos chegado a Nimes e que um ourives me oferecia uma medalha de Júlio César pelo preço de quatro escudos. Ia justamente entregar-lhe o dinheiro, quando, a meu grande pesar, você me acordou.
>
> Chegados a Nimes, e como dessem algumas voltas pela cidade, Pereisch reconheceu a loja do ourives que tinha visto em sonho. Entrando, perguntou se não teria qualquer objeto curioso para vender, ao que o ourives respondeu:
>
> – Tenho, sim: uma medalha de Júlio César.
>
> Como lhe perguntasse quanto custava, o ourives replicou:
>
> – Quatro escudos.
>
> Encantado por ver o seu sonho realizar-se, Pereisch apressou-se a pagar os escudos pedidos."

Aqui a realização da premonição parece ter sido determinada pela recordação da própria premonição, visto que Pereisch reconheceu a loja do joalheiro que havia visto em sonho.

O Dr. E. Osty, de particular competência no estudo da lucidez, fez sobre esse assunto uma conferência documentada no Instituto Geral de Psicologia, no dia 24 de março de 1919. Da sua conferência extrairei o relato seguinte:[98]

> "Em 1912, um médium lúcido, que pela primeira vez utilizei, descreveu assim a minha vida de então:

– ... O senhor residia numa pequena cidade no centro da França... eu vejo sua casa... de habitação, dando para uma praçazinha... mas não é aí que estão as suas ocupações... O senhor dirigia-se para o seu trabalho numa casa onde tinha o seu escritório... lá remexia em muitas folhas de papel... Em quantas folhas o senhor tocava!... Trazem-vos outras mais de um gabinete ao lado do vosso, onde se encontram várias pessoas a escrever... é uma perpétua ida e vinda entre o compartimento onde estão e o vosso... O senhor, depois de olhar para as folhas que lhe trazem, torna-as a entregar... outras pessoas de fora vêm também trazer papéis... o senhor toma-os, escreve neles e torna a entregá-los. Em quantas folhas o senhor toca! Quanta papelada!...

Tudo isso era falso. A minha existência, então, limitava-se, em grande parte, à prática da medicina pura, e também ao meu trabalho pessoal sobre Psicologia. *Tudo isso se torna verdadeiro* a partir de agosto de 1914. Médico chefe do hospital em Vierson durante os dois primeiros anos de guerra, a visão fragmentária do caso exposto transformou-se num aspecto, direi mesmo, no aspecto principal, característico de minha vida cotidiana. Eu fiquei submergido pela papelada burocrática.”

Essa percepção do futuro apresentava-se tão clara e precisa como uma janela aberta sobre uma cena futura. É de notar que essas percepções individuais são bastante freqüentes, enquanto os acontecimentos gerais, e, nomeadamente, a espantosa catástrofe social da guerra alemã de 1914 a 1918 não tivessem sido objeto de qualquer previsão característica desse gênero; do que poderia inferir-se que se trata unicamente de sensações de alma para alma.

O meu laborioso e muito saudoso amigo, o Dr. Moutin, que fez, em minha casa, em 1889, notáveis experiências de magnetismo, das quais terei ocasião de falar mais adiante, ocupou-se, em 1903, de estudos analíticos sobre o Espiritismo, entre os quais podemos notar o singular anúncio que segue:

Numa sessão que se realizou em 19 de agosto, da qual ele guardou os respectivos autos conforme o seu excelente costume, um "espírito" manifestou-se por meio de uma mesa, afirmando ser uma senhora de nome Hermância V., recentemente falecida. O doutor conhecia de longa data essa senhora e o marido. A declaração seguinte da "Sra. Hermância" deixou-o completamente espantado:

– Meu marido vai casar-se novamente em setembro próximo. Antes do seu casamento, há de vir a Paris, mas não terá tempo de o visitar.

– O que me diz é impossível. Conheço V. Sei bem a afeição que dedicava a sua mulher e não posso crer que se case quatro meses depois do seu falecimento.

– No entanto é a pura verdade e dentro de alguns dias receberá a confirmação do que digo.

– É então o interesse que o guia e não a afeição?

– O interesse não entra neste assunto, mas, como sabe, Luciano (é o nome de batismo de V.) não pode viver sozinho.

– Casar-se-á com uma senhora da idade dele?

– Não; com uma menina de vinte e três anos e pouco. Depois do casamento deixará a Provença para vir para Paris.

– Como pode ser isso, com a posição que ele ocupa na Provença? É absolutamente inadmissível.

– Circunstâncias desastrosas e, sobretudo, uma grande perda de dinheiro, obrigá-lo-ão a vir para Paris, a fim de encontrar uma nova situação.

– Veremos se o seu vaticínio se realiza, o que duvido; aceitando, porém, o que me acaba de dizer, veria com desprazer essa união?

– Pelo contrário, visto que Luciano não pode viver só.

Findas estas palavras, a mesa ficou imóvel. Depois de alguns minutos de espera, perguntei se a comunicação havia terminado: *sim*, foi a resposta.

A Sra. V. nunca mais se apresentou e foi a única manifestação que nos deu.

No caso presente, notou Moutin, ninguém devia duvidar de tais revelações, nada podia fazer tomar a sério esta comunicação. Apenas eu e as pessoas de minha família conhecíamos a morta e estávamos bem longe de acreditar no que acabava de ser-nos dito. As outras personalidades que assistiam às nossas reuniões nunca tinham ouvido pronunciar o nome de V.

Dias depois, a 27 de agosto, recebi uma carta do meu amigo V., na qual me anunciava para o mês de setembro o seu casamento com a Srta. X. e me dava alguns esclarecimentos sobre a sua futura esposa – esclarecimentos que coincidiam exatamente com os que me tinham dito a 19 de agosto.

Em março de 1904 o Sr. V. veio ver-nos, informando-nos de que acabava de instalar-se em Paris; transmiti-lhe a comunicação de Hermância e ele ficou por tal forma surpreendido que, embora não duvidasse das nossas afirmações, quis conhecer a ata dessa reunião e pôde assim verificar que tudo quanto tinha dito sua primeira esposa era de uma exatidão rigorosa: – a sua viagem a Paris, antes de consorciar-se segunda vez, a sua mudança de situação. Ficou petrificado e afirma a realidade dos fatos concludentes que não hesitamos em oferecer como prova da conservação do *eu* depois da morte e ainda como prova patente da identidade da Sra. Hermância V.

O Dr. Moutin apresenta este fato "como o mais importante" dos que influíram para a sua convicção espírita. Possuirá na verdade o valor categórico e absoluto que lhe atribui?

Está demonstrado que os nossos pensamentos podem agir, quer consciente quer inconscientemente, para produzirem estes ditados tiptológicos. O Dr. Moutin e sua família conheciam a Sra. Hermância V.; a idéia de que seu marido, ficando viúvo, se tornasse a casar nada tem de extraordinário. Por outra parte, o pensamento do viúvo pode não ter sido alheio à experiência, pois que já estava na intenção de voltar a casar-se e que assim o

anunciava aos seus amigos, oito dias decorridos desta sessão. Não lhe ocuparia também o espírito nesse momento, o projeto de trocar a província por Paris.

Parece-me que a identidade da morta não é de todo exata e que a sua manifestação poderia ser determinada por outras causas psíquicas. Julgo-a, no entanto, *provável*. Não é este o lugar próprio para a discussão de tão importante problema e apenas assinalo tal fato como exemplo de *anúncio preciso de um acontecimento futuro*.

Acrescentarei, porém, que tanto neste caso particular como em outros análogos, a primeira esposa do amigo do Dr. Moutin poderia ter, mesmo enquanto viveu, a intuição desse segundo consórcio, aprovando-o até, o que depõe a favor da identidade. Voltaremos a este assunto no terceiro volume da presente obra, ao discutirmos as manifestações de mortos.

O afamado pároco d'Ars, o Padre Vianney (1786-1859), ofereceu muitos exemplos da sua faculdade de ver o futuro.

Eis um de tais exemplos, que eu reproduzo da sua biografia:[99]

> "Sóror Maria Vitória, fundadora de um Recolhimento para raparigas, estava em Ars, nos começos da sua obra, com mais duas companheiras, das quais uma é a sua atual assistente. Certa manhã, quando as três se dispunham a ouvir a missa do Rev. Vianney, antes de saírem de Ars, o pároco aproximou-se delas e, dirigindo-se à sóror Maria Vitória, ainda secular, disse-lhe:
>
> – É preciso partir imediatamente!
>
> – Mas, Sr. pároco – respondeu ela, surpreendida – queríamos, antes disso, ouvir a santa missa.
>
> – Não, minha filha, partam sem tardança, porque uma de vós irá adoecer. Se se demoram, serão obrigadas a ficar aqui.
>
> Com efeito, a uma curta distância da região que habitavam, uma das três viajantes, a que deveria depois ser sóror Maria Francisca, encontrou-se de tal maneira indisposta que as suas duas companheiras se viram forçadas a transportá-la nos braços até à residência dela. Foi este o início da enfermidade que nada deixava prever."

O padre Vianney era dotado de faculdades psíquicas transcendentes. Atribuía ao diabo certas manifestações de ordem inferior, como os ruídos inexplicáveis; mas nada há menos demonstrado do que a existência de Satanás.

Esta premonição era útil. Na maior parte dos casos, as premonições não servem para nada e nada evitam. Eis aqui uma, no entanto, que salvou a vida de uma criança: a Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas relatou, entre outras, uma advertência muito precisa de visão do futuro, salvando a vida de uma pequenita que ia brincar num sítio próximo do caminho de ferro de Edimburgo, onde a queda de uma locomotiva matou três homens e teria esmagado também a criança. A propósito desse curioso salvamento, a mãe escreve o seguinte:

> "Tinha dito a minha filha que das três para as quatro horas lhe concedia a liberdade de ir passear; e, como estava só, aconselhei-a a dirigir-se ao "jardim do caminho de ferro" (nome que ela dava a uma estreita faixa de terreno entre o mar e a via-férrea). Poucos minutos depois da sua partida, ouvi distintamente uma voz interior que me observada: "Manda-a buscar sem demora, ou suceder-lhe-á alguma coisa terrível."
>
> Imaginei que se tratava de estranha auto-sugestão e a mim mesma perguntei o que, na realidade, poderia acontecer-lhe num tão lindo dia e não a mandei procurar. Passado um momento, contudo, a mesma voz recomeçou a falar-me com palavras idênticas, mas mais imperiosamente. Resisti ainda e dei tratos à imaginação para adivinhar o que poderia ter acontecido à criança: pensei no encontro de um cão raivoso, mas isto era de tal modo improvável que seria absurdo chamá-la sob tal pretexto; e, se bem que principiasse a sentir-me inquieta, decidi nada fazer, tentando pensar noutra coisa, o que consegui, durante instantes; mas, em breve, a voz renovava a sua insinuação, em idênticos termos: "Manda buscá-la imediatamente ou suceder-lhe-á alguma coisa terrível." Ao mesmo tempo, fui assaltada por violenta tremura e por uma impressão de intenso pavor. Levantei-me bruscamente, toquei a campainha e ordenei à criada que fosse procurar,

sem a menor delonga, a minha filha, repetindo automaticamente as palavras da insinuação: "doutra forma, suceder-lhe-á alguma coisa terrível".

Ao cabo de um quarto de hora, a serva aparecia com a criança que, desapontada por eu a mandar buscar tão depressa, me perguntou se eu pretendia retê-la em casa durante todo o dia.

– Não – respondi – e se me prometes que não vais para o "jardim do caminho de ferro" podes ir para onde quiseres, por exemplo, para a casa do teu tio, onde brincarás com os teus priminhos, no quintal.

Pensei que, entre essas quatro paredes, ela estaria em segurança; porque, embora minha filha tivesse regressado sã e salva, eu *sentia nitidamente* que, no ponto em que permanecia anteriormente, o perigo continuava a existir e desejava impedir que para lá voltasse.

Ora, foi precisamente nessa altura que a locomotiva e o *tênder* descarrilaram, destruindo os parapeitos e indo despedaçar-se contra os próprios rochedos onde a pequenita costumava sentar-se."

Esse salvamento extraordinário foi confirmado pelos depoimentos da família e dos vizinhos. Ocorreu no mês de julho de 1860 e publicou-se no *Jornal da Sociedade de Investigações Psíquicas* (t. VIII, março de 1897). Também eu o publiquei na *Revista*, em maio de 1912. A sua exatidão é insofismável.

Acrescentar-lhe-ei, com Bozzano, uma premonição não menos notável que salvou a vida de toda uma família e igualmente produzida por via misteriosa. É reproduzida no *Jornal da Sociedade de Investigações Psíquicas* (t. I, pág. 283). O Capitão Mac Gowan narrou ao professor Barrett o seguinte fato ocorrido com ele:

"Em janeiro de 1877, encontrando-me em Brooklyn, com meus dois filhos ainda muito crianças, e que estavam em férias, prometi-lhes que em determinada noite os levaria ao teatro. Na véspera dessa noite fui *escolher os três lugares* e comprar os bilhetes.

Na manhã do dia fixado para irmos assistir ao espetáculo, comecei a ouvir uma voz interior que me dizia com insistência: "Não vás ao teatro; leva os teus filhos para o colégio." Apesar dos esforços que empreguei para me distrair, não podia impedir essa voz de continuar a repetir as mesmas frases, num tom mais imperioso que anteriormente: a coisa chegou a tal ponto que, pelo meio-dia, decidi-me a informar tanto os meus amigos como os meus filhos de que não devíamos ir ao teatro. Os meus amigos admoestaram-me por essa decisão, observando-me que era cruel privar as crianças de diversão tão nova para eles, e tão impacientemente esperada, depois da promessa formal que lhes fizera: isto levou-me, ainda, a mudar de resolução.

Contudo, durante toda a tarde essa voz interior não deixou de repetir a ordem, com tão imperiosa insistência que, chegada a noite, e uma hora antes do princípio do espetáculo, anunciei peremptoriamente a meus filhos que em vez de irmos ao teatro iríamos antes a Nova Iorque: e partimos.

Ora, sucedeu que, nessa mesma noite, o teatro foi inteiramente destruído por um incêndio, morrendo queimadas pelas chamas 305 pessoas.

Se eu tivesse ido ao espetáculo, nós e minha irmã, que fora ao teatro, teríamos perecido, porque sairíamos por uma escada em que foi esmagada toda a gente que por aí pretendeu salvar-se.

Jamais na minha vida tive outro pressentimento, não costumo mudar de resolução sem razões sérias e nesta ocasião fi-lo com a maior repugnância e absolutamente contra minha vontade.

Qual foi, pois, a causa que me forçou, contra o meu próprio desejo, a não ir ao teatro depois de ter pago os três bilhetes e na boa disposição de passar a noite agradavelmente?"

O Capitão Mac Gowan explicou ao professor Barrett que a voz interior [100] ressoava nitidamente para ele, "como se se tratasse de alguém que efetivamente lhe falasse do interior de seu

próprio corpo" e que ela insistira nos seus avisos desde o momento do primeiro almoço até o instante em que partira para Nova Iorque com seus filhos... Sua irmã conserva os três bilhetes adquiridos por ele no dia precedente ao do incêndio do teatro.[101] Todos esses fatos são de tal maneira convincentes e tão altamente demonstrativos que se confirmam por completo uns com os outros, formando um bloco que nenhuma força vingará destruir.

Parece-me supérfluo juntar mais exemplos aos precedentes. No entanto existem outros tão típicos que seria lamentável não os recordar, para fixar inteiramente a sensação da verdade nos espíritos mais recalcitrantes. A nítida observação narrada pelo rigoroso experimentador Liébault,[102] na sua *Terapêutica Sugestiva*, é especialmente notável.

O sábio médico de Nancy conta que a 7 de janeiro de 1886, pelas 4 horas da tarde (segundo o seu canhenho diário autêntico), um dos seus clientes, o Sr. de Ch..., foi consultá-lo, num estado de nervosismo bem compreensível. Vejamos a história:

> "Seis anos antes, a 26 de dezembro de 1879, passeando numa rua, esse moço vira escritas numa porta estas palavras: "Sra. Lenormand, nigromante". Espicaçado pela curiosidade, entrara.
>
> Examinando-lhe a mão, a profetisa dissera-lhe:
>
> – Dentro de um ano, contado dia a dia, perderá seu pai. Em breve será soldado (tinha então dezenove anos); não se conservará durante muito tempo nas fileiras. Casará novo. Do seu casamento nascerão dois filhos. Morrerá aos vinte e seis anos.
>
> Esta profecia assombrosa, que o Sr. de Ch... confiou a alguns amigos e a várias pessoas de sua família, não foi por ele tomada a sério a princípio; mas, seu pai morria a 27 de dezembro de 1880, ao cabo de curta enfermidade – justamente um ano depois da entrevista com a nigromante – e essa desgraça arrefeceu um pouco a sua incredulidade. Quando chamado à vida militar, passados sete meses somente, e quando, casado pouco tempo depois, foi pai de dois filhos, próximo a atingir os seus vinte e seis anos, sentiu-se abalado

definitivamente pelo medo, julgando que poucos dias de vida lhe restavam. Foi então consultar o Dr. Liébault, interrogando-o se não seria possível conjurar a sorte, porque, pensava ele, tendo-se realizado os quatro primeiros acontecimentos anunciados pela predição, o quinto devia fatalmente realizar-se também.

Nesse mesmo dia e nos seguintes – diz o médico – tentei mergulhar o Sr. de Ch... num sono profundo, com o fim de dissipar a negra obsessão do seu espírito: a da sua morte próxima, que ele julgava dever dar-se a 4 de fevereiro, dia do aniversário do seu nascimento, embora a nigromante nada houvesse precisado acerca deste assunto. Estava por tal forma agitado que me foi impossível produzir-lhe a mais ligeira sonolência. Entretanto, como urgia seqüestrá-lo à influência da sua convicção, pois tem-se visto realizarem-se inteiramente certas predições por auto-sugestão, propus-lhe que fôssemos consultar um dos meus sonâmbulos, um velho chamado o *Profeta*, por ter anunciado a época exata da sua cura do reumatismo que havia quatro anos o torturava, e também a época da cura de sua filha.

O Sr. de Ch... aceitou avidamente a minha proposta e não faltou à consulta. Posto em relações com o sonâmbulo, as suas primeiras palavras foram estas:

– Quando morrerei?

O sonâmbulo, previamente avisado e avaliando a perturbação desse moço, respondeu-lhe, depois de o ter feito esperar:

– Morrera... morrerá, dentro de quarenta e um anos.

O efeito causado por estas palavras foi maravilhoso. O consultante tornou-se imediatamente alegre, expansivo e cheio de esperança, e quando passou o dia 4 de fevereiro, por ele tão temido, julgou-se salvo.

Já não pensava em nada disso, quando, em princípios de outubro, recebi uma carta tarjada de preto, comunicando-me que o meu infeliz cliente acabava de sucumbir, a 30 de setembro de 1886, aos vinte e sete anos incompletos de idade,

como lho havia profetizado a Sra. Lenormand. E para que se não suponha que houve aqui qualquer erro da minha parte, conservo tanto essa carta como as anotações: são dois testemunhos escritos e inegáveis."

Tal é a narrativa do Dr. Liébault, cujos trabalhos são conhecidos. Analisem, dissequem esta série de fatos consecutivos, com todo o cepticismo imaginável, com o mais severo rigor cirúrgico, e então, mesmo que se pense que nada de surpreendente existe no fato de a nigromante haver anunciado a este rapaz de dezenove anos que seria soldado, que em seguida se casaria, restarão ainda, para justificar, quatro coincidências: 1ª- a morte de seu pai, no espaço de um ano contado dia a dia; 2ª- a sua baixa do serviço militar, antes de terminado o tempo habitual; 3ª- o nascimento de dois filhos; 4ª- a sua própria morte, na idade de vinte e sete anos incompletos. Julgo que bastaria unicamente esta narrativa para estabelecer a nossa convicção. E bastaria a mesma narrativa também para nos mostrar que é imprudente apoiarmo-nos nessas questões, mesmo que se não creia nelas, atendendo a que a nossa tranqüilidade sofre inevitavelmente e que é desnecessário criarmo-nos inquietações.

Mas, poderemos dominar-nos sempre? Devemos confessar que todo esse estudo das condições da morte é eriçado de pontos de interrogação.

O seguinte fato é um dos mais bizarros. Como explicá-lo também?

Na noite de 24 para 25 de maio de 1900, o Sr. Renou, de vinte e oito anos de idade, vivendo numa grande cidade do norte da França, sonhou que, estando em casa do seu cabeleireiro, a mulher deste lhe deitava cartas (digamos, de passagem, que a personagem mencionada nunca dera provas de possuir esse dom). Nessa ocasião, ela dizia-lhe textualmente: "Seu pai morrerá a 2 de junho."

A 25 de maio, pela manhã, o Sr. Renou contou esse sonho a sua família. Vivia então com os seus, e todas essas pessoas, muito cépticas acerca de tal gênero de advertência, se riram, sem ligarem ao caso a menor importância.

O Sr. Renou, pai, tivera alguns acessos de asma, com longos intervalos; mas nesse momento passava muito bem de saúde. No dia 1º de junho, assistindo ao enterro de pessoa sua conhecida, contou o referido sonho a um amigo, concluindo alegremente:

– Se hei de morrer amanhã, não tenho muito tempo a perder.

O dia inteiro passou, sem que se sentisse indisposto. A noite, um dos seus filhos, soldado da guarnição de Verdun, apareceu em casa, de licença. Toda a família reunida conversou alegremente até altas horas.

Pelas onze e meia, o Sr. Renou, pai, deitou-se, bem disposto. À meia-noite assaltou-o bruscamente um ataque de opressão: dispnéia intensa, tosse violenta, expectoração espumosa e sanguinolenta. Correu-se à procura de um médico: era muito tarde, tudo havia acabado. Vinte minutos depois da meia-noite – 2 de junho, conseqüentemente – ele morria."

Esta narrativa, à qual apenas se modificou o nome, a pedido da família, foi publicada em *Os Novos Horizontes da Ciência* (Douai, junho de 1905). O Dr. Samas, que assinala o fato, procura-lhe uma explicação. Os cépticos resolverão facilmente o assunto – diz ele –, objetando que não houve nisto mais do que simples coincidência: o Sr. Renou, cardíaco, e por conseqüência impressionado pelo sonho; o regresso de seu filho, segunda emoção; a sua imaginação, já sobreexcitada, determinam, por ação reflexa, a última crise. Mas vimos há pouco que nem ele nem qualquer membro de sua família tinham ligado a menor importância a esse sonho estranho. E sendo assim?...

Consideremos também este sonho premonitório de morte, ao qual se associa uma aparição:

A 8 de março de 1913, recebi a importante narrativa seguinte da Sra. Susana Bonnefoy, presidente da União das Mulheres de França, Cruz Vermelha francesa, em Cherburgo, mulher do médico-chefe do Hospital Marítimo:

(CARTA 2.325)

"É necessário, meu caro mestre, que eu lhe conte um fato de premonição pessoal, que deve juntar-se com utilidade à lista dos seus documentos psíquicos.

No dia 18 de janeiro último, pelas 8 horas da manhã, a criada do Sr. Féron, advogado, rua Cristiana, e primeiro adjunto da cidade de Cherburgo, veio anunciar-me a morte súbita de seu amo, ocorrida dez horas antes. A afeição que me ligava ao Sr. Féron era mais a de irmã do que a de pessoa amiga. Muito comovida, apressei-me a oferecer os meus serviços à sua viúva. A Sra. Féron, casada havia vinte e oito anos com um homem que por ela tinha constantemente as maiores atenções, estava consternada, desejava morrer.

– E pensar – exclamou ao ver-me – que há um mês ele dizia continuamente que não chegaria ao fim de janeiro! Há poucos dias foi ao enterro de um seu amigo e teve, na noite seguinte, um sonho muito estranho, no qual este amigo lhe aparecera, dizendo-lhe: "Tal dia virás juntar-te comigo."

Quando a Sra. Féron terminava esta narrativa, entre soluços, a Sra. Laflambe, que mora nesta cidade, na praça Napoleão, entrava em sua casa. A Sra. Féron ainda acrescentou:

– Meu marido tinha profetizado, em seguida aos seus sonhos, não só a morte de sua mãe como ainda a do seu esposo, minha senhora. Quando partiram para Vichy (em 1911), onde o Sr. Laflambe quis que a senhora fosse tratar da saúde, meu marido disse-me: "O nosso amigo Laflambe vai a Vichy por causa da saúde de sua mulher, mas não voltará."

O Sr. Laflambe, muito bem disposto no momento da partida, foi atacado, em Vichy, de uma congestão pulmonar mortal.

Ao regressar dessa visita que eu lhe conto muito simplesmente, deparou-se-me a criada e perguntei-lhe:

– É verdade ter o Sr. Féron estado ainda ontem de tarde na *mairie*, gozando boa saúde e não pensando em morrer tão cedo?

– Oh! senhora – respondeu ela –, o Sr. Féron dizia-nos, pelo contrário, ter sonhado que não chegaria ao fim de janeiro e parecia muito impressionado por isso.

O Sr. Féron sentiu-se subitamente enfermo, ao passar na rua, e sucumbiu meia hora depois, levado por uma embolia do coração. Muito estimado em Cherburgo, possuía bela fortuna, excelente saúde e tudo lhe sorria na vida.

Ontem, 5 de março, conversei de novo com a Sra. Féron, acerca desta singular premonição. Disse-me que seu marido estava persuadido de ter vivido já uma outra existência diferente desta.

Susana Bonnefoy
Rua de la Palle, 13, Cherburgo.”

Encontrando-me em Cherburgo, em setembro de 1914, o Sr. e a Sra. de Bonnefoy confirmaram-me este caso tão curioso, e tive dele, além disso, uma confirmação independente e espontânea pelo Sr. Biard, diretor do *Despertar da Mancha*, a quem a morte súbita do adjunto do *maire* de Cherburgo impressionara e que não ignorava as circunstâncias em que ocorrera.

Esses fatos existem. De nada serviria negá-los. Devem, pelo contrário, servir para elucidar-nos.

Eis aqui um outro caso da mesma natureza:

O Sr. Hurlay, negociante em Pont-Audemar (Eure), escreviame, a 13 de abril de 1918 (carta 4.024) que o Dr. Castara vira, uma noite, um homem afastar os cortinados do seu leito e anunciar-lhe: 1º- uma bela situação; e 2º- a sua morte aos quarenta anos; que, na data anunciada, reuniu os seus amigos a um grande jantar, fazendo parte dos convivas seu avô e sua avó, felicitando-se pela terminação do prazo do pesadelo, e que, à meia-noite, foi acometido por uma forte dor de dentes e caiu morto.

Ainda outro fato:

O naturalista bem conhecido, Edwin Reed, diretor do Museu de História Natural da cidade de Conceição (Chile), gozava de excelente saúde ainda pouco tempo antes da sua morte. Dois meses antes do seu falecimento, sonhou que, ao chegar ao fim de

uma avenida em que passeava, via um túmulo com uma cruz, onde se lia a seguinte inscrição: "Reed, naturalista, 7 de novembro de 1910". O Sr. Reed contou, gracejando, esse sonho estranho a muitos amigos, em várias ocasiões. Pouco tempo depois a Sra. de R., nora do Sr. Reed, que residia em Mendoza, sonhou, uma noite, no momento em que se preparava para festejar o aniversário do seu casamento, que passaria no mesmo dia 7 de novembro, que todos os presentes, que nessa data lhe ofereciam, eram coroas funerárias...

Ora, o Sr. Reed faleceu a 7 de novembro de 1910. Nos dias que precederam a sua morte, lembrava aos que o cercavam a data anunciada, sem parecer ligar a isso a menor importância.[103]

Poderia mencionar numerosos casos análogos, probatórios todos de que o futuro *pode ser visto*. Não é esse, porém, o intuito deste livro, e eu já lhes consagrei um volume especial que será brevemente publicado. Os exemplos que se acabam de ler são mais que suficientes para este capítulo, destinado simples e expressamente a assinalar, como os antecedentes, a existência de faculdades da alma independentes do exercício dos sentidos materiais. Não seriam mais nitidamente provadas tais faculdades se eu juntasse outros depoimentos aos que aí ficam.

* * *

Julgo que o leitor atento destas páginas não pode duvidar da existência da alma e das suas faculdades puramente psíquicas.

Antes do conhecimento da telepatia, nos séculos passados, essas espécies de advertências eram atribuídas aos anjos, aos demônios e, há cinqüenta anos, aos espíritos desencarnados. Hoje podemos pensar que há transmissão telepática de cérebro para cérebro, que as ondas cerebrais transpõem as distâncias. É possível. Mas é possível também que a Ciência futura sorria das nossas teorias atuais, como sorrimos das antigas. Seja qual for a explicação, os sonhos premonitórios, as visões do futuro por processos diversos são autênticos; os inquéritos confirmam-nos e é isto o que nos interessa.

Poderíamos, nesta exposição de observações relativas à vista do futuro, falar das premonições, das previsões, das predições

calculadas pela Astrologia, por mais inexplicáveis que igualmente sejam. Que o nosso destino possa ser lido nos astros, eis o que parece inadmissível, e absolutamente ilógico para a nossa inteligência, depois que a aparência geocêntrica foi dada como falsa pela Astronomia moderna. No entanto, há exemplos singulares da realização dessas predições. Falta-nos o espaço para relatá-los. Todavia, citarei de passagem alguns de autenticidade incontestável e devidos a homens de alto valor, astrônomos célebres.

David Fabrícius, pastor protestante, nascido em Éssen, em 1564, falecido em Resterhaft, em 1617, astrônomo a quem se deve a descoberta de "Mira Céli", a maravilhosa estrela variável da constelação da Baleia, estava em relações científicas com Tycho Brahé e Képler e, como eles, ocupava-se da Astrologia, em que de resto tinha fé. Ele mesmo calculava, em conformidade com as constelações, que o sétimo dia do mês de maio de 1617 lhe seria fatal. Nesse dia tomou todas as precauções possíveis para evitar qualquer acidente. Finalmente, pelas 10 horas da noite, depois de trabalhos absorventes, pensou que poderia ir tomar ar, durante um momento, ao pátio do presbitério. Apenas aí chegou, um camponês chamado João Hayer, que se julgou visado com o nome de ladrão num dos sermões de Fabrícius, saiu de um ponto em que se havia emboscado e, com uma pancada de forcado, fraturou o crânio do pobre pastor, que expirou nessa mesma noite.

Conta-se que o seu amigo Tycho Brahé leu, também, nos astros que certo dia designado lhe seria funesto. Em vão se rodeou de todas as precauções; foi atacado, na sombra, por um seu inimigo pessoal, Mauderup Parsberg, que lhe arrancou parte do nariz, o que obrigou o ilustre astrônomo a trazer um nariz de prata. E, efetivamente, em todos os seus retratos, vemos o mesmo nariz listado por uma costura oblíqua.

João Stoeffler, nascido em 1472 e falecido em 1530, muito dado aos cálculos astrológicos, adivinhou com exatidão, pelo menos no que lhe dizia respeito. O exame do ato do seu nascimento levara-o à convicção de que morreria, em dia determinado, do choque de um corpo pesado que devia cair-lhe à cabeça. Nesse dia não saiu. Recebeu alguns amigos e pensava que o resto

do tempo se passaria sem novidade, quando, pretendendo chegar a um livro mal colocado na prateleira de uma estante que não estava segura, essa mesma estante lhe caiu na cabeça com todos os volumes que a sobrecarregavam, e morreu, na realidade, das conseqüências de tal desastre.

Bastam esses três exemplos para assinalar aqui as numerosas coincidências que não podem ser devidas ao acaso. Os astros nada têm que ver, em si próprios, nessas interpretações, assim como as cartas entre as mãos dos cartomantes. Fabrícius, Tycho Brahé, Stoeffler, ao fazerem essas profecias, eram influenciados por uma faculdade de intuição secreta supranormal.

Sucede o mesmo com a intuição da sobrinha do Príncipe de Radziwill, relatada pelo redator dos *Souvenirs* da Marquesa de Crequi (1834):

> "O Príncipe de Radziwill havia adotado uma das suas sobrinhas, órfã. Vivia em um solar, na Galícia, e nele havia grande sala que separava os compartimentos habitados pelo príncipe dos das crianças, de sorte que, para poderem comunicar uns com os outros, tinham de atravessar o salão aludido ou fazer caminho pelo pátio.
>
> A jovem Inês, de cinco a seis anos de idade, soltava gritos lancinantes sempre que a obrigavam a passar pela sala mencionada. Apontava, com expressão de terror, enorme quadro suspenso por cima da porta e que representava a sibila de Cumas. Tentaram, durante muito tempo, vencer essa repugnância, que se atribuía a qualquer obstinação infantil, mas como de tal violência resultassem sérias perturbações, terminaram por permitir que a criança não entrasse na sala e ela, durante dez ou doze anos, atravessou, de boa vontade, ao frio e à neve, o vasto pátio ou os jardins, de preferência a passar pela porta que lhe provocava impressão intensamente desagradável.
>
> A jovem condessa, já noiva, atingira a idade em que devia consorciar-se; houve, certo dia, recepção no solar. As visitas quiseram, durante a noite, entregar-se a quaisquer distrações e foram para o grande salão onde, de resto, o baile de núp-

cias se devia realizar. Animada pela juventude que a rodeava, Inês não hesitou em seguir os convidados; mas, mal tinha chegado ao limiar da porta referida, quis recuar, confessando o seu terror. Segundo o costume, fizeram-na passar em primeiro lugar, e o seu noivo, os seus amigos, seu tio, rindo-se da sua infantilidade, fecharam a porta atrás dela. A pobre menina tentou resistir e, ao agitar um batente da porta, fez cair o quadro. Essa massa enorme fendeu-lhe o crânio com um dos seus ângulos, matando-a instantaneamente.” **104**

Interrompo tais exemplos, porque este volume deve ter fim, pedindo mesmo desculpa de, um pouco apaixonadamente, os haver multiplicado, estando os meus leitores decerto *convencidos*.

Conclusão: *o futuro pode ser visto*.

No estado atual dos conhecimentos humanos seria inútil pretender explicar como esta visão se opera em nosso espírito, assim como as sensações que com isso se relacionam. Pensar-se-á que o subconsciente, o ser psíquico, no exercício das suas faculdades supranormais, tais como certas formas de clarividência e, especialmente, a presciência, se liberta das limitações do espaço e do tempo, isto é, das leis que regem o nosso mundo material. É assim que as coisas futuras lhe aparecem como estando no mesmo plano das coisas presentes e passadas. Tira o seu poder de leis ainda desconhecidas. E o fato, por mais inexplicável que seja, nada tem de inadmissível, se este ser ou organismo psíquico constitui a personalidade total e permanente do ser humano – personalidade que se alimenta das mais variadas e misteriosas fontes. Não haveria, pois, nesta ordem de idéias, a menor temeridade em supor que, sob certas condições favorecidas pelo sono, a hipnose ou estas e aquelas predisposições pessoais, influências dimanadas do mundo ignorado podem invadir o subconsciente e inspirar-lhe os conhecimentos que revela na descoberta de acontecimentos passados, presentes e, sobretudo, vindouros. Tanto durante a vida como depois da morte, a alma está mergulhada na atmosfera etérea de um mundo invisível.

O exame rigoroso dos fatos, a lógica mais cerrada, levam-nos à conclusão de que é impossível atribuir à matéria, ao cérebro, às

moléculas cerebrais, a quaisquer combinações químicas ou mecânicas, a faculdade intelectual de ver sem os olhos, de pressentir os acontecimentos futuros, de saber o que se passa ao longe ou o que sucederá no porvir, fatos exteriores ao organismo corpóreo ou à ordem essencialmente mental. Estas observações provam a existência do espírito, dotado de faculdades intrínsecas independentes dos sentidos físicos.

Durante a existência terrestre, a alma está associada a um cérebro apropriado às suas funções. *Mens sana in corpore sano*.

Se a alma não é uma produção do cérebro, se se distingue do sistema nervoso cérebro-espinal, se existe por si mesma, não há razão alguma para que se desagregue com ele.

Determinados fenômenos, tais como as leituras de textos desconhecidos, comprovam a existência de um espírito dotado de faculdades especiais. Esse espírito pode ser o nosso e não está provado que haja nisso intervenção de espíritos alheios aos dos indivíduos que realizam as experiências. Todavia, a hipótese mantém-se. Porque, se o espírito sobrevive ao túmulo, existe ainda em qualquer parte, e se o nosso espírito pode descobrir uma coisa escondida durante a nossa existência, por que perderá tal poder depois da morte?

É precisamente por atribuirmos à ação do nosso espírito a produção desses fenômenos que devemos aceitar também a possibilidade de sua ação ulterior e comparar as duas hipóteses, para apreciar qual é a mais simples. Ora, a circunstância dessas leituras, dessas adivinhações, dessas previsões, dessas ações psíquicas, dessas comunicações espíritas se realizarem sem que duvidemos delas, em plena inconsciência da nossa parte, põe perante nós uma complicação tão grande como a hipótese de espíritos exteriores ao nosso.

Parece, na verdade, que se encontram em jogo estes dois elementos: as nossas próprias faculdades metafísicas e por vezes a ação de espíritos invisíveis. Não sejamos exclusivos.

Vogamos em pleno mistério, e esse mistério impõe-se à nossa sede de saber.

Admitir apenas os fatos explicáveis, no estado atual da Ciência, é um grande erro. A impossibilidade de se poder explicar

uma observação nada prova contra a sua autenticidade. Os sábios deviam ter sempre presentes os seguintes reparos de Arago, a propósito da história dos aerólitos:

> "Os chineses acreditavam que as aparições dos aerólitos andavam ligadas aos acontecimentos contemporâneos, e eis por que eles os catalogavam. Não sei, de resto, se teremos o direito de nos rirmos de tal preconceito. Eram, porventura, mais sensatos os sábios da Europa, quando, recusando-se à evidência dos fatos, afirmavam que eram impossíveis as quedas de pedras vindas da atmosfera? Não declarou a Academia de Ciências, em 1769, que a pedra apanhada no momento em que caiu próximo de Lucé, por muitas pessoas que a haviam seguido com os olhos, até ao instante em que tocou o solo, não tinha caído do céu? Finalmente, a ata da sessão da Municipalidade de Julliac, declarando que, a 24 de julho de 1790, caiu nos campos, nos telhados das casas, nas ruas da aldeia, uma grande quantidade de pedras, não foi tratada na imprensa da época de conto ridículo feito para excitar a comiseração, não somente dos sábios, mas de todas as pessoas razoáveis?
>
> Os físicos não querem admitir senão apenas fatos de que entrevejam uma explicação mais prejudicial, certamente, ao progresso das ciências do que a dos homens a quem se pode censurar uma credulidade demasiada."

Quantas vezes não tenho eu repetido que se labora em completo erro ao julgar-se que não deve ser admitido um fato que se não possa explicar! Compreender ou não um fenômeno nada prova contra a sua existência. Isto mesmo já Cícero o dizia.[105]

Um fato incompreensível nem por isso deixa de ser um fato; mas uma explicação compreensível não é uma explicação. As faculdades mentais que acabamos de ver em laboração provam que existe no ser humano um elemento psíquico diferente do organismo físico, vendo através do tempo e do espaço, penetrando o invisível; e para o qual tanto o futuro como o passado podem ser o presente.

Estudamos aqui o mundo da alma que não é lícito desconhecer.

Para resolver o mistério da morte, para estabelecer a sobrevivência da alma, é preciso convencermo-nos primeiramente de que *a alma existe*, individualmente, existência demonstrada por faculdades especiais, extracorpóreas, que não podem ser assimiladas a propriedades do cérebro material, a reações químicas ou mecânicas; faculdades essencialmente espirituais, como a vontade atuando sem a palavra, a auto-sugestão produzindo efeitos físicos, os pressentimentos, a telepatia, as transmissões intelectuais, a leitura num livro fechado, a vista pelo espírito de uma região longínqua, uma cena ou uma ocorrência futura, todos os fenômenos fora da esfera de ação do nosso organismo fisiológico, sem medida comum com as nossas sensações orgânicas e provando que *a alma é uma substância que existe por si mesma*.

Espero que esta demonstração fique rigorosamente feita.

As observações psíquicas provam que o Universo não se limita às coisas que os cinco ou seis sentidos derivados da nossa hereditariedade animal atingem. Existem outras ordens na Criação.

Estando estabelecida a existência pessoal da nossa entidade espiritual, iremos estudar agora, com idêntico método experimental, os fenômenos associados à própria morte, as manifestações de moribundos, as aparições de vivos ou mortos, a constituição do ser psíquico, as casas endemoninhadas, as comunicações de finados, as provas de sobrevivência do átomo psíquico, o corpo etéreo. Tudo o que precede pertence à vida.

Chegamos, neste ponto, ao que respeita à morte e ao que se prolonga para além da derradeira hora corpórea.

Esta síntese espiritualista nova encontra-se assim dividida em três partes, sucedendo-se logicamente:

I – **Antes da morte**: Provas da existência da alma;

II – **Durante a morte**: As manifestações e aparições de moribundos; – Os duplos; – Fenômenos do Ocultismo;

III – **Depois da morte**: As manifestações e aparições de finados; – A alma em seguida à morte.

A segunda e a terceira partes estão concluídas, como esta, e serão publicadas consecutivamente. O único fim deste trabalho, a única ambição do autor é que este conjunto facilite, tanto quanto possível, no atual estado da ciência positiva, a satisfação desejada por tantas aspirações legítimas para o conhecimento da Verdade.

Este primeiro volume de uma obra muito complexa prova a existência da alma humana, independente do organismo corpóreo. É este, segundo creio, um fato adquirido da mais alta importância para toda a doutrina filosófica.

– Fim do Primeiro Volume –

Notas:

[1] *Lúmen* – obra editada em português sob o título *Narrações do Infinito*, pela editora FEB.

[2] Apesar de um distinto escritor, o filósofo André Pezzâni, declarando-se meu discípulo, haver publicado desde 1865: *A Pluralidade da Existência da Alma conforme a doutrina da Pluralidade dos Mundos*.

[3] As cartas aqui reproduzidas são guardadas no *dossier* do meu inquérito sobre os fenômenos psíquicos, que abri em 1889 (v. *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, capítulo III). Pode-se sempre recorrer aos originais.

[4] Faleceu em 2 de junho de 1881.

[5] Littré – *A ciência sob o ponto de vista filosófico* (Paris, 1873, pág. 306); *A filosofia positiva*, 23 de março de 1860.

[6] Conheci outrora um naturalista modesto, engenhoso, observador do mais alto valor pessoal, que estudou diretamente, com seus olhos, a vida dos insetos e descobriu maravilhas. Chamava-se Henri Fabre e morava em Serignan (Vaucluse). Foi só após cinqüenta ou sessenta anos de trabalhos ininterruptos que ele viu a sua reputação ultrapassar o seu departamento. Toda gente leu já (sobretudo depois da sua morte) os dez volumes

dos seus *Souvenirs entomologiques*, e não creio que qualquer leitor possa recusar-se a ver aí a manifestação constante do espírito na natureza – em cada inseto – em cada molécula viva mesmo. Lembremos, como exemplo, o *Sphex*, inseto himenóptero que cava na areia das tocas várias celas, põe um ovo em cada uma e, depois de haver depositado aí uma vítima que acaba de ser paralisada, e não morta, para servir de alimentação fresca à larva logo ao nascer; a vítima deve ficar viva, mas inerte, tanto quanto durar o festim larvário, pois as pequenas larvas não apreciariam a carne podre. Tudo é previsto para a sua querida existência pela mãe que não as conhecerá e que nada saberá delas. Toda a vida dos insetos está cheia desses instintos de previdência.

Ver também, nos meus *Contos filosóficos*, o capítulo intitulado "O ouvido", e nas *Contemplações científicas* (pág. 18) a "Inteligência das plantas".

7 V. "Consciências Fé e Vida", no *Materialismo atual*. (Paris, 1913).

8 *Correspondência de Renan a Berthelot* (Paris, 1898), publicada por Berthelot.

9 Foi este o título que dei, em 1865, à notícia científica publicada no *Anuário do Cosmos* para 1866. A cegueira era, então, singular; mas os progressos da Ciência não fizeram senão confirmar esta idéia dos antigos alquimistas. A estrutura do átomo, composta de turbilhões elétricos, mostra-nos mesmo hoje que a matéria se esvai, na noção moderna da energia. Os átomos são centros de força.

10 O maior dos fisiologistas, Claude Bernard, que passou a vida a investigar as funções do cérebro, concluiu que "o mecanismo do pensamento nos é desconhecido". *A Ciência Experimental*, pág. 371.

11 *Do Inconsciente ao Consciente*, pág. 33.

12 Achar-se-á a sua discussão geral na minha obra *Filosofia Astronômica*, no capítulo sobre o "Mundo exterior e a percepção humana" (obra que estou redigindo).

[13] Obra publicada em português sob o título *Narrações do Infinito*, pela editora FEB.

[14] *Savants et écrivains*, pág. 199.

[15] Também eu mantinha relações com ele: os astrônomos gostam de observar tudo, mesmo em política.

[16] Repito aqui o que já disse no capítulo I: os números indicando as cartas são aqueles pelos quais foram reunidas no meu inquérito começado em 1889 sobre os fenômenos psíquicos, e podem servir, se for preciso, para recorrer aos originais e verificar as narrações. Acrescentarei que, entre as numerosas cartas que me foram endereçadas para instruir-me quanto à realidade desses fatos inexplicáveis, algumas individualidades declaram que só mos fazem conhecer pessoalmente sob a condição de tais cartas não serem publicadas (exemplo: a carta 419).

[17] Vide notas às págs. 22 e 90.

[18] Myers – *A Personalidade Humana* (Londres, 1903), tomo II, pág. 112.

[19] Képler – *Opera omnia*, tomo III, pág. 304, ed. Frisch; ver os meus *Estudos sobre a Astronomia*, tomo I, 1867, pág. 117.

[20] *Schumann, sua vida e obras*, por Louis Schneider e Marcel Mareschal.

[21] Encontram-se em toda parte, até nos escritos de Daniel de Foë, autor de *Robinson Crusoé*, sobretudo na história de um incêndio pressentido por uma senhora sua amiga, em Londres, e contada na *Visão do mundo angélico*, caso análogo ao da princesa de Conti salvando seus filhos.

[22] *Anais das Ciências Psíquicas*, 1898, pág. 197.

[23] *Premonições* – Veremos outras no capítulo XI: "O conhecimento do futuro".

[24] Podem-se ler estas particularidades, assim como muitas outras experiências, na obra do Dr. Ochorowicz, *A Sugestão Mental* (Paris, 1887). V. também Jules Liegeois, *Da Sugestão e do Sonambulismo* (Paris, 1887); Pierre Janet, *O Automatismo*

Psicológico (Paris, 1903); Dr. Jovie, *Annales des Sciences Psychiques*, 1897.

[25] Dr. J. Kerner – "Franz Anton Mesmer (Francfort, 1856), citado por J. Ochorowicz em *A Sugestão Mental*, pág. 402.

[26] Van Helmont – *Opera omnia* (Francfort, 1682), pág. 731. Ochorowicz, *A Sugestão Mental*, pág. 405.

[27] *As forças naturais desconhecidas*, ed. de 1865, pág. 135; ed. de 1907, pág. 11.

[28] É a velocidade da luz.

[29] *Do Sono, dos Sonhos e do Sonambulismo* (Lião e Paris, 1857), pág. 185.

[30] V. *A extática de Kaltern e os estigmatizados*, pelo abade Nicólas, de Cagnes, testemunha ocular (Lião, 1843).

[31] *Visões de Ana Catarina Emerich sobre a Vida de N. S. Jesus-Cristo e da Santíssima Virgem Maria*, coordenados pelo R. P. Fr. José-Alvaro Duloy, Paris, 1885 (3 volumes). V. também *A dolorosa Paixão de N. S. Jesus-Cristo*, segundo as meditações da irmã Emerich, por Brentano, Paris, 1835, e a *Nova Biografia geral de Hoefer*, tomo XV.

[32] Entre outros, a estigmatizada de S. Francisco, em 1873, e os casos estudados nos *Anais das Ciências Psíquicas*, de 1898, pág. 117.

[33] Vitória Clara, de Coux (Ardèche). As cinco chagas sangrentas, de 1848 a 1880; *Anais das Ciências Psíquicas* de 1903.

[34] Aparição tão suspeita nos seus pormenores como no seu princípio; palavras estupendas: "Sou a Imaculada Conceição... Ide lavar-vos e comei erva". E esta atitude: a Virgem Maria, tendo um rosário na mão: "Salve, Maria, cheia de graça..." E a sua recomendação: "Fazei-me o favor de vir aqui durante quinze dias!" E esta outra: "Desejo ver gente", etc.

Na história de Lourdes houve, na sua origem, a presença repentina de uma bela dama na gruta, surpreendendo a imaginação da criança estupefata e provocando nela, em seguida,

alucinações consecutivas à convicção de ter visto a Santa Virgem. Parece ser esta a explicação do tal acontecimento.

[35] *Alucinações telepáticas*, caso IX, pág. 48.

[36] *Alucinações telepáticas* (LXXXIX, pág. 266).

[37] Em *O Desconhecido*, *As forças naturais desconhecidas*, *Lúmen*, *Urânia*, *Estela*, *O fim do mundo*, etc.

[38] Que casou, depois, com o astrônomo inglês Isaac Roberts.

[39] *Alucinações telepáticas*, pág. 365.

[40] *Idem*, pág. 363.

[41] *La Chance ou la Destinée*, pág. 589.

[42] *Anais das Ciências Psíquicas* de 1918; A. Primot – *A Psicologia de uma Conversão*, pág. 504.

[43] Que exibi em Paris, em 1880, e cuja reputação se espalhou por todo o mundo.

[44] Publiquei-a nos *Anais das Ciências Psíquicas* de outubro de 1910.

[45] Comparar com uma comunicação análoga entre meu pai e minha mãe – *O Desconhecido*, pág. 513.

[46] Tradução de Rochas, Paris, 1900, pág. 179.

[47] Sage – *A zona fronteira*. Chevreuil, *Não se morre*, pág. 45.

[48] *Alucinações telepáticas*, pág. 306.

[49] Primot – *Psicologia duma Conversão*, pág. 448.

[50] V. entre outros, Dr. Dupouy – *Ciências Ocultas e Fisiologia Psíquica*. Paris, 1898, pág. 195.

[51] *Anais das Ciências Psíquicas*, 1919, pág. 30.

[52] Puységur – *Memórias para servirem à História e à fundação do Magnetismo animal*. Paris, 1786 e 1809, págs. 95-107,

[53] Henry Delaage – *Les Mystères du Magnétisme*, pág. 114.

[54] *Apparitions and Thought Transference*, London, 1915, pág. 175.

[55] *Enigmas of Psychical Research*, Boston, 1906, pág. 274.

[56] Séguier não era homem para se deixar iludir. Durante cerca de quarenta anos, de 1811 a 1848, o primeiro presidente Séguier presidira ao Tribunal de Paris.

Estava no Palácio de Justiça como em sua casa e sabia-o mostrar, escreveu-o Henri Robert. No tempo de Luis Filipe, era um velhinho vivo e magro. Ouvia os advogados com uma impaciência visível. A gorra sobre os olhos, como em emboscada atrás da sua carteira, parecia espreitar os processos. Interrompia os advogados, criticava-os, tratava-os asperamente, recompunha sua argumentação e era desapiedado para os que se mostravam medíocres ou que, pelo menos, ele assim considerava. Também distribuía encômios: "Mestre Paillet advogou ontem de um modo perfeito, digo-o para honra da advocacia".

Foi ele quem respondeu a um ministro de Carlos X, M. de Peyronnet: "O Tribunal pronuncia sentença, não faz favores".

Um dia exclamou, ao abrir uma audiência:

– Não vejo mestre Gioquel. Os advogados são sempre assim.

– Senhor presidente – respondeu do fundo da sala o advogado que chegava esbaforido –, estive no Tribunal da Relação, defendendo uma das vossas sentenças!

– É inútil, as minhas sentenças defendem-se por si mesmas, o que não impede que aquela a que aludo acabe de ser anulada!

Outra vez, um advogado pedia um adiamento, porque seu filho acabava de falecer. Séguier, empolado e erudito, recusou, acrescentando:

– No dia em que o primeiro Presidente se casava ou perdia sua mulher, nem por isso deixava de vir à audiência, e quando um sacerdote perde seu pai, também não deve deixar de dizer a missa. Ouviremos o advogado que está presente.

[57] Alphonse Primot – *La Psycologie d'une conversion du Positivisme au Espiritualisme*, pág. 152.

[58] *Les miracles et le moderne Espiritualisme*, pág. 95.

[59] *Du Sommeil, des rêves et du Somnambulisme*, pág. 195.

[60] Foi esse mesmo Sr. Villegrand quem convenceu Broussais. Este escreveu, afastando-se, um pequeno bilhete, aplicou os seus dedos sobre as pálpebras do sonâmbulo, deu o bilhete ao Dr. Frapart, que o apresentou, em seguida, a Villegrand, o qual leu sem hesitação as três linhas escritas (v. Moutin – *Le Magnétisme Humain*, pág. 290).

[61] *Análise das Coisas*, 1930, pág. 137.

[62] Roger – O antipopopriestiano – Ensaio destinado a libertar e purificar o Cristianismo do papismo, da política clerical e do governo dos padres.

[63] V. *As forças naturais desconhecidas*, pág. 447.

[64] Maxwell – *Os Fenômenos Psíquicos*, pág. 193.

[65] V. *Anais das Ciências Psíquicas*, maio, 1916.

[66] *Erros e preconceitos*, pág. 137.

[67] Hyslop – *Enigmas of Psychical Research*, pág. 278.

[68] *O Sono e os Sonhos*, pág. 205.

[69] V. sua obra *No País das Sombras*, pág. 63.

[70] Dá-se o caso do processo ser julgado no dia em que corrijo esta prova – 29 de outubro de 1919.

[71] *Anais das Ciências Psíquicas*, abril de 1914.

[72] V., para todas as minudências (mesmo a planta do bosque e das pistas), os *Anais das Ciências Psíquicas* de abril de 1914. V. também os trabalhos muito competentes do Sr. Duchatel sobre *Psicometria*.

[73] *Revista Espírita*, 1864, pág. 72.

[74] Encontrar-se-ão outros fatos não menos característicos em *As Forças Naturais Desconhecidas*, principalmente às páginas 510, 517 e 518. Os progressos da Ciência supriram o paradoxo da vista através dos corpos opacos pela descoberta dos raios Roentgen, o que deveria instruir os negadores impenitentes.

[75] V. *As Forças Naturais Desconhecidas*.

[76] Langres, onde fiz os meus estudos de latim, dos onze aos catorze anos – V. minhas *Memórias*.

[77] Um grande número de autores já analisou esse assunto, sem se aproximar da solução, como Dugas, Lalande, Vignóli, Wigan, Maudsley, Angel, Binet, Fouillé, Piéron, Vaschide, Soury e P. Laple, mas nenhum previu os sucessos, com exceção de Bozzano e de C. de Vesme. V. a *Revista de Estudos Psíquicos* de 1901.

[78] A respeito da memória, Ribot cita um dos exemplos certamente mais curiosos de quantos foram observados: um imbecil lembrava-se do dia de cada um dos enterros feitos numa paróquia durante 35 anos. Podia repetir com uma exatidão invariável o nome e a idade dos defuntos, assim como o das pessoas da família. Fora desse registro mortuário, não tinha uma idéia, não era capaz de responder a qualquer pergunta, nem mesmo de se recordar.

[79] Antiga *Revue des Revues*, hoje *Revue Mondiale*.

[80] Pela minha parte, dediquei-me ao mesmo protesto desde a minha primeira obra (1862), quando tinha vinte anos. Bem inutilmente também, tanto a tolice humana é universal.

[81] Conheço outra análoga, relatada por Lombard de Langres.

[82] Laplace – *Ensaio filosófico sobre as probabilidades*. Paris, 1814, pág. 2.

[83] Edição francesa, pág. 289 – Foissac, *A Sorte e o Destino*, pág. 212.

[84] *De Divinatione*, lib. I, cap, 55.

[85] Há perversos que sabem muito bem que fazem o mal de propósito. Tive mais de uma vez a prova disso, apesar de haver consagrado a minha vida inteira ao bem da humanidade. Nunca esqueci que, na época em que lecionava um curso regular de astronomia popular (de 1865 a 1870) aos operários de Paris, na Escola Furgot, curso gratuito tanto para eles como para mim, tive, apesar de bastante desprovido de dinheiro, a ambição de comprar uma linda estatueta de Vênus de Médicis, que havia notado em casa de um moldador. Custara-me quinze francos. Levava-a junto ao meu peito com grande satisfação, quando um garoto se atirou, por detrás, sobre o meu cotovelo, rindo a

bandeiras despregadas quando viu a minha estatueta em pedaços no passeio. E, entretanto, era para instruir os seus humildes irmãos que eu lecionava esse curso.

86 Vemos que os escritores contemporâneos, na sua maior parte, imaginam que a discussão de determinismo é teoria filosófica de invenção moderna. Não é exato. Se abrirmos o tomo 1º da *Palingenesia Filosófica* de Charles Bonnet (Genebra, 1770), lemos à página 33:

"Nunca disse, porque nunca o pensei, que os motivos determinam a alma a atuar, como um corpo determina outro a mover-se. O corpo por si mesmo não tem ação; *a alma tem em si um princípio de atividade*, que lhe vem d'Aquele que a fez. Para falar com exatidão, os motivos não *a determinam*; ela é que *se determina* à vista dos motivos, e esta distinção metafísica é importante.

87 Conhece-se grande número de observações sobre a relatividade das nossas impressões acerca do tempo, que nada têm de absoluto. Aqui temos uma, entre mil:

O meu saudoso amigo Alphonse Bouvier contou-me diversas vezes, e sempre nos mesmos termos, a seguinte observação acerca da relatividade das nossas impressões sobre o tempo:

Encontrando-se na Argélia, bordejava um dia, a cavalo, um barranco bastante fundo. Devido a uma causa que não pôde examinar, a montada tropeçou e caiu, com ele, no barranco, donde o levantaram desmaiado. Durante a queda, que não levou mais de dois ou três segundos, desenrolou-se-lhe clara e lentamente no espírito sua vida inteira, desde sua infância até sua carreira militar, os seus brinquedos de criança, as suas aulas, a sua primeira comunhão, as suas férias, os seus estudos diversos, os seus exames, a sua admissão na escola de Saint-Cyr em 1848, a sua vida no quartel, na guerra da Itália, no regimento de lanceiros da guarda imperial, nos *spahis*, nos carabineiros, no castelo de Fontainebleau, os bailes da imperatriz nas Tulherias, etc. Todo esse *lento panorama* se havia desdo-

brado em menos de quatro segundos, pois reanimou-se imediatamente.

88 V. o que observamos no cap. IV, a respeito de uma conversa com um cardeal francês, sobre a presciência divina e o livre arbítrio.

89 Schopenhauer – *Memórias sobre as Ciências Ocultas*, Leymarie editor, pág. 170.

90 Foi publicado, com todos os pormenores, nos *Anais das Ciências Psíquicas*, de outubro de 1910.

91 Eis aqui o resultado oficial do escrutínio:

Votos expressos 845
Maioria absoluta 423

Obtiveram:

Casimir-Périer ..... 451 votos – Eleito
Brisson 195
Dupuy 97
General Fevrier 53
Diversos 2

92 *Contribuição para o estudo de faculdades cerebrais desconhecidas*.

93 *A Sorte e o Destino*, Paris, 1876, pág. 544.

94 *Anais das Ciências Psíquicas*, agosto de 1905.

95 *Fenômenos premonitórios*, pág. 77.

96 Lenglet-Dufregnoy – *Compilação de dissertações*, 1752, t. II, 2ª parte, pág. 1.

97 V. Valére Maxime – *De Somnis Romanorum*.

98 *Boletim do Instituto Geral de Psicologia*, janeiro e junho, 1919.

99 *O Pároco de Ars*, pelo rev. Alfredo Monin, t. II, pág. 500.

100 Que voz era essa? Temos ouvido outras nos relatos precedentes: a da dama de Edimburgo, há um instante apenas (pág. 405), a voz telefônica do pastor sueco (pág. 385), a do Sr. Dufilhol (pág. 380), a voz interior anunciando a eleição de Casi-

miro Perier (pág. 355), o Sr. Fryer ouvindo seu irmão a 64 quilômetros de distância (pág. 206), a audição telepática do Dr. Balme (pág. 204), a do Dr. Nicólas em Zante (pág. 201), a voz de um pai a seu filho, a 100 quilômetros (pág. 184), uma mãe que estava na Inglaterra, ouvindo seu filho em Java (pág. 174), lamentações ouvidas com 24 horas de antecedência (pág. 382), voz de Joana d'Arc (pág. 119), rapariga do banho (pág. 117), fantasma do Sr. Marichal (pág. 101), vozes evidentemente fictícias, mas de origem psíquica.

101 V. Ernesto Bozzano – *Fenômenos Premonitórios*, pág. 408.

102 V. *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, pág. 564.

103 *Revista de Estudos Psíquicos* (Valparaiso) – *Anais das Ciências Psíquicas*, abril, 1911.

104 Champignon – *Fisiologia e Metafísica do Magnetismo*, pág. 352.

105 "Quereis ter a explicação das coisas? Muito bem; mas a questão não é esta. São elas reais? Eis o que pretendemos saber.

Como assim? Dir-te-ei que o ímã é um corpo que atrai o ferro e se lhe agarra; mas, como não poderei dar-te a razão disto, tu negas!" – (*De Divinatione*, lib. I, cap. 39).